



BOX CONTOS ERÓTICOS



Nina Müller



BOX CONTOS ERÓTICOS

1ª Edição – E-book

2016

Nina Müller

Box contos eróticos © Copyright 2016 — Nina Müller

REVISÃO

Carolina Durães de Castro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 10/02/1998.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Nota do autor

Esse box é composto por cinco contos já lançados individuais na Amazon. Para facilitar a leitura de alguns leitores, que gostariam de tê-los em um mesmo arquivo, o e-book foi lançado.

UM TOQUE DE SEDUÇÃO

Capítulo 1

Lavínia

Londres, Inglaterra

Era apenas uma brincadeira inocente entre amigos. Não achei que iria tão longe quando me cadastrei no site. Mas o que eu esperava ao me cadastrar em um site de acompanhantes? Não acreditava que alguém havia entrado em contato comigo por e-mail pedindo por serviços de acompanhante. Onde eu estava com a cabeça quando aceitei a proposta do Frederico e da Bianca? Era uma brincadeira inocente. Era de noite e estávamos bebendo e falando da ausência da vida amorosa, até que Bianca sugeriu o cadastro. E aqui estava eu, esperando o motorista do homem que me escolheu no site. Ainda bem que Fred e Bianca me seguiriam de carro, para me dar cobertura em uma possível fuga, se fosse necessário.

Se Greg e meu pai, seu Humberto Fisher, soubessem sobre isso, eu estaria perdida. Em uma semana eu deixaria a Inglaterra e retornaria ao Brasil para terminar o último semestre da faculdade de Direito. Não foi nada fácil convencer o meu pai a me deixar ficar aqui por seis meses estudando piano. Mas graças à ajuda de meu irmão querido, ele não se opôs ao meu pedido. Inclusive me incentivou, dizendo que todo o aprendizado era bem-vindo.

Olhei para o relógio e vi que eram exatamente sete horas da noite. Segundo o combinado pelo meu “cliente”, o motorista dele ficou de me pegar nesse horário no hotel em que estava hospedada exclusivamente para pôr em prática a nossa brincadeira. Eu não podia avaliar ainda as consequências que isso me traria.

Minutos depois, eu estava acomodada no banco traseiro de um luxuoso Bentley preto que foi alugado para me levar até o hotel onde o homem, que ainda não sabia o nome, me aguardava. Senhor Deus! Eu, Lavínia Fisher, tinha um cliente para atender. E não era cliente que procura serviços jurídicos. E como se isso não fosse o bastante, o meu cliente era brasileiro. Por que eu fui aceitar participar dessa maluquice?

O carro parou e quando baixei o vidro para ver onde estava, a porta traseira se abriu.

— Chegamos, senhorita. — O motorista abriu a porta e eu desci.

Durante o trajeto, descobri que o motorista se chamava Carlos Eduardo e pelo que observei, deveria estar com vinte e poucos anos. Ele sorriu para mim e percebi que era um homem muito bonito. Cabelos e olhos castanhos, barba cerrada, olhar intrigante. Era alto e tinha o corpo bem feito. Certamente que arrancava suspiros por onde passava.

Entramos no *hall* e logo em seguida no elevador. Meu corpo começou a tremer pelo excesso de adrenalina e a inquietude me invadiu. A sensação prazerosa e excitante foi herança do Greg, que me introduziu aos esportes radicais. Ele era viciado nisso e, pelo jeito, eu também estava me viciando.

As portas do elevador se abriram e eu me deparei com um corredor pomposo e iluminado. O chão era de um fino porcelanato claro, brilhoso, e logo a minha frente, havia uma porta dupla de mogno. Olhei ao redor e percebi que o hotel era completamente privado, contendo um apartamento por andar.

— Por favor, senhorita, entre que o chefe está a sua espera — falou Carlos abrindo a porta e me dando passagem.

Entrei na suíte luxuosa, que mais parecia com um apartamento de tão

grande e ouvi a porta ser trancada atrás de mim. Enquanto atravessava um corredor, aproveitei para ajeitar o vestido social preto longo, cavado nas costas, e me equilibrar sob o par de *peep toe* de salto alto que enfeitava meus pés. Bianca ajudou a me maquiar carregando um pouco mais na sombra escura. Para compor o restante do visual, eu carregava uma pequena bolsa de mão, a qual eu apertava nesse instante com força, tentando controlar o nervosismo.

Carlos abriu a porta e eu entrei em uma sala que parecia ser um escritório. Um homem de cabelo castanho estava acomodado atrás de uma mesa e com a cabeça mergulhada em alguns papéis. Ele sequer ergueu os olhos para nos olhar.

— Casanova, a garota chegou.

— Diga para ela se sentar e você pode sair, Kadu — o homem respondeu secamente absorto em seus afazeres, chamando seu funcionário de modo íntimo.

Kadu apontou para uma poltrona em couro branco e eu me acomodei receosa. O motorista de cabelos e olhos castanhos sorriu para mim e deixou a sala. Respirei fundo e nem sabia direito como me portar. O coração começou a martelar dentro do peito e um tremor considerável se espalhou em meu corpo. O celular vibrou e abri a bolsa para constatar uma mensagem de *WhatsApp* de Fred:

“Como está tudo, pimentinha? Estamos aqui embaixo, em frente ao hotel. Qualquer coisa, mande sinal de fumaça. Kisses, baby =)”.

Guardei o aparelho na bolsa e quando ergui o olhar... PUTA QUE PARIU! Eu me deparei com um par de olhos de um azul tão claro que mais pareciam duas piscinas de águas cristalinas que cintilavam escurecidas para mim. O homem deveria ter trinta e poucos anos. Era bonito e charmoso. Ele mantinha os olhos fixos em mim e eu estremeci com a profundidade e o magnetismo do seu olhar. Permaneci imóvel, sem piscar ou respirar, porque

sentia como se o ar me faltasse. O brilho que ele trazia em seus olhos era tão intenso e tão selvagem, que por um momento eu me senti perdida. Nunca em toda minha vida conheci alguém que com um simples olhar me deixasse sem ar, sem chão e sem direção.

Ele não esboçou reação alguma e seu semblante era enigmático e até mesmo duro. Eu aproveitei o momento para analisá-lo. Embora estivesse sentado, percebi que ele era alto e másculo. Seu cabelo castanho era liso, cheio e brilhante, um pouco displicente e alguns fios caíam sobre a testa. As sobrancelhas eram escuras e espessas, os cílios longos e igualmente escuros também. Os lábios eram carnudos e seu rosto de formato angular estava cuidadosamente barbeado. Não podia negar que pensamentos muito sacanas invadiam a minha cabeça, tais como querer sentir o toque de seus lábios sobre os meus e descobrir se seu beijo era quente.

Continuei a me concentrar no estranho, que estava impecavelmente vestido. E, ainda que estivesse vestindo um terno, camisa e sem gravata, percebi que os ombros eram largos e que a sua musculatura era bem definida. Nada exagerado, tudo na medida certa. As mãos que estavam postas em cima da mesa eram grandes e de dedos bem feitos.

Ele semicerrou os olhos para mim em uma mistura de superioridade e dureza. Seus dedos começaram a tamborilar impacientes sobre o vidro, fazendo barulho na sala que estava até agora estava silenciosa. Eu pisquei ligeiramente afetada e me remexi levemente na cadeira. Só então percebi que estava molhada.

— Gosta do que vê? — perguntou e sua voz viril vibrou com intensidade, preenchendo a pequena sala. Fiquei abalada e nesse instante eu constatei, para o meu pesar, que o meu “cliente” me atraía. E muito! Afinal, por que eu aceitei participar dessa brincadeira?

Capítulo 2

Lavínia

Pisquei os olhos rapidamente e passei a língua nos lábios. O homem fixou os olhos em minha boca e respirou profundamente. Parecia um pouco nervoso e não entendi o motivo. Quem tremia da cabeça aos pés ali era eu!

— Eu... Eu... — Tentei falar quase em um sussurro, engolindo em seco e colocando uma mecha do meu cabelo castanho atrás da orelha.

Estava sem fala e sem reação. Busquei o controle e o encarei, desconfiada. Ele me analisava astutamente. Seus olhos varreram meu rosto e depois se concentraram em meu corpo. Demorou um pouco a admirar o meu decote, olhando cuidadosamente para os meus seios que estavam cobertos. Certamente que estava avaliando a “mercadoria” para ver se valia a pena. Porque era assim que me sentia: um objeto que estava à venda.

De repente, ele se levantou com a expressão carregada, cenho franzido. Parecia furioso e me perguntei silenciosamente se o motivo de sua ira seria eu.

— Kadu?! — bradou chamando pelo seu motorista. Ele abotoou rapidamente um botão do seu casaco de terno, e só então eu baixei os olhos e vi um pequeno volume de formar na parte da frente de sua calça. Ele estava excitado?! Engoli em seco e um raio atravessou a minha coluna. Onde eu estava me metendo?

Ele saiu de trás da mesa que nos separava e cruzou por mim às pressas.

Ergui os olhos para olhá-lo, confusa, sem saber o que fazer. O homem desviou seu olhar e caminhou em direção à antessala onde estava o seu funcionário. Entrou e se esqueceu de fechar a porta.

— O que foi, Casanova?

— Que porra de brincadeira sacana é essa, Kadu? — indagou em tom baixo e parecia zangado. — Eu nunca pensei que a agência trabalhasse com garotas menores de idade. Aquela menina que está sentada diante da minha mesa não tem mais que 18 anos!

— Casanova, eu contratei a brasileira que você escolheu. Não é uma brasileira que você queria?

— Mas nunca pensei que ela fosse uma adolescente. Meu Deus! — exclamou em um sussurro ainda irritado.

Não aguentei ouvir mais a conversa e me levantei. Eu não era uma garotinha como ele estava dizendo. Sabia que eu aparentava ter menos idade do que tinha. Era sempre assim. Para entrar nas casas noturnas eu sempre apresentava a minha identidade, caso contrário os seguranças nunca me deixavam entrar, achando que eu era menor de idade.

Mas a situação em que eu estava nesse momento me irritou um pouco. Eu me aproximei da saleta e o tal Casanova, que estava até então de costas para mim, se virou rapidamente. Eu o encarei de queixo altivo. Estava decidida a ir embora dali o mais depressa possível e era isso o que eu faria.

— Eu não sou nenhuma menina! Sou maior de idade e tenho 21 anos — disse em tom firme. — Mas sem problemas, eu já estou indo embora. — Tentei me mover em direção à porta de saída, mas ele me deteve.

— Espere um pouco! Você não vai a lugar algum! — falou em tom duro e eu interrompi os passos de imediato. Casanova voltou para seu funcionário e o despachou o mais rápido possível. — Kadu, você pode ir para o seu quarto, que quando eu precisar de você, eu te chamo.

— Ok! — rosnou Kadu pegando o jornal de cima da mesinha e deixando a suíte.

Casanova se aproximou devagar com os olhos fixos em mim, me afetando novamente com a intensidade de seu olhar. Respirei fundo e mantive o controle, ou pelo menos disfarcei meu nervosismo.

— Por favor, sente-se. — Ele apontou para o sofá em couro e hesitei por um momento.

— Eu quero ir embora!

— E eu quero que você fique — disse voltando a apontar para o sofá. Refleti por um momento e decidi me acomodar no estofado. — Quer algo para beber? Uma tônica? Uma água? — Ele ofereceu indo até o bar para se servir de uma dose de uísque.

— Tônica, obrigada!

Casanova serviu dois copos, um de uísque para ele e um de tônica para mim. Ele me entregou a bebida e se acomodou ao meu lado, girando o rosto para me olhar. Fiquei abalada com sua proximidade e me xinguei em silêncio. Tinha que estar preparada para suas indagações que eu sabia que ele faria.

— Quantos anos você tem? — indagou enquanto bebia o uísque.

— Eu já disse. Tenho 21 anos.

— Espero que esteja mesmo dizendo a verdade, porque eu contratei o seu serviço e eu os quero — disse decidido e eu quase me afoguei com a tônica.

— Eu não sou nenhuma prostituta — bradei nervosa, deixando o copo sobre a mesa de canto.

— E quem disse que eu quero uma puta? — Ele arqueou uma sobrancelha levantando-se. Bebeu o último gole do uísque e seu copo se uniu ao meu, na mesinha. — Eu tenho um jantar para ir em trinta minutos — declarou olhando para o relógio de pulso, percebendo que o tempo passava. — Foi por isso que eu a contratei: para ser minha acompanhante neste jantar.

— Sim, eu sei!

— Qual é o seu nome?

— Carolina — respondi sucinta omitindo meu verdadeiro nome a ele.

— Como a Carolina de A Moreninha de Manuel de Macedo? — Referiu-se ao personagem literário da época do Romantismo e eu arregalei os olhos. — Bem, eu não me chamo Augusto, o par romântico da Carolina, e tampouco sou romântico como esses mocinhos dos livros que viram a cabeça das mulheres. — Ele se inclinou um pouco, se aproximando e seus olhos brilharam indecifráveis para mim. — Talvez eu me pareça com o carrasco dos livros, mas não com os mocinhos.

— Eu não tenho o temperamento das mocinhas dos livros da época do Romantismo. Minha personalidade é similar a de uma personagem de romance contemporâneo.

— Ok, senhorita contemporânea. Me chame de Casanova. — Ele sorriu pela primeira vez naquela noite mostrando seus dentes bem feitos. E que sorriso lindo! Santo Deus! — Eu vou colocar uma gravata e enquanto isso, você me espera aqui. Eu já volto. — Girou o corpo e saiu em direção ao pequeno closet.

Enquanto Casanova estava terminando de se arrumar para o jantar, eu aproveitei para saber que tipo de músicas ele gostava de ouvir. Ao lado do pequeno aparelho de som tinha uma coletânea de CDs e o primeiro que vi me despertou muito a atenção. Era do Elvis Presley. Na mesma hora pensei no Greg, pois adorava o Rei do rock. Se o meu irmão desconfiasse do que eu estava fazendo nesse momento, ele nunca me perdoaria por esse disparate.

Ouvi passos logo atrás de mim, e me virei segurando um dos CDs na mão. Casanova me fitou e encurtou a distância entre nós dois. Sua proximidade me despertou uma nova inquietude e arquejei sem querer. Perto dele eu me sentia tão pequena e frágil. Ele era muito mais alto do que eu imaginei e seu porte físico me intimidou.

— Gosta de Elvis?

— Meu irmão gosta — respondi sem pensar e me arrependi de dar informações pessoais a um desconhecido.

— Eu ligaria o som e dançaria *Suspicious Mind* com você. Mas eu tenho um evento de negócios para ir. — Ele tirou o CD das minhas mãos e nossos dedos se tocaram brevemente. O efeito foi devastador. Um arrepio atravessou meu corpo e se alojou em meu ventre. Casanova passou uma das mãos pelo cabelo e me perguntei se ele sentiu alguma coisa, pois era notório seu desconforto. — Vamos? — Convidou educadamente, oferecendo seu braço para mim.

Capítulo 3

Lavínia

Chegando ao hotel, eu me perguntei se Fred e Bianca estavam me seguindo conforme o planejado. Saí do Bentley e olhei ao redor na esperança de ver o Renault dos meus amigos, mas para a minha decepção, eu não os encontrei. Será que eles se perderam no caminho?

Um pouco nervosa, dei o braço a Casanova e me deixei conduzir por ele. O evento era em uma cobertura de outro hotel. Pessoas da alta sociedade londrina estavam presentes ostentando a sua riqueza. Mulheres e homens se vestiam a rigor, conversando e bebendo em pequenos grupos.

Respirei profundamente e olhei para meu acompanhante. Ele era um homem muito sedutor, seguro de si e bonito. Enquanto nos movíamos no salão, eu percebi os olhares das mulheres para ele, permeados de cobiça. Elas cochichavam entre si e nos olhavam com espanto. Sorri lentamente para elas, que torceram os lábios, formando uma careta. Não pude deixar de me sentir sortuda estando ao lado desse homem, que exalava masculinidade e beleza.

Nós nos aproximamos de um pequeno grupo composto de dois homens e uma mulher. O casal aparentava ter cinquenta e poucos anos e o outro homem deveria ter uns trinta anos. Automaticamente eu despertei a atenção deles, que interromperam o assunto para nos fitar especulativamente.

— Gael Felipe, eu pensei que não viesse mais — disse o homem mais velho sorridente, revelando a identidade do Casanova.

Gael pigarreou sem jeito e notei que era por que eu tinha descoberto seu nome. Mas logo cumprimentou todos educadamente e me apresentou como sua acompanhante, usando o nome falso que lhe dei. Eu me senti culpada, mas mesmo assim, eu mantive meu disfarce e cumprimentei a todos.

— Carolina! — exclamou a senhora de nome Ingrid falando português com sotaque britânico. — Que lindo nome! Você é natural do Brasil?

— Sim, sou.

— As brasileiras de fato são as mais belas! — Ela me analisou com astúcia me deixando um pouco intrigada. — Onde você a conheceu, Gael?

Estremeci e Gael lançou um olhar rápido para mim. Ele conseguiu contornar tão bem a situação que me deixou pasma.

— Ingrid, John, Saul, que bom que vocês estão aqui — Gael disse mudando de assunto como se ele estivesse acostumado a fazer aquilo a todo o momento. — Carolina é uma amiga que conheci ainda no Brasil. Ela me disse que estava passando as férias aqui, então eu a convidei para me acompanhar na recepção.

— Você é um homem de sorte, Gael. — Saul sorriu, falando fluentemente o português, deixando claro que era brasileiro. Ele era um homem bonito. Tinha cabelo loiro e olhos verdes. Era alto e dono de um sorriso charmoso, mas um olhar repleto de malícia. — Reencontrar uma amiga aqui em Londres e ainda ter o prazer de estar com ela em uma festa, não é para qualquer um.

— Você sabe que nunca acreditei muito em sorte, e tampouco em coincidências. — Ele me olhou por um momento. Seus olhos azuis penetrantes estavam flamejantes. — Mas talvez você tenha razão.

— Você ouviu isso, John? — Saul se virou para o outro homem sorrindo com ironia. — Gael acaba de concordar comigo. Isso é inédito! — Ele deu uma risada e voltou a nos fitar astutamente, como quem procurava por algo.

— Deixe de besteiras, Saul — rebateu John e em seguida se voltou para Gael. — A reunião de logo mais acontece numa sala privada do andar de baixo. Ficaremos esperando por você.

— Com certeza. É por isso que estou aqui. — Gael sorriu. — Mas antes, eu vou aproveitar um pouco a noite. Nós nos vemos daqui a pouco. Com licença.

De braço dado comigo, Gael me conduziu até uma mesa, onde nos acomodamos. Um garçom nos serviu duas taças do melhor champanhe que havia e se retirou. Ansiosa, eu levei à taça a boca com a intenção de beber um pouco da bebida para me refrescar. Gael me interrompeu.

— Um brinde, Carolina! A sua beleza e jovialidade. — Sorrindo, ele ergueu a taça e brindamos. Tomamos um gole do champanhe, nos fitando imersos em nossos próprios pensamentos. Subitamente, o semblante dele mudou e o sorriso desapareceu de seus lábios. — Saul gostou de você.

— Nem percebi. — Dei de ombros, como se aquilo não importasse para mim. Gael inspirou com força e deixou a taça sobre a mesa, demonstrando seu desgosto.

— Sairia com ele?

— Eu já disse que não sou uma... puta! — Meu sussurro saiu em forma de um rosnado. Quem diabos esse homem pensava que eu era?

— Em nenhum momento eu insinuei que você era. — Ele pareceu um pouco desconfortável e seus dedos correram em seu cabelo castanho e cheio. — Carolina, você está comigo essa noite. E não admitirei que nenhum outro homem flerte com você na minha frente.

— Sim, eu sei! Você está pagando por esse trabalho — rebati com sarcasmo.

Gael me encarou bem sério. Seus olhos faiscaram para mim, astutamente. Ele esvaziou a taça de seu champanhe e o deixou sobre a mesa.

— Carolina, eu não quero que se sinta comprada.

— Mas é assim que estou me sentindo — disparei um pouco irritada, embora eu soubesse que eu mesma procurei por essa situação.

— Venha comigo! — Ele se levantou e estendeu a mão em minha

direção. — Vamos dançar! — convidou com a intenção de encerrar o assunto e suavizar a atmosfera entre nós dois.

De mãos dadas, fomos até a pista. Ao som da música clássica, Gael me puxou para si e começamos a nos mover no salão. A proximidade repentina desencadeou um calor no meu corpo. Meus pelos se eriçaram e um arrepio atravessou a minha coluna. Senti o cheiro de seu perfume gostoso e ergui a cabeça para encontrar seus olhos que prenderam os meus.

Não sabia o que estava acontecendo, mas não podia deixar de negar que esse homem mexia comigo. Eu era inexperiente em relação aos homens, embora tenha namorado por três meses o Daniel, que conheci durante a lua de mel do Greg e da Lorena. Mas eu ainda era virgem. Sim! Eu tinha 21 anos, vivia no século XXI e nunca tive uma relação sexual. Eu me masturbava, conhecia o meu corpo, mas nunca havia sido penetrada por ninguém, nem mesmo por meus dedos. Era romântica e queria me guardar para um amor de verdade, alguém que me valorizasse, que me despertasse amor, tesão e fascínio. E a grande ironia disso tudo era que Gael havia me despertado. Logo ele, o homem que estava pagando para sair comigo.

— Você é muito bonita, Carolina. — Seus dedos acariciaram meu rosto, me deixando efervescente. — Sua pele é tão macia e seu cabelo é tão cheiroso. — Ele enrolou uma mecha do meu cabelo nos dedos e inspirou profundamente. — Você deve saber como enfeitiçar um homem. Faz tempo que trabalha como acompanhante?

— Na verdade você é meu primeiro... cliente — respondi mantendo meu disfarce. Santo Deus! Onde isso acabaria?

— Sério?! — Ele ergueu as duas sobrancelhas em espanto e um sorriso de canto se formou em seus lábios. Um sorriso presunçoso e até mesmo vitorioso. — Adorei saber!

Dançamos mais um pouco, contornando o salão ao som de Frank Sinatra e aproveitando um pouco a festa. Gael me conduzia elegantemente, com destreza e mestria. Uma de suas mãos estava entrelaçada a minha, enquanto a outra estava em meu quadril, segurando firme. Ele me apertou um pouco mais de encontro a si e senti a musculatura bem trabalhada de seu peito,

embora estivesse oculta dentro da roupa que ele vestia.

Fiquei abalada, com a calcinha molhada e a vontade que tive foi de sair correndo dali. Se ao menos eu soubesse que Bianca e Fred estariam do lado de fora do hotel, me esperando, eu colocava meu plano em ação. Mas eu não sabia se eles conseguiram me seguir até aqui, mas algo me dizia que estava por minha conta essa noite.

— Carolina, eu preciso comparecer na reunião. — Ele lançou um olhar rápido para o relógio de pulso e se voltou para mim. — Gostaria que você me aguardasse no carro com o Kadu. É melhor assim! Não quero que nenhum engraçadinho lhe falte com respeito enquanto eu estiver ausente. Pode ser?

— Claro! — concordei sorrindo.

— Depois que a reunião terminar, eu quero você!

Engoli em seco com tal afirmação. O chão trepidou abaixo dos meus pés e meu coração bateu alucinado em expectativa. Eu não sabia quais os planos de Gael para o fim de noite. A única coisa que sabia era que ele me queria e isso me deixava confusa e excitada.

Capítulo 4

Lavínia

Ao chegar à suíte, Gael tirou o casaco e a gravata e os deixou em cima de uma poltrona. Colocou a chave no console e se virou para mim, que o olhava desconfiada. Confesso que fiquei curiosa em saber do que se tratava a reunião que ele foi. Meu sexto sentido me dizia que Gael me escondia algo. Mas quem era eu para desconfiar dele? Logo eu, que estava me sentindo uma farsa ambulante.

— Sente-se, Carolina e me faça companhia. — Convidou e eu fiquei relutante.

— Já está tarde e eu preciso ir.

— A noite ainda está começando. — Ele se moveu até o bar e abriu um champanhe. Preencheu duas taças e me entregou uma. — Quer ouvir Elvis? — Eu o olhei surpresa, enquanto ele colocava um pendrive no aparelho de som e ligava na coletânea do Rei do Rock. A música *Suspicious Minds* começou a tocar em tom baixinho, preenchendo o ambiente. — Sente-se aqui. — Gael se acomodou no estofado e apontou para o espaço vazio ao seu lado.

Eu me movi um pouco receosa e me acomodei a uma distância segura dele. Estava confusa. Uma parte de mim queria sair correndo dali e ir embora e a outra queria ficar e descobrir um pouco mais desse homem enigmático.

— Você estuda, Carolina? — questionou abrindo os dois primeiros

botões da camisa. Eu o observava em silêncio, mas muito atenta nele.

— Sim! Estou fazendo um curso de piano.

— Piano?! Interessante... E além do curso, estuda mais alguma coisa? — indagou muito interessado em saber mais sobre a minha vida.

— Eu faço faculdade.

— De quê?

Deixei o copo de bebida em cima da mesinha de centro e me levantei abruptamente. Gael estava me deixando nervosa outra vez e não queria dar informações pessoais para ele. Essa noite tinha que acabar agora, para o meu próprio bem.

— Eu quero ir embora!

— E eu quero que você fique! — Ele se levantou e também depositou o copo da bebida sobre a mesa. — Por que está fugindo? Pareço tão desagradável assim?

— Não é isso! Você é gentil e educado, mas eu preciso mesmo ir embora.

— Eu contratei seus serviços e já disse que os quero — disse decidido, o que me preocupou. Eu havia deixado esclarecido para ele que não era nenhuma garota de programa.

— E eu já disse que eu não sou...

— Puta?! Eu sei! — completou a frase enquanto se movia na minha direção. — Você sabe o meu nome e eu quero saber o seu.

— Meu nome é Carolina. — Insisti em manter o meu disfarce, embora percebesse que Gael não havia acreditado em mim desde o início da noite.

Ele sorriu balançando a cabeça e se aproximou um pouco mais. Eu o encarei profundamente e meus lábios se entreabriram. Gael desceu o olhar para a minha boca, contemplando-a. Eu fiquei doida para sentir seu gosto, enroscar meus dedos em seu cabelo, me perder nele, mas mantive a razão

presente. Era loucura eu me envolver com ele, sabendo que me trataria como um objeto. E ainda tinha minha virgindade. Se Gael soubesse que eu era virgem, o meu segredo seria revelado. Afinal de contas qual acompanhante de luxo de verdade é virgem? Que eu saiba nenhuma. E eu não correria o risco de ter a minha verdadeira identidade exposta.

— Por favor, deixe-me ir...

Tentei me mover do lugar, porém Gael me agarrou, trazendo-me de encontro a si. A surpresa foi tanta que quase cambaleei. Ele me segurou firme em seus braços temendo uma possível queda. Eu não conseguia me mover e não fiz qualquer menção de desvencilhar de suas mãos que me agarravam.

Mas não podia me dar por vencida, então eu o encarei de queixo altivo.

— Quer pagar pelos meus serviços, Gael?

— Eu não quero que pense que você seja uma mercadoria.

— Mas é assim que eu me sinto desde o momento em que coloquei os pés em sua suíte. — Comecei a me debater com a finalidade de se livrar de suas mãos. — Me deixe ir embora! Por favor!

— Não antes disso! — disse decidido, entrelaçando seus dedos nos fios do meu cabelo e me puxando para unir nossas bocas.

Comecei a me contorcer e mantive a boca fechada, enquanto sua língua faminta clamava por passagem. Desferi socos em seu peito, na tentativa de empurrá-lo para longe. Gael agarrou ainda mais firme a minha cabeça impedindo de me movimentar. A outra mão deslizou por minhas costas em direção a minha cintura. Ele me prendeu completamente, colando meu corpo ao seu.

Ainda agarrado a mim, Gael puxou meu cabelo suavemente, me beijando, implorando silenciosamente para sentir meu gosto. Por fim, desisti de lutar contra ele e abri a boca em busca de ar. Nesse momento ele aproveitou para enfiar sua língua para dentro, buscando a minha sofregamente. Minhas mãos que antes o esmurravam, agora estavam em seus bíceps apertando, acariciando. Aos poucos o meu corpo amoleceu e eu passei a corresponder o beijo com avidez.

O gosto dele era embriagante! Eu me perdi em seus lábios macios, beijando, mordendo, sugando. Arfei em sua boca, muito entregue a sua sedução e ele gemeu de tanto prazer. Cravou os dedos em minha carne e pressionou sua ereção em meu ventre. Quase sucumbi. A carga sexual que nos envolvia era muito forte.

Ele aprofundou ainda mais o beijo, tomando toda a minha boca com a sua. A intensidade era tanta que parecia estar se alimentando de mim, matando a fome que o consumia. Não podia negar que esse homem me atraía muito. A única coisa que eu queria era ficar presa em seus braços, saboreando seus lábios, mas a razão retornou com um estalo de dedos, me fazendo recuar. Eu interrompi o beijo e me afastei horrorizada comigo mesma. Gael abriu os olhos, atônito, e me viu esfregando a palma da minha mão na boca. Eu me senti usada, imunda e sem escrúpulos. Eu não era assim.

— Você é um aproveitador! Um safado sem escrúpulos! — bradei e fiz menção de me mover em direção à porta de saída.

— Espere! — bradou e eu girei o corpo, encontrando seus olhos intimidadores. — Aqui está o seu pagamento. — Tirou uma boa quantia em dinheiro de dentro da carteira e deixou em cima da mesinha.

— Eu não preciso e não quero o seu maldito dinheiro! — rosnei nervosa, porém de postura tesa.

Ele ignorou minhas palavras de desdém, pegou novamente o copo de uísque e deu as costas para mim. Saiu em direção ao sofá bebendo e ignorando minha presença completamente.

Eu olhei para as notas de dinheiro que estavam em cima da mesa e meu sangue ferveu. Saí da suíte batendo a porta com força e sequer toquei no dinheiro. Entrei no elevador e apertei o botão do térreo. Eu tremia e meu coração palpitava. As emoções estavam à flor da pele que, quando dei por mim, eu estava chorando.

Desolada, apenas apoiei a cabeça na parede metálica e tentei limpar as lágrimas que teimavam em cair. A única coisa que eu queria era esquecer a noite fatídica, assim como aquele homem enigmático e intenso, que despertava sentimentos confusos em mim.

Capítulo 5

Lavínia

No dia seguinte eu ainda podia sentir o gosto dos lábios do Gael nos meus. Eu não podia negar que me sentia atraída por ele. Era loucura, eu sabia! Ainda mais da maneira como eu o conheci. Para ele, eu era uma acompanhante de luxo, uma garota que ganhava dinheiro de modos escusos.

Estava acomodada na sala de estar na casa do Greg e da Lorena, entretendo a Angelina com alguns bichinhos de pelúcia. Ela estava com 1 ano e meio e era muito esperta. Sempre atenta a tudo.

— Lavínia, aqui está a sua sobremesa — disse Lorena entrando na sala com um prato de torta de limão. Ela deixou o doce na mesinha de centro e se acomodou comigo sobre o tapete para brincar com a filha.

— Obrigada, Lorena! — Sorri, dando uma garfada na torta, que estava deliciosa.

— Angelina não está tomando muito o seu tempo? Não quero que fique presa se tem seu curso para fazer.

— Claro que não! Eu amo a Angel e só estou curtindo ficar com ela, já que daqui uns dias eu estarei retornando ao Brasil — respondi sentindo a saudade me rondar. Sabia que os primeiros dias longe da família do meu irmão seriam difíceis para mim. Eu os amava tanto e era muito apegada a Angelina. — E Greg, onde está?

— Lavando a louça do almoço. Você acredita? — Lorena riu com Angelina em seus braços.

— Meu irmão é muito prestativo, mas confesso que nunca o vi lavando louça antes — falei com a boca cheia de doce.

— Eu ouvi isso, maninha — disse Greg, se juntando a nós na sala. Ele fez uma careta para mim e eu mostrei a língua para ele. — Lavínia, onde você esteve ontem à noite? Eu liguei duas vezes para o seu celular e você não atendeu!

Estremeci. O que eu responderia ao Greg? Deus, eu precisava de ajuda!

Terminei de comer o pedaço de torta e deixei o prato em cima da mesinha de centro. Se Greg desconfiasse da “inocente” brincadeira feita por mim e por meus amigos, ele me esganaria. Amanhã mesmo eu estaria voltando ao Brasil, mas não sem antes levar uma baita bronca dele. Eu conhecia o meu irmão muito bem e não duvidava disso.

— Eu saí com meus amigos e a bateria do *cel* morreu. Desculpe, maninho, por eu não ter ligado de volta — menti na maior cara de pau, me sentindo mal por esconder o que realmente aconteceu dele. Mas eu não tinha escolha. — Era algo importante que você tinha para me falar comigo?

— Não era tão importante assim. — Ele me lançou um olhar astuto e eu disfarcei abrindo um sorriso. Greg suavizou a expressão e mudou de assunto. — Papai ligou antes de você chegar. Parece que as coisas não estão muito boas para ele nos negócios.

— O que aconteceu? — indagou Lorena enquanto dava suco de laranja para Angelina.

— Thales está fazendo uma cagada atrás da outra e os negócios não estão indo muito bem. Papai está preocupado e até mencionou a possibilidade de vender um dos hotéis para sanar dívidas. — Greg suspirou, desolado.

— Acalme-se, meu amor. Tudo se resolverá — disse Lorena com voz amável tentando tranquilizar o marido.

— Eu não sabia que as coisas estavam assim tão feias, Greg. — Apertei

seu ombro em sinal de solidariedade. — Mas não quero que fique preocupado. Papai vai sair dessa. Você vai ver.

— Assim espero, maninha! Assim espero!

A campainha tocou e Greg se levantou para atender a porta. Eram Fred e Bianca que chegavam. Eles entraram e quando me viram, nós trocamos um olhar muito significativo. Eles pareciam nervosos, mas souberam disfarçar. Fred ajeitou a mochila nas costas e Bianca fez uma gracinha para Angelina, que sorriu na hora.

— Oi, gente. Desculpe chegar assim — falou a minha amiga um pouco constrangida.

— Não precisa se desculpar, Bianca. — Sorriu Lorena. — Fique a vontade. Aceitam um pedaço de torta de limão? — Ofereceu, olhando para meus amigos.

— Não, obrigada! A gente veio buscar a Lavínia para a aula.

— Vocês são uns amores. — Sorri e me levantei abraçando os dois. — Mas não precisavam se preocupar. Eu ia de ônibus ou o Greg me levava.

— Que nada, pimentinha. A gente te dá uma carona — falou Fred e piscou um olho.

— Bem, então... Vamos! — Peguei minha mochila de cima do sofá e me despedi de Lorena, Greg e Angelina com beijinhos no rosto.

Saí na companhia de meus amigos e nos dirigimos até o carro, que estava estacionado em frente de casa.

— Pimentinha, me conte tudo. Por *God!* — exclamou Fred ao se acomodar no banco traseiro do carona, enquanto eu e Bianca nos acomodávamos nos bancos da frente.

— Lavínia, pelo amor de Deus! Nós precisamos saber o que aconteceu ontem — disse minha amiga dando a partida no motor.

— Bia, eu juro que conto tudo para vocês. Mas antes, quero saber o porquê vocês não me seguiram conforme o combinado. Vocês me deixaram

na mão!

— A gente perdeu de você, pimentinha. O trânsito não ajudou muito e o motorista do seu acompanhante corria demais — Fred explicou quase gemendo. Podia perceber que ele também estava preocupado.

— Como você conseguiu voltar para casa? E o que aconteceu com seu *cel*, Lavínia? — indagou Bianca enquanto dividia a atenção entre mim e o tráfego a sua frente.

— O *cel* ficou sem bateria e naquela correria toda, eu só consegui recarregá-lo hoje de manhã. Desculpem por ter deixado vocês preocupados. Não foi minha intenção. — Olhei para Bianca e depois para Fred que deu um sorriso amarelo.

— Eu vi o tal cara de longe quando estávamos parados em frente ao hotel dele — disse minha amiga com olhar brilhante. — Lavínia, o homem é um gato! *Oh my God!* — Ela tirou uma das mãos do volante e se abanou fazendo uma cena. Nós todos rimos.

— Verdade, pimentinha! Misericórdia, que homem mais lindo e gostoso. — Fred revirou os olhos. — Me conte, vocês se beijaram?

— Fred! — ralhei com ele dando um tapinha em seu braço. — Eu conto tudo para vocês, mas antes tem que me prometerem uma coisa.

— O que você quiser! — Ele sorriu e Bianca concordou com a cabeça.

— Ninguém pode ficar sabendo dessa maluquice de ontem. E isso inclui minha família. Porque se meu pai souber, ele me manda estudar em um colégio de freiras! — disse de forma exagerada, embora soubesse que seu Humberto nunca me perdoaria por aquele disparate.

— A gente promete. Fique tranquila. — Bianca assegurou sorrindo.

— Isso será o nosso segredinho para sempre, pimentinha. — Fred se esticou entre os dois bancos e me deu um beijo na bochecha.

— Lavínia, a gente precisa conversar sobre outra coisa — Bianca começou o assunto, bem séria.

— O que aconteceu? — indaguei preocupada.

— Você se lembra que se inscreveu na agência de acompanhantes usando o meu e-mail?

— Sim, eu lembro, Bianca. Por quê?

— Eles entraram em contato comigo e me pediram para depositar a parcela do “trabalho” realizado por você ontem — ela respondeu, dividindo a atenção entre a conversa e o trânsito. — Lavínia, eles estão achando que eu sou você!

— Meu Deus! — exclamei apavorada de olhos arregalados.

— Eu não respondi o e-mail porque na verdade não houve trabalho. Era uma brincadeira nossa. Mas como vamos explicar isso para essa gente? — Bianca passou a mão no rosto, nervosa.

— Não precisamos explicar nada para ninguém. O e-mail que você usou para me cadastrar era o seu antigo. Basta desativá-lo e não responder a nenhuma mensagem — aconselhei tão nervosa quanto ela.

— Mas será que isso vai dar certo, pimentinha? — perguntou Fred que também estava preocupado.

— Vamos embarcar para o Brasil em quatro dias. Eles nunca mais saberão nada sobre a gente — garanti com veemência. — E depois, nós usamos nomes falsos. Eu era Carolina e você era Amanda. Lembra? Então não precisamos nos preocupar.

— Ai, Lavínia! Eu espero que você esteja certa.

— Não se preocupe, Bianca. Eles nunca saberão os nossos nomes verdadeiros e nem nossa nacionalidade. Para aquela gente, nós éramos duas garotas inglesas.

— Pimentinha, Deus te ouça! — Fred uniu as mãos em forma de oração e acabamos rindo de sua palhaçada.

O clima se amenizou e ficamos mais tranquilos. Não tínhamos motivos para nos preocupar. Demos endereços e nomes falsos quando criamos nossos

cadastros. Logo depois do ocorrido, removemos as nossas fotos e desativamos os perfis do site. Portanto, a chance de sermos descobertas era mínima.

Enquanto Bianca dobrava uma esquina para pegar a rodovia que nos levava até o campus da faculdade, eu senti que meu celular vibrou dentro da mochila que estava em meu colo. Saquei o aparelho e recebi a seguinte mensagem de SMS:

*“Carolina, eu preciso te ver de novo. Seu gosto não sai da minha boca!
(Gael).”*

O ar me faltou! Santo Deus, como Gael sabia meu número de telefone? O que mais esse homem sabia a meu respeito? Busquei o fôlego que me faltava e, discretamente, guardei o celular novamente na mochila.

Capítulo 6

Gael

Estacionei o Bentley em frente à universidade e olhei o horário em meu relógio de pulso. Eram quase cinco horas da tarde. Ergui o olhar e observei por entre as lentes do meu Ray-Ban que alguns estudantes já deixavam o campus em direção ao estacionamento, ou ao ponto de ônibus. Ajeitei a gola da jaqueta e saí do carro observando o movimento ao meu redor.

Era loucura vir atrás da Carolina. Mas o que eu podia fazer se a vontade de vê-la novamente me dominava, me deixando louco. Graças ao Kadu, eu descobri algumas informações dela, tais como: número de celular, onde morava e estudava. Isso já era o bastante para mim, pelo menos por enquanto.

Eu sentia que Carolina me escondia algo. Desde a primeira vez que a vi eu percebi seu nervosismo. A sua postura não condizia com a sua profissão. Havia algo de errado ali e eu temia que minhas suposições estivessem certas. Quando perguntei seu nome, na noite em que nos conhecemos, eu vi que ela pensou por uns segundos. Certamente que ela me deu um nome falso. Talvez fosse um pseudônimo de profissão. Eu iria descobrir, mas não podia fazer nada por enquanto, a não ser espreitá-la.

Dei a volta e me recostei na lataria do carro. Cruzei os braços sobre o peito enquanto mantive o olhar atento em busca de Carolina. Eu não avisei que viria e seria uma surpresa para ela quando me visse ali. Não era de dar recados de meus passos. Gostava de surpreender as pessoas com as minhas atitudes.

Alguns estudantes passavam por mim e lançavam olhares curiosos. Outros cochichavam entre si, mas nada se comparava a reação das garotas. Todas, sem exceção, pareciam me devorar com os olhos. Ignorei a todos. A minha concentração estava voltada somente para Carolina que logo surgiria entre os demais.

Minutos depois ela surgiu, mas não estava sozinha. Junto com ela havia um rapaz loiro, magro e alto. Ele sorria para Carolina e seus olhos brilhavam extasiados. Fiquei puto e senti o sangue ferver. Cerrei o maxilar bem como os punhos e soltei um ar pesado. Quem era o maldito filho da puta que a acompanhava? Seu namorado? Um casinho sem importância? As ideias malditas permeavam a minha cabeça, me deixando irado.

Controlei a minha fúria e não desviei os olhos dos dois. Carolina sorriu para ele, formando duas covinhas em suas bochechas. Eu adorava vê-la sorrindo, embora eu tenha visto seu sorriso muito pouco. Ela era tão linda e tão juvenil, que eu me sentia um velho ao lado dela. Carolina tinha 21 anos e eu 36. Tínhamos uma diferença de 15 anos. Não era um exagero, mas porra, eu era 15 anos mais velho do que ela.

Quando Carolina virou me viu, seus olhos se arregalaram. O seu queixo caiu e ela ficou pálida. Tentando disfarçar a situação, ela falou qualquer coisa para o garoto que lançou um olhar rápido em minha direção. Ele ajeitou a mochila às costas e se distanciou sem jeito.

Um pouco nervosa, ela se moveu. Enquanto ela caminhava, aproveitei para analisá-la. O cabelo castanho estava trançado de lado, deixando-a ainda com a aparência mais jovem e inocente do que já era. O vestido de seda floral que ela usava era cavado, sem mangas e levemente rodado até os joelhos. Para me deixar ainda mais louco, hoje ela estava de sapato de salto, não tão alto como aqueles que eu adorava.

Foi impossível conter a excitação. Senti que todo o sangue de meu corpo era drenado até meu pau que enrijeceu dentro da calça jeans. Ela mexia com os meus instintos mais primitivos e sacanas. Mal podia esperar para tê-la em minha cama, saciar a minha fome, matar a minha sede. Carolina seria minha de todos os jeitos que sempre tive todas as mulheres. Mas com uma exceção: ela seria exclusivamente minha.

— Gael, o que você está fazendo aqui? — indagou cruzando os braços sobre o busto, com semblante preocupado.

Ainda um pouco irritado devido à presença do franguinho que a acompanhava há poucos instantes, eu dei dois passos e fechei a distância entre nós dois. Parei tão próximo que senti seu cheiro adocicado penetrar em minhas narinas. Tirei os óculos escuros para fitar seus olhos castanhos e ela piscou ligeiramente, sentindo-se um pouco intimidada.

— Oi, Carolina. Eu queria te ver! Recebeu minha mensagem?

— Sim... Como conseguiu meu número de celular? E como soube onde eu estudo?

— Tenho excelentes informantes. — Sorri presunçoso e ela olhou ao redor como se estivesse receosa.

Vi que o rapaz que estava com ela nos observava no meio de outros estudantes. Timidamente, mas com olhar atento em nós. Aquilo bastou para que a minha raiva retornasse com força total.

— Quem é o garoto que estava com você?

— É um amigo e colega de curso — respondeu um pouco impaciente. — O que você veio fazer aqui? Pelo amor de Deus! Ninguém sabe sobre ontem. Aquilo foi um equívoco, uma... Uma brincadeira inocente — sussurrou com voz embargada deixando óbvio o seu desespero.

— Eu não estou entendendo. Que tipo de brincadeira você está falando?

Carolina ajeitou a mochila nas costas e prendeu os lábios. Percebi que suas mãos estavam levemente trêmulas e me preocupei. O que estava acontecendo com ela? Essa garota insegura e frágil não parecia em nada com aquela mulher deslumbrante e dona de si que contratei ontem em um site de acompanhante. Eu estava certo: havia algo de errado ali.

— Carolina, você está bem? — Levei a mão em seu rosto e ela estremeceu, arregalando os olhos castanhos avelãs. Achei que iria fugir dali e sair correndo, mas ela não se moveu. Apenas ficou me encarando com espanto e desejo. Ah, porra! Ela também me queria!

— Gael, eu não sou quem você pensa — disse dando um passo para trás, se afastando do meu toque.

— Foi por isso que eu vim. Eu quero te conhecer de verdade, Carolina. — Ela ergueu os olhos e me fitou, claramente surpresa. — Venha comigo. Nós precisamos conversar.

— Eu não posso. Tenho que estar em casa em uma hora.

Passei a mão pelo cabelo, nervoso, sem entender o que estava acontecendo. Aquela garota estava me confundindo, me deixando perdido. Que diabos Carolina escondia de mim? Por que mencionou sua casa e o horário que devia chegar? Será que ela estava mentindo para mim esse tempo todo?

— Entre! Eu te levo para casa. — Abri a porta do carona e ela hesitou. — Estou falando sério. Preciso conversar com você e aqui não é o lugar apropriado.

— Gael, eu não posso... Não posso sair com você.

— *Shhh!* — Eu a interrompi colocando o indicador em seus lábios. Meus olhos desceram até a sua boca carnuda e ela engoliu em seco, afetada. O desejo de beijá-la se manifestou com força. Mas como estávamos em um local público, eu me contive. — Entre!

— Eu pego um ônibus. Não se preocupe. — insistiu para o meu completo desagrado.

— Carolina, você quer chamar a atenção de seus amigos? Por que, se for esse o seu objetivo, você está conseguindo. — Apelei para a intimidação, sabendo que não estava sendo nada justo com ela. Mas eu não tinha alternativa.

Por fim, Carolina cedeu. Sem dizer uma palavra, ela se acomodou no banco de carona enquanto eu me sentava no do motorista e girava a chave na ignição. O som ligou automaticamente e a música de Adele, *Someone like you*, ecoou baixo dentro do carro.

— Coloque o cinto de segurança — disse fazendo o mesmo.

Carolina bufou, mas fez o que lhe foi recomendado. Ela me ignorou por completo e girou o rosto, fixando o olhar para fora da janela. Percebi que minha presença a perturbava e gostei de saber disso. Pelo menos era um indício de que eu mexia com ela, de alguma maneira.

— O que mais sabe sobre mim, Gael? — Ela virou o rosto e nossos olhos se encontraram brevemente.

— Eu já lhe disse: seu número de celular, onde estuda e mora.

— Só isso?

— Por enquanto sim! Mas pretendo saber tudo sobre você — assegurei lançando-lhe um olhar quente. Ela se contorceu levemente no banco e tive a certeza que estava excitada.

— Não tem muita coisa para saber sobre mim — rebateu em tom seco tentando manter uma frieza aparente, que não combinava com ela.

— Você disse pouco antes que não é que eu penso. — Ela meneou a cabeça. — E como sabe o que penso sobre você?

— Para você eu não passo de uma “Lolita” de luxo, uma garota que ganha a vida acompanhando homens em eventos sociais.

— É uma pena que ache isso. Porque não é isso que penso sobre você — disse com sinceridade, dobrando uma esquina e tomando o caminho da casa dela.

— Gael, eu não sei o que vou explicar para... Para as pessoas que eu moro sobre quem é você. Eles verão o carro e... — Ela começou a gesticular as mãos, nervosa.

— Não se preocupe! Eu não pararei em frente a sua casa, se isso a deixa mais calma.

Carolina me fitou por um momento e mordeu o lábio demonstrando seu desconforto. Eu não sabia nada sobre a vida dela, mas não queria colocá-la em apuros com quem quer que fosse. Percebi pelo modo como falou das pessoas com as quais ela morava que deveriam ser muito importantes para

ela. Parentes? Amigos? Família? Essas perguntas borbulhavam em minha cabeça.

Minutos depois, eu estacionei o carro há poucos metros de distância de onde ela morava. Era um bairro típico londrino, de classe média, com ruas limpas e floridas. Estávamos na estação do verão, mas mesmo assim, as flores coloriam as árvores.

— Obrigada pela carona. — Ela fez menção de abrir a porta e eu agarrei seu braço, detendo-a.

— Espere! — Ela se virou para mim, muito atenta. — Quero você!

— Gael, isso não é certo.

— Eu sei que você também me quer. — disse enquanto nos encarávamos com desejo. Embora ela negasse com palavras, seu corpo dizia outra coisa.

Deslizei meus dedos em seu braço e posicionei minha mão em sua nuca. Carolina arquejou, muito entregue ao meu toque, envolvida em minha sedução. Inclinei o corpo para frente, me aproximando dela, sentindo seu cheiro, seu calor, sua presença. Não me fiz de rogado e beijei seus lábios com urgência. Para minha surpresa, ela correspondeu ao beijo, abrindo a boca que se movia com a minha. Entrelaçou seus dedos em meu cabelo e os puxou, enquanto eu me embebedava com seu gosto.

Desci a outra mão em sua cintura e a trouxe um pouco mais para perto, cravando os dedos em sua carne macia. Carolina gemeu. Eu rosnei. A temperatura entre nós subiu, me deixando em chamas. Meu pau ficou duro que chegava a doer. Meu corpo ardia e minha mente girava. Tudo em mim borbulhava.

De repente, ela interrompeu o beijo, ofegante. Ela me encarou com olhos amedrontados, confusos, mas cheios de desejo. Abriu a porta do carro e saiu, mas antes que ela desaparecesse calçada afora, eu segurei sua mão e disse:

— Te espero no hotel amanhã à noite. Se você não vir, eu venho atrás de você!

— O que eu direi para... — ela se calou repentinamente, abalada.

— Diga que terá que ficar a noite de sábado e o dia de domingo fora, estudando na casa de amigos.

Eu sabia que estava indo longe demais, fazendo Carolina mentir por minha causa. Mas o desejo gritava dentro de mim, me cegando. Se eu não a tivesse na minha cama logo, eu acabaria enlouquecendo.

— Não prometo nada, Gael.

— Mas eu cumpro o que eu digo — assegurei com firmeza sabendo que cumpriria minha palavra.

Liberei seu braço e ela se distanciou apressadamente. Mas antes de desaparecer atrás de um arbusto, girou o rosto e nossos olhos se encontraram outra vez.

Capítulo 7

Lavínia

Passei o dia inteiro de sábado pensando sobre o convite que Gael me fez. Era uma insensatez aceitá-lo e uma burrice recusá-lo. Eu não podia mais negar a mim mesma que estava mexida demais por aquele homem. Ansiava pelo seu toque e pelo seu beijo como se fosse uma droga que eu me viciiei. Eu não me reconhecia mais.

Depois de muito refletir sobre as consequências que esse ato me traria, eu inventei uma desculpa para Greg e Lorena de que passaria a noite de hoje e o dia de amanhã estudando para as provas finais com Bianca e Fred. Claro que liguei para eles e pedi que confirmassem a minha história, caso Greg ligasse perguntando algo. Eu me sentia mal por estar enganando o meu irmão amado, mas o desejo de estar novamente com Gael falava mais alto.

Minha viagem de volta ao Brasil estava marcada para terça-feira. A passagem aérea estava comprada e as malas quase prontas. Assim que saísse os resultados dos exames do curso de piano, eu partiria para casa. Retornaria a minha vida normal, para o último ano da faculdade de Direito e talvez nunca mais visse Gael novamente. Então por que não me aventurar e perder a minha virgindade com um homem lindo, gostoso que me despertava o maior desejo? Afinal, eu teria que me tornar mulher um dia e me sentia pronta para isso.

Cheguei ao hotel eram quase 7 horas da noite. Kadu estava a minha espera e me conduziu até a suíte onde Gael me aguardava. Decidi vir sem

avisá-lo e saí de casa antes de escurecer. Estava um pouco nervosa, sem saber se tinha realmente tomado a decisão certa, mas agora era tarde demais para recuar, então decidi encarar a minha escolha de frente.

Kadu abriu a porta da suíte e eu entrei. Percebi que ele ficou do lado de fora, apenas me olhando sério, muito profissional.

— Senhorita Carolina, o chefe a espera.

— E você não vai entrar também, Kadu?

— Oh, não! — Ele sorriu balançando a cabeça. — O meu serviço era acompanhá-la até aqui. Agora eu vou me retirar para o meu quarto.

— Entendi...

— Tenha uma boa noite, senhorita. Com licença! — ele se despediu fechando a porta.

Olhei ao redor e não vi Gael. Será que ele estava mesmo me esperando? Desconfiada, eu comecei a caminhar na ampla suíte, olhando tudo ao redor. Na saleta havia uma música tocando baixinho, não soube identificar de que estilo se tratava. A letra parecia com cantos gregorianos, mas ao mesmo tempo a melodia era muito sensual para se remeter a algo sacro.

Eu me aproximei do aparelho de som e peguei a caixinha do CD. Era do grupo Era e a música se chamava *Cathar Rhythm*. Quando me virei, eu me deparei com Gael, que acabava de sair do banho, nu! Não consegui me mover. Fiquei abalada diante de sua beleza. Ele era lindo! Mas não era somente a sua masculinidade que me deixou sem ação. Seus olhos azuis, penetrantes e intimidadores estavam presos aos meus, me deixando cativa. Sustentei seu olhar por um momento, até que meus olhos me traíram e eu passei a admirá-lo.

Seu cabelo castanho escuro estava molhado, assim como o restante do corpo. Pequenas gotículas de água escorriam por sua pele bronzeada do sol, me deixando fascinada. Ele tinha os ombros imponentes, largos, musculosos. Seu peito era trabalhado, nada exagerado, mas muito másculo e viril. Os gominhos da barriga eram evidentes e bem definidos. Ele deveria malhar na academia ou fazer algum esporte para manter esse físico perfeito. Os bíceps

eram fortes e torneados, assim como as coxas musculosas. Em um dos braços havia duas tatuagens, que não soube identificar na hora do que se tratava.

Desci os olhos e vi que o seu pênis que estava semiereto. Santo Deus! Gael estava excitado?! Engoli em seco sentindo as bochechas pegarem fogo. Sem poder mais encará-lo, desviei o olhar, muito constrangida e excitada. Eu sentia a calcinha molhada e meu corpo inteiro tremia. Nesse instante eu me odiei por me sentir tão afetada por ele.

— Olhe para mim, Carolina! — Sua voz reverberou em meus ouvidos, despertando cada terminação nervosa do meu corpo.

Tomei coragem e voltei a encará-lo. Ergui o queixo e tentei me manter calma, embora soubesse que isso era impossível.

— Eu não sabia que você estava aqui. — Ele se virou lentamente e pegou uma toalha branca, que estava em cima de uma poltrona. Desde quando essa toalha estava ali? — Kadu não me avisou de sua chegada — disse calmamente, enquanto envolvia o tecido felpudo ao redor dos quadris.

— Eu não deveria ter vindo. — Me movi apressadamente em direção à porta, mas Gael foi mais rápido e me agarrou pela cintura. Seus braços me rodearam. Senti sua ereção pressionar a minha bunda e arquejei sem querer.

— Onde você pensa que vai? Não deixarei você fugir de novo, Carolina. — Ele afastou o cabelo do meu pescoço com uma das mãos e senti seu hálito quente em minha pele, me incendiando. — Adoro seu cheiro, mas estou mesmo é viciado em seu gosto. — E me virou de frente para ele, ainda me prendendo em seus braços fortes.

— Gael, me deixe ir embora! — supliquei me sentindo uma idiota. Mas que merda era essa? Eu dizia uma coisa, mas meu corpo queria outra. Maldito corpo traidor!

— Não! Você veio para ficar comigo. É por isso que está aqui, porque você me quer tanto quanto eu a quero. — Ele entrelaçou os dedos em meu cabelo e inclinou minha cabeça para trás. Senti o contato de seus lábios macios contra meu pescoço e minhas pernas estremeceram. O coração disparou e meu corpo ficou mole.

— Gael, não... — sussurrei, sentindo o calor do seu corpo me atingir, seu cheiro penetrar em minhas narinas, seu pênis duro roçar a minha entrada por cima do vestido.

— Tão linda! Tão suave! — disse subindo o olhar e me encarando ardentemente. Seus olhos faiscavam luxúria, desejo e paixão. — Você está me enlouquecendo, menina. Eu havia planejado levá-la para jantar em um dos melhores restaurantes londrinos. Nós beberíamos um vinho, conversaríamos e depois eu te traria para cá. Mas a única coisa que penso agora é fodê-la em cima daquela enorme cama. Eu não penso em outra coisa que não seja em você, Carolina!

— O q-quê?! — Arregalei os olhos, atônita, enquanto o tesão e outros sentimentos me consumiam.

— O jantar fica para depois. Eu te quero agora!

Seus olhos fitaram os meus com uma carga sexual intensa. Uma de suas mãos agarrou firme a minha cabeça, enquanto a outra estava nas minhas costas. Gael inclinou a cabeça para trás e me beijou. E santo Deus, que beijo era aquele? Ele veio com tudo. Não foi carinhoso, foi rude e possessivo. Sua língua serpenteou em minha boca, me lambeu e me levou a loucura. Quando dei por mim, eu estava agarrando seu cabelo, arranhando sua pele nua ainda molhada, gemendo, muito entregue.

Bastou ele me tocar, para eu perder a noção da realidade. Meu corpo tinha vida própria, pois eu não era mais dona de mim. Fui envolvida em sua sedução, embriagada pelo seu gosto e inebriada pelo seu cheiro. Eu o beijava com a mesma volúpia e avidez, enroscando nossas línguas, arquejando em sua boca.

Gael me puxou ainda mais de encontro a si e senti seu pênis latejar contra a minha barriga. O beijo se aprofundou, assim como o desejo de ser possuída por ele. Eu daria minha virgindade a Gael, daria tudo que me pedisse.

Essa noite, eu seria dele, de corpo e alma. Apenas essa noite!

Capítulo 8

Lavínia

Fui invadida por um temor gigantesco que faz cada milímetro de meu corpo enrijecer. A ideia de que perderia a virgindade essa noite, me deixava tensa e excitada. Eu vivia uma miríade de sensações, travando uma luta interna ao longo desses dias tentando separar a razão do desejo. Como podia querer um homem que praticamente me comprou como uma mercadoria? Só podia estar ficando louca!

Gael havia me deixado no quarto e saído por um momento para falar com Kadu. Eu aproveitei e fui até o banheiro para lavar o meu rosto. Olhei para meu reflexo no espelho e percebi que estava um pouco abatida. Olheiras pairavam abaixo de meus olhos castanhos, deixando a minha pele mais branca do que o normal. Tinha dormido muito mal nos últimos dias. Precisava me recompor e ficar calma.

Lavei o rosto e sequei na toalha felpuda. Um barulho vindo da porta de entrada chamou minha atenção. Saí do banheiro e encontrei Gael vestindo apenas uma calça de moletom preta. Ele passou a chave na fechadura e se voltou para mim com olhar penetrante.

— Achei que iria encontrá-la nua me esperando na cama. — Ele se aproximou e meu corpo se acendeu.

— Na verdade aqui está um pouco frio...

— Não se preocupe. Eu te aquecerei essa noite. — Sorriu charmoso, me

cobiçando com os olhos. — Quero que saiba Carolina, que não sou nenhum príncipe de conto de fadas. Sou um homem pervertido que adora sexo. E sexo de todos os tipos — Eu sabia que ele não era nenhum *lord* ou um cavalheiro. Ele mesmo disse que não era o mocinho dos livros de romance. Seria então um carrasco? Um tarado? Essa dúvida pairou no ar.

Gael deslizou seus dedos em meu ombro e desceu as alças do meu vestido lentamente. A roupa caiu facilmente aos meus pés e fiquei apenas de calcinha e sutiã. O contato íntimo de sua pele na minha me despertou mil e uma sensações. Tudo em mim respondeu ao seu toque. Os meus pelos se eriçaram, minha vagina se contraiu e meu coração se acelerou.

Ele admirou por um breve momento os meus peitos, contornando a borda do sutiã com os dedos. Deslizou as mãos para as minhas costas e desprende o sutiã, deixando meus seios expostos. Meu corpo pegou fogo diante de seu olhar abrasador. E, mortificada de vergonha, cobri meus seios com os braços.

— Nunca esconda seu corpo para mim, Carolina. Você é tão linda! — disse afastando meus braços que caíram amortecidos ao lado de meu corpo — Eles são do jeito que imaginei: perfeitos! — exclamou fechando a mão em meus peitos.

Sem se fazer de rogado, Gael caiu de boca em mim, sugando e lambendo meus mamilos. Perdi a razão e comecei a arfar baixinho, agarrando seu cabelo. Sua língua habilidosa fazia círculos no bico do meu seio, me deixando louca. Tudo era intenso e prazeroso demais. Apenas senti e me deixei levar por esse momento tão temido e esperado por mim. Nunca em toda minha vida cogitei a ideia das preliminares serem algo incrivelmente bom.

Sua boca deslizou em minha barriga, beijando, lambendo, mordiscando. Ele agarrou as extremidades da minha calcinha, fazendo menção de tirá-la. Eu me senti insegura e segurei seu pulso, detendo-o.

— Gael...

— Confie em mim, Carolina!

Dominada pelo desejo e presa em seus olhos, eu liberei seu pulso e ele deslizou a roupa íntima por minhas pernas. Quando Gael ergueu os olhos para me encarar, havia um brilho selvagem e avassalador em seu olhar. Tremi. Ele se ergueu e se afastou um pouco, muito atento em mim. Um sorriso lento se formou em seus lábios e voltou a se aproximar.

— Tem ideia do quanto você é linda e provocante? — Acariciou os bicos dos meus seios que estavam doídos pelos chupões que me deu. — Venha comigo!

Agarrou em minha mão e me conduziu até a enorme cama. Meu coração disparou. Antes de me deitar sobre os lençóis, ele me beijou com paixão, movendo seus lábios suavemente contra os meus. O beijo era delicioso, profundo e quente. Tentei manter a razão presente, pois não queria cair em sua teia de sedução. Embora soubesse que isso era quase impossível.

Gael saboreou meus lábios, apertou meu corpo, me acendeu por inteira. O desejo crepitava entre nós, latejando e ardendo como uma chama viva. Eu queria me entregar a ele, ser dele, sem medir consequências. Apenas aproveitar essa noite que estava apenas começando. Mas uma parte de mim estava confusa. Não sabia se dizia para ele que era minha primeira vez, ou se deixasse que Gael descobrisse por si mesmo. A única coisa que eu tinha certeza era de que meu disfarce seria revelado essa noite. Ele saberia que eu não era nenhuma acompanhante de luxo. Virgindade não combinava com esse estilo de vida.

Com cuidado, ele me deitou na cama e veio para cima de mim, com os olhos fixos nos meus. Nós nos olhamos por um tempo, mergulhados em nossos próprios pensamentos. Gael sorriu e se afastou para tirar sua roupa. Maravilhada, eu admirei seu corpo nu, a sua masculinidade sem medidas e seu pênis que estava ereto. Estremeci e me dei conta de que não era sonho e sim realidade.

Observei o tamanho de seu membro e me perguntei se eu estava pronta para receber tudo aquilo. Arregalei os olhos e ele pressentiu meu espanto. Sorriu de um jeito safado, abrindo a gaveta do criado mudo e retirando de lá um pacote de preservativos.

— Está apavorada? — indagou retornando para a cama, para se encaixar no meio de meu ventre.

— Não... É que... Eu achei um pouco grande... — sussurrei sem jeito e ele riu.

— Não se preocupe. Você tem elasticidade e vai engoli-lo inteirinho. Pode ter certeza que gozará muito com meu pau em sua boceta. — Meus pelos se arrepiaram somente de ouvi-lo dizer essas sacanagens.

Líquidos de excitação escorreram da minha vagina em direção as minhas coxas. O desejo de ser possuída por ele se equiparava ao temor de me ver aprisionada em seu magnetismo. E isso me deixava extremamente abalada.

Gael passeou seus olhos por meu corpo, esfomeado e excitado. Contemplou meus seios redondos, afastou as minhas pernas ainda mais, fitando minha vagina. Fiquei vermelha de vergonha, mordi os lábios e desviei de seu olhar selvagem. Meu corpo inteiro tremia em um misto de excitação e medo.

— Que boceta mais linda que você tem, Carolina. — Ele passou os dedos entre meus lábios vaginais e massageou meu clitóris. Arfei. Tirou os dedos e os enfiou na boca chupando-os. Engoli em seco e meu estômago deu um nó. Mas não era de nojo e sim de prazer. Eu adorei vê-lo fazendo aquilo. — Porra! Quero sentir mais de você. Quero me embriagar com seu gosto, menina.

Cravando os dedos em minha bunda, ele a suspendeu um pouco do colchão e me abocanhou. Veio tão feroz, enfiando a língua para dentro, que soltei um grito estrangulado. Agarrei com força o lençol enquanto Gael me comia literalmente com sua boca. Ele contornava o meu clitóris, chupava com voracidade e lambia de cima para baixo. Era algo indescritível. Nunca pensei que sexo oral fosse tão bom!

— Deliciosa do caralho! Assim vou me viciar em você, Carolina — rosnou e me encarou com desejo. — Não desvie seu olhar de mim. Quero vê-la gozar!

Obedeci. Meu corpo não era mais meu, minha razão havia me

abandonado. A única coisa que me movia era a luxúria e outros sentimentos.

Sua língua trabalhou tão bem em minha abertura, lambendo sugando, fazendo círculos, que senti o gozo sendo construído aos poucos. Eu sabia o que era um orgasmo. Eu me masturbava de vez em quando, mas nunca meti os dedos para dentro. Sempre fiz pressão em meu clitóris com a palma da minha mão. Mas isso que Gael estava fazendo comigo era mil vezes mais prazeroso.

Quando ele enfiou a língua e serpenteou dentro de mim, eu não aguentei. Labaredas de fogo tomaram conta de meu corpo e gritei explodindo em um gozo surreal que me deixou zozza. Gael continuou a me torturar com sua boca, bebendo, envolvendo. Agarrou ainda mais forte meu quadril e acelerou os movimentos. Aquilo foi demais para mim, que não acreditei quando gozei pela segunda vez, sendo consumida pelo prazer supremo da carne.

— Ohhhhh... Gael! — choraminguei em lamúrias arqueando o tronco para cima e depois desabando em cima do colchão, arfante e suada.

Gael ergueu-se com uma expressão de pura satisfação em seu rosto. Lambendo os lábios, rasgou o pacote de preservativo e deslizou por sua ereção. Eu assisti a tudo com as pálpebras pesadas, o coração batendo como um louco e as pernas trêmulas.

Ele se encaixou no meio das minhas pernas e segurou meu rosto em suas mãos. Me encarou com um brilho ardente, luxurioso e disse:

— Isso é apenas o começo, minha menina. Vou te comer a noite inteira, que amanhã só vai se lembrar de querer ainda mais o meu pau dentro de você. — Isso não foi um aviso e sim uma afirmação.

A hora havia chegado. Eu precisava lhe dizer que era virgem. Mesmo correndo o risco de ele me expulsar porta a fora. Mas não podia deixar que me penetrasse pensando que eu era uma garota experiente. Não iria enganá-lo.

O medo ainda me fazia estremecer, mas o desejo era mais forte do que tudo. Ele acariciou meu rosto e foi quando eu disse:

— Eu sou... virgem!

Gael não piscou. Não respirou. Não se moveu. Ele me encarou e percebeu que eu estava insegura, que era inexperiente. E antes que ele recuasse, eu o envolvi com minhas pernas. Entrelacei-as ao redor da sua cintura e o abracei.

— Me faça mulher, Gael. Quero ser sua! Por favor!

Um breve silêncio se formou entre nós dois. Eu tive medo de que ele desistisse de mim.

Capítulo 9

Lavínia

Seus olhos estavam impassíveis, estáticos. Gael se distanciou o mínimo para me encarar. Sua respiração pesada e descompassada queimava o meu rosto. Não recuei. Mantive as pernas entrelaçadas em volta de sua cintura e meus braços em suas costas.

Gael passou uma das mãos pelo cabelo, nervoso. Respirou fundo e parecia incrédulo.

— Virgem?! — Ele balançou a cabeça sem entender, tentando absorver aquela informação. — Mas como... Você é uma... Carolina, eu fui seu primeiro cliente. É isso?

A dor me invadiu. Teria que mentir para não ser descoberta. Continuar com a farsa de acompanhante de luxo, de garota que se vende para ganhar a vida. Aquilo me matou. Porém tudo que fiz foi concordar com a cabeça, contendo as emoções que estavam prontas para vir à tona.

— Você vai desistir de mim? — indaguei em um fio de voz com um medo absurdo de que ele me mandasse embora.

— Não... Não, é claro que não! — Sua expressão se suavizou e ele afagou meu rosto, beijou suavemente meus lábios. — Carolina, não sabe o quanto fiquei feliz em saber que serei o seu primeiro. Eu havia pensando em algo bem quente e selvagem para essa noite, mas como é sua primeira vez, eu mudo meus planos.

O temor se manifestou e por um momento vacilei. Eu era virgem e estava na cama com um homem que era perito na arte da sedução, do sexo e do prazer. Um pouco confusa, acabei deixando escapar em um sussurro:

— Eu... Tenho medo de não estar pronta.

— Quer ver como está pronta para mim? — perguntou escorregando seus dedos em direção a minha vagina molhada. Pressionou meu clitóris com força e fez movimentos de cima para baixo — Tão molhadinha! Você está prontinha para ser fodida, Carolina!

— Ahhh... Gael! — gemi enquanto meu clitóris pulsava forte ao contato de seus dedos.

— Como é a sua primeira vez eu abrirei uma exceção e farei sexo convencional — avisou roçando os dedos em meu rosto, pressionando sua ereção em meu ventre — Mas depois, eu quero tudo que tenho direito, Carolina. Você será minha por inteiro! Eu te ensinarei a me foder com sua boca e também a te dar prazer de outras formas. — Gael deslizou a outra mão em minha coxa e arreganhou ainda mais as minhas pernas.

Um calor absurdo tomou conta do meu corpo. Eu estava praticamente presa embaixo de seu corpo másculo, impossibilitada de me mexer. Gael beijou minha boca enquanto seus dedos estimulavam meu clitóris, me preparando. O desejo se manifestou com tudo e arquejei em seus lábios, erguendo o quadril para cima, me oferecendo.

Não sabia o que fazer com as minhas mãos. Estava sem reação. Paralisada, apenas sentindo o vigor descomunal desse homem que despertava milhares de sensações em mim. Deslizei meus dedos em seu bíceps bem feito e musculoso, apertei com vontade. Senti o contorno de seus braços, bem como de seu peitoral viril. Arranhei suas costas, mordi de leve a sua orelha. Gael gemeu.

— Serei carinhoso com você, minha menina. Carinhoso e intenso.

Seus olhos azuis estavam enigmáticos, duros, cruéis. Com uma mão ele segurou a minha coxa direita e a ergueu para cima, enquanto a outra acariciou em meus seios, atijando-me, enlouquecendo-me. Gael distribuiu beijos e

lambidas em meu pescoço, ombro, orelha até encontrar minha boca e capturar em um beijo arrebatador e voraz.

Tremi ao sentir seu pênis duro roçar a minha entrada. Ele se conteve e não me penetrou, mas continuou a me estimular com seus dedos. Enquanto o meu corpo relaxava, Gael escorregou a língua do meu pescoço até o meu ombro. Cravou os dentes dando uma mordida gostosa. Abracei-o ainda mais, buscando seus lábios desesperadamente. E ele me deu. O beijo foi delicioso, profundo, apaixonado.

— Tão linda e perfeita! — Seus olhos percorreram meu rosto, seios, ventre. E quando fitou minha vagina, seu olhar se tornou faminto.

Eu me contorci, em uma mistura de paixão e medo, perdida em um mar de sensações que desconhecia. Eu mordia os lábios, respirava com dificuldade, sem poder desviar meus olhos dos seus.

Para me atíçar um pouco mais, ele se debruçou em cima de mim e abocanhou um seio, sugando com força. Gritei sem poder conter toda aquela carga de desejo que me invadia, me consumia. Ele era tão intenso e tão selvagem que eu ficava sem reação, presa e cativa sob suas mãos.

— Gael... Ahhh... Por favor! Me faça sua! — choraminguei suplicando em desespero.

Foi então que ele se encaixou completamente no meio de minhas pernas e segurou seu membro, pressionando a minha entrada. Eu sabia que tinha chegado a hora e me dei sem reservas, sem medo e sem pudor.

— Agora você será minha, Carolina. Sempre se lembrará de como é a sensação de ter o meu pau em sua boceta. Vai gostar tanto que não irá querer outra coisa na vida.

E veio com tudo. Com uma estocada certa, me abriu. Senti a ardência se misturar a dor e ao prazer. Eu não estava preparada para tudo aquilo e gritei. Lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto ele se movimentava dentro de mim.

— Minha! Só minha, Carolina — rosnou em tom possessivo me beijando com paixão. Seus lábios engoliram meus gemidos, sua língua

roubou minha razão.

— Gael, está doendo! — protestei sem poder me conter.

— *Shhh!* Apenas se acostume comigo! — Ele bateu e voltou a preencher-me, estocando fundo, se movendo um pouco mais rápido. Era grande demais, grosso demais. Era tudo demais. — Porra! Que deliciosa e apertadinha. Vou querer te comer todo dia, menina. Toda hora!

Cravou os dedos em minha bunda e suspendeu um pouco do colchão. Ficou imóvel dentro de mim e eu arquejei. Gael buscou meus olhos, acariciou meu rosto suado, contemplou meu corpo.

— Está tudo bem? — indagou baixinho, seus lábios roçando os meus.

— Sim...

— Vou me movimentar. Acostume-se!

E começou sua dança erótica de vai e vem. No início ardia demais, era dolorido. Mas a dor se mesclava ao prazer, ao desejo e tornava a coisa toda extraordinária. Nunca esperei sentir prazer na primeira vez. Minhas amigas diziam que era muito dolorido e que não sentiam nada além de dor, mas comigo estava sendo diferente.

— Que gostosa do caralho! Diz que essa bocetinha é minha. Diz, Carolina! — Me encarou prendendo meu olhar ao dele. Suas palavras carregadas de obscenidade me excitavam ainda mais, me enlouqueciam.

— Sim... Só sua! Sou sua! — declarei entregue, abraçando-o, sentindo-o.

— Ah, porra! Só minha. É minha menina. Minha menina safada! — E voltou a se movimentar empurrando fundo, pressionando o meu útero.

Timidamente eu comecei a acompanhar seus movimentos e vi que Gael gostou. Ele sorriu e beijou meu pescoço, deslizando a boca até encontrar a minha. Nós nos beijamos apaixonadamente, enquanto nos movíamos. Encaixamos nossos corpos e ondulamos de prazer, interligados um ao outro.

Gael praticamente me comeu como um animal. Passou a se movimentar

mais profundo e mais rápido. Enterrou seu pênis até o fundo. Deu tudo dele e tomou tudo de mim. Meu corpo, minha alma. Beijou-me ainda mais, chupando minha língua, mordendo suavemente meus lábios. Eu me perdi em seu gosto, em seu cheiro, em sua sedução. Estava perdida e não queria ser encontrada tão cedo.

— Menina, o que você faz comigo? — indagou segurando meu rosto em suas mãos enquanto se mexia dentro de mim.

— O que você faz comigo, Gael? — devolvi sua pergunta, ofegante.

Pressentindo que eu estava quase lá, ele aumentou as estocadas. Me comeu com força, batendo e retrocedendo. O prazer tomou conta de tudo e eu gritei gozando e delirando. Foi a melhor coisa que senti em toda minha vida. Foi ardida, prazerosa, intensa e sublime. Foi tudo que eu imaginei e desejei.

Gael me apertou, estocou fundo e gozou, gemendo rouco em minha orelha. Senti seu membro se inchar dentro de mim e latejar forte, enquanto ele dava os últimos golpes.

Desabei em cima da cama com o corpo dolorido, a mente girando, o coração disparado. Gael se debruçou em cima de mim com o corpo suado, ofegante. Ele me beijou castamente e depois fitou meus olhos. Havia neles um brilho de satisfação e algo mais que não soube identificar o que era. Mas que me atingiram com força total.

Essa noite muita coisa mudaria em minha vida. E eu sabia que era apenas o início de tudo.

Capítulo 10

Lavínia

Acordei no outro dia com o corpo inteiro dolorido. Olhei para o relógio de cabeceira e vi que eram quase 6 horas da manhã. Gael dormia um sono profundo ao meu lado, com o corpo parcialmente coberto pelo lençol. Minha vagina doía um pouco conforme eu me mexia. Também pudera, depois da noite intensa de sexo que tive.

Sem fazer barulho, eu me sentei na cama e só então vi a mancha de sangue no lençol, que comprovava a perda da minha virgindade. Arregalei os olhos aos notar também que não era somente a roupa de cama que estava manchada de vermelho. As minhas coxas estavam um pouco lambuzadas de meus líquidos que se misturavam ao sangue. Fiquei chocada e deixei a cama com cuidado.

Gael continuou dormindo enquanto eu me vestia as pressas. Eu não sabia muito bem o que fazer e como agir. Ficaria muito constrangida quando ele acordasse e visse o lençol manchado de sangue. Mas nada se comparava ao medo de ter que explicar tudo a ele. Contar que eu não era uma acompanhante de luxo, que fiz uma brincadeira com meus amigos quando me inscrevi no site, que eu era uma estudante de piano que estava com a passagem aérea comprada para retornar ao Brasil em três dias. E além do mais, eu não queria envolver a família do Greg nessa história. Se meu irmão soubesse o que aconteceu, o risco de ele contar tudo ao meu pai era grande. E eu não queria que minha família tivesse uma imagem errônea a meu respeito.

Peguei a minha bolsa de cima da poltrona e olhei mais uma vez para Gael. Admirei cada pedacinho dele para ficar gravado em minha memória. Ele era um homem intenso, decidido e um completo mistério para mim. Eu não sabia nada dele, o que trabalhava, se era casado, se tinha namorada, filhos. Nada! Eu havia me entregado a um homem que não conhecia e que talvez nunca mais visse. Onde eu estava com a cabeça quando deixei me levar apenas pelo desejo?

Respirei fundo e caminhei na ponta dos pés até a pequena saleta. Eu sairia sorrateiramente, como uma covarde. Sabia que não era a coisa mais justa a fazer, mas não tinha escolha. Contudo, eu devia uma explicação para ele. Peguei o bloco de notas de cima da mesinha de centro e escrevi um bilhete. Enquanto encontrava as palavras certas para me despedir de Gael, um nó se formou em minha garganta e lágrimas escorreram pelo meu rosto. Limpei o pranto com um lenço de papel que tinha em cima da mesinha e deixei o bilhete.

Seria melhor assim, devido às circunstâncias. Foi uma doce, selvagem e luxuriosa loucura. A coisa mais doida que fiz em toda minha vida. E eu me lembraria daquele momento para sempre. Mas por hora, isso deveria ficar ali em Londres, apenas como uma recordação.

Pela última vez, eu o olhei ainda dormindo na cama. Meu coração se apertou, o ar me faltou e, por pouco não voltei a me acomodar ao seu lado. Decidi fazer o que havia proposto desde o início: ir embora. Girei a maçaneta e saí.

Quando entrei no táxi e me acomodei no banco traseiro, não contive mais o choro. Abaixei a cabeça em minhas mãos e deixei que as emoções transbordassem. Eu precisava disso. Precisava colocar para fora esse redemoinho de sentimentos que estavam me sufocando. Mas, sobretudo, eu não podia chegar em casa assim. Então, aproveitei a viagem para extravasar minha dor. Chorei calada, olhando através do vidro a manhã que despontava.

A pouca claridade que entrava das persianas me despertou. Abri os olhos, ainda um pouco sonolento e rolei para o lado, buscando o corpo de Carolina com as mãos. O lugar estava vazio. O lençol estava frio. Ela se foi! Abri os olhos completamente e me sentei na cama, atônito. Olhei para a mancha vermelha no lençol e me recordei de que fui o primeiro homem na vida dela. Aquele que tirou a sua virgindade.

Lampejos da noite prazerosa resplandeceram em minha memória. Fechei os olhos e pude ouvir os gemidos dela, sentir suas mãos em mim, seu gosto em minha boca, seu cheiro, seu calor. Mas eram apenas lembranças. Carolina não estava mais ali. Ela havia me abandonado antes mesmo de nascer o dia.

Irritado e frustrado, deixei a cama e vesti minha cueca *boxer*. Percorri a suíte em busca dela, embora soubesse que ela havia partido. Mesmo assim entrei no banheiro, olhei na saleta e nada. A realidade bateu de um jeito forte. Eu me dei conta de que Carolina tinha ido para não voltar mais. Pela primeira vez na minha vida, me senti sem ação. Eu, que sempre fui muito determinado, estava estaqueado no meio da saleta, olhando para a porta de saída, incrédulo.

Um sentimento de solidão preencheu o vazio deixado por Carolina. Aquilo me irritou ainda mais. Passei a mão pelo rosto, buscando o domínio de mim mesmo e pensando como faria para reencontrá-la.

Peguei o celular e liguei para o Kadu, explicando a situação. Dei as coordenadas da sua faculdade e da sua casa. Kadu me assegurou que a acharia. Deixei o celular em cima do criado mudo e caminhei até o banheiro. Fiz minha higiene matinal, tomei um banho rápido e voltei ao quarto. Vesti uma calça jeans e camisa. Calcei um par de sapatos pretos e caminhei até a saleta para me servir de uma dose de uísque. Precisava beber algo com álcool para desanuviar o pensamento.

Sentei-me no sofá, dando um gole na bebida e quando olhei para a

mesinha, vi um pedaço de papel escrito. Deixei o copo de lado e me concentrei no bloco de notas. Era uma carta de despedida de Carolina. Pisquei os olhos rapidamente e comecei a ler a mensagem que dizia:

“Gael, eu não tenho palavras para descrever os momentos que passei ao seu lado. Foi intenso, maravilhoso, apaixonante. Eu me descobri como mulher. Você me fez mulher e para sempre me lembrarei desse dia. Embora, estivemos poucos momentos juntos, eles foram os melhores que vivi até hoje com um homem. Me perdoe por sair sem me despedir. Nós não nos conhecemos, não sabemos nada um do outro além do que mostramos superficialmente. Mas eu tenho outra vida além dessa que você imagina. Tenho responsabilidades, pessoas que amo e que não quero que sofram por minha causa. Espero que me compreenda e que não pense que fugi de você, ou que me escondi para não dar explicações. Acredito que um dia, talvez um dia, os nossos caminhos ainda se encontrem novamente. É o que eu desejo. Você sempre será especial para mim. Sempre!

Beijos... Carolina!”

Passei a mão no rosto, nervoso, sem saber direito o que pensar, sentindo o coração bater angustiado em meu peito. Como Carolina pode fazer isso comigo? Deixar uma carta de despedida e sumir do mapa?! Mas as palavras escritas por ela martelavam a minha cabeça. Carolina tinha família? Ela mencionou que tinha responsabilidades e pessoas que ela amava. Certamente que estava falando sobre eles. Sua família morava aqui em Londres?

Na hora me recordei da casa onde eu a deixei, naquele bairro florido e do medo dela em aparecer comigo. Era lá então que sua família morava? Nervoso, levantei-me e saquei o celular do bolso. Liguei para Kadu, mas a chamada não completou e caiu na caixa de mensagem. Porra! Onde ele se meteu?

Decidi não esperar por ele e agir. Peguei as chaves do Bentley alugado e saí. Eu iria atrás da Carolina, mesmo que isso custasse a minha verdadeira identidade. Mas descobrir quem ela era de verdade era meu objetivo de agora

em diante.

Minutos depois eu estacionei o carro quase em frente a casa onde ela possivelmente morava. Não desci. Permaneci dentro do carro apenas observando o lugar. Não havia movimentação de pessoas no local e imaginei que, por ser domingo, eles não estariam em casa. Era comum para as famílias saírem para passear, ainda mais no verão londrino.

Esperei cerca de uma hora e nada. Olhei mais uma vez para a casa que tinha um jardim muito bonito e florido e desisti. Eu me recordei do que Carolina havia escrito na carta e decidi que o melhor a fazer era deixá-la viver em paz com sua família. Eu não queria trazer incômodo para ela. Quem estava sendo covarde dessa vez, era eu.

Dei a volta no quarteirão e retornei para o hotel. Cheguei com uma sensação ruim, com o peito sufocado e a mente inquieta. Joguei a chave no console e me atirei no sofá. Afundei a cabeça nas mãos e fiquei assim por um longo tempo. Até que escutei um barulho na porta e Kadu entrou.

— Kadu, onde você se meteu? Eu te liguei e caiu na caixa de mensagem! — rosnei, levantando e indo até o bar para me servir de uma dose de uísque. Sabia que não havia comido nada e essa era a segunda dose de bebida do dia. Mas foda-se! Eu estava puto!

— Ih, Gael! Vira essa metralhadora para outro lado — disse em tom brincalhão e se acomodou no sofá de frente para mim. — Você não queria informações da gatinha? Então, aqui está tudo o que eu descobri. — Ele esticou a mão em minha direção entregando o papel.

Ansioso, deixei o copo com a bebida de lado e li as informações que Kadu acabara de me trazer. Algumas delas eu já sabia, porém uma despertou minha atenção. Carolina estava com viagem marcada para o Brasil. Ela deixaria a Inglaterra amanhã.

— Como você descobriu isso, Kadu?

— Falei com uma amiga dela, chamada Bianca. A garotinha caiu no meu papo, e me revelou que a Carolina vai embarcar para o Brasil em menos de 24 horas.

— Mas que porra! — praguejei irritado. — E a nossa viagem de volta está marcada para quarta.

— Pois é... Nem tudo são flores. — Ele deu de ombros, resignado. — O que você vai fazer?

— Vou ao aeroporto vê-la, nem que seja pela última vez!

Nada me impediria de fazer o que me propus. Nem mesmo arriscar a minha carreira e a minha vida. Eu precisava ver Carolina mais uma vez.

Capítulo 11

Lavínia

Após receber os resultados dos exames da faculdade, Fred, Bianca e eu fomos para o aeroporto. Greg e Lorena, junto com a pequenina Angelina, fizeram questão de nos levar.

Eu estava calada e minha apatia era notória. Meu irmão e minha cunhada acreditavam que o motivo era o retorno ao Brasil e o fato de que ficaria longe deles e de Angelina. Eu estava triste por ter que partir e deixá-los, mas uma parte de mim estava destruída por não poder se despedir de Gael, por não ter podido contar a verdade a ele. Isso estava acabando comigo. Menti para minha família, que eram as pessoas mais importantes para mim, e menti para ele.

Estávamos no saguão, com as malas em prontidão, nos despedindo do meu irmão e da minha cunhada. Até mesmo meus amigos estavam tristonhos, pois gostavam muito de Lorena e Greg.

— Vou sentir tanta saudade! — Abracei Lorena, dei um beijo em Angelina, que estava em seus braços e meu coração se apertou.

— Lavínia, não fique triste. Em breve nós iremos ao Brasil te visitar — disse Lorena tentando me tranquilizar.

— Vocês vão mesmo?

— Claro, maninha! — Greg beijou o topo da minha cabeça e afagou meu cabelo com carinho. — Papai e mamãe estão loucos para conhecer a Angelina.

— Ah, isso é verdade. Quando eles ligam, sempre perguntam da Angel. — Dei um sorriso melancólico, lançando um olhar rápido para o relógio de pulso.

— Pimentinha, precisamos ir — disse Fred preocupado.

— Obrigada por terem nos dado carona, Greg e Lorena. Vocês são demais! — exclamou Bianca abraçando os dois e se despedindo. Fred fez o mesmo.

Depois de abraçar meu irmão e minha cunhada e dar mais um beijo na Angelina, empurrei o carrinho com as malas e segurei o pranto. Eles ficaram acenando e sorrindo, até que nós desaparecêssemos no imenso corredor.

Já tínhamos passado pelo detector de metais e estávamos nos dirigindo em direção ao setor de embarque. Eu estava com a cabeça baixa, perdida em meus pensamentos, secando algumas lágrimas que teimavam em cair. Quando ergui a cabeça e olhei para o vidro que separava a plataforma de embarque do restante do saguão, eu vi Gael. Meu coração disparou, minhas pernas estremeceram e nossos olhares se encontraram. Ele estava parado do lado oposto ao meu, me observando. Não teve uma partícula de meu corpo que não reagisse àqueles olhos do azul mais claro e límpido que vi em toda minha vida.

Interrompi os passos e nos encaramos. Fui inundada por uma onda de sentimentos, que me atingiu com força total. Tive uma vontade imensa de jogar tudo para o alto e correr para seus braços. Queria beijar sua boca, me embriagar com seu gosto, enfiar meus dedos em seu cabelo e me perder em seu cheiro. Lutei contra todas as forças que me atraíam para ele, que me puxavam como um ímã. Lutei contra minhas emoções e a razão falou mais alto. Para ele eu seria a Carolina, a sua menina que ele fez mulher. E para mim, ele seria o meu segredo, a minha loucura, a minha paixão proibida.

Não foi preciso dizer nada, fazer nenhum gesto, pois nossos olhos diziam tudo. Não havia mágoa, rancor ou raiva em seu olhar. O que havia era

uma promessa silenciosa de que ele faria de tudo para me ver novamente. E lá no fundo, bem lá no fundo, eu sabia que nos veríamos de novo. Sabia que a nossa história estava começando. E embora eu não soubesse nada da vida dele e nem ele da minha, o destino nos colocaria frente a frente de novo.

Com o coração apertado, encarei Gael pela última vez. Virei o corpo lentamente e me movi em direção aos meus amigos, que me esperavam com semblante especulativo. Bianca e Fred perceberam que eu estava absorta e me interrogaram. Eu dei uma desculpa qualquer e eles acreditaram.

A vida era repleta de surpresas, de oportunidades, de encontros e desencontros. Mas uma segunda chance seria dada. Como eu podia ter tanta certeza? Eu não tinha! Mas o meu coração sim!

FIM

NOVATO CAFAJESTE

1

Insônia

Kaique

Faltava apenas um parágrafo para eu terminar o trabalho da faculdade, mas as ideias não surgiam. Então guardei a papelada, tomei um banho e me atirei na cama. Fiquei horas pensando no maldito trabalho e nada de pegar no sono.

Seria mais uma daquelas noites infundáveis de insônia. Eu me remexia de um lado para outro sem poder dormir. Fechei os olhos, tentei relaxar, contei carneirinhos. E o sono não veio!

Pensei nos meus amigos se divertindo em noitadas e no dia seguinte indo na faculdade como uns mortos vivos, dormindo em cima dos livros. Eu era muito reservado, tímido e quase nunca saía em baladas e festas. Devido a minha timidez eu não chegava nas garotas e acabava sempre frustrado.

Liguei o abajur e eram quase 2 horas da manhã. Merda! Eu tinha que estar na faculdade às oito. Fui até a cozinha – eu morava em um *kitnet* – peguei uma cerveja e voltei. Ia beber e navegar na internet até que o sono viesse. Às vezes isso funcionava.

Coloquei meus óculos de grau, acessei o Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, sites de entretenimento e nada. Suspirei fundo, muito entediado e chateado, bebendo a minha cerveja, quando em uma das muitas redes que eu

acessava apareceu a propaganda de um site de relacionamentos: luxuria.com.

Pensei em um *nickname* convidativo, algo que atraísse as mulheres. Leone, meu primo, e Renato, meu amigo, me diziam que as garotas gostavam de homens safados, conquistadores. Devia ser por isso que ele sempre se dava bem com elas e eu não. Foi pensando nessa ideia que acessei e entrei com o *nickname* “Novato Cafajeste”. Era a primeira vez que eu entrava em uma sala de bate papo.

Fiquei impressionado com a quantidade de pessoas que estavam on-line. A sala estava quase lotada. Pelo menos não era só eu que estava sem sono. Algumas pessoas puxavam conversa. Mulheres e homens. Eu ria, mas não havia nenhum *nickname* convidativo que me despertasse atenção. Até que “Pecadora” puxou conversa.

PECADORA: *Gosto de Novatos Cafajestes. Adoro ensinar! Como você é?*

Pensei por um momento se eu deveria dar minhas características verdadeiras para uma desconhecida ou se criaria o Christian Grey dos sonhos dela. As mulheres gostavam de fantasias de homens lindos e perfeitos, do príncipe encantado. Não que eu fosse de se jogar fora. Eu me achava atraente e até bonito. Praticava exercícios físicos com regularidade e mantinha uma alimentação saudável.

Após pensar por alguns instantes, resolvi me pronunciar.

NOVATO CAFAJESTE: *Como você prefere que eu seja?*

PECADORA: *Quero suas características reais!*

Sua resposta me surpreendeu. Bebi mais um pouco e me endireitei na cama.

NOVATO CAFAJESTE: *Tenho cabelos e olhos castanhos claros, 1,83m de altura e pratico exercícios com frequência.*

Enviei a mensagem me achando um pouco ridículo, afinal nunca me descrevi assim para ninguém.

PECADORA: *Humm... Interessante! Gosto de homens fortes! Aliás, eu gosto de tudo que é forte!*

Suspirei. Abri um pouco mais os olhos e a minha curiosidade em saber como ela era aumentou.

NOVATO CAFAJESTE: *E você como é, Pecadora?*

PECADORA: *Sou a mulher que todo o homem sonha em ter na vida: uma dama na sociedade e uma puta na cama.*

Quase me engasguei com a cerveja. Deixei a *long neck* de lado e me concentrei apenas na tela do notebook. Eu não esperava por essa resposta. Na verdade, eu queria saber como ela era fisicamente e isso só fez aguçar ainda mais a minha imaginação. Eu me aprumei na cama e escrevi uma mensagem.

NOVATO CAFAJESTE: *Eu quero muito saber como você é fisicamente. Se descreva para mim!*

Pecadora demorou um pouco para responder. Talvez estivesse pensando no que escrever. Fiquei inquieto. Os cinco minutos que esperei pareceram anos. Por fim ela respondeu:

PECADORA: *Cabelo castanho na altura dos ombros, estatura mediana, trinta e poucos anos, corpo curvilíneo, pele dourada, olhos castanhos. Sou aventureira, gosto de seduzir e ser seduzida. Sou fascinada por jogos de prazer. Essa sou eu!*

Meu corpo respondeu aquela descrição. Senti uma onda de eletricidade se espalhar em minha pele e se alojar em minha virilha. Meu pau ficou duro, comecei a transpirar, e quando dei por mim, eu arquejava.

Essa mulher sabia o que fazia! Mas algo me deixou frustrado: eu era mais novo do que ela. Estava cursando faculdade e trabalhava como estagiário meio turno em um escritório de advocacia. Uma mulher assim, experiente, não daria conversa para um carinha de vinte e dois anos como eu! Daria?

Fiquei um pouco receoso e nem sabia como continuar o assunto. Li novamente as características dela, muito atento. Deveria de ser muito linda,

gostosa e safada. Minha mente vagueou em pornografias. Foi inevitável.

PECADORA: *Ainda está ai, Novato Cafajeste?*

Pisquei rapidamente e enviei uma resposta.

NOVATO CAFAJESTE: *Sim!*

PECADORA: *O que procura nesse submundo de chat?*

NOVATO CAFAJESTE: *Bem, eu... Entrei porque estava com insônia!*

Que merda de resposta eu fui dar? Que coisa mais broxante! Eu devia estar sendo criativo e não uma máquina de responder no piloto automático. Porra! Precisava ter foco!

PECADORA: *Isso é ruim!*

NOVATO CAFAJESTE: *E você, o que procura?*

Sorri ao digitar a pergunta certa. Estava tão elétrico em saber o que aquela mulher intrigante buscava na internet naquela hora da madrugada, que não consegui desviar meus olhos da tela.

PECADORA: *SEXO!*

Fiquei agitado na hora. Aquela palavra veio como uma onda me atingindo com força total. Ofeguei, passei a mão pelo rosto, terminei de beber a minha cerveja para ver se eu me refrescava, mas era inútil. Meu corpo estava pegando fogo e meu pau se avolumava ainda mais na cueca. Eu desejava essa mulher e isso me assustou um pouco.

NOVATO CAFAJESTE: *Quero conhecê-la!*

Enviei na maior cara de pau, louco para que ela dissesse sim ou que me desse um contato. Eu estava alucinado em plena madrugada, na frente do computador. Era o efeito da cerveja! Não tinha outra explicação!

PECADORA: *Estarei aqui amanhã, depois da meia-noite. Te espero! =)*

Ela finalizou e saiu me deixando intrigado e excitado. Porra! Eu não acreditava que não havia conseguido o número do *Whatsapp* dela, nem um

endereço de Skype ou de e-mail.

Desliguei o notebook e me recostei na cama. Estava cansado. Meus olhos pesavam, mas minha cabeça estava a mil. Eu tinha que entregar o trabalho logo na primeira hora da manhã, mas minha cabeça estava totalmente voltada para a Pecadora.

Ela tinha razão! Eu estaria on-line, esperando por ela.

2

Contato

Kaique

Consegui terminar o trabalho em tempo no outro dia. Acordei cedo e finalizei a ideia. Dormi muito pouco a noite passada e tive sonhos eróticos com a tal Pecadora. Sonhei com uma mulher que nem conhecia. Eu só podia estar ficando louco.

Cheguei na faculdade e logo na entrada da sala de aula eu me deparei com a minha professora de Direito Civil: a doutora Vanessa, uma morena gostosa de trinta e poucos anos, com um corpão de dar inveja em qualquer menininha. Tinha os olhos castanhos claros, cabelo igualmente castanho, em um corte Chanel, a boca de lábios sensuais. Era linda, mas, infelizmente, casada.

Eu me sentei a minha mesa e tirei os livros da mochila. Vanessa estava acomodada em sua mesa, arrumando a papelada para iniciar a aula. O casamento dela não ia bem pelo que eu sabia. O marido, um empresário do ramo hoteleiro, vivia viajando e deixava a família sozinha. Todo mundo comentava que o casamento deles era somente de aparências e que ele a traía. Alguns de meus colegas até viram o marido dela na companhia de algumas garotas. Infelizmente a privacidade das pessoas estava ameaçada no mundo de hoje.

Vanessa se levantou, linda e exuberante. Usava uma saia-lápis, blusa de

seda sem mangas e *scarpins*. Ela lançou um olhar na minha direção e abriu um sorriso discreto, charmoso. Ajeitou os óculos no rosto e começou a aula.

Enquanto ela explicava a matéria, meus colegas perguntavam algum ponto que não entendiam. A professora Vanessa respondia, sempre educada e atenciosa. Eu ficava apenas escutando tudo com atenção, tentando manter meu foco no estudo.

Cerca de duas horas depois a aula terminou. Depois de recolher os trabalhos, a doutora Vanessa folheou a papelada e me chamou:

— Carlos Henrique?

Sua voz baixa chegou até meus ouvidos. Engoli em seco e quando ergui meus olhos para responder, ela estava caminhando na minha direção. Parei tudo que estava fazendo para dar atenção a ela.

— Pois não, professora!

— Você se esqueceu de colocar o seu nome no trabalho. — Ela parou diante da minha mesa e me entregou a papelada.

— Ah, desculpe! Eu... ãhn... Tive um dia atribulado ontem... — expliquei enquanto ajeitava os óculos de grau. — Eu posso digitar novamente e entregar depois do intervalo.

— Eu não vou estar aqui. Você pode escrever a caneta, dessa vez. Não tem problema. Eu não vou descontar a sua nota! — Ela deu um riso baixo, divertido.

Escrevi o meu nome e entreguei de volta para ela.

— Até a próxima aula, Carlos Henrique! — Sorriu e deixou a sala.

Arrumei minhas coisas na mochila e senti um tapinha nas minhas costas. Me virei e era o Renato, meu amigo e colega de classe.

— Kaique, vamos jogar aquele futebolzinho hoje à tardinha?

— Não vai dar, cara! Tenho muita coisa acumulada no trabalho e a chefe é exigente. Você sabe! — disse me movendo para fora da sala de aula.

— Exigente e boazuda! — Ele soltou um riso descontraído. — Então vamos naquela boate nova que abriu beber umas e ver a mulherada.

— Renato, se a Beatriz ouvisse você falando assim, certamente que ela cortaria suas bolas fora. — Agora foi a minha vez de rir, mencionando a namorada dele, que não era nada santa.

A mulher era cinco anos mais velha do que ele e dava em cima de mim deliberadamente quando Renato não estava presente. Não posso negar que ela era bonita e gostosa, e era um trabalho árduo para eu me controlar para não cair em tentação.

— Beatriz está de férias com a família dela em Bariloche. Vamos, cara?

— Renato, hoje eu não posso mesmo. Estou atolado de trabalho. Fica para a próxima! — Pisquei um olho para ele.

— Beleza! Então vamos para a biblioteca que eu preciso ver uns livros para pesquisar.

Saímos em direção a biblioteca, mas meu pensamento só me remetia a bela morena da internet. Ninguém me tiraria de frente do computador essa noite. Eu tinha um encontro marcado com a Pecadora.

Era tarde quando cheguei em casa. Estava cansado, com fome e louco por uma ducha, mas nada disso diminuía a minha ansiedade. Depois de um banho tomado, preparei um sanduíche, um suco de laranja e me acomodei na cama. Liguei o computador, acessei o site luxuria.com e entrei na sala de bate papo. Pecadora não estava lá.

Olhei para o relógio do meu celular e eram pouco mais de onze horas. Ainda era cedo. Ela disse que apareceria depois da meia-noite. Tentei me distrair, controlando a minha ansiedade, navegando nas redes sociais e comendo o meu lanche. Mas eu estava inquieto demais. Nada me distraia por

muito tempo.

Estava bebericando o suco, quando ela entrou. Pecadora estava on-line. Nem deu tempo para eu piscar e ela já me chamava.

PECADORA: *Esperando por mim, Novato Cafajeste?*

NOVATO CAFAJESTE: *Sempre!*

Deixei tudo de lado somente para me concentrar nela.

PECADORA: *Você deve se perguntar o que eu faço numa sala de bate papo?*

NOVATO CAFAJESTE: *Na verdade, eu estou muito curioso a seu respeito.*

PECADORA: *É o tédio! Eu odeio ficar entediada e entro aqui para falar sobre vários assuntos. Entre eles o sexo!*

Sexo! Essa palavrinha que mexia com meus instintos e me deixava em combustão. Respirei fundo e continuei prestando atenção no que ela escrevia.

PECADORA: *Adoro sexo de várias formas e você?*

Se eu adorava sexo? Eu gostava e muito! Mas devido a rotina intensa que eu conciliava estudos e trabalho, não tinha muito tempo para sair e paquerar.

NOVATO CAFAJESTE: *Sim, eu adoro sexo!*

PECADORA: *Eu sabia! O que mais te excita em uma mulher?*

NOVATO CAFAJESTE: *Tudo!*

PECADORA: *Tudo é muito abrangente! Seja mais detalhista!*

Eu me aprumei e tentei responder aquela pergunta de uma maneira que não soasse tão mecânico e nem ridículo.

NOVATO CAFAJESTE: *Adoro calcinha fio dental e sou tarado por peitos. Também gosto de bunda, não vou negar.*

PECADORA: *Interessante... E como você me seduziria?*

Pisquei rapidamente e não acreditava que eu estava prestes a fazer sexo pela internet com uma mulher que me excitava pra caralho, mas que eu não conhecia. Isso era loucura! Mas uma loucura excitante!

Já que ela estava me dando corda eu aproveitaria e pegaria pesado, mas antes precisava saber se ela curtia o que eu tinha em mente.

NOVATO CAFAJESTE: *Gosta de um palavreado sujo ao pé do ouvido?*

PECADORA: *Adoro!*

Sorri. Essa era a minha deixa para ir com tudo.

NOVATO CAFAJESTE: *Eu começaria beijando seu pescoço, deslizando a língua em sua pele, até encontrar seus seios. Depois eu abocanharia um por um e chuparia com vontade, ouvindo você gemer muito.*

PECADORA: *Continua que eu estou adorando.*

NOVATO CAFAJESTE: *Distribuiria beijos em sua barriga, até chegar no seu ventre. Contornaria a borda da calcinha com a língua e arrancaria ela com os dentes.*

PECADORA: *Mais, mais, mais... Por favor!*

Um calor me invadiu e senti meu pau enrijecer. Só de imaginar que ela estivesse se masturbando do outro lado da tela, me deixava louco. Enfieei uma das mãos dentro da minha calça e agarrei meu pau com força, enquanto a outra eu usava para digitar.

NOVATO CAFAJESTE: *Eu chuparia você, enfiaria a língua dentro da sua boceta, indo e vindo, lambendo, mordiscando seu clitóris, até que você implorasse para eu te comer. E eu te foderia de todas as maneiras. Faria você gozar muito que no outro dia, nem iria saber seu nome.*

Fiquei apavorado comigo mesmo com o que tinha acabado de escrever. Afinal, eu bebi suco de laranja e não um uísque! Eu estava quase gozando dentro da cueca.

Silêncio. A tela ficou branca por alguns momentos. Era torturante não saber o que a pessoa estaria pensando ou fazendo do outro lado. Pecadora havia gostado da minha safadeza on-line ou ela estaria achando aquilo sem graça? Pelo menos ela não saiu da sala. Seu *nickname* continuava lá.

De repente o nome dela piscou na tela. Meu coração deu um salto.

PECADORA: *Meu número de telefone é 9999999999. Não entre em contato comigo. Eu entrarei em contato com você! Boa noite, Novato Cafajeste!*

Quase enfartei. Pela primeira vez eu senti que o universo estava conspirando ao meu favor.

3

Convite inusitado

Kaique

Estava olhando para a tela do *Whatsapp*, tentando decifrar aquela foto que apenas mostrava as pernas torneadas e os pés que estavam de *scarpins* vermelho. O que eu mais queria ver, que era o rosto, estava oculto.

Suspirei frustrado, sem ter coragem para enviar uma mensagem. Pecadora disse que entraria em contato comigo, mas já se passou um dia e nada. Ela não havia entrado no site de bate papo ontem. Eu fiquei esperando por ela até às duas horas da manhã, com os olhos grudados na tela do computador. Será que ela desistiu de me conhecer?

Meus pensamentos foram interrompidos pelo som do telefone. Ainda com os olhos fixos no meu celular, atendi ao telefone do escritório.

— Bom dia, escritório de advocacia C&S Associados.

— Carlos Henrique? — Ouvi voz sensual da doutora Cecília do outro e guardei o celular, me endireitando na cadeira.

— Pois não, doutora!

— Venha a minha sala e traga os autos processuais de divórcio litigioso da senhora Carmem Almeida.

— Sim! É pra já!

Agarrei a papelada de cima da mesa, me levantei e fui até a sala dela. Dei uma batidinha na porta e entrei. Dra. Cecília estava concentrada em uns autos processuais, mas ao sentir minha presença ergueu os olhos para me olhar. E que olhar! Ela me analisou de cima abaixo, quase tirando minhas roupas com os olhos. Puta que pariu!

— Oi, Kaique! — Sorriu sensualmente me chamando para perto. — Adorei a cor da sua camisa! Adoro azul!

— Obrigado, doutora! — agradei um pouco sem jeito, me acomodando a cadeira a sua frente e colocando a documentação sobre a mesa. — Aqui está o processo que a senhora pediu.

— Kaique, quando você vai aprender que não precisa me chamar de senhora? Assim parece que eu tenho cinquenta e poucos anos e trinta e seis! — Ela fez uma careta enquanto abria os autos.

— Desculpe! É força do hábito!

Enquanto ela analisava os papéis, eu me concentrava em analisá-la melhor. Era boazuda, como Renato havia falado outro dia na faculdade, tinha o cabelo cor de chocolate, na altura dos ombros, olhos castanhos escuros, boca de lábios tentadores, corpo maravilhoso, cheio de curvas. Era muito gostosa, mas era minha chefe. No entanto, parecia que isso não importava para ela. Cecília não disfarçava nem um pouco seu interesse por mim e isso tornava o meu trabalho muito árduo. Em todos os sentidos!

— Kaique, nós temos uma festa para ir hoje à noite — disse após analisar o processo.

— Nós?! — Arregalei os olhos surpreso.

— Sim! Quero que você vá comigo!

— Dra. Cecília, eu não sei se posso... — Fiquei relutante, pois se eu fosse com ela na festa, eu perderia mais uma vez de falar com a Pecadora pela internet. E isso não estava em meus planos.

— Você tem um compromisso?

— Não! É que... Bem... — eu não sabia o que responder diante do olhar intimidante da minha chefe.

— Eu preciso muito que você vá comigo, Kaique. — Ela se levantou, contornou a mesa e se recostou na borda. — Não aceito não como resposta!

Sua voz levemente rouca e baixa entrou em meus ouvidos e bagunçou meu cérebro. Não tive como evitar e meus olhos passearam pelo seu corpo coberto pelo vestido de seda. Fiquei sem saída! Cecília sabia muito bem como persuadir alguém.

— Certo! Eu vou com você! — falei finalmente me levantando e ficando de frente para ela. Cecília abriu um sorriso largo.

— A festa é social. Use terno e gravata. Eu passo para te pegar, se você quiser.

— Oh, não precisa! Eu vou com o meu carro.

— Está bem! — Ela fez uma careta e anotou algo em um papel. — Esse é o endereço.

— Eu sei onde fica!

— Ótimo! Nós nos encontramos lá as 8 horas! — Ela sorriu com malícia e finalizou: — Será uma noite muito divertida!

Dei um meio sorriso, enquanto as palavras entravam em minha mente. Eu podia esperar tudo da minha chefe liberal. E isso me assustava um pouco.

Guardei o bilhete e deixei a sala dela muito pensativo. Quais seriam os planos da doutora Cecília para essa noite?

Terminei de vestir o terno com a gravata, calcei meu sapato e olhei mais uma vez para aquela imagem que tanto me intrigava no *Whatsapp*. Meus dedos coçaram com vontade de enviar uma mensagem, pelo menos um “Oi”,

mas me contive. Pecadora foi muito enfática quando disse que entraria em contato comigo. Eu não colocaria os pés pelas mãos. Iria esperar o contato dela. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ela enviaria uma mensagem.

Peguei as chaves do meu Volkswagen Gol e saí. Minutos depois eu estava chegando na festa que acontecia na casa de um empresário muito rico. Parei o carro e o manobrista já se aproximava para estacioná-lo. Entreguei as chaves para ele e entrei.

Logo no *hall* o meu celular vibrou dentro do bolso da calça de linho. Quase enfartei. Saquei o aparelho do bolso, ansioso, imaginando que podia ser a Pecadora que finalmente havia entrado em contato comigo, mas não era. Quem enviava uma mensagem era a doutora Cecília.

“Vi você chegar. Estou indo até você!”

Suspirei um pouco frustrado, enfiando o aparelho de volta no bolso da calça. Eu esperava pelo contato dela. Estava quase desesperado. Mas era noite de sexta e certamente que Pecadora devia ter planos mais excitantes para se divertir do que ficar em frente ao computador. Aquele pensamento me deixou ainda mais inquieto.

— Kaique! — exclamou Cecília se aproximando e me devorando com os olhos. — Uau! Você está um gato! E está sem óculos! Gostei!

— Obrigado, doutora!

— Cecília! Fora do trabalho é apenas Cecília! — ela me corrigiu sorridente.

— Cecília! — falei meio sem jeito. — Você também está muito bonita!

Bonita o quê?! A mulher estava simplesmente deslumbrante, comestível. Santo Deus! O que era aquele vestido vermelho, longo com uma fenda generosa na perna? Tive que conter o meu pau que deu sinal de vida dentro da calça. Cecília estava vestida para matar, ou para “me” matar, porque eu

estava fervendo de tanto tesão só de olhar para ela. Maldita! Era gostosa demais, mas era minha chefe!

— Venha, Kaique! Vamos nos divertir um pouco. — Ela me conduziu para o interior da casa, se misturando em meio às pessoas.

Um garçom passou por nós e nos serviu de espumante. Cecília me apresentou a muitas pessoas, advogados, juízes, promotores, desembargadores e até deputados. Conheci muita gente rica, esnobe e cheia de frescura, mas também pessoas legais, humildes e simpáticas.

A festa estava animada e nem vi o tempo passar. Bebi muito espumante e me sentia mais leve. Eu não estava acostumado a beber esse tipo de bebida e já podia sentir os efeitos que ela estava causando na minha cabeça.

Cecília tinha acabado de sair para ir ao banheiro e eu fiquei ali, observando a festa e bebendo. Era quase onze horas da noite, quando senti o celular vibrar no bolso da calça. Rapidamente saquei o aparelho e nem acreditei quando vi quem me enviava uma mensagem de *Whatsapp*. Era a Pecadora!

“Gostei do cachorrinho... rsrs =P”

Pisquei sem entender a que ela se referia e logo avistei a foto do meu perfil. Era do meu cachorro labrador, que estava na casa dos meus pais. Sorri. Enviei uma mensagem a ela:

“Te esperei ontem a noite e você não apareceu”.

“Eu tive contratempos... Sentiu minha falta?”

“Sim!”

Bebi mais um gole do meu espumante enquanto esperava pela resposta dela.

“Também senti a sua! Estou doida para conhecê-lo, saber como me faria gozar”.

Engoli em seco. Olhei para os lados temendo que Cecília pudesse retornar a qualquer momento e me pegasse no meio dessa conversa quente e excitante.

Aproveitei que o álcool tomava conta do meu cérebro e enviei uma mensagem bem descarada:

“Vou comer você inteirinha!”

“Não vejo a hora disso acontecer... Beijos, Novato Cafajeste! Nos falamos”.

E ela ficou off-line. Não pude deixar de sentir um desapontamento me atingindo e me deixando desolado. Essa mulher estava acabando com a minha sanidade. Eu estava doido para conhecê-la, matá-la de prazer até a exaustão.

— Sentiu minha falta?

Dei um pulo da cadeira e guardei o celular. Cecília estava parada diante de mim com um sorriso malicioso, cheio de segundas intenções. Pigarreei um pouco nervoso, enquanto as palavras dela ecoavam em minha cabeça. Pecadora havia acabado de me fazer a mesma pergunta. Quanta coincidência!

— Está ficando tarde... — balbuciei deixando a taça em cima da mesa.

— A noite é uma criança! — Ela se aproximou, agarrou a minha mão e disse: — Vem! Quero te mostrar uma coisa.

Abri minha boca para protestar, mas era tarde demais. Cecília me conduziu para um banheiro luxuoso, trancou a porta e me encarou com olhar safado. Engoli em seco enquanto ela avançava a passos lentos, me devorando com os olhos.

— Kaique, eu estou doida para sentir seu cheiro, seu gosto... — Ela deslizava a língua pelo meu pescoço, despertando eletricidade em meu corpo.

— Doutora Cecília, o que está fazendo? — sussurrei num misto de desejo e assombro. Santo Deus!

Ela não respondeu e me empurrou contra a pia de mármore. Colou seu corpo ao meu, se esfregando em mim, distribuindo beijos em meu pescoço. Eu fiquei sem reação. Não sabia o que fazer com as mãos, se a atacava também ou se a impedia. Por fim, ela decidiu por mim. Agarrou a minha nuca, me puxou para baixo e enfiou a língua em minha boca.

Cecília não me beijava, ela se alimentava de mim, movendo seus lábios com rudeza contra os meus, gemendo em minha boca. Fui vencido pelo tesão e a beijei de volta, entrelaçando meus dedos em seu cabelo, saboreando seus lábios.

Ela parecia um pouco afoita e começou a desabotoar a minha calça, descendo com o zíper. Quando uma de suas mãos alcançou meu pau rijo dentro da cueca, eu soltei um rosnado em sua boca. Cecília fechou a mão em torno da minha extensão, massageando de cima para baixo. Puta que pariu! Isso estava ficando muito bom!

E a coisa esquentou ainda mais. Ela caiu de joelhos em minha frente, abaixando minha calça com a cueca. Arregalei os olhos se acreditar no que estava acontecendo. A minha chefe estava prestes a me chupar no banheiro, no meio de uma festa.

— Doutora, por favor... — gemi sem saber se queria que ela parasse ou continuasse.

— Que pau mais lindo, grande e grosso! — Sorriu com malícia, me encarou e abocanhou a minha carne.

— Porra! — grunhi fechando os olhos, sentindo sua boca macia indo e vindo, me deixando doido.

Cecília parecia faminta. Engolia o meu pau e chupava com precisão. Sua língua deslizava na cabeça, me atijando, e então ela voltava a meter tudo para dentro.

Abri os olhos e a olhei um tanto chocado com tudo aquilo, com o prazer que eu estava sentindo. Eu nunca pensei que eu fosse sentir tanto desejo.

— Caralho, que boca deliciosa! — Estremeci movendo o quadril lentamente, acompanhando seus movimentos.

A festa acontecia do lado de fora e eu escutava os burburinhos das pessoas, da música. Aquilo era combustível máximo para o orgasmo emergir. Cecília aumentou o ritmo e eu não aguentei. Gozei feito um louco, rosnando e comendo sua boca sem dó. Ela engoliu cada gota, lambendo os lábios de um jeito muito sacana, me olhando com libertinagem.

Ofegante eu a ergui pelos ombros, virando e a colocando contra a pia. Estava decidido a fodê-la ali mesmo, quando ouvi uma batidinha na porta. Pisquei rapidamente e minha razão retornou com força total. Eu me distanciei da Cecília, vestindo minha calça, muito envergonhado para encará-la depois de tudo que fizemos.

A pessoa continuou a bater na porta e falar do outro. Parecia com pressa. E eu sem saber como sairia dali com Cecília, sem que chamássemos a atenção dos convidados.

Cecília me olhou um pouco frustrada, ajeitando o vestido que eu havia subido. E permanecemos por alguns minutos trancados no banheiro até que estivesse seguro para sairmos.

Como eu iria olhar na cara da minha chefe novamente?

4

Curiosidade

Kaique

Passei o final de semana em casa. Embora o meu primo Leone, o rei dos cafajestes de plantão, tivesse me convidado para cair na farra no sábado à noite, eu recusei dizendo que tinha que estudar. Era uma desculpa, na verdade. Eu fiquei na frente do computador e com o celular ao meu lado, esperando que a Pecadora entrasse em contato comigo pelo *Whatsapp* ou pelo site, mas ela não entrou.

Na segunda-feira, eu e a doutora Cecília nos tratamos de maneira formal, falando apenas de assuntos profissionais. Parecia que a pegação quente que aconteceu na festa não tinha acontecido. Cecília sabia disfarçar muito bem a situação e eu tentei fazer o mesmo. Mas às vezes eu a pegava olhando para mim de maneira diferente, com os olhos brilhando e um sorriso atraente. Tive que me controlar para não demonstrar excitação. Eu ainda não tinha parado para pensar quais as consequências que aquela loucura traria para mim.

No outro dia, depois da aula, eu fui até a cantina da faculdade para comer um lanche. Pedi um hambúrguer e uma tônica e me sentei. Abri meu código de processo penal e comecei a ler. Tinha prova essa semana e não havia estudado quase nada.

Estava concentrado na leitura quando vi que alguém parou diante da mesa. Ergui os olhos e vi Beatriz, a namorada do Renato, sorrindo para mim.

— Oi, Kaique! Posso me sentar com você? — perguntou enquanto segurava bandeja com seu lanche.

— Sim, claro! — Sorri sem acreditar que ela estava ali.

Beatriz puxou a cadeira e se acomodou diante de mim. Ela era formada e trabalhava como técnica judiciária. Estava ali concluindo sua segunda especialização em Direito.

— Eu não quero atrapalhar a sua leitura.

— Você não atrapalha, não! — Fechei o livro e me virei para ela.

— Está estudando o quê? — indagou mordendo seu sanduíche.

— Processo Penal.

— Eu adorava essa matéria quando fazia faculdade. Penal é lindo na teoria, mas na prática a gente se desilude um pouco. — Sorriu e seus olhos castanhos me analisaram.

Ela era bonita, mais velha do que o Renato, tinha olhos negros, cabelo castanho na altura dos ombros e um sorriso encantador. Era atraente, praticava exercícios e mantinha o corpo em forma. Eu fingia que não percebia os olhares de cobiça que ela me lançava e tentava parecer o mais natural possível. Afinal, ela era namorada do meu amigo.

A garçonete se aproximou e me tirou dos meus pensamentos. Ela deixou a bandeja com o hambúrguer e a tônica e se retirou. Precisava me entreter com algo que não fosse com a Beatriz e sua blusa levemente transparente. Então dei uma mordida no lanche.

— O que você fez no final de semana, Kaique?

Quase engasguei com o hambúrguer. Recuperei o fôlego, tomei um pouco de tônica para ajudar o lanche descer pela garganta.

— Nada de mais... Fiquei assistindo a Sportv — menti e senti minhas bochechas pegarem fogo.

Santo Deus! Eu não tinha saída! Como eu iria dizer para ela que tinha

ido a uma festa que minha chefe havia me convidado e que no ela fez sexo oral em mim no banheiro? Só de me recordar desse disparate, eu ficava inquieto.

— Não foi a uma festa? Boate? Pub?

— Não!

— Você precisa se divertir, Kaique! A vida não é feita somente de estudar e trabalhar.

— Sim, eu sei. Eu só ando meio atarefado — expliquei sem dar maiores detalhes e ela deu uma risadinha.

— Quem sabe a gente não se diverte um dia, juntos!

Sua voz soou convidativa, sensual. Engoli em seco me dando conta de que ela me paquerava na maior cara de pau.

— E você, o que fez? — Fiz uma pergunta idiota, porque certamente que ela esteve com o Renato.

— Fui ao cinema com minha irmã — respondeu entediada e senti que algo não ia bem.

— E o Renato?

— Eu não o vi...

Um silêncio pairou entre nós. Beatriz suspirou fundo e acabou deixando seu sanduíche pela metade na bandeja. Percebi que havia algo errado ali, mas me abstive de fazer novas indagações. Não queria que ela ficasse chateada comigo.

De repente o celular dela tocou. Ela sacou o aparelho com pressa e se levantou.

— É o Renato! — Ela fez uma careta. — A gente se vê por aí, Kaique! — disse se distanciando enquanto falava ao telefone.

Fiquei observando sua bunda se mover conforme ela caminhava e disse para mim mesmo que o Renato era um cara de sorte e um filho da mãe por

não saber valorizar a garota que tinha. Ah, se Beatriz fosse minha namorada!

Frustrado, terminei meu lanche, peguei minhas coisas e saí.

Cheguei da academia um pouco cansado e com o corpo suado. Fui direto para o banho, pois precisava relaxar. Liguei o chuveiro e deixei que a água refrescasse minha pele. Enquanto me banhava pensei em muita coisa, principalmente na Pecadora que não havia mais entrado em contato comigo. Ela teria me esquecido?

Quando estava deixando o quarto em direção à cozinha, ouvi o bip do meu celular. Voltei para ver quem me chamava e quase não acreditei no que via. Era Pecadora e ela havia acabado de enviar uma mensagem:

PECADORA: *Estou louca para que você cumpra sua promessa.*

EU: *Que promessa?*

PECADORA: *A de você me comer inteirinha. Não penso em outra coisa.*

Meus pelos se arrepiaram e um raio atravessou a minha coluna. Essa mulher me deixava excitado somente com algumas palavras. Ela tinha esse dom!

EU: *E eu não vejo a hora de te conhecer.*

Ela visualizou e demorou um pouco para responder.

PECADORA: *Tenho medo...*

EU: *De quê?*

PECADORA: *Dessa situação... Estou envolvida demais com você, mesmo que não o conheça ainda.*

Meu coração acelerou. Eu também estava tão envolvido quanto ela, mas

não entendia o motivo de tanto receio.

EU: Você tem medo de quê, afinal?

PECADORA: De mim, dos meus desejos... Mas por outro lado eu quero muito colocá-los em prática. Quero sentir tudo aquilo que disse que faria comigo. Eu quero muito!

Engoli em seco. O meu corpo inteiro respondia aquela simples mensagem. Eu imaginava mil e uma coisas que ela poderia fazer comigo e eu com ela.

EU: Estou ficando louco! Preciso conhecê-la!

PECADORA: Quando for a hora certa, nós nos conheceremos.

EU: Que garantia eu tenho?

PECADORA: Tem minha palavra! Eu nunca quis conhecer tanto alguém em minha vida como quis conhecê-lo. Você me traz uma sensação boa, claro, além de me deixar com muito tesão.

Sorri feito um bobo diante da tela do celular.

EU: E eu não vejo a hora de dar muito prazer, sentir seu cheiro, seu gosto...

PECADORA: Ahhhh... Aqui vai um presentinho para você! Tenha lindos sonhos!

Quando vi uma imagem apareceu na tela. Era ela! Não aparecia o rosto. Ela estava deitada na cama e seu corpo era visto apenas da cintura para baixo. A barriga era lisinha, o quadril em evidência, as pernas esguias de pele bronzeada. Pecadora usava uma calcinha de renda vermelha que despertou em mim as mais variadas fantasias. Fiquei duro na hora imaginando como ela seria por inteira.

Depois dessa imagem, ela ficou off-line. Nessa noite eu tive mais um sonho erótico com ela.

5

Inusitado

Kaique

Leone e Renato haviam me convidado para ir a um pub beber cerveja e curtir a noite. Fiquei indeciso se ia ou não. Por fim, acabei aceitando o convite.

Chegamos e no aproximamos do bar, pedindo bebidas. O barman deixou duas cervejas sobre o balcão e nos encostamos ali, observando o movimento. Renato estava sozinho e não quis me contar o motivo, mas parecia que tinha brigado com a Beatriz.

— Cara, esse pub está cheio de gatinhas — falou Leone sorrindo, olhando para as garotas com malícia, enquanto eu bebia a minha cerveja, entediado.

— Verdade!

— Ih, Kaique! O que há com você? — resmungou Renato me avaliando com o olhar.

— Nada! Só estou um pouco preocupado com as provas, a faculdade, o trabalho...

— Pare de pensar senão você fica louco! Hoje é dia de curtir e não de ficar falando de faculdade e trabalho. Relaxa!

Eu me virei para o Renato e a curiosidade falou por mim.

— E a Beatriz? O que aconteceu com vocês? — A pergunta saiu sem que eu percebesse e vi que Renato fez uma careta.

— Terminamos!

— Sério?! — Eu o olhei surpreso e ele assentiu com a cabeça. — Mas por quê?

— Kaique, eu não quero falar sobre isso. Como eu disse: hoje eu quero curtir! — Ele deixou a *long neck* vazia em cima do balcão e olhou para a pista.

— Você está certo, Renato — Leone falou enquanto bebia sua cerveja. — Hoje é noite de curtidão!

— Eu vivo dizendo isso para o Kaique, Leone. Mas parece que seu primo não aprende.

Fiz uma careta para os dois safados que me olhavam zombeteiramente. Renato tinha doutorado em canalhice, o Leone era PHD na arte da safadeza e eu... Bem, eu era o aprendiz. O novato cafajeste que só me dava mal com as mulheres.

— Tá vendo aquela gata ruiva ali? — disse Renato entusiasmado. — Eu vou pegar! — Deu uma piscadinha safada e saiu em direção a garota.

Eu até ficaria pasmo com a atitude se ela não viesse do Renato. Eu o conhecia muito bem. Era conquistador, teve várias namoradas e eu sabia que não era fiel a nenhuma. Certamente que algo muito sério devia ter acontecido entre ele e a Beatriz para que eles rompessem um namoro de quase dois anos.

— Kaique, eu não quero que você se torne um cafajeste de carteirinha, mas quero que aprenda a arte da conquista. As mulheres gostam de serem seduzidas — Leone falou me tirando de meus pensamentos.

— Eu vou aprender, primo. Pode deixar!

— Claro que vai! — Ele sorriu e apertou meu ombro. Era safado, mas era gente boa. Até demais! — Quando eu tinha a sua idade eu pegava muita

garota. Hoje eu estou mais seletivo e tenho algumas regras que sigo.

— Regras!? — Ergui as duas sobrancelhas em espanto. Nunca pensei que Leone seguisse normas. Essa era uma grande novidade para mim.

— Uhum! Mas isso é papo para outro dia. Vou me divertir e vê se você faz o mesmo. — Leone saiu e se misturou ao povo que ali estava.

Meu primo era mais velho do que eu, vivia rodando o mundo. Tinha dinheiro e muitas garotas para realizar seus desejos. Mas ao contrário do Renato que colocava chifre nas namoradas, Leone não namorava para não trair. Para ele traição era algo abominável. Por isso que eu o considerava um cafajeste do bem.

Vi que tinha uma garota morena que me olhava do outro lado da pista, toda sorridente. Bebi mais da minha cerveja tomando coragem para chegar nela e talvez convidá-la para dançar. Terminei a cerveja e fiquei sem saber se ia até a garota ou se pedia outra bebida. Acabei escolhendo a segunda opção. Olhei para a garota que antes me encarava e agora ela saía com outro cara e se misturava no meio das pessoas.

Xinguei baixinho, odiando a minha timidez, o jeito como eu agia com as mulheres. E quando elas chegavam em mim, eu ficava travado, sem saber como agir. Se tivesse dez por cento da safadeza e coragem do Renato, eu estava satisfeito.

Continuei ali, bebendo e sozinho, apenas observando a agitação. A música que tocava era *May Way* do Calvin Harris e a galera dançava animada no meio da pequena pista. Já entediado de ficar somente como expectador, eu suspirei fundo e girei o corpo para pedir para uma bebida. Foi quando vi a professora Vanessa se aproximar do balcão.

Ela estava exuberante usando um vestido preto, colado ao corpo e sapatos *peep toe* de salto alto. Engoli em seco enquanto ela caminhava na minha direção, movendo os quadris. Assim que me viu, Vanessa abriu um sorriso sensual e se colocou ao meu lado.

— Oi, Kaique! Que coincidência encontrá-lo aqui.

— Oi, professora! Coincidência mesmo... — falei achando graça

naquilo, pois eu nunca imaginei que ela pudesse gostar de boates ou pubs.

— Não precisa me chamar de professora. Nós não estamos na faculdade. É apenas Vanessa!

Ela passeou seus olhos sobre mim, me analisando por inteiro com... desejo? Não podia ser! Pigarreei sem jeito diante do olhar abrasador da minha professora e pedi outra cerveja. Eu precisava beber!

— Está acompanhada do seu marido? — O sorriso se desfez do seu rosto e ela baixou os olhos, cabisbaixa.

— Não! Estou sozinha! Nós estamos nos separando. — Ela deu outro gole na bebida, abriu um nosso sorriso enigmático e perguntou: — E você? Está sozinho?

— Eu vim acompanhado do Renato, mas ele está lá no meio da pista com uma garota.

— Ah... Então você está sozinho, como eu!

— Sim! — Sorri e seus olhos voltaram a me olhar com cobiça. Desviei o olhar e mudei de assunto. — Gostou do meu trabalho?

— Não vamos falar sobre isso aqui. Quero esquecer que sou sua professora e que você é meu aluno.

Dei um sorriso amarelo enquanto ela se aproximava mais com aqueles olhos castanhos brilhando e me comendo vivo. Ofeguei com o seu corpo perto do meu, uma de suas mãos em meu peito. O calor que emanava dela me atingia como fogo. Era impossível não ficar excitado, ter fantasias sexuais.

— Vamos dançar, Kaique?

— Eu... Eu não sei dançar direito e... — gaguejei sem poder me conter. Ela riu.

— Eu te ensino! Agora vou ser sua professora de dança. — Sua voz saiu sensual e divertida.

Quando dei por mim, Vanessa me conduzia para o meio da pista. Ela

colou seu corpo ao meu e começou a se mover ao som de Shakira e Maluma, *Chatanje*. Fiquei sem reação, apenas observando aquela mulher sensual mexer os quadris, jogando de um lado para o outro, com os olhos brilhando malícia e desejo para mim.

Vanessa continuou se movendo, me atijando, se esfregando em mim. Pisquei rapidamente, sentindo ondas de eletricidade varrer o meu corpo, o meu pau ganhando vida. Não podia negar que ela despertava em mim muitas fantasias e tesão. Isso era fato. E eu sabia que era errado sentir isso por ela. Mas parecia que minha professora não estava nem um pouco preocupada com isso. Ela não se importava com nada. Apenas queria me deixar louco. Porque era assim que eu me sentia: alucinado.

O álcool fez efeito em minha cabeça e quando vi, eu a agarrava pela cintura e começava a me mover junto com ela. Vanessa sorriu e ergueu o olhar me encarando. Suas mãos envolveram em volta do meu pescoço e seu corpo coberto pelo vestido curto e justo aqueceu a minha pele.

Ela ficou na ponta dos pés e sua voz levemente rouca penetrou em meus ouvidos:

— Vamos sair daqui, Kaique!

Não foi uma pergunta. Foi uma intimação. Vanessa simplesmente agarrou minha mão e me arrastou para fora do pub. Nós nos aproximamos do carro dela que estava parado no estacionamento e ela abriu a porta traseira me puxando para dentro.

A mulher estava doida e já ia tirando a minha camiseta. Eu apenas me deixei conduzir como uma marionete, sem reação, o desejo explodindo dentro de mim e brigando com a minha consciência.

— Você não tem ideia, Kaique, das fantasias que tenho, do que desejo fazer com você! — E dizendo isso, ela me beijou. E meu Deus! Que beijo era aquele? Vanessa quase me engolia viva, me devorando com sua língua.

Desisti de lutar contra a minha razão, que a essa altura eu já havia chutado para bem longe. Entrelacei meus dedos em seu cabelo e a beijei de volta, curtindo aquela loucura inesperada. Vanessa arquejou e começou a

desabotoar a minha calça jeans. Estava com pressa e sua mão logo invadiu a minha cueca. Ela agarrou o meu pau com força, fazendo movimentos. Não aguento e arfei em sua boca, deslizando os lábios em seu pescoço, cravando os dentes em sua clavícula.

Ela aumentou a pressão e achei que fosse gozar na calça. Mas de repente interrompeu o que estava fazendo e se afastou um pouco, com o cabelo em desalinho, os olhos flamejando luxúria em minha direção. Ela tirou a calcinha, se deitou no banco e abriu as pernas para mim. Quase tive um treco ao ver sua boceta totalmente depilada e encharcada voltada para meus olhos. Meu pau enrijeceu ainda mais do que eu pensava ser possível, que chegou a doer.

— Vem, Kaique, quero sentir sua língua em mim. Vem! — ela me chamou com o dedo, sorrindo de um jeito safado.

Engoli em seco, respirei fundo, passando a mão pelo cabelo, sem acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. Vanessa não me deu a chance de raciocinar e entrelaçou suas pernas em volta da minha cintura, esfregando sua boceta no meu pau. Rosnei enlouquecido, puxando o vestido dela para cima, embolando em sua barriga. Fixei meus olhos em sua entrada e abocanhei seu clitóris com voracidade.

— Ahhhh... Que delícia! — ela deu um gritinho de prazer enquanto eu a comia com minha boca.

Perdi a noção do que era certo e errado e me embriaguei em seu gosto agridoce. E como era gostosa! Agarrei seus quadris e passei a devorá-la com vontade. Enfiei minha língua dentro dela, sugando, bebendo e Vanessa foi à loucura. Ela começou a rebolar em minha cara, com as mãos entrelaçadas no meu cabelo, dizendo coisas incompreensíveis.

— Caralho, que boceta gostosa! — grunhi lambendo sua carne macia, aumentando a pressão.

Senti que as pernas dela tremeram, o corpo arqueou para cima e a respiração acelerou. Vanessa se despedaçou gozando e gozando, gemendo alto. O corpo convulsionava de tanto prazer. Era impressionante!

— Kaique, ahhhh... Kaique!

Nesse momento que a realidade bateu de um jeito forte. Meio zozinho, ergui a cabeça e a encontrei de olhos entreabertos, rosto vermelho e uma expressão de puro deleite. Ela sorria ofegante, recuperando-se do orgasmo.

Atordoadado diante do ocorrido, eu me afastei dela, fechei o zíper da calça juntei minha camiseta e saí em disparada do carro. Não olhei para trás.

Eu havia acabado de fazer sexo oral na minha professora de Direito Civil! Onde eu estava com a cabeça?

6

Ataque

Kaique

— Cara, onde você se meteu? Sumiu do pub ontem e não atendeu ao telefone! — Renato rosnava no celular, enquanto eu tentava me concentrar em analisar um processo. Por que ele sempre me ligava quando eu estava no trabalho, muito atarefado?

— Eu fiquei entediado e fui para casa.

— Você está metido em encrenca, é isso?

— Não! Claro que não! — Suspirei fundo e disse encerrando a ligação: — A gente conversa amanhã, Renato. Eu preciso trabalhar!

Desliguei o telefone e voltei a me concentrar no texto. Nesse momento eu ouvi vozes que se aproximavam e ergui os olhos. Foi quando vi Mariana, a sobrinha da doutora Cecília, se aproximar e passar por mim. Ela me olhou e deu um sorriso tímido que deixou a mostra suas covinhas. Era linda demais, meiga demais, tudo demais para mim. Tinha vinte e um anos, cabelo castanho claro comprido, olhos cor de mel. A boca era pequena, carnuda e estava pintada de gloss labial rosa.

Ela usava uma calça jeans, camiseta e sapatilhas. Estava bem casual, mas mesmo assim estava bela e despertava atenção. Cursava Arquitetura e trabalhava em uma empresa grande no ramo da construção civil. Mas

infelizmente não era para o meu bico. Ela tinha um noivo podre de rico, uns dez anos mais velho. E eu... Bem, eu recém estava começando a minha vida profissional.

Fiquei feito um bobo observando as duas entrarem na sala da doutora Cecília e fechar a porta. Durante esse tempo que eu trabalhava no escritório, Mariana veio ali poucas vezes, mas isso foi o bastante para que ela me despertasse interesse, sempre sorrindo com timidez para mim e eu para ela. Éramos retraídos e isso não ajudava nada.

Cerca de meia hora depois, Mariana saiu falando ao celular. Ela passou por mim e me olhou de soslaio, abrindo um sorrisinho. Sorri de volta enquanto ela caminhava em direção a porta de saída.

Era quase fim de expediente quando ouvi a voz da doutora Cecília me chamar:

— Kaique, pegue o processo que você está analisando e venha até minha sala! — Ela me olhou bem séria e entrou.

— Sim, doutora!

Eu me levantei rapidamente, juntando os autos, ajeitando os óculos de grau no rosto. A inquietação voltou a me rondar conforme eu me aproximava da sala da minha chefe. Agarrei a maçaneta e, antes de girá-la, eu respirei fundo, tentando me controlar.

— Com licença, doutora Cecília — disse entrando e fechando a porta.

Quando olhei para frente, meu queixo caiu. Doutora Cecília estava de pé, perto de sua mesa, usando apenas uma maldita capa preta por cima do sutiã e da calcinha de renda vermelha. Engoli em seco e quase derrubei os autos no chão. Ela me encarava com olhar de “lobo mau” que está prestes a comer a vovozinha. E eu era a porra da vovozinha!

— Kaique, não sabe o quanto tenho pensado em você. — Ela começou a caminhar na minha direção. Eu ofeguei e dei um passo para trás, me chocando contra a porta. Santo Deus! Eu não tinha saída!

— Doutora, Ceci...

— *Shhhh!* — Ela colocou o polegar no meu lábio me impedindo de continuar. — Senti sua falta e mais ainda desse pau lindo e gostoso. — Sorri de um jeito sacana deslizando uma de suas mãos para dentro da calça e agarrando meu pau.

— Ah, meu Deus! — arquejei com a respiração acelerada, o corpo estremecido e o tesão aflorando. Por que eu tinha que sentir desejo por ela?!

— Quero que você me coma! Quero sentir esse pau dentro de mim! — Ela praticamente arrancou o processo das minhas mãos e o jogou em cima de uma poltrona.

— O que está fazendo, doutora? — indaguei de olhos arregalados enquanto Cecília tentava me despir com pressa.

— Quero você!

Ela não me ouvia e apenas rosnava, se esfregando em mim como uma louca, quase arrancando meus óculos. Enquanto a doutora Cecília desabotoava a minha camisa, eu abotoava de volta. Mas era em vão. A mulher parecia um polvo, com milhares de tentáculos.

— Por favor, doutora, alguém pode pegar a gente aqui — falei desesperado, me desvencilhando dela e correndo para perto da mesa.

Tentei ajeitar as minhas roupas, mas ela veio para cima de mim novamente, muita afoita. Doutora Cecília agora avançava em minha calça jeans, baixando o zíper e metendo a mão para dentro da minha cueca.

— Kaique, eu preciso de você! — disse por entre meus lábios, me beijando e enfiando a língua em minha boca.

Quase sufoquei com o beijo que ela me deu. Essa mulher só podia ser ninfomaníaca ou algo assim. Era impossível! Eu não sabia o que fazer para que ela parasse de me tentar. E o pior de tudo é que eu estava fodidamente excitado, com o pau duro.

— Não faça isso... — implorei enquanto ela me masturbava, me deixando louco. — Ah, porra! — Soltei um palavrão fechando os olhos, sentindo uma confusão dentro de mim.

— Me fode, Kaique! Me fode! — rosnava beijando e lambendo o meu pescoço, com uma das mãos entrelaçadas no meu cabelo, a outra dentro da minha calça.

— Eu sou um estagiário, estou cursando faculdade... E... E... Não quero que pensem que me dei bem na vida só porque comi a minha chefe — eu falava com dificuldade entre arquejos enquanto lutava para separar o tesão da razão.

— Não pense besteiras! Ninguém vai saber! — Ela sorriu maliciosa, mordendo os lábios, me encarando com luxúria. Agarrou a minha camisa e me conduziu até o sofá. Parecia que minhas pernas tinham vida própria, pois fui sem protestar.

Doutora Cecília tirou a capa e ficou somente de lingerie vermelha. Ela se colocou de quatro sobre o sofá de dois lugares e ficou de costas para mim. Quase convulsionei quando vi que ela usava um fio dental. E que fio dental! E que bunda maravilhosa que ela tinha!

Puxei o ar com força, passando a mão no rosto, tentando buscar a porra de sanidade que parecia que tinha tirado férias. Ela viu do jeito que eu estava e me olhou com cobiça. Empinou ainda mais o traseiro para mim e me chamou com o dedo.

— Vem terminar o trabalho que começamos na festa. Vem, garanhão!

— Eu sou seu estagiário... Você é minha chefe... Isso é errado, doutora — expliquei em um misto de desejo e assombro.

Até ontem, praticamente, eu vivia uma rotina monótona. Era do trabalho para a faculdade, da faculdade para o trabalho. Não tinha tempo nem de me masturbar, quanto mais de pegar uma mulher. E agora simplesmente do nada, todas as mulheres que eu conhecia se jogavam para cima de mim. E tudo isso aconteceu depois que entrei naquele site. Só podia ser maldição!

Pisquei rapidamente me recordando da foto que a Pecadora havia me enviado outra noite, pelo telefone. O corpo esguio, as pernas bronzeadas e a calcinha vermelha. Abri a boca horrorizado, associando a roupa da doutora Cecília com a da Pecadora. Tudo ficou muito confuso para mim. Eu já não

conseguia raciocinar direito.

— Desculpe, doutora... Mas eu... Eu não posso! — gaguejei apavorado e corri dali o mais depressa possível.

— Kaique, volte aqui! Kaique! — ela chamou e eu ignorei.

Atordado, eu saí a passos largos em direção ao elevador, que por sorte estava parado no andar. Entrei rapidamente e apertei o botão do térreo. Enquanto eu ajustava as minhas roupas, cabelo e óculos que estavam em desalinho, mil e uma ideias permeavam minha mente.

A minha vida virou de cabeça para baixo!

Indecisão

Kaique

Durante aquela semana, o clima ficou um pouco estranho entre mim e a doutora Cecília. Ela mal conversava comigo e quando falava, era somente sobre assuntos jurídicos. Não tocamos no assunto e eu acreditava que era melhor assim. Eu não queria ser visto como um cara que se aproveitava e comia a chefa para se dar bem na vida. Logo eu que prezava muito o respeito e a honra. Se bem que ultimamente parecia que tudo conspirava era para minha desonra e ruína.

Fazia alguns dias que Pecadora havia sumido. Ela não aparecia on-line nem no *Whatsapp* e nem na internet. Eu até tomei coragem e enviei um “Oi, tudo bem?”, mas não obtive resposta. Por um lado era melhor assim. Eu estava metido em tanta confusão com o sexo feminino que não tinha cabeça para pensar em conhecer mais uma mulher.

A faculdade era outro problema. Eu não conseguia disfarçar o incômodo que sentia ao me lembrar do que eu e a doutora Vanessa fizemos naquele estacionamento. Eu achei que ela ficaria envergonhada ou algo assim, mas a minha professora conversava comigo como se nada tivesse acontecido. Conduta essa que me deixava com mil pulgas atrás da orelha.

Após uma aula de Direito Civil, eu deixava a sala quando ouvi a professora Vanessa chamar por mim:

— Kaique, espere! Eu preciso falar com você sobre o seu trabalho.

Enrijei. Estava quase chegando à porta e voltei o olhar para ela. Vanessa estava parada de pé ao lado de sua mesa me encarando. Falei para o Renato que o encontraria depois na cantina da faculdade e me movi em direção a ela. A professora estava bonita pra caralho. Hoje ela usava um vestido florido solto, sem mangas, pouco acima dos joelhos e sandálias brancas. Tive que me controlar e mantive certa distância. Não podia dar mancada. De jeito nenhum!

— Pois não, professora!

— Feche a porta da sala, por favor! — disse enquanto arrumava os papéis em sua pasta. Pisquei sem entender o porquê daquele pedido inusitado e como se ela tivesse lido meus pensamentos, emendou: — Precisamos de privacidade.

Fiz o que Vanessa me pediu e ficamos somente eu e ela. Parecia que a sala de aula havia se tornado muito, muito pequena. Eu ouvia somente os sons das nossas respirações aceleradas e os passarinhos que cantavam do lado de fora.

— Eu espero que o meu trabalho tenha agradado... — comecei sem jeito, quebrando o silêncio.

Vanessa deu um sorriso sensual e veio até mim, encurtando a distância entre nós.

— E como! Adorei o seu *trabalho*! — A palavra penetrou em meus ouvidos com um milhão de conotações e nenhuma era descente. — Queria falar com você sobre o que aconteceu naquela noite, no meu carro.

— Professora, eu peço desculpas pelo acontecido. Foi uma loucura! Eu tinha bebido e você também. A gente exagerou. — Conforme eu falava, Vanessa se aproximava mais, me deixando quase encurralado contra a sua mesa.

— Kaique, nós agimos por impulso. Mas quero que saiba que eu não estou arrependida. Eu gostei e quero repetir. — Suas mãos estavam passeando no meu peito, despertando um misto de desejo e temor.

— Vanessa — Agarrei seu pulso com cautela, interrompendo sua ação.

—, eu sou seu aluno. Você é minha professora. Eu quero me formar no final do semestre, fazer o exame da Ordem e advogar. Num futuro próximo, a gente vai se cruzar em uma audiência e eu não quero criar embaraço entre nós.

— Você é um excelente aluno. Tenho certeza que vai passar no primeiro exame da Ordem. Mas por você ser meu aluno e eu ser sua professora, não significa que a gente não possa se relacionar de forma íntima. Eu quero tanto você.

— Não diga isso, Vanessa! Você ainda está casada!

— Eu pedi o divórcio para o Hector. A gente não vive mais junto. Ele saiu de casa e tudo. Não há empecilhos entre mim e você.

Ela ficava na ponta dos pés e tentava me beijar. Mantive meu domínio, mesmo que ele estivesse por um fio e me distanciei. Essa mulher mexia demais comigo. Mas mesmo assim era errado eu me relacionar com ela agora. Eu precisava colocar a minha vida em ordem e não desorganizá-la ainda mais.

— Eu preciso ir! — Olhei rapidamente para o relógio de pulso e peguei minha mochila de cima da mesa.

— Mas a gente precisa conversar, Kaique! — Ela tentou se mover e eu fiz sinal com a mão para que ela parasse. Vanessa ficou estática e me encarou frustrada.

— E nós vamos conversar, mas não hoje. Eu estou atrasado para o almoço e entro no escritório na primeira hora da tarde. Espero que entenda.

Vanessa suspirou fundo, passou a mão pelo cabelo chanel. Era nítido o nervosismo dela, mas eu nada podia fazer. Ela precisava entender a nossa situação.

— Certo! Conversaremos outra hora — falou desviando os olhos dos meus e pegando suas coisas.

— A gente se fala, professora. Até mais! — eu me despedi e deixei a sala, mais confuso do que nunca.

Era de noite e eu estava acomodado na minha pequena escrivaninha tentando organizar o pensamento para escrever mais um capítulo do meu TCC. Eu precisava manter o foco no meu estudo, mas minha cabeça era um turbilhão.

Quando eu estava concentrado escrevendo um parágrafo, o celular vibrou em cima da mesinha. Olhei na tela e vi que era uma mensagem de *Whatsapp* da Pecadora me perguntando se eu estava on-line. Pela primeira vez depois que eu comecei a falar com ela, eu fiquei sem saber se respondia ou não.

Por fim, não aguentei e enviei uma resposta:

“Oi! Sim, eu estou aqui”

“Senti sua falta...”

“A gente sente falta de quem conhece pessoalmente. Pelo menos eu penso assim”

Enviei uma resposta quase filosofando, mas a verdade era que eu não queria admitir que havia sentido a falta dela. A minha cabeça estava a mil e eu só pensava nas confusões que eu me meti sem querer. Parecia que de uma hora para a outra havia dado a louca nas mulheres que eu conhecia.

“Eu não pensei que para você fosse tão difícil admitir que sentiu a

minha falta. Eu sei que sentiu! Confesse!”

Fiquei perplexo. Parecia que Pecadora lia os meus pensamentos. Eu me recostei na cadeira e escrevi outra mensagem.

“Desculpe! Eu tive uma semana ruim. Só isso. E sim, senti sua falta”

“Eu sabia! =)”

Ficamos em silêncio por alguns minutos, até que eu finalmente me pronunciei.

“Adoro essa foto do seu perfil. Você tem lindas pernas!”

“Às vezes eu fecho os olhos e imagino você me tocando, Novato Cafajeste. Me pegando de jeito. Ah, eu fico excitada com esses pensamentos”

“E eu poderia estar tocando nesse exato momento. Beijando sua boca, lambendo seu pescoço, deslizando minhas mãos em seu corpo”

Sorri. Eu estava ficando cada dia mais abusado. Isso era o efeito que essa mulher sensual causava em mim. Eu ficava alucinado cada vez que a gente trocava mensagens.

“Você está querendo me excitar, é? Se for isso, eu já estou molhada”

E eu com o pau duro. Suspirei fundo controlando a maldita ereção. Na maioria das vezes depois que eu falava com ela, eu me aliviava embaixo do chuveiro. Sozinho! Existe coisa mais frustrante que isso?

“Também fico excitado quando converso com você, Pecadora. Eu imagino como você é de verdade, se sua pele é macia, se seus lábios são saborosos, se sua boceta é quente. Tenho certeza que é tudo isso e muito mais!”

“Quero te conhecer!”

“Eu também quero muito te conhecer!”

“Vamos marcar um dia, um lugar onde possamos ficar a sós. O que acha?”

Travei. Fiquei sem reação diante daquele convite inusitado que me levaria direto para a luxúria. Eu queria. Queria muito! Mas não sei o que me deu e fiquei petrificado. Talvez fosse o medo do desconhecido, da novidade, da situação. Ou talvez eu estivesse me tornando um gato escaldado, que tinha medo até de um pinga d’água.

“Eu vou pensar na sua proposta”

“Você não quer me conhecer?”

“Não é isso! Eu quero sim! Mas falta muito pouco para eu me formar e estou cheio de trabalho. Tenho TCC da faculdade e tudo mais para finalizar. Você entende, né?”

“Sim... Entendo... Mas... Bem, se a gente não se encontrar em uma semana, eu vou atrás de você! Eu te acho, Novato Cafajeste! Pode ter certeza! Beijos deliciosos de língua!”

E ela ficou on-line. Eu me afundei na cadeira com o coração batendo a mil, a cabeça repleta de pensamentos excitantes e confusos. Essa mulher era determinada! Eu não tinha dúvida de que ela me acharia.

Bem, eu tinha uma semana para colocar a minha vida em ordem e tentar consertar a merda da confusão em que me meti. Esse era o meu objetivo a partir de hoje.

8

Despertar

Kaique

Saí do trabalho e só passei em casa para trocar de roupa e fui direto para a academia. Precisava colocar o corpo em movimento e refrescar a cabeça. E nada como malhar para manter o pensamento desconectado com o resto do mundo.

Ao som de *Likin Park* eu fiz meus exercícios. Alternei entre levantamento de pesos, abdominais e esteira. Eu gostava de ir à academia, mas ultimamente a rotina intensa do trabalho e da faculdade estava tomando todo o meu tempo.

Uma hora depois, eu já estava cansado, com o corpo suado. Interrompi a malhação para beber água da minha garrafinha. Foi nesse momento que vi a Beatriz. Ela estava de bruços fazendo exercícios para o bumbum. Eu me sentei no meu aparelho de musculação e fiquei observando seu corpo em movimento.

Ela usava um macacão de malha apertado que marcava todas suas curvas. E que curvas! As pernas bem torneadas e a bunda... Nossa! Era espetacular. Pisquei ao sentir que eu me excitava vendo-a malhar. Não! Isso não podia estar acontecendo de novo. Eu não podia cair em tentação e me deixar levar pelo tesão.

Quando me levantei para pegar minhas coisas e ir embora, a Beatriz me viu. Ela abriu um sorriso atraente, deixou o aparelho e veio me encontrar. Santo Deus! Era gostosa demais! Foi inevitável não olhar para ela com a mente cheia de ideias indecentes.

— Kaique, eu não sabia que você frequentava essa academia — disse ao se aproximar secando o suor com a toalha.

— Faz pouco tempo que eu comecei a malhar aqui.

— Você me acompanha em um suco? — convidou sorridente e eu fiquei hesitante.

— Eu não quero atrapalhar... E... — comecei a falar e ela riu.

— Você nunca atrapalha. Vem!

Não tive muita escolha a não ser acompanhá-la até a lanchonete que ficava no outro lado da rua. Era apenas um convite para tomar um suco e não poderia haver mal algum nisso, não é? E além do mais eu estava com sede mesmo e precisando refrescar o corpo e a mente.

Sentamos e pedimos sucos naturais. Beatriz preferiu o de abacaxi e eu o de açaí. A lanchonete estava pouco movimentada naquela hora da tarde e apenas nós e mais algumas pessoas estavam ali.

— Como está a especialização, Beatriz?

— Chata. — Ela fez uma careta, entediada.

— Entendo... A faculdade também está assim. Ainda mais que é reta final. Renato e eu estamos ficando malucos. Aliás, você tem visto ele?

Sua expressão ficou fechada e ela suspirou fundo. Senti seu desconforto e praguejei em silêncio por ter feito aquela pergunta. Eu precisava ser mais cauteloso.

— Nós terminamos e eu não falei mais com ele!

— Beatriz, desculpe. Eu não quis criar um desconforto — falei envergonhado pela minha atitude infantil. Ela me olhou e sorriu.

— Não precisa se desculpar, Kaique. Renato é um idiota e é passado. A partir de agora eu quero viver novas experiências, novas aventuras... Quero curtir tudo o que a vida tem para me oferecer.

— Isso é bom...

Beatriz esticou o braço em cima da mesa e pôs sua mão sobre a minha. Um calor filho da mãe tomou conta de mim e um raio atravessou a minha coluna, se alojando em minha virilha. Seus olhos castanhos estavam fixos nos meus e ela sorria sensualmente para mim.

— Você também precisa curtir a vida, Kaique.

— Ähn... Bem... Eu tenho tentado... — disse enquanto ela me encarava com olhar predador.

— Quando eu falo em curtir a vida, é pra curtir pra valer! Fazer coisas excitantes e loucas para depois lembrar.

Engoli em seco e puxei minha mão devagar de sua posse. Beatriz me instigava não com palavras, mas com gestos e olhares. Ela era bonita, sedutora, atraente, mas mesmo assim, era a ex do meu melhor amigo. Eu achava que era errado eu flertar com ela.

— Beatriz, eu já volto! — disse me levantado e saindo na direção do banheiro masculino.

Entrei e o ambiente estava vazio. Liguei a água da pia e lavei meu rosto. Eu pegava fogo. Minha pele estava suada, o calor me sufocava e minha cabeça estava a mil. Eu não devia ter deixado a Beatriz sozinha na mesa e saído abruptamente de lá, mas a inquietação tomava conta de mim e me deixava desatinado.

Quando estava secando meu rosto com a toalha de papel, eu ouvi um barulho na porta. Era Beatriz que entrava com um sorriso sacana.

— Você estava demorando então eu vim ver o que estava acontecendo — falou se aproximando com os olhos luxuriosos.

— Beatriz, esse é o banheiro masculino! — falei apavorado enquanto ela

avançava a passos lentos até mim.

— Kaique, eu adoro esse seu jeitinho um pouco tímido, um pouco perdido. Não sabe o quanto é sensual e o quanto mexe com a minha imaginação. — Suas mãos estavam em meu peito, subindo e descendo, despertando arrepios em minha pele.

— Beatriz, pode chegar alguém e...

— É isso que me excita! Vamos fazer loucuras, Kaique.

Ela agarrou a minha nuca, me puxou para baixo e colou sua boca na minha. Fiquei sem reação enquanto ela me beijava, mergulhando a língua dentro, se esfregando em mim. Pelo jeito Beatriz gostava de aventuras em lugares perigosos. Ela me aticava como louca, enfiando uma das mãos dentro da minha bermuda de treino. Sem saber direito o que fazer, eu comecei a beijá-la de volta.

Quando ela agarrou meu pau dentro da cueca, eu soltei um grunhido em seus lábios, entrelaçando os dedos em seu cabelo. Beatriz começou a fazer movimentos de cima para baixo, me deixando louco. Senti a excitação tomar conta de mim e junto com ela o medo de ser pego ali, no banheiro da lanchonete.

— Ah, Kaique! Quero sentir esse pau dentro de mim — sussurrou agora deslizando os lábios em meu pescoço.

— Beatriz... Pare com isso... — Tentei falar, mas ela aumentou a pressão, me levando ao delírio. — Porra!

Parecia que a garota estava decidida a me deixar louco. Ela se abaixou e foi deslizando a minha bermuda com a cueca. Fiquei petrificado com a ousadia dela e horrorizado quando vi minha ereção. Eu não conseguia me controlar. Que merda estava acontecendo comigo?

Passando a língua nos lábios, Beatriz fechou uma das mãos em volta do meu pau e o meteu na boca. Rosnei fechando os olhos, sentindo uma confusão de emoções me invadirem. Eu estava excitado pra valer, com muito tesão, mas ao mesmo tempo a inquietação me rondava. Não sabia se era o medo do desconhecido, ou talvez eu estivesse ficando meio travado com as

mulheres.

Enquanto Beatriz me chupava, lembranças povoaram a minha cabeça. Eu me recordei da doutora Cecília e do seu ataque na festa e depois no seu escritório, da professora Vanessa me puxando para dentro do carro, muito afoita, gemendo para mim. E para me deixar completamente desatinado, Pecadora se fez presente em meus devaneios. Eu me lembrei de suas características: cabelo castanho até a altura dos ombros, olhos igualmente castanhos, trinta e poucos anos, louca por sexo. E foi então que a ficha caiu. Cecília, Vanessa e Beatriz tinham as características dela, da mulher que estava virando a minha cabeça e a minha vida de pernas para o ar. Não! Não podia ser!

Horrorizado, abri os olhos e ergui Beatriz, me afastando. Ela me olhou sem entender nada, lambendo os lábios. Eu puxei minha bermuda para cima com pressa, a cabeça rodando, o coração batendo a mil.

— Eu... Eu preciso ir embora! — falei ofegante saindo em disparada do banheiro.

Não olhei para trás. Alcancei a rua caminhando apressadamente enquanto minha cabeça era um redemoinho de confusões. Pecadora... Ela poderia ser uma das três mulheres que eu me relacionei? Isso era impossível! Será que eu estava ficando louco?

9

Xeque-mate

Kaique

Fiquei por alguns dias remoendo aquela dúvida desgraçada. Não conseguia mais me concentrar na faculdade, principalmente nas aulas da professora Vanessa. Não conseguia mais trabalhar direito por causa da presença constante da doutora Cecília e, de quebra, não conseguia olhar na cara da Beatriz quando a encontrava. Eu estava fodido!

Eu imaginava mil coisas. As coincidências entre as três eram gritantes. Só de pensar que uma delas poderia ser a tal Pecadora, eu ficava horrorizado. Não era possível que isso pudesse estar acontecendo comigo! Logo eu, que nunca me meti em confusão, sempre fui um cara pacato, reservado e tímido. Há quase um mês eu vivia para o estudo e para o trabalho. Não tinha tempo para pensar em outra coisa que não fosse na minha vida profissional. E agora? Agora a minha vida tinha virado de pernas para o ar!

Pensei muito durante esse tempo e uma ideia me ocorreu: e se a Pecadora soubesse a minha identidade? As consequências seriam desastrosas! Tchau carreira advocatícia, *bye bye* formatura e adeus paz! A minha vida jamais seria a mesma. Se o Renato descobrisse o que aconteceu entre mim e a Beatriz, ele partiria a minha cara. Embora eles estivessem separados, ele pensaria que eu e ela tínhamos um caso bem antes dos dois terminarem. Eu perderia o meu amigo! E meus pais? Se eles descobrissem as confusões que eu havia me metido, eu estaria perdido!

Avaliei a minha atual condição e percebi que eu estava em um beco sem saída. Eu precisava conversar com alguém, contar o que estava acontecendo. Então liguei para o meu primo Leone e nos encontramos na praia. Não disse para ele que eu queria desabafar, apenas combinei uma corrida a beira do mar.

— Eu estava precisando refrescar a minha cabeça, Kaique — disse Leone enquanto descávamos após trinta minutos com o corpo em movimento. — Os sócios da empresa do meu falecido pai estão me preocupando. Acho que vou ter que tomar as rédeas da situação.

— Você vai trabalhar? — Eu me espantei, pois ele vivia de renda e nunca havia trabalhado na vida.

— Pois é... Estou pensando muito nisso. Não posso deixar que a empresa desmorone por causa de incompetência. Afinal, aquilo tudo é meu!

— Você tem razão! Mas como vai fazer se nunca trabalhou? Você tem experiência, primo?

— Pior que não! Mas tenho força de vontade. O resto eu dou conta! — Ele piscou um olho perguntou: — E você está muito ansioso para se formar e fazer o exame da ordem?

— Na verdade, Leone, eu só quero que tudo acabe bem.

— Do que está falando? Você sempre foi estudioso e determinado. Queria ter um pouco disso também.

— Eu me meti um umas confusões aí — desabafei suspirando fundo. Leone me encarou, muito atento.

— Ih, estou sentindo cheiro de encrenca. O que aconteceu, Kaique? Desembucha! — intimou de sentando em um banco do calçadão. Eu o segui e me acomodei ao seu lado.

— Eu me envolvi com três mulheres ao mesmo tempo.

Leone caiu na gargalhada. Eu o olhei um pouco sem jeito enquanto ele ria sem parar. Meu primo nunca pensou que eu, um carinha tão compenetrado

e retraído, fosse estar nessa situação. Bem, nem eu nunca imaginei que isso pudesse acontecer comigo. Na verdade, eu estava era assombrado com o que estava acontecendo.

— Cara, isso é piada, né? — perguntou em meio ao riso.

— Não é, não, Leone. Estou ferrado! — Balancei a cabeça, consternado. Meu primo parou de rir e seu olhar se tornou preocupado.

— É sério?

— Muito!

— Pode se abrir comigo, primo. — Ele apertou meu ombro em solidariedade.

Contei tudo para ele, desde o início. relatei como me envolvi sem querer com a minha chefe, a minha professora e a ex do meu amigo. E por fim, sobre a Pecadora e a possível relação entre ela e as três mulheres. Leone se acabou de tanto rir. Ele não fazia por mal. Era o jeito dele, sempre descontraído e despreocupado, que levava a vida numa boa. Eu não podia culpá-lo por estar achando graça da minha fatídica história. Era hilária e ao mesmo tempo intrigante. Nem eu mesmo acreditava que tivesse feito tanta merda em tão pouco tempo.

— Primo, na boa, você precisa aprender umas coisinhas sobre a arte da conquista — falou em tom divertido.

— Leone, nesse momento eu não estou pensando nisso. Tenho um bonde de preocupações atrás de mim.

— Para, Kaique! Você acha que só porque está enrolado com três mulheres tem que começar a rezar? Não exagera! Eu já tive rolo com cinco ao mesmo tempo e tirei de letra.

— Mas você é esperto e vivido, já sabe como se safar de uma confusão. Eu não! — Passei a mão pelo cabelo, nervoso. Eu realmente achava que estava na pior.

— Primo, não se preocupe. Eu vou te dar umas dicas!

Escutei com atenção os conselhos que o Leone me dava, embora soubesse que vinha de um safado incorrigível como ele. Mas meu primo estava tentando me ajudar então eu dei meu voto de confiança.

Depois de conversamos muito, eu fui para casa e ele para a dele.

Estava dentro do elevador quando o celular vibrou. Saquei o aparelho e vi que era uma mensagem da pecadora. Meu coração deu um salto na hora.

PECADORA: *“Oi, meu novato cafajeste. Estava pensando em você”*

Li a frase inteira e percebi que ela usou o pronome possessivo “meu” para me chamar. Fiquei ainda mais excitado.

EU: *“Olá, luxuriosa Pecadora. Eu também pensei muito em você”*

PECADORA: *“Fico imaginando como você é... E não aguento mais somente imaginar”*

EU: *“Você povoa os meus sonhos eróticos desde que começamos a conversar”*

As portas do elevador se abriram e eu cruzei o corredor com os olhos fixos na tela do celular.

PECADORA: *“Humm... Adorei saber que tem sonhos eróticos comigo, porque eu também tenho com você. Sonho que está fazendo tudo aquilo que me disse outro dia”*

EU: *“E eu faria tudo aquilo e muito mais!”*

Enquanto eu abria a porta do meu apartamento Pecadora digitava do outro lado.

PECADORA: *“Você ainda quer me conhecer?”*

Hesitei por um momento, sentindo o medo e a excitação tomando conta de mim. Lembrei de tudo que o meu primo havia me dito e tomei coragem para responder:

EU: *“Sim!”*

PECADORA: *“Amanhã à noite, às 9 horas, hotel Plaza, quarto nº 501. Estou doida para que você me devore inteirinha. Eu te espero lá! =D”*

E ela ficou off-line.

Soltei a respiração que nem eu mesmo sabia que estava prendendo e me afundei no sofá. Amanhã à noite eu conheceria pessoalmente a mulher que estava virando a minha cabeça. Uma sensação de euforia e apreensão tomou conta de mim. Quem era de verdade a Pecadora?

10

Pecadora

Kaique

Passei o dia inteiro pensando do encontro de logo mais a noite. Não consegui me concentrar na aula de Direito Civil. Eu olhava para Vanessa e a desconfiança de que ela poderia ser a Pecadora me deixava perdido. O mesmo acontecia quando eu estava no trabalho e a doutora Cecília me chamava para analisar um processo ou outro. Sem falar que naquele dia eu também havia encontrado com a Beatriz no corredor do campus. E se a Pecadora fosse realmente uma delas? Como eu reagiria?

Conforme a tarde ia passando a minha ansiedade aumentava. Tomei várias xícaras de café, o que colaborou para que eu ficasse ainda mais inquieto. Saí do escritório e fui direto para casa. Eu estava tão confuso e nervoso que não sabia direito se ia ou não no encontro. Minha cabeça girava como um cata vento. Eu me banhei e fui até a cozinha. Preparei um sanduíche, mas não tinha fome. Acabei deixando o lanche em cima da mesinha e voltei para o quarto. Abri o guarda-roupa e escolhi uma calça jeans escura, camisa cor champanhe e sapatos igualmente escuros.

Eu me vesti, penteei o cabelo e passei um pouco de perfume. Olhei no relógio e eram 8 horas. Embora eu estivesse muito nervoso, eu decidi ir ao encontro. A minha curiosidade e excitação eram bem maiores do que meu medo e receio.

Peguei a chave do carro e saí. Hoje eu desvendaria esse mistério que se chamava Pecadora.

Pouco depois, eu cheguei no hotel requintado. Dei as chaves do carro para o manobrista e saí em direção ao *hall*. Estava nervoso e respirei fundo para tentar me controlar. Eu precisava ficar calmo.

Fui até o balcão e uma moça me atendeu. Eu disse que tinha um encontro marcado e dei o número do quarto: 501. Ela verificou em uma planilha, se voltou para mim entregando a chave. Agradei e segui até o elevador. Entrei apertando o número do 5º andar enquanto sentia a ansiedade aumentando.

Saí do elevador e cruzei o corredor. Cada passo que eu dava eu sentia minha excitação se expandido, me deixando elétrico. Parei em frente à porta. A *minha* porta! O coração disparou e então eu girei a chave lentamente. Tomei fôlego e entrei. O quarto era grande, aconchegante e estava na penumbra. Apenas as luzes fracas de dois abajures iluminavam o ambiente. Fechei a porta com cuidado e adentrei olhando ao redor. Foi então que eu vi uma poltrona de costas para mim e um par de pernas cruzadas. Era ela! Pecadora estava ali me esperando.

Parei na hora com o coração na boca, a respiração descompassada. Não via o rosto dela, apenas as pernas lindas e esguias e os pés usando aquele par de *scarpins* vermelho, o mesmo da foto do *Whatsapp*. Fiquei ainda mais excitado, o corpo inteiro respondendo aquela visão que me intrigava.

Ela esticou a mão e fez sinal para que eu me aproximasse. Tomei fôlego e dei alguns passos em sua direção. Girou lentamente a poltrona e... SANTO DEUS!!! Pisquei sem acreditar no que estava vendo. Ela era a Pecadora? Logo ela!

— Você! — balbuciei incrédulo enquanto a garota olhava para mim com espanto. Estávamos os dois com os olhos arregalados fixos um no outro.

— Kaique! — Sua voz saiu baixa e um pouco trêmula.

Eu não conseguia pensar direito e minha cabeça rodopiava. Continuei olhando para ela, analisando cada pedacinho, o rosto maquiado, cílios volumosos cheios de rímel, a boca sensual pintada com um batom vermelho, o corpo escultural, esguio, a roupa. Ela usava um vestido preto, curto, colado ao corpo que me despertou as mais diversas fantasias. E todas eram muito indecentes.

— Isso só pode ser uma piada! — falei ainda sem acreditar que aquilo era mesmo verdade. — Você é a Pecadora?

— Sim, sou eu! — admitiu passando a mão pelo longo cabelo castanho.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, tentando absorver aquela confissão. Por fim eu a olhei de novo. Mariana, a sobrinha da doutora Cecília, tinha acabado de admitir que era a mulher que havia virado a minha vida de pernas para os ares. Nunca pensei que fosse ela!

Mariana me encarava sem pestanejar, um pouco sem jeito, mas com olhar penetrante. Ela estava linda! Exuberante! Não pude desviar meus olhos dela, nem que eu quisesse. Não dava. A minha frente estava a garota responsável por tudo. Por ter despertado meus desejos mais ocultos, meus pensamentos mais pecaminosos. Por ter mudado a minha vida.

— Mariana, por que você deu outras características no site?

— Eu vou explicar! — Ela se levantou e ficou de frente para mim. — Eu não enganei você e nem dei características que não eram minhas.

— Como não? Você disse que tinha trinta e poucos anos e cabelo chanel!

— Minha tia Cecília disse isso. Eu não!

— Como assim? A doutora Cecília é que era a Pecadora e não era você? — questionei confuso enquanto minha mente girava.

— Sim e não... Minha tia começou a falar com você. Era ela no início. Por isso as características são diferentes das minhas.

— Eu não estou entendendo, Mariana!

— Como eu disse, eu vou explicar tudo.

— Eu acho bom, porque eu estou me sentindo um brinquedo que foi usado por vocês duas! — rosnei sem querer e Mariana negou com a cabeça.

— Eu nunca brinquei com você, Kaique! Nunca! Nem a minha tia, por mais louca que ela seja — ela se explicou um pouco nervosa. — Uma noite eu cheguei ao apartamento dela para uma visita. Conversamos e o celular dela tocou. Era um cliente que queria falar com ela. Tia Ceci desceu para encontrar com ele. Ela disse que não demoraria e eu fiquei ali, sem nada pra fazer. Vi que o notebook estava em cima da mesa, aberto em um site, e como ela estava demorando a voltar e eu estava ficando entediada de esperar por ela, eu acessei a página. Ela estava em um site que se chamava luxuria.com e falava com o Novato Cafajeste, ou seja, *você!* Bem, eu sei que não devia, que foi errado o que eu fiz, mas eu comecei a falar com você como se eu fosse ela, a Pecadora. Depois disso você já deve imaginar o que aconteceu...

— Meu Deus! — Passei a mão pelo rosto, nervoso, sem acreditar no que ouvia. — Vocês duas falavam comigo ao mesmo tempo?

— Não! Eu continuei falando com você pelo Whatsapp. Era eu e não a tia Cecília. Porém, mantive o segredo, o codinome... Eu estava gostando demais daquilo tudo, do anonimato, das nossas conversas quentes, da situação. Eu fiquei envolvida demais com você sem saber quem você era de verdade. Nem desconfiei que eu pudesse conhecer o tal Novato Cafajeste. Para mim tudo aquilo era uma escapatória da realidade para um mundo diferente, excitante e pecaminoso. Eu gostava demais das nossas conversas e acabei entrando no jogo. Afinal, nunca pensei que um dia despertasse em mim a vontade de conhecê-lo pessoalmente — desabafou sem jeito, seus olhos castanhos fixos em mim, me analisando.

— Isso é inacreditável, Mariana! Eu nem sei o que dizer...

— Desculpe...

— Acho melhor eu ir embora!

Girei com a intenção de sair, mas Mariana agarrou meu braço. Senti um

calor filho da mãe no local onde ela me tocava. Virei o rosto em sua direção e nossos olhos se encontraram desejosos, tempestuosos. Puxei uma respiração afiada tentando controlar a excitação que se manifestava com fúria, mas foi em vão. Eu estava pegando fogo!

— Não vá, Kaique! Fique! Vamos fazer essa noite valer a pena!

— Eu não posso ficar. Isso é errado! Você tem namorado!

— Isso não importa! Quero esquecer a minha vida lá fora e me concentrar em nós dois. Aqui dentro desse quarto seremos somente você e eu. Pecadora e Novato Cafajeste. Vamos nos permitir a essa loucura! — Sua voz saiu sensual e muito convidativa.

Ela liberou meu braço com cautela e me encarou. Seus olhos flamejavam luxúria e seu corpo transpirava sexo. Fiquei sem reação. Eu temia não ter forças para dizer não. A tentação era muito grande, mas excitante. E se eu cedesse, o que aconteceria depois?

11

Luxúria

Kaique

Os olhos de Mariana estavam sobre mim cintilantes, luxuriosos e convidativos. Eu não sabia o que fazer. Uma parte de mim dizia que aquilo era errado, que se entregar aquela loucura me traria consequências desastrosas, porém outra parte me tentava a aceitar aquele convite pecaminoso e viver uma noite intensa de prazer. Empurrei para longe do pensamento os questionamentos e o medo e deixei que a segunda parte vencesse. Afinal, era somente uma noite!

— Você tem certeza de que é isso que quer?

— Você está com medo, Kaique?

Fiquei calado, apenas encarando-a sentindo a profundidade e o magnetismo do seu olhar. A mão que antes agarrava o meu braço agora deslizava em minha pele. Mariana se aproximou um pouco mais e seu cheiro gostoso me invadiu. Senti uma onda de excitação tomar conta de mim, se espalhando pelo meu corpo, dopando o meu cérebro e simplesmente desisti de lutar. Decidido, agarrei sua cintura e a puxei para mim. Foi uma loucura de mãos e bocas, desejo e sedução.

Saboreei seus lábios, enfiando minha língua para dentro, se enroscando com a dela. Era deliciosa! O sabor era viciante, delirante. Mariana se

entregou ao beijo, entrelaçando seus dedos em meu cabelo, se esfregando em mim. Meu pau enrijeceu tanto dentro da calça que achei que fosse gozar ali mesmo, somente com aquele beijo que já beirava a pornografia.

Escorreguei minha mão em direção a sua bunda coberta pelo vestidinho colado e apertei. Ela arquejou forte e aprofundou ainda mais o beijo, mergulhando sua língua para dentro da minha boca. Eu não aguentava de tanto tesão. Estava inundado de luxúria, louco para fazer tudo com ela, com a *minha* Pecadora.

— Kaique... — gemeu quando eu apertei suas coxas indo até sua calcinha. O corpo dela começava a tremer em antecipação e isso me deixou ainda mais endoidecido.

Mariana me agarrava com a mesma fome, se esfregando em mim. Eu sabia que não ia aguentar muito tempo, então a conduzi até a enorme cama de casal. Antes de deitá-la, ela começou a tirar minha roupa. Eu também estava ansioso demais e quase arranquei o vestidinho que ela usava.

Quando finalmente a vi usando um conjunto de lingerie vermelha, eu quase morri. Mariana começou a se despir e ficou nua. A excitação aumentou e senti meu pau ficar duro feito pedra. Eu poderia gozar somente admirando aquela beleza toda que ela era. Linda, provocante, feminina... Pecadora! Arfei e a encarei. Ela mordeu os lábios sensualmente e sem desviar seus olhos dos meus, se abaixou e escorregou a minha cueca para baixo.

— Eu queria muito fazer isso! — disse ao abocanhar o meu pau com vontade.

— Puta que pariu!

Mariana estava me deixando louco. Ela agarrou as minhas coxas e sua boca e língua me levaram ao céu. Agarrei seu cabelo enquanto movia suavemente os quadris. Passei a comer a boca da Mariana em movimentos rítmicos. Ela me encarou com lascívia e meteu ainda mais meu pau para dentro. Senti sua garganta e bombeei com vontade.

— Porra! Que boca deliciosa! — rosnei com os dedos entrelaçados em seu cabelo, sentindo arrepios tomarem conta de mim.

Ela aumentou a pressão, indo e vindo mais rápido. Não aguentei e explodi em sua boca, gemendo alto. Para minha surpresa, Mariana engoliu tudo que eu oferecia.

Eu a ergui pelos ombros e a coloquei na cama. Meu pau ainda estava duro e o desejo me consumia. Mariana me encarava, mordendo os lábios, se remexendo sobre os lençóis.

— Vem, Kaique! Quero sentir sua língua em mim! — choramingou abrindo as pernas e se oferecendo sem pudor.

Fixei os olhos famintos em sua boceta rosada e depilada e caí de joelhos no meio de seu ventre. Abocanhei o clitóris ferozmente e Mariana soltou um grito. Chupei forte, lambendo sorvendo aquela carne macia e gostosa. Eu sonhei tantas noites com esse momento, acordando duro no meio da madrugada, algumas vezes tendo uma ejaculação durante o sono, que agora o que eu mais queria era saboreá-la, beijar seu corpo, dar prazer.

— Ahhh... — gemeu e rebolou de olhos fechados, mexendo o quadril para frente.

Desci a língua indo e vindo, sorvendo, me embebedando. Chupei seu ponto sensível e preendi entre os dentes. Mariana começou a choramingar endoidecida. Quando enfiei a língua para dentro dela, seu corpo estremeceu e ela gritou. Gozou, inclinando a cabeça para trás, serpenteando em cima do colchão.

Ela ainda estava com o corpo mole, a respiração pesada, quando eu deslizei o preservativo na minha ereção. Mariana piscou rapidamente e abriu mais os olhos, lambeu os lábios e deu um sorrisinho sacana.

— Vou te comer inteirinha, Pecadora! Fazer você gozar muito! — rosnei agarrando seu quadril e entrando nela.

Mariana entrelaçou as pernas ao redor da minha cintura e cravou os calcanhares na minha bunda, forçando a penetração. Era quente, apertada e muito, muito gostosa. Tive que me controlar para não chegar ao clímax cedo, pois queria muito aproveitar esse momento.

Eu me movimentei dentro dela, estocando compassado, sentindo-a.

Mariana não desviava seus olhos dos meus. Eles faiscavam em minha direção. Ela agarrou meu braço, me puxou para junto de si e nossas bocas se uniram em um beijo profundo. Eu a abracei enquanto a comia gostoso, sentindo sua boceta tragar o meu pau. Deslizei a língua em seu pescoço, distribuí beijos em sua clavícula e cravei meus dentes ali.

— Ahhh, não vou aguentar... — Mariana se debatia embaixo de mim, com o corpo suado, a respiração acelerada.

Meti com força, movendo o quadril, penetrando tão fundo que podia sentir seu útero. Comecei a massagear seu clitóris com os dedos, preparando-a. Ela enlouqueceu e arranhou minhas costas, mordeu meu ombro.

— Vamos juntos! Quero vê-la gozar com meu pau dentro da sua boceta. Linda Pecadora! — falei encarando seus olhos, beijando sua boca.

E foi assim! Explodimos em um orgasmo intenso, gemendo, delirando. Mariana tremeu, apertou ao redor de mim e gozou sem parar. Eu me derramei por inteiro, com o coração agitado, a mente rodopiando em mil sensações. Se fosse um sonho, eu não queria acordar!

Eu jamais esqueceria essa noite. Jamais esqueceria a Pecadora. Eu não havia pensado no que aconteceria depois, apenas me entregado aquela insana e deliciosa loucura. Amanhã era outro dia. Amanhã eu pensaria sobre tudo o que havia acontecido. Mas essa noite, eu queria me enterrar dentro dela. Muitas vezes!

12

Reencontro

Kaique

Depois daquela noite luxuriosa que passei ao lado da Pecadora, eu nunca mais a vi. Eu sabia que ela não iria entrar em contato comigo. Selamos o pacto de viver com intensidade cada segundo entre quatro paredes e depois daquela noite, cada um iria seguir o seu caminho.

Eu me formei, passei no exame da ordem e continuei trabalhando com a doutora Cecília, mas agora como advogado contratado e não mais como estagiário. A nossa relação era estritamente profissional. Essa foi a única exigência que eu fiz quando ela me chamou para trabalhar ao seu lado. Cecília compreendeu e aceitou as minhas condições. Sendo assim, éramos agora colegas e amigos.

Eu descobri que Beatriz havia traído o Renato e não ao contrário. A ex do meu amigo estava tendo um caso com um professor do curso de especialização que era casado. O cara largou a mulher e os dois filhos para viver com ela. Fiquei chocado com a descoberta, mas mais abismado ficou o Renato, que sempre imaginava que sua ex-namorada era fiel.

Quanto a Vanessa, eu ainda a via em uma audiência ou outra. Ela se divorciou do marido e estava solteira. Não podia negar que eu ainda sentia atração por ela, mas mesmo assim, quando conversávamos era somente assuntos profissionais. Vanessa não escondia que sentia o mesmo por mim.

Seus olhos cor de jabuticaba brilhavam cada vez que nós nos encontrávamos. Mas eu estava dando um tempo nos relacionamentos pessoais e me dedicava apenas no meu trabalho. Queria construir um nome do ramo advocatício e isso levava tempo e muita dedicação.

A audiência terminou e eu saí da sala, acompanhado pela doutora Cecília. Ela caminhava ao meu lado falando sobre assuntos jurídicos, teses e clientes. O seu telefone celular tocou e ela se retirou para atender. Eu continuei o meu trajeto até o estacionamento.

Ia tirando a chave do bolso da calça de linho quando uma voz conhecida me chamou:

— Kaique!

Girei o rosto rapidamente e me deparei com a Mariana. Quase morri! O coração disparou e a boca ficou seca. Estremeci com a presença dela ali, no Fórum. Mariana estava sorrindo e vindo em minha direção. Interrompi os passos e a esperei. Ela estava muito linda usando uma saia levemente solta e blusa de seda.

— Mariana! — balbuciei ainda sem acreditar no que via.

— Oi, doutor Carlos Henrique! Como vai?

— Estou bem e você? — Estiquei a mão em sua direção. Ela ignorou a minha mão esticada e me cumprimentou com beijinhos no rosto, bem perto da boca. Quase desfaleci. Seu cheiro me invadiu, me deixando zozinho.

— Quanto tempo! — exclamei sem jeito enquanto ela me comia com os olhos.

— Verdade, faz um bom tempo mesmo! — Ela sorriu. — Fiquei feliz quando soube que você está advogando na área cível. Parabéns!

— Obrigado!

— Quer tomar algo comigo? Um café? Uma água de coco? — convidou com olhar cintilante.

Fiquei hesitante. Não estava preparado para aquele convite. Na verdade a

minha intenção era passar no supermercado, ir para casa, tomar um banho e me jogar no sofá. Eu estava um pouco cansado e precisava relaxar. Mas como rejeitar um convite feito por ela? Eu sonhava todos os dias com esse momento, quando eu pudesse vê-la novamente, conversar com ela. Foi pensando nessa minha necessidade que eu aceitei.

Fomos até um barzinho que ficava a poucos quarteirões dali. Como Mariana me disse que veio de táxi, eu a levei no meu carro.

Chegamos e nos sentamos a uma mesa. Pedimos água de coco para nós dois. O fim de tarde estava quente e nada como algo gelado para refrescar um pouco. Se bem que eu achava que nada refrescaria o meu calor. Estar perto da Mariana novamente me deixava como uma tocha humana.

— É muito bom te ver! — falei e ela sorriu. E que sorriso mais encantador!

— É muito bom te ver também, Kaique!

— O que você estava fazendo no Fórum?

— Eu fui atrás de você! — Arregalei os olhos muito surpreso com aquela declaração. — Eu sabia que você estaria lá junto com a tia Ceci! Eu queria muito te ver!

— Pensei que a gente nunca mais fosse se ver, Mariana! Achei que aquela noite... Bem, aquela noite a gente fez um pacto. Você se lembra? — indaguei enquanto flashes quentes e luxuriosos povoavam a minha mente. Respirei fundo buscando autocontrole.

— Sim, eu lembro...

— Você é comprometida e eu não quero criar confusão pra gente — disse aquilo com um nó na garganta. A vontade que eu tinha era de dizer a ela que mandasse o namorado se foder e ficasse comigo. Como se isso fosse acontecer um dia!

— Eu terminei o namoro. Estou solteira!

Engoli em seco, pensando que meu sonho havia se tornado realidade.

Mariana estava livre, leve e solta? Era impossível! Por que será que ela terminaria um namoro promissor com um cara cheio da grana?

— Sério?

— Sim!

— Você tem certeza disso? — perguntei receoso, pois temia que ela pudesse reatar com o cara.

— Kaique, eu não tenho mais nada com o Júnior! Nós terminamos há mais de um mês.

— Por que terminaram?

— Porque desde aquela noite que passamos juntos eu não te esqueci. — Eu a encarei muito atento ao que ela falava, com as emoções a flor da pele. — Era para ser somente Pecadora e Novato Cafajeste, mas... Teve algo mais! Algo que eu não sei explicar. A única coisa que sei é que você não sai do meu pensamento.

Fiquei sem reação. Meu coração deu um salto e minha cabeça rodopiava. Ouvir tudo aquilo me deixava confuso. Eu sentia um misto de felicidade e assombro, algo estranho invadindo meu peito. Pisquei rapidamente tentando absorver o que ela dizia, quase me beliscando para voltar à realidade.

— Mariana, você tem certeza do que está falando?

— Nunca tive tanta certeza na minha vida! — Ela esticou sua mão e tocou a minha. Meu corpo se aqueceu novamente. E com os olhos fixos aos meus ela disse: — A gente podia tentar. Se você quiser, claro.

Agarrei a mão com firmeza que era para ela saber que eu nunca a deixaria partir. Mesmo com o pensamento em desordem, o receio daquela novidade, mesmo assim eu estava disposto a tentar. Mas, sobretudo, eu queria muito beijá-la, tocá-la, fazer amor com ela. Com a minha Pecadora!

— Vamos sair daqui, Mariana! Senão eu vou cometer uma besteira em público.

Ela sorriu sensualmente enquanto eu deixava o dinheiro em cima da

mesa. Agarrei sua mão e saímos porta a fora, caminhando até o estacionamento. Não deu tempo de entrar no carro e eu a encurrei junto à lataria. Enrosquei meus dedos em seu cabelo macio e a beijei apaixonadamente.

Em meus braços, Mariana se entregou plenamente. Nada mais importava. Ali estava nascendo uma nova vida para nós dois. Uma oportunidade de sermos felizes, de concretizarmos nossos sonhos. Na vida real éramos Mariana e Carlos Henrique, mas entre quatro paredes, seríamos para sempre Pecadora e Novato Cafajeste.

FIM

Cena extra

Kaique

Seis meses atrás...

A cafeteria estava lotada. O café expresso esfriava a minha frente enquanto Leone e Renato tagarelavam sobre um assunto que eu desconhecia. Em minha mente só havia espaço para Mariana, a sobrinha da minha chefe. A última vez que a vi, no escritório, eu fiquei tão surpreso com a visita dela que me embasbaquei todo. Estava levando um café para minha mesa e o derrubei quase em cima dos meus papéis. A minha mão tremeu e não consegui evitar.

Eu agi como um completo babaca em sua frente. Como pude ser tão idiota? Nem quando eu tinha quinze anos eu ficava assim, feito um bobo na presença de uma garota. E, agora com vinte e dois anos, um homem feito, eu cometi a maior gafe que existia. Quando ela disse “oi” com aquela voz sensual e doce, só faltou eu ter gaguejado diante dela, porque o resto eu fiz.

— Kaique, em que planeta você está? — perguntou Leone, dando um leve tapinha no meu ombro.

— Acho que o nosso amigo foi abduzido. — Renato zoou com a minha cara.

Fiz uma careta para eles, enquanto bebia o meu café:

— Acredito que eu deva ter perdido muita coisa do papinho pervertido de vocês dois.

— Você está vendo, Renato? Quando eu falo que o Kaique precisa sair e pegar umas garotas ele fica zangado comigo — disse meu primo com um sorrisinho no rosto. Ele se voltou para mim e completou: — Kaique, você precisa trepar urgentemente!

— Ah, pelo amor de Deus, Leone! Você só pensa em sexo vinte e quatro horas por dia?

— Você quer que eu pense na corrupção que assola o nosso país ou na alta do dólar?

Renato inclinou o corpo pra frente apontando com os olhos para uma loira de cabelos curtos que está sentada a nossa diagonal:

— Ei, Kaique, a sua coleguinha, Laís, está doida pra foder com você. Ela não parou de te olhar desde que nós sentamos aqui.

Discretamente eu girei o rosto e me deparei com a Laís, que sorria como uma boba para mim, piscando os olhos sem parar. Podia perceber que ela cruzava e descruzava as pernas vestindo saia e meia preta, em uma fracassada tentativa de me seduzir. Santo Deus! Isso era a pura visão dos infernos!

— Vocês querem parar com isso! Não é só de sexo que vive o homem — disse baixinho.

— Ah, mas uma trepada de qualidade é tudo! — falou meu primo sorrindo maliciosamente.

— Sim, uma foda depravada é tudo! — Concordou Renato com ar sugestivo.

— Até pode ser, mas eu não estou necessitando disso neste momento — rosnei olhando de canto pra a garota que praticamente babava em cima de mim.

— Sabe, qual é o seu problema, Kaique? É que você só tem vivido para a faculdade e o trabalho. A vida é muito mais do que isso, cara!

— E quem disse que eu não me divirto, Leone?

— Opa! Finalmente o Kaique está se revelando — disse Renato abrindo um novo sorrisinho. — Eu sabia que você não ia negar a raça dos safados loucos por uma foda pervertida.

— Jesus! Renato, você pode falar mais baixo? Daqui a pouco a cafeteria inteira vai saber que nós três somos tarados. Já pensou na nossa reputação? — repreendi balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Kaique, você se lembra da nossa colega ruiva boazuda de peitos grandes? — Ele gesticulou em frente ao corpo como se estivesse mostrando o tamanho dos seios garota.

— Ah, sim! A ninfomaníaca da Sandra. Como eu iria me esquecer dela? — Suspirei fundo e aconselhei: — Renato, você precisa ser mais cuidadoso ou você quer que a sua namorada Beatriz saiba que você está distribuindo elogios e trocando olhares com outras garotas?

— Relaxa, cara! Beatriz nem desconfia de nada! E tem mais: burro atado também pasta! — Ele soltou uma risada e foi seguido por Leone. Dois cafajestes de carteirinha!

Neste momento Mariana entrou na cafeteria. Meus olhos não acreditavam no que viam. Era ela e estava linda, mesmo usando uma calça jeans e camiseta colada ao corpo. Fiquei observando-a. Ela pediu um café e girou o rosto de lado. Nossos olhos se encontraram e ficaram presos por um momento. Mariana pagou o atendente e veio até a nossa mesa. Engoli em seco e disfarcei a inquietação o quanto pude.

— Oi, Kaique! — ela disse se aproximando sorridente.

— Oi, Mariana! — Eu me levantei para cumprimentá-la com dois beijinhos.

Leone e Renato estavam boquiabertos com os olhos fixos nela. Fiz cara feia para os dois, que entenderam o recado. Por fim apresentei a Mariana para eles e a convidei para se sentar com a gente. Ela recusou dizendo que havia passado ali apenas para pegar um lanche. Fiquei frustrado.

Mariana deixou o lanche em cima da mesa e começou a conversar comigo.

— Te vi outro dia no escritório da tia Ceci. Eu até ia falar com você, mas estava ocupado e não quis atrapalhar.

— Imagina, Mariana! Você não atrapalha nunca! — disse a verdade com os olhos brilhando para ela. Era linda demais!

Mariana deu um sorriso meigo e passou a mão pelo longo cabelo castanho. Eu adorava quando ela sorria. As covinhas apareciam e a deixavam ainda mais charmosa.

— Como está a faculdade?

— Está puxada! É trabalho, estágio e formatura pra pensar. Não é fácil. E como está a sua?

— Eu adoro Arquitetura, mas é bem puxada também! — Ela sorriu novamente e olhou para o relógio do seu celular. — Eu queria ficar conversando um pouco mais, mas eu preciso ir. Tenho que terminar um trabalho para entregar amanhã!

— Ah, que pena!

— A gente se vê um dia desses! Tchau, Kaique! — Ela me deu um beijo no rosto e saiu.

Caí sentando na cadeira, com um sorriso bobo nos lábios, enquanto a via se distanciando. Leone e Renato gargalharam. Pisquei rapidamente e fiz uma careta para meus amigos. Eles não economizavam tempo para zoar com a minha cara. Ignorei os dois e olhei para a mesa. Mariana havia esquecido o lanche dela. Peguei o pacote e saí rapidamente em meio as pessoas. Eu precisava alcançá-la antes que ela fosse embora.

Estava tão obstinado em falar com ela outra vez, que não percebi a presença de uma mulher que estava a minha frente segurando uma bandeja nas mãos. Dei um rompante na coitada, fazendo o seu lanche voar para o alto e logo em seguida cair esparramado no chão. De um lado havia resto de milkshake de chocolate e do outro há resto do hambúrguer que provavelmente era

da Mariana. Que desastre!

— Você está doido? — a mulher bradou indignada.

— Desculpe, mas eu preciso passar, por favor — falei me esquivando dela e saindo em disparada para fora. Mas era tarde demais! — Ah, porra! — praguejei baixinho segurando o resto do lanche dela.

— Kaique, que diabos deu em você? — perguntou Leone se aproximando, seguido de Renato.

— Eu a perdi... Eu... Ah, merda! — rosnei passando as mãos pelo cabelo. — Mariana esqueceu o lanche dela e eu saí para entregar, mas... Fiz um desastre!

— Ih, cara! Eu vi. Foi feia a coisa, viu! — Leone ria. Era um safado mesmo!

— Acredito que a gatinha não vai querer mais esse hambúrguer, Kaique. Vamos pagar a conta e ir para casa. — disse Renato e tive que concordar com ele.

Pagamos a conta e cada um foi para sua casa. Eu precisava ver Mariana novamente e conversar com ela, mas para isso, eu tinha que controlar minha timidez.

VORAZES CINZAS DA FÊNIX

Prólogo

Estela

Um ano atrás...

Eu era caloura do curso de Administração em uma universidade federal, após muito esforço e dedicação! Era noite de sexta e os veteranos estavam dando uma festa regada a muita bebida e música alta. Eu fui convidada por uma amiga de uma amiga que cursava o oitavo semestre e acabei indo. Lá eu me senti um pouco perdida no meio daquela gente toda que esbaldava dinheiro, status e beleza. A maioria das garotas da festa parecia que tinham saído da capa de uma revista de moda. Eram perfeitas. Lindas. Magras. Altas. Tudo o que eu não era.

Eu me considerava um patinho feio, a última garota que um cara olharia. Tinha dezoito anos, usava óculos de lente, aparelhos ortodônticos e tinha o cabelo loiro crespo comprido. Era magra demais, mas ao contrário das outras magras, eu era baixinha. Portanto, eu não despertava a atenção dos homens. Não que eu quisesse vários. Eu só queria um: Alex!

Ele estava na festa rodeado de garotas. Todas bonitas e sensuais. Tudo o que eu não era. Eu o observava de longe interagindo com elas, bebendo muito e rindo a vontade. As garotas se penduravam nele, acariciavam o cabelo negro e brilhante, deslizavam a mão pelo peito, ombros e braços, se

oferecendo. E eu ali, só admirando a beleza daquele homem. Um deus grego!

Tinha vinte e um ou vinte e dois anos. Despertava a atenção das mulheres por ter um porte atlético definido, ombros largos, braços bem trabalhados. Era alto, forte, másculo. Tinha os olhos mais azuis que eu vi um dia. O rosto perfeito que ostentava uma barba por fazer. A boca era uma tentação, de lábios cheios, convidativos. Tinha uma covinha no queixo, que o deixava ainda mais charmoso. E o sorriso? Deus do céu! Era de encharcar a calcinha de qualquer mulher.

Alex era minha paixão platônica. Desde que eu o conheci, há dois meses pelos corredores da universidade, que eu não pensava em outra coisa. Ele nem sabia que eu existia. Nunca conversamos ou fomos apresentados. Mas eu sabia tudo sobre ele. E por coincidência, ele era herdeiro da empresa onde meu pai tinha uma sociedade.

Eu me aproximei de uma mesa onde tinha vários tipos de bebidas e servi uma dose de martini. Eu não costumava beber e aquela era a primeira e única dose da noite. Estava bebericando o martini quando senti o cheiro de um perfume masculino muito gostoso invadir as minhas narinas. Eu me virei e quase tive um treco. Alex estava atrás de mim, segurando uma garrafa de vodka na mão e me olhando com malícia.

— Martini, gatinha? Você tem que beber algo mais forte. Que tal uma dose de vodka?

Fiquei sem reação, apenas encarando aqueles olhos azuis que pareciam querer me aprisionar. O coração disparou, a boca ficou seca e minhas pernas bambearam. Eu não acreditava que ele estava puxando conversa comigo. Alex só podia estar muito bêbado.

— Eu gosto de martini — balbuciei sem jeito e ele riu.

— Vem cá, beba uma dose de vodka comigo. Ou prefere um uísque? — ofereceu com voz um pouco enrolada.

Alex piscou algumas vezes e passou a mão no rosto. O álcool já estava afetando seu cérebro e ele se apoiou na mesa. Tive vontade de fugir dali, porque sabia que ele só tinha puxado papo comigo por que estava bêbado.

Mas quando pensei em me mover, ele agarrou meu pulso com firmeza e me olhou direto nos olhos.

— Eu preciso ficar sozinho. A minha cabeça está doendo — disse quase em um sussurro.

Eu não conseguia falar e estava perdida naquele olhar intenso e penetrante. Envolvida pela presença dele, pelo seu cheiro, seu calor e tudo o que significava para mim. Estava tão nervosa que tremia da cabeça aos pés, sentindo as pernas amortecidas.

Sem dizer mais nenhuma palavra e de posse da minha mão, Alex me conduziu para o interior da casa, para o escritório. Entrou, trancou a porta e se atirou no sofá de couro. Ele me olhou e fez sinal para que eu me acomodasse ao seu lado. Movida pelo desejo e pela paixão, eu me acomodei no espaço vazio. Ele me abraçou pela cintura e me puxou de encontro a si.

— Gostei do cheiro do seu cabelo, gatinha. Parece amora ou outra fruta silvestre. — Sua voz era arrastada e baixa. E ele tinha o hálito de quem havia bebido todas.

— Você nem sabe quem eu sou! — Finalmente minha voz saiu.

— E quem precisa de nomes, sobrenomes. As coisas ficam mais excitantes quando as pessoas ficam no anonimato.

Alex ergueu o meu queixo, apertou os olhos e piscou algumas vezes. Era nítida a sua pouca sobriedade, mas eu não me importei. Naquele momento eu só queria senti-lo em mim.

— Eu... Eu... — sussurrei quase sem ar.

— Vem cá, gatinha loira. — Ele agarrou minha nuca e me beijou.

Fiquei sem acreditar no que estava acontecendo, achando que estava sonhando. Senti seus lábios me devorando, sua língua entrando em minha boca, buscando a minha. Eu não sabia muito bem o que fazer. Então o beijei de volta, com o coração acelerado, as pernas bambas.

Alex me puxou ainda mais contra seu peito, colando nossos corpos.

Senti seu membro ereto sobre a calça jeans e fiquei molhada, pronta para ele. Fechei os olhos, perdida na atmosfera erótica e prazerosa que nos envolvia. Eu só queria aproveitar cada segundo daquela loucura, sem pensar no amanhã.

Deslizando os dedos em meu corpo, Alex tirou a minha saia, depois a minha calcinha. Eu ardia e palpitava em cima do sofá, enquanto ele apertava minhas coxas, abria minhas pernas e se aconchegava no meio do meu ventre.

— Hoje você vai ser a minha putinha! — rosnou com a boca em meu pescoço, mordiscando e beijando.

— Ahhhh, meu Deus! — arquejei sem controle, enroscando meus dedos em seu cabelo negro sedoso.

Quando dei por mim, ele já havia baixado a calça jeans e estava seminu. Abri os olhos e me deparei com seu olhar carregado de luxúria. Entrelacei minhas pernas ao redor de sua cintura e o puxei de encontro a mim. Alex veio, roçando seu membro na minha entrada, me deixando endoidecida.

Naquela noite eu morreria de prazer. Naquela noite eu perderia a minha virgindade com o homem que eu amava, mas que sequer sabia quem eu era. Depois, talvez, Alex não se lembraria desse momento, dada a sua embriaguez. Mas eu nunca me esqueceria dessa noite. Eu o amaria pelo resto da minha vida.

Capítulo 1

Alex

Faltavam oito meses para eu me formar em Administração e eu estava me sentindo um pouco sufocado. Eu sabia muito bem o que devia fazer: assumir a empresa que o meu pai me deixou, mas não me sentia preparado ainda para isso. Estava fora de casa a alguns meses, rodando o mundo e Pierre estava louco atrás de mim. Ele e Raquel me ligavam constantemente em busca de notícias. Por isso, desliguei o celular há dois dias. Eu precisava de um pouco de privacidade. Eu precisava ficar comigo mesmo.

Era noite de sexta-feira e a cidade de Buenos Aires estava agitada. Aliás, a cidade sempre estava cheia de turistas e moradores locais que aproveitavam para sair e se divertir. Assim como eu, que estava acomodado a uma mesa em um clube suntuoso, assistindo a um espetáculo de tango.

Concentrado na apresentação, eu não percebi quando um senhor de cinquenta e poucos anos, cabelo grisalho e olhos verdes de aproximou.

— Com licença, eu posso me sentar aqui com você? As outras mesas estão todas ocupadas e vi que é brasileiro — disse ele abrindo um sorriso gentil.

— Claro! Sente-se! — Fiz sinal para ele que se acomodasse a minha frente. Geralmente eu não costumava conversar com estranho e não dava liberdade para que houvesse uma aproximação, mas a expressão serena e amigável do homem me fez mudar de ideia. — Como o senhor sabe que sou

brasileiro?

— Quando você chamou o garçom e fez seu pedido, eu percebi que seu espanhol não é dos melhores.

— O senhor é bom observador. — Sorri e estiquei a mão me apresentando. — Sou Alex Bismarck!

— Prazer, Samuel Medeiros. — Trocamos um rápido aperto de mãos e ele perguntou: — Por acaso você tem parentesco com Augusto Bismarck, o empresário do ramo do aço?

— Ele era meu pai!

— Eu ouvi falar muito bem do seu pai. Ele foi um grande homem que cresceu na vida devido aos frutos do seu trabalho. Você deve ter orgulho dele! — disse se referindo ao meu pai com carinho, como se o conhecesse. Minha curiosidade despertou.

— Sim, eu me orgulho muito dele. O senhor o conhecia?

— Conheci há algum tempo atrás quando eu trabalhava em uma empresa que ele fez uma parceria.

— Em que o senhor trabalha? — indaguei interessado bebericando de meu vinho tinto.

— Eu trabalhava em uma empresa de construção civil, mas saí de lá faz uns dois meses.

— O senhor está sem trabalho então?

— Sim, filho! Sem trabalho e cheio de dívidas. — Ele deu um sorriso nervoso. — Mas bebendo um bom vinho em Buenos Aires!

Fiquei imaginando quais seriam as dívidas que seu Samuel teria. Pelo que percebi era um homem do bem, fino e estudado, mas que estava sem um trabalho. Ele disse que conhecia o meu pai e pensei em dar-lhe uma oportunidade. Seu Samuel precisava de um emprego e eu de um braço direito na empresa. Mas eu não falaria com ele sobre isso agora. Chegaria o momento certo.

— Então vamos aproveitar a noite, seu Samuel. Estamos em Buenos Aires e rodeados de mulheres bonitas. Está vendo aquelas cinco garotas que estão naquela mesa? — Olhei na direção onde as mulheres estavam nos cobiçando com olhares.

— Que é isso, Alex? Eu já estou um pouco velho para pegar essas garotas. Elas têm idade para serem minhas filhas!

Ri, balançando a cabeça enquanto seu Samuel olhava para as garotas com interesse. Fiz sinal para um garçom e pedi que enviasse para elas o melhor champanhe da casa e junto com a bebida, escrevi um bilhete bem sucinto. Eu conhecia o sexo feminino e sabia muito bem o que estava fazendo.

— Agora vamos esperar! — Dei uma piscadinha para seu Samuel, que me fitou desconfiado.

— Sei não, viu!

Minha intuição estava certa. Assim que as garotas receberam a bebida e o bilhete, fizeram um alarido na mesa. Cochichavam entre si, riam e nos olhavam com olhar flamejante. Era nítido o entusiasmo delas, o interesse por nós dois. Seu Samuel era um homem de meia-idade bem conservado, bonitão e eu faria com que ele tivesse uma noite prazerosa.

Chamei as garotas para se juntar a nós na mesa e elas vieram muito alegres. Eram bonitas e estonteantes. Duas morenas, uma loira, uma mulata e outra ruiva. De imediato uma das morenas e a mulata se interessaram por seu Samuel, sentando-se ao lado dele e puxando conversa. A loira, a ruiva e a outra morena quase me devoravam, deixando explícito seu desejo por mim. Não me fiz de rogado e as acomodei ao meu redor. Bebemos muito vinho, champanhe e rimos conversando assuntos banais.

Momentos depois, quando o álcool começou a fazer efeito, uma delas se insinuou dizendo que queria conhecer o meu quarto. Como eu não queria ficar sem as outras, convidei as três para ir até o hotel onde eu estava hospedado. Elas aceitaram na hora. Cochichei no ouvido da mulata dizendo que seu Samuel estava sozinho e precisava de um carinho. Ela entendeu e conversou baixinho com a amiga.

O resultado disso tudo foi que nós deixamos o clube depois da meia-noite. Seu Samuel saiu acompanhado pelas duas belas garotas enquanto eu fiz uma suruba e tanto com as outras três em minha suíte.

Um mês depois do acontecido em Buenos Aires, seu Samuel havia aceitado o meu convite e estava trabalhando comigo na empresa. Eu estava feliz e entusiasmado por estar tomando conta dos negócios do meu pai e por ter seu Samuel como meu braço direito. Ele me contou de suas dívidas em jogos e eu o ajudei. Seu Samuel vendeu um dos dois imóveis que ele tinha e se tornou meu sócio e também vice-presidente da empresa. Eu também tinha como sócios seu Vicente Fagundes, que havia acabado de fazer uma cirurgia complicada na coluna e estava se recuperando, e o seu Alfeo Hoffman, que tentava a todo custo se manter sóbrio. Ele era alcoólatra e já tinha feito alguns tratamentos para deixar do vício, mas ainda não tinha obtido sucesso.

— Estou muito feliz por tê-lo em minha empresa, seu Samuel — falei enquanto atravessava o corredor em direção a minha sala.

— Eu também estou contente por fazer parte dessa grande companhia, Alex. E, por favor, é apenas Samuel — recomendou sorrindo. — Bem, o Vicente está me esperando para uma reunião com um dos representantes da empresa KJ construções.

— Qualquer coisa me chame, Samuel.

— Pode deixar!

Samuel saiu em direção ao elevador enquanto eu chegava no saguão que dava para minha sala. Acomodada a uma poltrona estava uma garota jovem, no início dos vinte anos, cabelo loiro comprido e cacheado, e olhos verdes que se escondiam atrás de um par de lentes de grau. Ela era alta e magrinha, parecia uma Barbie.

Quando a menina me viu, seus olhos cresceram e ela começou a enrolar,

nervosamente, no dedo uma mexa de seu cabelo. Eu achei aquilo estranho e pensei que talvez ela estivesse ali para o programa de estágios que a empresa oferecia. Mas ela era muito jovem para esse emprego. Eu me aproximei cautelosamente e ela me encarou sem piscar.

— Olá! Está esperando alguém? — indaguei e vi que as bochechas dela pegaram fogo na hora. A garota era tímida!

— Sim... Estou esperando o meu pai.

— E quem é o seu pai?

— Alfeo Hoffman.

— Eu não sabia que ele tinha uma filha. — Sorri e ela piscou os olhos rapidamente, se remexendo sobre o estofado. — Quer esperar o seu pai na minha sala? Ele vai demorar um pouco, pois está em uma reunião.

Ela olhou para os lados, hesitante. Parecia um pouco nervosa e eu não sabia o motivo. Abri a porta da minha sala e fiz sinal para que a garota entrasse. Não iria deixar a filha do Alfeo esperando por ele sendo que eu sabia que a reunião demoraria. Por fim, ela se levantou e me acompanhou.

— Por favor, sente-se. — Apontei para a cadeira em frente da minha mesa.

— Eu sei quem você é! É Alex Diniz Bismarck, o herdeiro do senhor Augusto. Você faz faculdade de Administração e está no último período. — Ela me encarava muito astutamente, ainda de pé.

— Qual é o seu nome? — indaguei interessado, pois a garota sabia a minha vida.

— Estela! — Ela caminhou até uma escultura que havia em cima de um móvel e pegou na mão. — Eu gosto de artes: pinturas, esculturas, desenhos...

— Então você faz faculdade de artes? — arrisquei me aproximando. Estela deixou o objeto sobre a mesa e me olhou.

— Não! — disse apertando com força a alça da bolsa que trazia no ombro. — O seu escritório é muito bonito! Tem uma visão fantástica da

cidade. — Ela desconversou e caminhou até a enorme janela de vidro. — Você é um homem de sorte, Alex.

— Eu acho que não sou, embora algumas pessoas acreditem que sim — respondi melancólico, pois sabia que minha vida era cercada de infortúnios.

— Eu soube o que aconteceu com seus pais. O meu pai me contou faz algum tempo.

— Você aceita um cafezinho? — Agora era a minha vez de desconversar.

— Não, obrigada! — Ela olhou para o relógio de pulso e se voltou para mim. — Eu vou esperar o meu pai na sala dele — disse se movendo em direção a porta de saída.

— Fique a vontade, Estela!

— Obrigada, Alex. — Ela sorriu agarrando a maçaneta. — Ah, eu nunca me esquecerei dos seus olhos. Eles prendem as pessoas! — e dizendo isso, Estela saiu me deixando com pulgas atrás da orelha.

Eu não conhecia essa garota antes de hoje, conhecia?

Capítulo 2

Alex

Alguns meses depois...

O final de semana chegou e com ele veio a festa de inauguração de uma das filiais das empresas Veloso, do meu amigo Douglas e do seu pai, seu Aristides. Vesti um terno preto, gravata vermelha, sapatos escuros. Arrumei os fios do cabelo com um pouco de gel, passei meu perfume preferido, *One Million*, peguei as chaves do Porsche e saí.

A festa transcorria animada no salão da empresa. Havia garçons distribuindo bebidas aos convidados e um bufê de salgados. Peguei uma taça de espumante e sai em direção a Douglas e ao seu pai, que estavam conversando com um casal.

— Bonita festa! — falei ao me aproximar.

— Alex, que bom que você veio! — disse Douglas enquanto eu o cumprimentava com um aperto de mãos.

— Eu não faltaria a essa festa por nada — respondi e me virei para seu Aristides, cumprimentando-o também. — Parabéns por mais essa conquista.

— Obrigado, Alex! Estamos muito felizes! — disse entusiasmado. O

casal que estava com eles ficou me olhando com curiosidade, então seu Aristides fez as apresentações. — Alex, você conhece Alberto e Verônica Roth?

— Ainda não! — Sorri e estiquei a mão me apresentado. — Prazer, Alex.

— Prazer, Alberto! — Ele disse apertando minha mão. Era um homem alto, cabelo e olhos castanhos, fino e educado.

— Muito prazer, dona Verônica! — Por fim cumprimentei a mulher que me olhava astutamente.

Dona Verônica apertou minha mão e sorriu. Seus olhos claros brilharam para mim, curiosos. Ela era bonita, meia idade. Tinha o cabelo loiro abaixo dos ombros, era magra e se vestia com elegância. Mas o que me intrigava era o modo como ela me olhava, com certo interesse. Talvez fosse interesse profissional, afinal todos conheciam a minha empresa.

— Você é o herdeiro do seu Augusto Bismarck, não é? — perguntou seu Alberto bebericando de seu champanhe.

— Sim, sou. Conheceu o meu pai?

— Não, mas ouvi falar muito bem dele. Homem empreendedor no mundo do aço. Seu pai foi um grande homem!

— Sim, eu me orgulho muito dele!

— Quem comanda a empresa agora? — indagou seu Alberto ainda interessado.

— Sou eu!

— Eu soube que você estava em uma viagem — disse dona Verônica atraindo a atenção para si.

— Sim, estive fora por um tempo.

— Alex, deu a volta ao redor do mundo, dona Verônica. — Riu Douglas piscando um olho para mim, matreiro.

— Ah, isso deve ser maravilhoso! Conhecer vários países não tem preço! — Ela sorriu de braço dado com o marido. Sua voz saía macia como veludo.

— Eu diria que conhecer as diferentes culturas é impagável — consertei a frase dando um gole na minha bebida.

— Ah, isso é verdade! É o que eu sempre digo para as minhas filhas, Fernanda e Naiara. Quem tem cultura, tem tudo! — Ela sorriu concordando comigo.

Seu Aristides se interessou pela viagem e acabei relatando algumas passagens que eu fiz nos quatro continentes. Inclusive relatei a eles como conheci Samuel, que havia acabado de chegar na festa. Meu sócio se uniu a nós e terminou o relato de como nos conhecemos em Buenos Aires. Contudo, não contou a festinha que tivemos com as cinco garotas. Não era assunto para ser falado nesse momento, embora Douglas ficasse desconfiado de que havia algo mais a ser contado. Ele me conhecia muito bem.

Douglas e eu deixamos seu Aristides e Samuel conversando com o casal Roth e saímos em direção ao bufê.

— Desembucha ai, Alex, qual festinha que você aprontou em Buenos Aires com o seu Samuel? — questionou com ar malicioso como se já soubesse o que havia acontecido.

— Quem te contou, Douglas? — Provei um canapé e observei para os convidados que ali estavam.

— Eu sabia! — Ele gargalhou. — Seu Samuel deixou escapar algo um dia desses no clube. Havia tomado um pouco demais, sabe, e estava tagarela.

— Eu fiz aquela noite valer a pena. Para mim e para ele. — Ri me recordando da intensa noite que eu tive.

— Você não vale nada, mesmo! — Ele brincou dando uma cotovelada em meu braço.

— Olha quem fala, seu safado colecionador de calcinha!

Rimos um do outro enquanto eu via uma moça muito bonita de cabelo cor de mel conversando com uma menina de cabelo loiro. Ela era jovem, exuberante, corpo curvilíneo, pele clara. Tinha olhos castanhos amendoados, cílios volumosos cheios de rímel. Usava um vestido longo, preto, com uma fenda expondo parte da coxa de uma das pernas. Mas minha atenção não se concentrou somente em seu corpo perfeito, mas também naquele olhar que agora estava preso ao meu, me estudando.

Ela falou alguma coisa com a menina de cabelo loiro e saiu em direção à sacada. Meus olhos a seguiram. Era bonita demais para ser ignorada. Não pensei duas vezes, e fui atrás dela. Cheguei de mansinho e encontrei a bela garota bebendo seu champanhe e olhando para a noite lá fora.

— Linda visão! — disse parando atrás dela. Ela deu um sobressalto virando-se rapidamente.

— A cidade parece que fica mais bonita daqui de cima. — Ela sorriu me encarando com olhar flamejante.

— Eu não me referi a cidade e sim a você! — Fui direto demais e ela se surpreendeu. A garota piscou os olhos depressa e deu um gole em sua bebida. — Prazer, Alex! — Estiquei a mão em sua direção.

— Fernanda!

— Nanda deve ser seu apelido, certo?

— Sim, é sim! E Alex é seu nome ou é apelido? — Ela sorria para mim demonstrando interesse, o que me deixou entusiasmado.

— Meu nome é Alexander, mas gosto que me chamem de Alex. É mais prático!

Fernanda sorriu e passou a mão pelos longos fios castanhos. Imaginei como devia ser macio e cheiroso seu cabelo, sua pele. Ela bebericou novamente de seu champanhe e percebi que estava um pouco nervosa comigo ali. E não era para menos! Eu cheguei abordando a garota com tudo. Precisava manter o controle, pois não queria assustá-la.

— Eu vi você conversando antes com os meus pais.

— E quem são seus pais?

— Alberto e Verônica Roth — falou e eu sorri. Então Fernanda era filha dos Roth?!

— Você é muito parecida com seu pai! — Observei as características físicas entre pai e filha e eram gritantes.

— Todos dizem isso. E dizem que minha irmã mais nova Naiara é parecida com minha mãe. — Sorrii me deixando ainda mais encantado. Nesse momento começou a tocar a música *Listen to your heart, Roxette*. — Eu adoro essa música!

— Então vamos dançar! — Eu a convidei esticando a mão para ela. Fernanda hesitou por um instante, mas sorrindo, agarrou minha mão.

Eu a conduzi até a pista sob os olhares de alguns convidados. Ignorei a curiosidade alheia e posicionei uma das mãos na cintura dela enquanto a outra segurava sua mão. Então começamos a nos mover no embalo do som. Fernanda sempre mantinha contato visual comigo e eu mergulhava no castanho que eram os seus olhos. Estava mais do que encantando com ela, quase embriagado em seu perfume e doido para sentir seu gosto, seu calor.

Apertei um pouco mais sua cintura, trazendo-a de encontro a mim. Fernanda ofegou, lambeu os lábios e eu quase fui à loucura. Tive que dominar meus instintos ao máximo, pois estava na beira de ter uma ereção filha da puta no meio do salão e isso não seria nada bom!

Respirei fundo e continuamos a dançar, rodando no embalo da música. Vi ao longe que a família da Fernanda nos observava, acomodados a uma mesa. O pai dela nos olhava com um meio sorriso e parecia satisfeito em ver sua filha mais velha em minha companhia. Contudo a mãe dela tinha o semblante neutro, nos observando atentamente. Já a irmã mais nova não olhava para nós e sim diretamente para mim. Fiquei intrigado com o comportamento da mãe e da irmã mais nova e desviei a atenção para a bela garota que estava em meus braços.

— Você faz faculdade? — indaguei enquanto dançávamos.

— Sim! De Moda! E você?

— Eu me formei em Administração — respondi e vi pelo canto dos olhos que seu Alberto nos olhava sorridente. — Seu pai parece que gostou de nos ver juntos.

— E isso é bom?

— Eu acho que sim! — Sorri e perguntei: — Você veio com seus pais, certo?

— Sim, eu estou com eles!

— Será que eu posso te levar para casa? — arrisquei louco para que ela concordasse.

— E eu seria uma louca se dissesse que não. — Ela riu baixinho. Um riso musical e suave. — Acredito que não existe mulher alguma que resista aos seus olhos azuis e ao seu sorriso. Acertei?

Foi a minha vez de rir. Fernanda era encantadora e esperta. E eu adorava isso nas mulheres. Ela tinha um quê de mistério, o que me despertava interesse. Queria descobrir tudo dela. E eu faria!

— No momento a única garota que me interessa é você! — acariciei seu rosto com carinho. Ela estremeceu. — Você é tão linda, Nanda!

— Ah, Alex...

— Estou sendo sincero! — Inclinei a minha cabeça para baixo e me aproximei de seu ouvido. — Estou doido para beijá-la!

— Aqui?! — Ela me encarou de olhos arregalados.

— Não! — A música estava terminando e então olhei na direção dos pais dela e disse: — Você pode avisar seus pais que eu a levarei para casa?

— Sim!

— Ótimo! Eu ficarei te esperando na saída. Não demore! — Sorri cheio de ideias prazerosas.

— Em um minuto eu estarei lá! — Ela sorriu e andou na direção dos pais.

Capítulo 3

Alex

Estacionei o carro em frente à casa da Fernanda, conforme o prometido. A vontade que eu tinha era de levá-la para minha casa ou a um motel, mas me contive. Havia algo nela que me instigava, me atraía. Não era somente a beleza e a simpatia. Havia algo profundo por trás daqueles olhos castanhos que me deixava fascinado.

Fernanda soltou o cinto de segurança e se virou para mim, sorrindo. Fiz o mesmo e ficamos nos olhando por um tempo sem nada dizer. Ergui a mão e acariciei seu rosto. Ela estremeceu ao meu toque, fechando os olhos. Encarei sua boca de lábios finos e não aguentei. Eu me aproximei mais, enfiei meus dedos em seu cabelo e a puxei de encontro a mim. Nossas bocas se uniram com urgência e desejo.

Beijei os lábios da Fernanda, saboreando aquela carne macia. Ela me beijou de volta, entrelaçando nossas línguas, gemendo em minha boca. Suas mãos passearam em meu peito, subindo até os ombros, apertando. Fui a loucura e senti o tesão me inundando, meu pau se avolumando dentro da calça de terno.

Ofegante, separei nossos lábios e fitei seus olhos pesados, sua boca entreaberta, quase implorando por um novo beijo. Deslizei o dedo por ali sensualmente, louco para fazer muitas coisas com ela, levá-la para minha cama, fodê-la a noite inteira.

— Eu quis te beijar desde o primeiro momento — sussurrei esfregando meus lábios nos seus. Ela arquejou.

— Ah, Alex!

— Vamos sair daqui? — Convidei esperançoso que ela aceitasse a minha proposta.

— Alex, eu não posso! Meus pais vão chegar daqui a pouco e eu disse que estaria em casa — ela se desculpou, frustrada.

— Eu quero te ver de novo, Nanda! — disse determinado, beijando seus lábios.

— Eu também!

— Amanhã! — falei enquanto distribuía beijos em seu pescoço.

— Amanhã eu não posso. Meus pais vão dar um jantar aqui em casa e eu tenho que estar presente.

— Domingo então! E não aceito nenhuma desculpa! — Ergui o indicador para cima em sinal de alerta. Ela concordou com a cabeça. — Me dê seu telefone!

Fernanda me passou o número de seu celular e eu gravei no meu. Depois fiz o mesmo, gravando o meu no dela. Ela sorriu e guardou o aparelho dentro da bolsa. Nesse instante uma Mercedes se aproximou e entrou na garagem. Fernanda observou pelo vidro da janela e se virou para mim.

— Meus pais chegaram. Eu preciso ir! — Ela agarrou a maçaneta da porta com a intenção de sair.

— Espera! — Eu a puxei de novo para meus braços e a beijei. — Isso é para que não se esqueça de mim!

— Eu nunca me esqueceria de você, Alex. — Ela me deu mais um beijo e finalizou: — Nunca vou me esquecer desses lindos olhos azuis. Até domingo! — disse saindo do carro.

— Até domingo, Nanda! — Sorri enquanto ela entrava no prédio.

Eu estava louco para ficar mais tempo com ela. Agarrá-la, beijá-la, sentir seu corpo, sua pele. Ah, e eu faria tudo isso! Fernanda foi a melhor coisa que me aconteceu desde que retornei da minha viagem ao redor do mundo.

Capítulo 3

Alex

Estava tão ansioso para encontrar a Fernanda novamente que nem vi o final de semana passar. Fiquei pensando onde eu poderia levá-la. Eu não era um homem afoito. Gostava da arte da conquista e tudo que ela oferecia. Adorava seduzir as mulheres, envolvê-las com palavras e gestos.

Estava saindo da academia quando encontrei Pierre na porta me esperando.

— O que vai querer para o jantar, senhor Alexander? — perguntou em seu formalismo exagerado. Eu balancei a cabeça e ri.

— Pierre, eu já disse que não precisa me chamar de “senhor”. Eu tenho 23 anos!

— Desculpe, mas é força do hábito e além do mais, é questão de respeito. Você é o meu patrão! — Ele começou a caminhar junto comigo em direção à escada que dava para o andar de cima.

— Eu não vou jantar em casa. Não se preocupe! — Dei um tapinha camarada em suas costas e ele sorriu.

— Você tem estado mais otimista desde que assumiu os negócios do seu pai. Não sabe o quanto me alegra isso!

— Sim, eu estou feliz!

— Sei que não gosta das lembranças e eu não devia falar isso, mas seus pais teriam muito orgulho de você! — disse com ar melancólico enquanto eu me remetia ao passado. Um passado trágico!

— Obrigado, Pierre! Agora eu vou para o banho. Tenho um compromisso! — Pisquei um olho para ele enquanto subia as escadas.

Cheguei na suíte e fui direto pra o banheiro. Liguei o chuveiro e me enfiei debaixo da água fresca. Eu queria esquecer tudo o que me trazia dor. Era tão difícil, mas eu sabia que com esforço eu conseguiria. Rodei o mundo todo em busca de paz e não encontrei. Estava quase colocando tudo a perder, quando encontrei Samuel, que me abriu os olhos. Eu devia de estar feliz e realizado, como Pierre mesmo disse: “meus pais teriam orgulhos de mim”. Era uma pena que eles não estivessem mais aqui para ver a minha brusca transformação de garoto irresponsável, a homem de negócios. Mas eu sabia que minha mãe Ana Maria e meu pai Augusto estavam olhando por mim lá de cima.

Saí do banheiro com uma toalha ao redor da cintura e fui até o closet. Terminei de me secar e vesti uma calça jeans escura, camisa azul e sapatos. Optei por um estilo mais despojado para usar na noite de hoje. Eu levaria Fernanda em um restaurante japonês e depois iríamos dançar.

Capítulo 4

Alex

— Alex, eu adoro comida japonesa! — disse Fernanda saboreando seu sushi.

— Eu também gosto! Aprendi a apreciar muitos pratos quando estive no continente asiático.

— Deve ser fabuloso viajar ao redor do mundo. Eu queria ter tempo para isso. — Ela sorriu. — Eu ouvi dizer por ai que você deu a volta ao mundo porque estava entediado. É verdade?

Respirei profundamente, me sentindo irritado por algumas pessoas pensarem que eu era um inconsequente. Esse povo não se cansava de inventar fofocas sobre mim. Desde que retornei de viagem e assumi os negócios do meu pai, a imprensa não me dava sossego. Vez ou outra eu aparecia em alguma manchete tendenciosa de algum jornal ou revista. E isso me incomodava muito! As pessoas não sabiam o real motivo de eu ter ficado fora do país.

— Isso é mentira, Fernanda! A imprensa adora criar boatos falsos sobre as pessoas. É assim que eles vivem de vender fofocas, criar casos.

— Então qual foi o real motivo? — perguntou curiosa enquanto eu buscava fôlego para respondê-la.

— Eu estava perdido em um mar de sofrimento porque perdi meus pais

muito cedo. Eu só queria me reencontrar, ver a vida de outro ângulo, viver novas experiências... — disse dando um gole no meu saquê. Fernanda me olhou com compaixão e apertou minha mão sobre a mesa.

— Eu sinto muito pelos seus pais.

— Obrigado! Não sabe o quanto você me faz bem! — Beijei sua mão com carinho. Ela sorriu meigamente me deixando ainda mais extasiado.

— Eu gosto de estar com você! Gosto muito! — Ela voltou a saborear o sushi me olhando com olhar cintilante.

— Eu também gosto de estar com você!

E era verdade. Eu estava adorando estar ao lado dela. Fernanda não sabia, mas conseguia extrair de mim sentimentos bons. Fazia muito tempo que eu não declarava que gostava de alguém. Na verdade, eu me lembro de fazer isso quando era criança, que meus pais ainda eram vivos.

O telefone dela vibrou e ela olhou na tela rapidamente. Disfarçou sorrindo e guardou na bolsa.

— É minha irmã, Naiara. Ela está curiosa e quer saber do nosso encontro. Não vou responder! — Ela fez uma careta e eu ri.

— Quantos anos têm a sua irmã?

— Onze! Está entrando na adolescência precocemente! É fogo, viu! Ela parece ser mais velha. Tem atitudes de uma garota de quinze!

Acabamos rindo juntos com a declaração dela. O jantar transcorreu em um clima agradável. Fernanda era uma excelente companhia. Muito meiga, simpática e alegre. Mas eu não parava de pensar em ficar sozinho com ela. Essa ideia estava me deixando louco!

Deixamos o restaurante de mãos dadas. Fernanda olhava para mim e sorria, demonstrando seu contentamento. Acariciei seu rosto e ela respirou fundo. Era notória a sua excitação, pois ela mordia o lábio e arfava baixinho. Esse comportamento dela não colaborava com minha libido, que estava elevadíssima.

A caminho do estacionamento e, sem poder suportar toda aquela carga sexual que nos envolvia, eu a puxei para perto. Agarrei seu cabelo pela nuca e mergulhei minha língua em sua boca. Fernanda gemia, muito entregue, me beijando com paixão. Não me importei se alguém nos veria ali, na penumbra. Eu só queria senti-la, seu gosto, seu cheiro, sua pele, seu calor.

O beijo foi profundo e delicioso. Nossas respirações estavam descompassadas, nossos corações agitados. Fernanda entrelaçou os dedos em meu cabelo, afagando-os, enquanto sua língua buscava a minha. Beije seus lábios, suguei sua língua, engoli seus suspiros e me embabedei em seu gosto. E como era deliciosa!

Encurrelei-a contra a lataria do carro e o beijo se tornou mais possessivo e voraz. Uma das minhas mãos viajou em seu corpo, agarrando seu seio, afagando sua barriga, deslizando na barra da saia lápis que ela usava. Fernanda arfou descontrolada, puxando meu cabelo com força, deixando meu pau duro feito aço. Não aguentei. Eu sabia que tinha que interromper a pegação ou cometeria uma besteira ali mesmo.

— Nanda! — sussurrei separando nossas bocas, encarando seus olhos castanhos que pareciam chocolate derretido. — Vamos dar o fora daqui antes que eu faça uma loucura!

— Sim!

— Venha! — Abri a porta do carro e Fernanda se acomodou no banco de couro. Dei a volta e me sentei no banco do motorista. — Eu quero tanto você!

— Eu também te quero muito!

Sorri para ela e dei a partida no motor. Os planos haviam mudado e tomei a direção da minha casa. Estava inundado pelo desejo e consumido pela lascívia, que tudo que eu queria era ter a Fernanda em minha cama.

Momentos depois, eu estava entrando na minha suíte, agarrado nela. Boca com boca, calor com calor. Fechei a porta com um pontapé e comecei a arrancar as minhas roupas e as da Fernanda. O tesão veio tão violento que a calcinha dela se partiu em duas com o toque dos meus dedos. Já nus, eu a

conduzi até a cama, colocando-a sobre os lençóis.

Fernanda abriu mais os olhos e me encarou profundamente. Ergueu o ventre, me atijando, roçando sua boceta molhada no meu pau ereto. Rosnei. Agarrei sua bunda, empinei para cima e me aconcheguei no meio de suas pernas. Exalei seu cheiro de feminilidade, puxando suavemente os poucos pelos púbicos. Fernanda arquejava e estremecia sem controle.

Espalmei minhas mãos em suas coxas, apertei. Deslizei minha boca por ali, indo e vindo em sua pele, mordicando, lambendo. Ergui um pouco mais a sua pélvis e cai de boca de boca em sua carne macia e quente. Ela soltou um gritinho abafado quando sentiu o contato de minha língua em seu clitóris, começando a rebolar em minha boca.

— Porra, que boceta gostosa! — disse enquanto me deliciava com ela.

Dei prazer no sexo oral, alternando entre chupadas violentas e lambidas suaves. Mergulhei minha língua para dentro e Fernanda não aguentou a pressão. Agarrou com força o travesseiro e começou a gemer sem parar. Parecia uma gatinha que nunca se satisfazia com seu macho. Eu adorei aquilo.

— Ahhh Alex! — choramingou fechando os olhos e mordendo os lábios.

Eu sabia que ela logo gozaria, por isso inseri um dedo nela enquanto sugava seu ponto sensível. Fernanda começou a rebolar com intensidade e a gemer endoidecida. Agarrou meu cabelo com força enquanto eu chupava gostoso.

— Ahhhhh! — rosnou explodindo, delirando em um gozo violento, que a fez estremecer e latejar em minha boca.

Fernanda estava ofegante, com as pálpebras pesadas quando parei sobre ela, rasgando o pacote de preservativo e deslizando em meu pau. Ela abriu mais os olhos, se concentrou em minha ereção e lambeu os lábios de um jeito sacana.

— Vire-se de lado, minha putinha! — Fernanda fez o que eu pedi e eu me coloquei atrás dela. Suspendi uma de suas pernas e rocei meu pau em sua entrada. — Quero comer muito essa boceta gostosa.

— Vem, Alex, vem! Por favor! — Ela empinou a bunda para trás se oferecendo.

Eu estava louco para fodê-la que não esperei muito tempo naquela brincadeirinha erótica de excitação. Mirei sua boceta e a penetrei. Fundo e bem gostoso. Fernanda delirou, fechando os olhos se movimentando junto comigo. Agarrei seu seio e manipulei o mamilo entre o polegar e o indicador. Ela ficou mais endoidecida e começou a choramingar.

Investi o quadril, comendo-a deliciosamente, nossos corpos se chocando. Fernanda me tragava para dentro, esfomeada, rebolando aquela bunda linda no meu pau. Dei uma palmada em sua nádega e ela gritou surpresa, se movendo mais, se dando mais, demonstrando que tinha gostado do meu jeito nada cavalheiro.

— Que boceta deliciosa! Assim vou querer te comer todo dia, Nanda! Toda hora! — Meti com força agarrando seu quadril, sustendo sua coxa em meu braço.

— Ah, Alex! Não vou aguentar! — gemeu se debatendo, quase estalando de tanto prazer.

— Essa sua bocetinha apertada do caralho me enlouquece!

Comecei a bater e retroceder alucinado, metendo meu pau até o talo, sentindo seu útero. Fernanda arfava, dizia coisas incompreensíveis imersa na luxúria. Cravei os dentes no ombro dela e a fodi forte, enquanto o gozo emergia. Meti com tudo enquanto explodíamos juntos em um orgasmo violento, sendo consumidos pelo prazer, tornando dois corpos em um só.

Desabamos na cama, suados, saciados, sorridentes. Fernanda se aconchegou junto a mim com o coração batendo acelerado, a respiração ofegante. Afaguei seu cabelo, beijei o topo de sua cabeça e dormimos abraçados.

Capítulo 5

Alex

Três meses depois...

Era incrível, mas depois daquela noite, Fernanda e eu não desgradamos mais. Fazia três meses que eu e ela assumimos o nosso romance. E desde então, ela frequentava a minha casa e eu a dela.

Os dias estavam sendo os melhores da minha vida. Ao lado dela eu me sentia vivo, feliz, esperançoso. Fernanda exalava vida, alegria. Era uma pessoa fantástica! Eu sempre enviava flores para ela na faculdade, no trabalho e na empresa do seu pai, onde ela trabalhava. E ela adorava! Minha recompensa eram muitos beijos e noites regadas a sexo quente sobre os lençóis.

Pierre e Raquel também estavam felizes por mim. Eles torciam tanto para que eu encontrasse a felicidade e esquecesse o que aconteceu aos meus pais que tratavam Fernanda como se fosse uma filha. A minha namorada tinha até algumas peças de roupas, como calcinha e meias, em minhas gavetas. Era divertido ter roupas íntimas femininas misturadas com minhas cuecas boxer e gravatas.

Os pais dela também estavam contentes com o nosso namoro. Inclusive

seu Alberto, que demonstrava amar muito as filhas e desejar o melhor para elas. Ele era um pai de família exemplar, sempre muito correto e atento a tudo que acontecia com Fernanda e Naiara. No entanto, eu não tinha o mesmo pressentimento quanto a dona Verônica. Embora a mãe da Fernanda sempre me recebesse com sorrisos e gentilezas, eu ficava receoso com ela. Algo me dizia que ela escondia suas reais intenções. Fosse pelo modo como ela me olhava ou pelo modo como às vezes ia contra algum passeio que eu e Fernanda planejavamos. A única coisa que eu sabia é que tinha que manter meus olhos abertos.

Naiara, a irmã mais nova, na maioria das vezes, estava conosco. A menina era atenta a tudo, muito esperta e observadora. Gostava de estar por perto sempre espreitando uma conversa, uma demonstração de carinho entre mim e a irmã dela. E isso irritava muito a Fernanda. Ela não gostava muito e ralhava com a irmã, pedindo privacidade. Eu achava que era curiosidade de adolescente que está descobrindo a vida e os relacionamentos. Eu não via mal algum no comportamento da garota.

Era tarde de domingo e eu estava na casa da Fernanda terminando uma partida de tênis com seu Alberto. Ele era um excelente jogador e não estava me dando trégua. Tanto que a partida havia acabado em vantagem para ele. Seu Alberto foi um dos poucos que me ganhou em um jogo de tênis.

— Parabéns! O senhor é um ótimo competidor! — Eu o cumprimentei com um aperto de mãos enquanto nos sentávamos no banquinho para beber nossa água.

— Obrigado, Alex! Mas eu soube que você não perde uma partida e que é um excelente jogador também.

— Eu gosto de praticar esportes. Em especial o tênis. — Sorri para ele.

— Pai? — Naiara chamou por ele se aproximando. — Tem uma ligação para você. É o senhor Otaviano Seixas.

— Ah, eu preciso falar com ele. — Ele se levantou e se virou para mim. — Com licença, Alex. Vou atender a ligação no escritório. Fique a vontade!

— Obrigado, seu Alberto!

Ele se retirou e Naiara se sentou no lugar antes ocupado pelo seu pai. Ela me olhou com aqueles grandes olhos verdes, me espreitando. Eu sabia que ela estava interessada em algo, só restava descobrir o que era.

— Nanda e mamãe estão arrumando o lanche da tarde — informou pegando a raquete que era do seu pai. — Eu queria muito aprender a jogar tênis.

— Você não sabe?

— Não! Nunca fui a nenhuma escolinha e meu pai também não tem tempo para me ensinar — queixou-se tristonha.

— Não é tão difícil. E depois que aprende, não quer saber de jogar outra coisa. — Sorri e ela fez o mesmo.

— Você me ensina, Alex?

A pergunta da Naiara me pegou desprevenido. Passei a mão pelo cabelo suado e a fitei. Ela continuava com aquele olhar esverdeado cravado em mim e sorrindo entusiasmada. A garota parecia mesmo decidida a aprender a jogar tênis. Pensei por um momento e não vi mal algum em ensiná-la. Ela era irmã mais nova da minha namorada e eu não queria desapontá-la.

Convidei Naiara para ir até a quadra comigo e ela saiu saltitante com a raquete de tênis nas mãos. Dei algumas dicas de como era a postura de um jogador e como se joga. No início, eu a ajudei a segurar a raquete e a dar os primeiros arremessos com a bolinha. A menina ria descontraída quando errava, mas logo tentava corrigir. Ela era uma boa aluna e aprendia rápido as instruções dadas.

Naiara e eu estávamos concentrados na aula de tênis, quando Fernanda chegou de mansinho. Eu me virei e a vi parada perto da quadra, com os braços cruzados sobre o busto e semblante fechado. Ela olhava para mim e para a irmã mais nova com cara feia. Pedi licença para Naiara e me aproximei da minha namorada.

— Oi, Nanda! Eu estava dando umas dicas de como jogar tênis para sua irmã. — Eu a abracei pela cintura, mas ela não reagiu ao meu afeto e continuou de braços cruzados.

— É... Eu vi! Você é muito prestativo, Alex — rosnou se desvencilhando do meu abraço.

— Nanda, o que está acontecendo com você? — indaguei sem saber o motivo daquela birra.

— Nanda, Alex estava me ensinando a jogar tênis — disse Naiara contente se aproximando. Fernanda lançou um olhar fulminante em direção à irmã, que se encolheu um pouco.

— Mamãe está te chamando lá dentro, Naiara!

— E o que a nossa mãe quer?

— Ela quer que ajude com o lanche da tarde. Anda, menina! — Fernanda agarrou o braço da irmã e a encarou com raiva. — Vá logo para dentro de casa!

— Estraga prazeres! — Naiara fez uma careta para a irmã e voltou para mim. — Obrigada pela aula, Alex. Eu me diverti muito! — Ela sorriu provocando a irmã mais velha e deixou a quadra em disparada.

— Naiara me paga! — esbravejou a minha namorada furiosa.

— Nanda, qual é o seu problema? Está com ciúme da Naiara? — perguntei enquanto saía em direção a uma das mesas embaixo do arvoredor. Fernanda me seguia bufando.

— Você não conhece a minha irmã, Alex! Ela adora criar confusão.

Fernanda e eu nos acomodamos ao redor da mesa que já estava parcialmente servida com bolo e alguns salgados. Certamente que minha namorada nos viu quando trouxe as guloseimas e teve um pensamento errôneo quanto a mim e Naiara. Fernanda estava com ciúme, mas era muito orgulhosa para admitir isso.

— Naiara não criou confusão nenhuma. Eu apenas estava dando umas dicas de como se joga tênis. Ela quer muito aprender!

— Sei... — Ela revirou os olhos, irritada. — Alex, eu não quero mais que você fique a sós com a minha irmã.

— Sua irmã tem onze anos, Nanda! É uma menina! Meu Deus, você não pode estar com ciúme dela. Isso é absurdo! — bradei apavorado pelo comportamento imaturo da minha namorada.

— Não é ciúme, é precaução. Naiara é muito nova, mas é esperta para a idade dela. — Ela acariciou minha barba por fazer. — Vamos esquecer a pirralha da minha irmã e vamos nos concentrar em nós, hein meu amor?! — Sua voz tornou-se aveludada e ela parecia outra pessoa, mais calma. Encareci-a sem saber o que dizer ou o que pensar diante daquele brusco comportamento. Fernanda estava oscilando de humor?

— Nanda, você está bem?

— Estou ótima! Só quero passar a tarde com você sem discutir por causa da minha irmã. — Fernanda se inclinou e beijou meus lábios rapidamente. — Prova o bolo de laranja que a Tatá fez. Está uma delícia!

Fernanda colocou uma migalha do doce na minha boca e comeu também, rindo. Enquanto ela mudava radicalmente de assunto e de humor, eu ficava pensativo em relação ao surto bobo de ciúme que ela teve. Eu nunca tinha visto Fernanda assim antes!

Capítulo 6

Alex

— Ganhei pelo menos uma vez de você, Alex. — Riu Douglas enquanto saíamos da quadra de tênis.

— Sempre tem uma primeira vez! — resmunguei de cara fechada, secando o suor da minha testa.

— O que há com você?

— Não há nada...

— Você não é o mesmo Alex de sempre. Esteve disperso durante a partida toda! Cara, você está bem?

Fiz sinal para ele e fomos até o bar do clube. Pedimos cervejas e sentamos por lá. Douglas ainda me olhava preocupado sem entender nada. A verdade era que eu estava muito pensativo sobre o que aconteceu na casa da Fernanda outro dia. Eu não entendi o comportamento repentino dela, que de uma hora para outra, havia se tornado um enigma para mim.

— É a Fernanda! Eu não sei o que está acontecendo com ela. Teve uma crise de ciúme da irmã. Não dá pra entender! — Beberiquei a cerveja tentando refrescar a garganta nesse dia quente de verão.

— Ela teve ciúme da Naiara?! — Os olhos do Douglas cresceram e ele estava espantado.

— Sim! Vê se pode? Ter ciúme de uma menina! É um absurdo!

— Jesus! Naiara é quase uma criança! Parece ter mais idade porque é alta e esperta, mas ainda assim é uma menina. O que deu na Fernanda?

— Isso que eu quero descobrir! Ela parece querer ter posse sobre mim. Sei lá...

— Sabe, quando os relacionamentos começam assim é porque a coisa não anda bem — disse ele pensativo.

— E o que você entende de relacionamentos, Douglas? Você nunca se amarrou a ninguém. Sempre pega uma hoje e outra amanhã! E quase todas são bem novinhas. Daqui a pouco você tá pegando a Naiara — rosnei com sarcasmo e ele me deu bronca.

— Tá doido, Alex! Eu pego mulheres sim, mas nenhuma adolescente não! E tem mais! — Ele ergueu o dedo em minha direção. — Falando sério agora, eu acho que você deve ficar alerta quanto a essas crises de ciúme da Fernanda. Se elas continuarem e ficarem sem controle, o melhor é terminar o namoro. Conselho de amigo!

As palavras do meu amigo mexeram com minha cabeça. Eu não havia parado para pensar sobre esse assunto. Achava que as crises da Fernanda eram coisas de irmã que tem ciúme da outra. Mas era melhor eu começar a ficar mais atento em relação a isso. Talvez Douglas estivesse certo.

— Hei, aquele não é o seu Samuel? — Ele fez sinal em direção ao estacionamento do clube.

— É sim!

— E aquela garota de cabelo castanho que está com ele, quem é? É gatinha, hein! — Sorriu com interesse.

— Tenho quase certeza que é a neta dele. — Olhei para Douglas com cara feia. — Não se meta com a neta do Samuel, Douglas. Ela é uma menina e você disse que não pega menininhas!

— Para de dar sermão, cara! Eu não vou me meter com a neta do seu

Samuel. Tá ficando maluco?

— Samuel disse que a neta estava passeando aqui de férias. Acho bom você respeitar a menina! — bradei voltando a olhar pra o estacionamento, mas Samuel já havia saído com a garota.

Era noite de sábado e eu estava jantando na casa da Fernanda. Seu Alberto serviu um dos melhores vinhos sulinos e juntamente com o jantar delicioso, nós degustávamos a bebida e conversávamos assuntos triviais.

— Alex, como vão os negócios na Espanha? Você tem uma filial lá, não é? — perguntou seu Alberto.

— Sim, temos sim! Está indo de vento em popa.

— E quem comanda a empresa?

— É Thereza Sandoval. Ela começou esse ano — respondi me recordando da visita inesperada da espanhola a matriz aqui no Brasil.

— Eu ouvi falar dela. Ela tem muito bom gosto para as coisas da vida — disse dona Verônica me lançando um olhar matreiro, como se soubesse de alguma coisa. Na época que Thereza esteve no Brasil, a gente ficou, mas era apenas sexo e nada mais.

— Eu não sabia que você tinha uma empresa na Espanha e nem que ela fosse comandada por uma mulher. Onde fica essa filial? — Fernanda me olhava desconfiada.

— Em Barcelona! — respondi enquanto bebericava de meu vinho.

— Você já esteve lá?

— Sim, Fernanda! Eu tenho que supervisionar as empresas que meu pai deixou.

— Eu ouvi dizer que os espanhóis usam o anel de casamento no dedo anular da mão direita — falou dona Verônica.

— Thereza usa, Alex? — questionou a minha namorada enquanto a mãe dela tentava colocar minhocas inconscientemente na cabeça da filha.

— Ela não é casada. — Engoli meu pedaço de carne a contra gosto, sentindo uma irritação tomar conta de mim.

— E ela é bonita? Loira? Morena? Ruiva? — Foi a vez de Naiara falar. Fernanda, que estava do meu lado, me olhava astutamente sem pestanejar.

Limpei a boca com o guardanapo e bebi um gole de água, para digerir aquele assunto incômodo. Eu não sabia qual o motivo de dona Verônica começar a criar caso por causa da Thereza, sendo que ela não a conhecia. Ela queria me deixar em uma saia justa com a filha? Era esse seu propósito?

— Mulheres, vamos parar de fazer questionamentos desnecessários ao Alex — interveio seu Alberto, olhando firmemente para a esposa e a filha mais nova. — Alex, como está Pierre? — indagou mudando de assunto.

— Está bem, obrigado!

O jantar transcorreu sob um clima aparentemente tranquilo, embora eu sentisse os olhos de Fernanda sobre mim, exigindo explicações que eu não devia. Dona Verônica também me olhava acusadoramente, mas disfarçava abrindo sorrisos dissimulados. Naiara também me observava com olhar zombeteiro. Quanto a mim, estava me sentindo um pouco desconfortável com a situação.

Depois do jantar fomos para a sala de estar degustar de um cafezinho. Não falamos mais nos negócios da Espanha ou em Thereza. Conversamos assuntos variados, desde os estudos da faculdade da Fernanda e o interesse de Naiara por balé, mas eu sentia que minha namorada não estava completamente relaxada. Fernanda ainda me lançava olhares intrigados enquanto degustava seu café.

Era quase onze horas quando eu saí em direção a garagem para pegar o meu carro. Havia deixado o Porsche lá por que estava chovendo quando eu cheguei. Fernanda me acompanhava um tanto calada ao meu lado. Com a

finalidade de sanar com qualquer dúvida que estivesse povoando a mente dela, eu a puxei para meus braços e a beijei com paixão.

Encurralei-a na lataria do meu carro e deslizei as mãos em seu corpo, agarrando seu seio, apertando sua bunda. Fernanda gemia em minha boca, enlouquecida. Mordia meus lábios, se esfregava em mim, me deixando louco. Meu pau ficou duro que me despertou para a dor. Separarei nossas bocas e olhei rapidamente ao redor. Estávamos somente eu e ela na penumbra daquela garagem e ninguém podia nos ver.

Suspendi a Fernanda e a coloquei sentada no capô do carro. Meus dedos foram para a saia do vestido levemente rodado que ela usava, erguendo o tecido para cima. Reparei na calcinha que ela vestia, uma rendada branca, e a lascívia me inundou. Se eu não fodesse a Fernanda agora, eu corria o risco de gozar na calça. E isso não estava em meus planos.

— Alex... — choramingou no exato momento que eu partia sua calcinha em duas.

— Nanda, eu preciso te comer agora! — Falei já descendo o zíper da minha calça jeans, muito excitado.

— Mas... Aqui?! — admirou-se igualmente excitada, mordendo os lábios e beijando meu pescoço.

— Ninguém vai nos ver! Vai ser rápido, mas eu prometo que você vai gozar.

— Você sempre consegue tudo de mim! — Fernanda me agarrou e me beijou gostoso.

Espalmei as mãos em suas coxas, apertei. Ela arquejou. Abaixei um pouco minha calça com a cueca e agarrei o meu pau. Fernanda entrelaçou as pernas ao redor da minha cintura e eu entrei nela. Movi o quadril e a penetrei lento no início. Comendo deliciosamente, sentindo a fornalha que ela era sem o uso de caminha. Já fazia mais de um mês que confiávamos um no outro e dispensamos o uso do preservativo.

— Porra! Que boceta quente e gostosa. Preciso muito dessa boceta! — rosnei escorregando a mão para baixo, agarrando sua bunda, ajudando na

penetração.

— E ela é sua, meu amor! Ohhhh! — Fernanda se debatia de desejo, imersa na luxúria que a situação e o local nos proporcionavam.

— Sim! Só minha! Vou meter muito meu pau nela. Não vai querer saber de outra coisa na vida! — Sorri enquanto batia e voltava, movendo os quadris.

Entrelacei meus dedos em seu cabelo e capturei seus lábios. Enquanto nos beijávamos, lambendo a língua um do outro, eu aumentei as estocadas e passei a comer duro e forte. Fernanda ofegava em minha boca, forçando o meu pau entrar mais e mais, empurrando seus calcanhares em minha bunda. Esse foi o meu fim! Meti com firmeza, em movimentos rápidos sabendo que em poucos segundos Fernanda atingiria o orgasmo.

— Ahhhh... Alex... — disse em lamúrias estalando em um gozo potente, enquanto eu segurava sua bunda e mordida seu pescoço, devorando-a sem dó.

— Ah, caralho! — praguejei sentindo o pau inchar e gozando feito um louco dentro dela.

Rosnei de prazer, com o corpo suado a mente girando. Finalmente quando ergui a cabeça e olhei para frente eu vi um vulto se mover atrás de um dos pilares. Pisquei rapidamente enquanto aquele cabelo loiro reluzia na luz fraca. Era Naiara que saía em disparada da garagem. Ela presenciou a nossa transa. E agora?!

Capítulo 7

Fernanda

Terminei de me arrumar e desci. Minha mãe estava ajeitando algumas flores no *hall* e quando me viu, sorriu e veio até mim.

— Que linda que você está, Nanda! Aonde vai?

— Vou passar o dia com Alex no clube — respondi radiante pensando no meu amor.

— Oh, que maravilha! Você está feliz com ele, não é filha? — Ela deu o braço para mim e começamos a caminhar em direção a porta de saída.

— Sim, estou muito feliz! Eu o amo!

— Querida! — Ela me olhou e afagou meu rosto. — Cuide para a paixão não te cegar. Alex é um homem bonito, atraente e rico. Você precisa mantê-lo sob rédeas curtas. Ele é muito cobiçado! — alertou minha mãe, me despertando desconfiança.

— Você acha que ele não me ama, mãe?

— Eu não disse isso, filha. Eu quero vê-la feliz, mas não quero que seja enganada. A maioria dos homens traí. Eu sempre disse isso pra você. Você deve ficar de olhos abertos quando o assunto é o sexo masculino.

— Eu preciso me preocupar? Você acha que Alex vai me trair? — O pavor já me dominava e eu imaginava mil e uma coisas.

— Claro que não, Fernanda! Você é linda e inteligente. É a mulher perfeita para Alex — disse piscando os olhos rapidamente. — Eu só quero o bem das minhas filhas. Só isso!

— Eu morro só em pensar que eu posso perder o Alex. Não sei se suportaria isso! — Fechei meus olhos sentindo o coração martelar em agonia.

— Não vai perdê-lo, minha filha! Mas você deve ficar atenta. Lembra-se da espanhola? A tal da Thereza?

— Sim! Alex falou que ela é a gerente da filial na Espanha. Mas o que tem ela, mãe?

— Estive fuçando na net e vi umas fotos dela. Ela é um pouco mais velha do que você, mas é bonitona e chique.

— Você acha que Alex pode estar interessado nela? — Eu não sabia mais o que pensar. Mas me lembrava de que meu namorado estava um pouco desconfortável ao falar sobre essa mulher.

— Não sei... Mas você deve ficar com os olhos bem abertos, querida! Homem é tudo igual! — Minha mãe acariciou meu braço com o olhar atento sobre mim. — Mas agora vá! Alex deve estar te esperando e eu não quero atrasar você.

— Sim! Obrigada pelos conselhos mãe. Eu te amo! — exclamei a abraçando.

— Eu também te amo, filha! Aproveite o dia! — Minha mãe se despediu enquanto eu me dirigia até o meu carro, imersa em pensamentos.

O que pensar sobre o Alex? Eu estava tão apaixonada, que faria qualquer coisa por ele. O amor que eu sentia era muito grande e só existia ele em minha vida. Desde o primeiro dia que nos conhecemos eu fiquei fascinada com o jeito sedutor e intenso dele. Alex era a tradução pura do que era fogo, paixão, selvageria. Eu não podia mais viver sem ele.

Quando eu não estava na faculdade ou trabalhando como estagiária na empresa do meu pai, era com Alex que eu ficava. Quando a gente saía eu percebia os olhares das mulheres para ele, cheios de interesse e sedução. Ele

era um dos homens mais cobiçados da cidade e onde quer que nós estivéssemos, Alex sempre despertava atenção.

Eu não podia nem cogitar a ideia de outra mulher estar ocupando o meu lugar em seu coração. Esse pensamento me deixava fora de mim, quase a beira da loucura. O dia que eu o vi ensinando a minha irmã a jogar tênis, quase perdi a cabeça. O ciúme se apoderou de mim, me deixando cega. Eu ouvi as risadas alegres da Naiara, vi a forma como ela o olhava, com admiração e algo mais que não sabia identificar o que era. Tudo isso colaborou para minha crise possessiva e eu quase coloquei a casa abaixo.

A minha irmã podia ser novinha, com jeito de menininha inocente e mimada, mas eu sabia que por trás daqueles olhinhos tímidos havia outra Naiara, uma mulher que estava despertando para a vida. Sabia que Alex despertava interesse no gênero feminino e não seria diferente em relação a minha irmã. Seria? Eu podia até estar ficando louca, mas eu percebia o modo como ela o olhava ou falava com ele, melosamente. Naiara estaria de olho no meu namorado?! Eu não acreditava nisso!

Sacudi a cabeça, afastando o pensamento incômodo para longe. Olhei para frente e vi Alex dando braçadas na piscina do clube. Suspirei apaixonada, sentindo o coração bater forte e as emoções me inundarem. Era domingo e estávamos aproveitando o dia no clube com ele. Meus pais ficaram em casa e Naiara estava passeando no shopping de uma amiga do colégio. Dei graças a Deus por estar sozinha com meu amor.

Voltei a me concentrar na leitura de um livro de romance que estava prendendo a minha atenção. Eu gostava muito de ler e aproveitava as horas de folga para mergulhar em histórias fictícias em vez de ler somente assuntos técnicos do meu curso.

Estava tão concentrada na leitura que nem vi quando uma jovem loira se aproximou e se acomodou em uma cadeira ao meu lado.

— É bom esse livro? — perguntou a garota despertando a atenção para si.

— Eu estou gostando!

— Prazer, eu me chamo Estela! — Ela esticou a mão em minha direção.

— Fernanda! — Eu a cumprimentei e fechei o livro para dar atenção a ela.

Estela sorriu e ajeitou uma mecha de seu cabelo loiro atrás da orelha. Era jovem, talvez mais jovem do que eu. Tinha o cabelo longo cacheado, usava óculos de grau e aparelhos nos dentes. Parecia ser de classe média alta pelas roupas que usava. Fiquei intrigada com aquela garota que havia se sentado ao meu lado e puxado conversa com a maior naturalidade.

— Você estuda, Estela?

— Sim! Estou cursando o primeiro ano de Administração.

— Achei que estudasse literatura. — Eu ri e ela me seguiu.

— Não, não! Literatura é um hobby. Quando me chateio dos livros da faculdade eu leio os clássicos e também os contemporâneos.

— Ler é muito bom mesmo! — disse olhando para Alex que continuava a nadar.

— Conhece Alex? — Estela indagou olhando na mesma direção que eu. Estremeci.

— Ele é o meu namorado! — respondi desconfiada com as intenções dela. — Você o conhece?

— Sim! Ele é sócio do meu pai. Eu o vi uma vez na empresa. Achou que eu estava lá por causa de um estágio, mas eu esperava pelo meu pai. — Ela riu descontraída ajeitando os óculos de grau.

— Você não frequenta lá então?

— Não!

— Mas conhece alguns sócios?

— Alguns sim...

— Thereza Sandoval você conhece? — perguntei interessada enquanto

Estela me olhava astutamente.

— Nunca ouvi falar. Ela é daqui?

— Não! Mora na Espanha! — Beberiquei o meu suco de maracujá que já estava quente.

— Ah, eu não conheço mesmo. — Ela sorriu. — Alex tem sorte de ter uma namorada como você. É muito bonita! — Elogiou sem jeito, desviando seus olhos dos meus. Percebi que ela era tímida e que não havia maldade nela. Gostei da Estela!

— Obrigada! Você também é muito bonita!

— Eu sou um patinho feio isso sim! — Ela encolheu os ombros como se tivesse se fechando para o mundo.

— Não diga isso! É uma garota bonita e inteligente.

Estela olhou para frente, um olhar perdido. Fiquei pensando o que havia acontecido com ela para ter baixa estima. Parecia ser uma garota inteligente e simpática. Então por que era tão pessimista em relação a si mesma?

— Minha mãe dizia que os homens são todos iguais. Que não adianta muito escolher...

— Engraçado... Eu ouvi isso da minha mãe hoje. — Nós rimos juntas.

— Sua mãe tem razão, mas você não precisa se preocupar. Eu estava sentada aqui perto e vi os olhares apaixonados entre você e Alex. Ele te ama! — As palavras dela soaram melancólicas aos meus ouvidos.

— Sim! Nós nos amamos! — falei em dúvida comigo mesmo se Alex me amava de verdade. Isso estava me corroendo por dentro. — E você já amou?

Estela deu um pulo da cadeira se colocando de pé. Ela ajustou rapidamente os óculos no rosto e enrolou uma mecha de cabelo no dedo, nervosamente. Minha pergunta a deixou espantada e ela olhava para o chão.

— Eu já vou indo, Fernanda. Foi um prazer! — Ela ia dando as costas

para mim, mas eu a detive.

— Amou, não é?

— Sim... — Ela se voltou para mim com olhar perdido. — Mas nunca serei amada de volta. Não como você. Foi bom te conhecer.

Sem dar chances para eu falar, Estela saiu em disparada. Fiquei imaginando quem seria o rapaz que quebrou o coração dela e não sei por que, mas tive raiva do homem sem conhecê-lo.

Olhei para frente e vi Alex se aproximar sorrindo, secando a água de sua pele com uma toalha felpuda. Ele se acomodou do meu lado e beijou meus lábios.

— Quem era a garota que estava com você, Nanda?

— Ela se chama Estela e é filha de um dos seus sócios.

— Ah, sim. Filha do Alfeo. Eu não sabia que eles estavam aqui. — Alex olhou em volta na perspectiva de ver seu sócio.

— Coitadinha, parece que um cara a magoou.

— Bem, isso pode acontecer. As pessoas magoam umas as outras. Esse é o mundo em que vivemos!

— Você me magoaria? — Alex me olhou com espanto e sacudiu a cabeça.

— Não! Nunca a magoaria. Que papo é esse, Nanda?

— Nada, não... — desconversei, pois não queria discutir com ele. Queria era aproveitar o dia ao lado do meu amor. — Vem! Vamos comer alguma coisa.

Alex me deu a mão e saímos em direção ao bar. Ao lado dele eu me sentia protegida. Ele era o homem da minha vida. Isso eu não tinha dúvida!

Capítulo 8

Alex

Estava com a minha mesa cheia de papéis para analisar e com dor de cabeça. Havia tomado um analgésico, mas o incômodo ainda não tinha passado. Nos últimos dias eu tive muitas reuniões de negócios, almoços com empresários e o inesperado aviso de que Thereza estava chegando hoje ao Brasil. A espanhola vinha relatar como estava o trabalho na filial e apresentar alguns projetos novos. E eu só rezava para que ela ficasse com a boca fechada caso viesse a conhecer a minha namorada.

Eu vi o jeito como Fernanda ficou quando a mãe dela tocou no nome da Thereza. Ela ficou desconfiada e cheia de ciúme. Parecia que havia espinhos embaixo de sua bunda, pois ela se remexia todo instante. Quanto a mim, tentei cortar o assunto da maneira mais sutil, sem dar detalhes sobre a Thereza. Claro que eu a espanhola tivemos um caso, mas foi coisa rápida, não durou muito tempo e resolvemos manter a amizade acima de tudo. Eu era um pervertido de carteirinha e até com a minha gerente eu havia me relacionado sexualmente. E para ajudar, Thereza dava em cima de mim descaradamente, como se dissesse “me coma” com letras maiúsculas. Não resisti!

Ouvi uma suave batidinha na porta e Samuel entrou com uma pasta de documentos.

— Alex, desculpe entrar assim sem avisar, mas preciso que dê uma olhada nesses papéis. — Ele deixou a papelada sobre a mesa e se sentou do lado oposto ao meu.

— Não se desculpe, Samuel. Você é de casa! — Sorri para ele enquanto analisava a documentação. — O que é isso aqui?

— É um acordo que está sendo firmado pelo Alfeo. Eu queria muito que você olhasse a papelada. Não gostei de alguns pontos. — Samuel coçou o queixo, preocupado.

— Meu Deus! Ele está ficando maluco?! Isso aqui está uma bagunça completa — bradei apavorado enquanto lia cada linha do pré-acordo.

— Por isso eu trouxe para você dar uma olhada. Eu achei um absurdo também.

— Diga ao Alfeo que eu cuido dessa negociação a partir de agora! — Fechei a pasta e guardei dentro da minha valise.

— Ainda bem que você tomará conta disso. — Samuel deu um sorriso de satisfação. — Não quero ser fofoqueiro, Alex, mas têm dias que o Alfeo chega na empresa cheirando a álcool. Estou preocupado com ele.

— Samuel, Alfeo tem tido problemas com a bebida e me disse que está em tratamento.

— Eu não sabia!

— Eu vou falar com ele — garanti tentando tranquilizá-lo. — Quer um cafezinho?

— Obrigado, mas eu já estou de saída. Tenho algumas coisas para resolver ainda hoje — disse se levantando. Eu o segui.

— Então vou acompanhá-lo. Vou até a copa. — Deixamos o escritório e cruzamos o corredor conversando. — Outro dia eu vi você com uma garota de cabelo castanho no clube. Era sua neta? — indaguei me recordando que havia visto ele na companhia de uma adolescente.

— Sim! Era Isadora que estava aproveitando alguns dias de suas férias aqui.

— Bonita garota, embora eu a tenha visto de longe — elogiei parando em frente à copa. Meu celular vibrou e eu saquei o telefone do bolso. Era

uma mensagem da Fernanda:

“Alex, amor, te liguei antes para te contar uma novidade sobre meu apê, mas você não atendeu. Está ocupado com quem? Ainda está no trabalho?”

Pisquei sem acreditar na mensagem que acabara de receber. Conferi as chamadas perdidas e levei outro susto. Fernanda havia me ligado seis vezes em menos de trinta minutos! O que estava acontecendo com ela? Estava doente ou era a desconfiança que a deixava desnorteada?

Passei a mão pelo cabelo, nervoso, e guardei o celular no bolso da calça de terno. Não iria responder a ela com a cabeça quente. Precisava tomar um café e pensar na resposta para dar a minha namorada possessiva. Fernanda queria que eu ficasse a disposição dela vinte e quatro horas por dia? Ela pensava que eu não trabalhava?

— Está tudo bem, Alex? — questionou Samuel me olhando preocupado.

— Eu não sei... Fernanda anda muito estranha, meu amigo. Têm crises bobas de ciúme e desconfia de tudo e de todos. Até da Naiara ela tem ciúme! — Soltei um longo suspiro sem saber direito o que fazer para sanar com a insegurança dela.

— Isso é complicado... Se essas crises continuarem, ela precisará procurar um psicólogo. Às vezes isso chega a ser doentio.

— Sim, eu sei... Estou de olho aberto. — Apertei o ombro dele num gesto de camaradagem. — Bem, Eu não quero te atrasar mais. Nós nos vemos depois, amigo.

Samuel sorriu e se retirou. Eu entrei na salinha, me servi de cafezinho e fiquei pensando sobre os últimos acontecimentos. Eu precisava conversar seriamente com a Fernanda.

Liguei para Fernanda e avisei que estava indo em direção até o seu novo apartamento. Seu Alberto decidiu comprar um apartamento para ela como presente adiantado de aniversário. Eu achei tudo muito precipitado, mas os pais da minha namorada sempre davam tudo que ela e a irmã mais nova queriam. As duas eram muito mimadas.

— Alex, eu estava ansiosa esperando por você! Por que demorou tanto, meu amor? — Fernanda se atirou em meus braços assim que abriu a porta de entrada.

— Nanda, eu estava trabalhando! — disse enquanto ela distribuía beijos em mim.

— Olha o apê que o papai me deu! Não é lindo? — Ela abriu os braços num gesto de alegria.

— Sim, é muito bonito! — Eu observava o imóvel atentamente. Era grande, suntuoso, bem decorado. Seguia o estilo próprio da Fernanda, com quadros nas paredes, flores em cima das mesinhas e móveis modernos, todos na cor branca e vermelho.

— E a visão? — Ela se aproximou da enorme sacada que ficava de frente para a baía e suspirou. — É coisa de outro mundo!

— É muito bonita mesmo! — Eu a abracei pelas costas e ficamos observando o lindo pôr do sol. — Nanda, a gente precisa conversar.

— Conversaremos depois, meu amor! Agora estou com muita saudade de você.

Fernanda já ia se virando e me beijando com ardor. Ela sempre conseguia tirar meu foco de atenção com jogadas sedutoras e sexuais. Enrosquei meus dedos em seu cabelo e a puxei de encontro a mim. Comecei a deslizar minha mão em seu corpo, apertando seus seios, sua bunda. Fernanda arquejava enlouquecida em minha boca.

— Hei, Nanda! — Descolei nossos lábios e a encarei. — Estou doido para te comer, mas antes precisamos conversar.

— Ah, Alex! Conversaremos depois. Vem! — Ela me puxou pela gravata. — Tenho uma surpresa para você.

Fui guiado por Fernanda até a sala de jantar. Ela olhou para a enorme mesa e sorriu de um jeito sacana para mim. Pressenti as intenções dela e meu pau de imediato enrijeceu. O tesão veio com tudo e eu a joguei em cima daquela mesa de vidro. A gente precisava conversar e faríamos isso depois.

— Vem, meu amor! — Ela me chamava com o dedo, abrindo as pernas e se oferecendo.

— Ah, porra! Assim não aguento!

Arranquei as minhas roupas e as dela, já muito afoito. Puxei os quadris dela para frente e me enterrei nela. Fernanda arfou alto, entrelaçou as pernas ao redor da minha cintura e forçou ainda mais a penetração. Rosnei e comecei a bombear com força.

— Alex, me come bem gostoso! — Ela me puxou para um beijo enquanto eu mantinha o ritmo.

Enroscamos nossas línguas, gememos juntos enlouquecidos naquele desejo que nos consumia. Apertei seus seios, torci o mamilo entre o polegar e o indicador e Fernanda mordeu meu lábio, muito entregue. Meti com tudo, sentindo sua boceta tragar o meu pau para dentro.

Fernanda começou a rebolar e estremeceu enquanto chupava minha língua. Viajei em seu gosto, beijando seus lábios estocando com rapidez em sua boceta deliciosa.

— Ahhh... Eu vou gozar! — Fernanda disse em desespero, arquejando fora de si.

Agarrei ainda mais suas coxas e a comi gostoso sabendo que o meu orgasmo também era iminente. Em questão de segundos atingimos o clímax, nos quebrando em mil pedacinhos. Eu me derramei dentro dela, enquanto sentia sua boceta apertar com violência o meu pau em um gozo intenso.

— Caralho! Que delícia! — rosnei entredentes me debruçando em cima dela todo suado.

Ficamos ali abraçados por um momento, apenas curtindo o clima pós-orgasmo.

Estávamos acomodados no tapete da sala saboreando o nosso jantar. Eu havia ligado e pedido pizza para a gente. Fernanda estava usando apenas um roupão curto de seda enquanto eu usava minha camisa e calça de terno.

— Como foi seu dia de trabalho, amor?

— Exaustivo! Passei com dor de cabeça boa parte do tempo. Nem o analgésico funcionou — respondi bebericando da minha coca-cola.

— Ah, isso é ruim. — Ela acariciou a minha barba e me encarou bem séria. — Alex, por que você não me disse que a Thereza está chegando ao Brasil?

Fiquei surpreso com a pergunta feita por ela. Como Fernanda sabia sobre a vinda da Thereza? Ela estaria espionando a minha vida profissional? O seu ciúme já estaria se tornando doentio a esse ponto?

— Como você soube disso? — perguntei um pouco irritado, deixando a pizza de lado.

— Eu liguei para a empresa. — Ela deu de ombros como se sua atitude imatura fosse algo aceitável.

— Por que fez isso, Fernanda? Você está desconfiada de quê?

— De nada! — Ela se levantou e percebi que estava nervosa. Alguma coisa a incomodava. Eu também me ergui passando a mão pelo cabelo. Precisava conversar com ela e começaria o assunto agora mesmo.

— Nanda, você tem que parar de desconfiar de mim, parar com esse ciúme bobo. Isso está desgastando o nosso relacionamento!

— Eu não desconfio de você. Não tenho motivos, tenho? — Ela estava

agitada e me olhava de olhos arregalados.

— Claro que não! — Segurei seus braços e fitei seus olhos castanhos. — Fernanda, eu sou seu namorado! Estamos juntos há mais de quatro meses, sou apaixonado por você, confio em você e quero que também confie em mim.

— Eu confio em você, meu amor!

— Se confia em mim, por que ligou na empresa perguntando sobre a Thereza?

— Curiosidade... Ah, Alex! — Ela se desvencilhou dos meus braços e começou a juntar os restos de pizza e copos de refrigerante. Fernanda pegou o saco de lixo e foi até a cozinha. Eu a segui.

— Eu não quero que o nosso relacionamento termine por causa de desconfiança sem fundamento e de ciúme — disse cruzando os braços e me recostando no batente.

— Eu estava pensando... Quem sabe se eu conhecer a Thereza eu vou tirar essas ideias bobas da cabeça. O que você acha?

Arregalei os olhos, estupefato. Isso era tudo o que eu não queria. Thereza e eu não tínhamos nada um com o outro, mas eu ainda sabia que a espanhola arrastava um bonde por mim, muitas vezes deixando evidente seu interesse. E se ela cometesse uma gafe na frente da Fernanda? Isso seria o fim do nosso relacionamento.

— Nanda, Thereza vem no Brasil a negócios!

— Você não quer que eu a conheça? — E a desconfiança pairava como uma nuvem negra sobre a cabeça dela.

— Não, não é isso! — suspirei fundo enquanto Fernanda se aninhava em meus braços. — Tudo bem! Vou marcar um jantar entre nós três para você tirar de vez essas minhocas da sua cabeça.

— Eu te amo tanto, tanto, tanto, meu amor! — Ela me abraçava firme enquanto eu sentia todos seus temores e incertezas.

— Eu também te amo!

Eu marcara o jantar entre mim, Thereza e Fernanda. Mas antes, eu conversaria com a espanhola, para deixar tudo esclarecido.

Capítulo 9

Verônica

Vi Alex estacionar o carro em frente de casa e se despedir de Fernanda carinhosamente. Enquanto eles se beijavam e trocavam carícias, eu os observava atrás da cortina da janela. Não sabia o que era aquilo que sentia cada vez que eu os via juntos, como agora. Era um misto de admiração, inveja e raiva. Dizia para mim mesma que era uma sandice, mas o sentimento era mais forte do que eu.

Meu marido e minhas filhas nunca desconfiaram de nada. Eu era muito esperta em esconder minhas emoções. Sempre fui. Aprendi a demonstrar frieza no lugar de amor. A vida era bem melhor assim, mas quando conheci Alexander tudo mudou. De um momento para outro me vi fascinada por ele, pelo seu jeito, seu charme inconfundível, seus lindos olhos azuis, seu corpo escultural, seu magnetismo. Eu me vi refém do namorado da minha filha!

— Mãe? — Ouvia a voz de Naiara ecoar atrás de mim e dei um pulo.

— Filha, você quer me matar de susto? — Eu me virei rapidamente ajeitando a saia reta italiana.

— Você está espiando a Nanda com o Alex? — Ela correu para olhar atrás da cortina da janela que eu estava.

— Claro que não, menina! Isso é muito deselegante. Saía já daí! — Agarrei o braço dela, afastando-a da janela. Naiara fez uma careta para mim.

— É muito excitante ver os dois na pegação. — Ela deu um risinho malicioso que me despertou interesse.

— Do que está falando?

— Nada, não... — Ela não respondeu e eu agarrei com firmeza seu pulso.

— Diga, Naiara! O que você andou fazendo?

— Nada, mãe! Que neura, hein! Eu só vi os dois na maior pegação dia desses. Nada de mais! — desconversou e puxou o braço da minha posse.

— Espero eu não esteja mentindo para mim!

Ouvimos um barulho e Fernanda surgiu na sala de estar. Naiara olhou para a irmã e seus olhos se estreitaram.

— Eu achei que você fosse ficar no seu apê, curtindo a noite com Alex.

— Maninha, querida! Eu já curti a noite. — Fernanda piscou um olho de maneira safada para ela.

— Bem, eu vou para o meu quarto. Tenho que terminar um trabalho de Biologia. — Naiara deu as costas e subiu as escadas as pressas.

— Não dê importância para sua irmã. Adolescência é uma fase difícil. — Sorri e me aproximei.

— Eu sei, mãe. Naiara gosta de provocar. — Fernanda fez uma careta e mudou de assunto. — Eu vou conhecer a Thereza!

Gelei. Não acreditava que Alex iria apresentar a minha filha para um de seus casos. Que audácia! Eu sabia muito bem que ele manteve um caso com essa mulher e, pelo que comentavam, ela ainda era casada. Se Fernanda soubesse sobre isso, seria o fim do relacionamento deles. Ela não podia conhecer a Thereza.

Engoli em seco e passei a mão pelo cabelo. Eu não sabia muito bem o que fazer. Uma parte de mim queria vê-los juntos e felizes e a outra parte, a mais egoísta e insana de todas, queria vê-los separados. Mas eu sabia o quanto a minha filha era louca por Alex. Fernanda não suportaria viver sem ele.

— E como será isso, filha? — indaguei contendo o nervosismo.

— Alex disse que nós jantaremos juntos. — Ela começou a se mover em direção à escada.

— Foi você que pediu isso para ele?

— Sim, foi! Por quê? Fiz mal, mãe? — Fernanda parou antes mesmo de colocar o pé no primeiro degrau.

— Não sei... Eu tenho medo que se machuque.

— Não tem que ficar preocupada, mãe. Alex me assegurou que não tem nada com ela. Que são bons amigos. — Ela deu um sorriso nervoso.

— Então está bem! Só mantenha os olhos abertos!

— Pode deixar! Boa noite! — Ela começou a subir a escada, mas interrompeu os passos e se voltou para mim. — Eu só não dormi no meu apê hoje por que ainda falta arrumar algumas coisinhas por lá.

— Sua casa sempre será aqui, minha filha! Boa noite!

Fernanda sorriu e se retirou. Quanto a mim eu me arrastei até o escritório. Precisava beber uma dose de uísque para refrescar a cabeça. Alberto estava roncando como um porco sentado em frente a tevê. Quase todas as noites, meu marido dormia assistindo a noticiários ou esportes. E eu sempre ficava sozinha com meus pensamentos, minhas angústias, meus fantasmas. Estava farta dessa vida patética que eu levava. Queria emoção, sentir o calor de um homem, o cheiro do sexo de verdade e não mais o “papai e mamãe” que o Alberto fazia comigo uma ou duas vezes por semana, dependendo de sua disposição.

Eu estava mergulhada em devaneios loucos e luxuriosos. E para meu pesar, Alex estava neles. Aliás, ele não só havia enfeitado a Fernanda como também a mim. O poder de sedução daquele homem era algo surreal. Cada vez que eu o via era como se eu flutuasse por alguns segundos e ficasse sem fôlego. E o meu receio era de que Naiara também estivesse presa na teia erótica de Alexander. Eu tremia só em pensar nessa hipótese.

Capítulo 10

Alex

Thereza chegou e foi direto para a empresa me contar as novidades da filial. Eu a aconselhei a descansar um pouco, mas ela disse que tinha dormido durante o voo. Então, tivemos uma reunião de negócios com os sócios, que durou quase a tarde inteira.

Depois, sozinho com Thereza, eu falei que a minha namorada queria conhecê-la. Pedi também que ela fosse discreta e não comentasse nada comprometedor na frente da Fernanda. A espanhola ficou surpresa por eu estar namorando, mas falou que manteria a discrição. Marquei um jantar entre mim, ela e minha namorada.

Eram oito horas quando chegamos ao restaurante. Eu e Fernanda viemos no meu carro e Thereza veio com o motorista da empresa. A espanhola chegou toda produzida em um vestido preto reto, cabelo solto, sapato alto e maquiada. Fernanda também estava linda usando uma saia curta rodada, blusa de seda cavada e tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo.

— Oh, mas que linda é a sua namorada, Alex! — Thereza sorriu para mim e se voltou para Fernanda, cumprimentando-a com beijinhos no rosto. — Prazer em conhecê-la, Fernanda! Sou Thereza!

— O prazer é meu! — Minha namorada disse com voz fria.

Nós nos acomodamos na mesa e Fernanda se sentou do meu lado, muito próxima. Agarrou minha mão de um jeito possessivo e encarou Thereza. A espanhola parecia não ver ou fingia que não percebia a hostilidade da minha namorada. Thereza estava sorridente e falante. Mexia no cabelo a todo instante jogando de um lado para outro, se exibindo. Pelo jeito Fernanda não gostava, pois se remexia na cadeira e apertava ainda mais o meu braço.

— O Brasil continua lindo! Que país maravilhoso! — Thereza falou ajeitando o guardanapo de boca ao colo.

— Sim, nosso país é muito bonito mesmo — eu disse.

— Fernanda, você conhece a Espanha?

— Sim! Eu conheço toda a Europa. Fiz uma viagem com a minha família faz uns dois anos.

— E o que achou do meu país? — indagou Thereza tentando ser simpática.

— De todos os _____ que eu conheci, foi o que menos agradou — Fernanda respondeu em tom seco.

— Por que não gostou do meu país?

— Primeiro não gostei da culinária. Achei a comida sem graça. E depois, o povo é mal educado. Foi o pior lugar que eu estive. — ela falou com a finalidade de provocar a espanhola. Os olhos da Thereza se estreitaram e ela soltou uma respiração pesada.

— Nanda, a Espanha é um país magnífico. Eu conheço e sei o que estou dizendo — eu intervi e minha namorada me olhou de cara feia.

— Eu não estou dizendo que o lugar é feio. Eu apenas não gostei de lá. — Ela se desculpou, fazendo pouco caso.

Logo após escolher o *menu*, o jantar foi servido. Enquanto o garçom nos servia de vinho, eu estava pensativo. Talvez não tivesse sido uma boa ideia trazer a minha namorada nesse jantar. Eu senti o clima desagradável que

havia entre elas. Ficou evidente que Fernanda não se simpatizou com a Thereza. E algo me dizia que esse jantar não ia acabar bem.

— Faz tempo que você e o Alex se conhecem, Thereza? — Fernanda perguntou.

— Faz algum tempo...

— E onde se conheceram?

— Aqui no Brasil. — Thereza bebericou de seu vinho, tranquilamente.

— Como se conheceram? — A desconfiança da minha namorada não tinha fim e estava me deixando nervoso.

— Nanda, meu amor, eu e a Thereza nos conhecemos na empresa. Ela trabalha para mim. É quem chefia a filial na Espanha. Eu te falei, lembra? — expliquei trocando um olhar significativo com a espanhola. Thereza se retesou ainda mais na cadeira entendendo o meu recado.

— Entendi... — Fernanda murmurou enquanto comia seu jantar. — Você é casada, Thereza? Tem filhos?

— Fiquei viúva há dois anos e não tenho filhos.

— Ah, que pena!

— Não se lamente, Fernanda. Eu estou bem melhor agora. A minha vida ganhou outro colorido. — Sorriu Thereza animada.

— Conheceu alguém especial então? — Minha namorada sondava a espanhola astutamente enquanto eu começava a me sentir desconfortável.

— Por enquanto não! Meu coração está livre para o amor. Quem sabe uma hora dessas apareça um homem *guapo* que vai me encantar. — Ela deu um gole no seu vinho e comentou: — Você é uma garota de sorte por ter Alex do seu lado.

— Sim! Sou a mais sortuda do mundo! — Fernanda pegou meu rosto em suas mãos e me beijou. — Estamos pensando em ficar noivos, não é Alex?

Olhei para Fernanda sem saber o que dizer. Thereza estava com os olhos

arregalados nos encarando. Minha namorada havia extrapolado no quesito posse. Nós ainda não havíamos falado sobre um compromisso maior, como um noivado. E agora Fernanda me deixa na maior saia justa na frente da espanhola por causa do seu ciúme doentio.

— Nanda, isso é um assunto para ser conversado entre a gente, não agora — expliquei a situação, me sentindo mais do que incomodado com tudo aquilo.

— Sim, claro, meu amor! Isso tem que ser conversado somente entre a gente, mas eu gostaria de dividir com sua amiga essa alegria. — Fernanda sorriu para mim e depois para Thereza.

— Ficarei muito feliz por vocês dois quando isso acontecer! — Thereza também sorriu, talvez mascarando seu real desejo.

— Isso acontece quando casais de namorados se amam, como nós. Você deve saber, não é, Thereza? Aconteceu isso com você antes de se casar com seu marido — disse Fernanda com uma ponta de sarcasmo na voz.

— Querida, nem todos os casais são iguais ou tão apaixonados como vocês.

— Mas então você não amava seu marido?

— Não é isso, Fernanda. Eu o amava sim, mas nós não ficamos noivos.

— Ah, entendi.

— Estão gostando do vinho? — indaguei mudando de assunto, pois não suportava mais aguentar uma tentando ser simpática com a outra, sem obter sucesso.

— Fabuloso! — exclamou a espanhola bebericando sua bebida.

Fernanda sorriu concordando e continuamos a jantar em silêncio dessa vez. Mas eu sentia que a atmosfera estava carregada entre nós. A desconfiança e a possessividade da minha namorada estavam realmente me preocupando.

Capítulo 11

Fernanda

Acordei com uma ânsia de vômito e corri para o banheiro. Vomitei um pouco, mas como meu estômago estava vazio, saiu somente água. Olhei para meu reflexo no espelho e de imediato veio um pensamento: eu poderia estar grávida! Preocupada, comecei a pensar nessa hipótese, uma vez que eu havia me descuidado com os anticoncepcionais.

Fiz minha higiene matinal me sentindo um pouco zozza e ainda com náuseas. Até o cheiro do sabonete líquido me enjoava. Saí do banheiro e corri para meu closet. Vesti uma calça jeans, camiseta e calcei sapatilhas. Prendi meu cabelo em um rabo de cavalo e descí. Eu precisava comprar um teste de farmácia urgente para tirar essa dúvida. Por um lado eu me sentia feliz se isso fosse mesmo verdade, mas por outro a agonia me rondava.

Estava descendo a escada quando ouvi minha mãe me chamar:

— Nanda, meu bem, você já está saindo para o trabalho?

— Não, mãe. Eu não vou trabalhar agora de manhã. Tenho umas coisas para resolver fora da empresa.

— Você está um pouco pálida. Aconteceu alguma coisa? — Ela se aproximou de mim com olhar atento.

— Está tudo bem! Eu só estou com um pouco de dor de cabeça. — Disfarcei sorrindo.

— Vamos tomar café! Bia fez aquele bolo de banana que você adora. E tem *cappuccino* também!

— Eu não estou com fome — respondi sentindo o enjoo subindo em minha garganta.

— Não vou deixar você sair sem tomar café, Nanda. Pode desmaiar na rua! Venha! — Ela pegou em meu braço e me conduziu para a sala de jantar.

— Mãe, eu não...

— Sente prove o bolo de banana. — Ela cortou uma fatia do doce e colocou no meu prato, me serviu de uma xícara de *capuccino* e se acomodou a minha frente. — Eu pensei que você fosse dormir no seu apartamento ontem, filha.

— Tem um vazamento de água na minha casa. Coisa terrível, mãe. Os encanadores estão tentando arrumar. Parece que afetou muitos apartamentos do prédio. — Eu peguei o garfo e olhei para o bolo. Não sentia fome e o cheiro embrulhava o meu estômago. — Como você me viu chegar?

— Eu estava acordada. Tive insônia. — Ela suspirou fundo e pude notar olheiras abaixo de seus olhos claros. — Como foi o jantar ontem com a tal da Thereza? Estou curiosa para saber.

— Não gostei dela, mas acho que isso você já sabia — resmunguei e minha mãe concordou com a cabeça. — E gostei menos ainda do jeito como ela olhava para o Alex. Toda cheia de interesse. Mulherzinha mais desagradável.

— Ela flertou com seu namorado na sua frente, filha? Não acredito!

— Não flertou porque eu não dei brecha, mãe. Eu coloquei a espanhola no lugar dela. Falei que eu e Alex estávamos pensando em noivar. Tinha que ver a cara dela. Ficou branca de espanto — disse enquanto bebia um gole de água. O bolo de banana estava intacto no meu prato. Eu não conseguia comê-lo.

— E o que Alex disse de tudo isso?

— Ele ficou um tanto surpreso, mas acho que entendeu o meu recado. Ninguém vai roubar o Alex de mim, mãe. Ninguém! Muito menos essa espanhola assanhada.

— Está certa, filha. Você conquistou um homem na posição do Alex, poderoso e influente não. E isso é o que importante. Tem que lutar por aquilo que é seu. Eu sempre ensinei você e Naiara a arte da conquista, de como fazer os homens caírem aos nossos pés. Alex te ama, meu bem. E logo vocês estarão juntos para sempre. — Ela sorriu e olhou para o meu prato. — Nanda, você não vai comer o bolo de banana?

— Eu não estou com fome. — Eu me levantei e peguei minha bolsa do encosto da cadeira. — Eu preciso ir. A gente se vê mais tarde.

— Mas, filha...

— Tchau, mãe! — Não dei tempo para ela protestar e saí apressadamente em direção a farmácia mais próxima.

Duas linhas vermelhas! Meu Deus, eu estava grávida!

Pisquei os olhos novamente sem acreditar no que via. Eu estava esperando um filho do Alex. Meu coração disparou em uma mistura de alegria e preocupação. A minha mente vagueava e senti lágrimas banharem meus olhos. Eu seria mãe! Como Alex reagiria? Ele aceitaria um filho nosso? Eu precisava contar para ele, mas antes tinha que fazer o exame laboratorial para mostrar a ele. Alex não aceitaria um exame de farmácia e eu também precisava ter absoluta certeza.

Corri até o laboratório onde fiz o exame. Uma hora depois eu estava lendo aquilo que eu já sabia: POSITIVO. Não havia dúvida, eu estava esperando um filho. Agora eu tinha que me preparar para contar essa novidade ao Alex e a minha família. Tinha quase certeza que minha mãe daria pulos de alegria, pois o maior desejo dela era que eu me casasse com o

rei do aço. Já o meu pai eu não sei como reagiria. Ele era muito conservador e uma gravidez assim, não planejada, o pegaria de surpresa.

Cheguei no meu apartamento e falei com os encanadores. O problema da água havia sido resolvido e agora estava tudo consertado. Era uma ótima notícia, pois eu não via a hora de me mudar e ter a minha própria vida. Ainda mais agora com um bebê a caminho.

Preparei uma vitamina de mamão, banana, maçã e cereais e bati no liquidificador. Quando terminei de tomar a vitamina, Naiara chegou. Ela havia saído do curso de balé e passou ali para conversar. Honestamente, a presença da minha irmã caçula era tudo que eu não precisava naquele momento. Ainda mais que ela era esperta e sacava as coisas. Deus me livre, Naiara suspeitar de que eu estava grávida. Ela estragaria tudo!

— Bom dia, maninha. Passei aqui para conhecer o seu apartamento. — Ela sorriu e jogou a mochila em cima do sofá. Eu me apressei e peguei minha bolsa que estava em uma poltrona próxima. Fui até meu quarto e guardei dentro do closet. Lá estavam os exames de gravidez, tanto da farmácia quanto do laboratório.

— Que surpresa vê-la aqui, Naiara — falei enquanto voltava à sala de estar. Ela olhava tudo atentamente.

— Muito bonito seu apê, Nanda! Espaçoso, bem decorado... Só não gostei dessa parede de vidro que você colocou para dividir a sala de estar da de jantar. Que coisa mais esquisita!

— Isso é modernidade, maninha! Eu achei bonito e Alex também gostou. — Eu me sentei no sofá e ela me seguiu.

— Mamãe me contou que a espanhola tentou jogar charme pra cima do Alex. Que mulher mais sem noção!

— Mas eu a coloquei no lugar dela. Thereza sabe que logo eu e Alex vamos ficar noivos e marcar a data do casamento. — Sorri com satisfação enquanto minha irmã arregalava os olhos.

— Parabéns, mana! Eu não sabia disso. Papai e mamãe já sabem?

— Falei hoje para a mamãe sobre o noivado. Ela ficou muito contente. Agora só falta acertar tudo e anunciar para o papai.

— Ah... — Naiara estava boquiaberta.

— Quer algo para comer? Acho que tenho alguns biscoitos no armário da copa.

— Não, obrigada! Eu comi um sanduíche antes de vir para cá. — Naiara me olhou atentamente e disse: — Se eu fosse você, eu engravidaria para segurar o Alex.

— Que papo é esse, menina? — bradei nervosa, me levantando.

— Ué, a gente tem que ser inteligente. Não é isso que a mamãe vive dizendo: que devemos ser espertas, arrumar um marido milionário, blá, blá, blá... — Ela gesticulou erguendo as mãos para o alto.

— Não dou muita importância para as conversas da mamãe. Eu amo o Alex. Não estou com ele por causa do dinheiro. E tem mais! Nós não precisamos de dinheiro. Nosso pai é rico! — Me levantei e olhei para o relógio. — Bem, eu preciso tomar um banho, me arrumar e ir para a empresa.

— Entendi... — resmungou se erguendo e pegando sua mochila. — Eu tenho aula hoje de tarde. A gente se vê então, maninha. — Ela piscou e se moveu em direção à porta. Girou a maçaneta e saiu.

Respirei fundo, sentindo todas as terminações nervosas do meu corpo se contrair. Detestava esse pensamento capitalista, repleto de status e glamour que minha mãe vivia. Desde criança que eu escutava sempre a mesma coisa: “quando você crescer, Nanda, tem que casar com um homem mais rico do que seu pai”. Não escolhi Alex pelo dinheiro. Eu o amava independente de ser herdeiro de um homem muito rico. Isso era o que menos importava para mim.

E pensando em meu amor, eu tive uma ideia. Depois do trabalho eu o surpreenderia na empresa. Queria fazer alguma coisa louca e muito excitante. Tinha algumas ideias eróticas e as colocaria em prática.

Capítulo 12

Alex

Estava saindo do clube, onde tinha ido praticar um pouco de natação, esfriar a cabeça, respirar ar puro. Quando atravessava a área da piscina, vi Estela, filha do Alfeo, acomodada em uma espreguiçadeira, lendo um livro. Ela sentiu minha proximidade e ergueu a cabeça da leitura para me olhar.

— Gosta de ler romances?

— De vez em quando. — Ela deu um meio sorriso e analisou meu corpo coberto apenas pela sunga. Seu rosto ficou vermelho e ela desviou o olhar. — Esse livro foi a Fernanda que me indicou.

— Minha namorada?

— Sim! Outro dia a gente conversou aqui mesmo e ela me mostrou o que estava lendo. Daí eu comprei por curiosidade e estou gostando. Não é o gênero literário que eu estou acostumada a ler, mas é interessante.

— Eu não sabia que vocês haviam se falado. São amigas? — Eu me sentei em outra espreguiçadeira ao lado dela e passei a mão pelo cabelo para tirar o excesso da água.

— Nós nos tornamos amigas recentemente. Ela é uma pessoa muito querida.

— É sim!

Estela voltou a me encarar. Seus olhos verdes pareciam dizer algo que eu não sabia identificar o que era. Sentia que cada vez que ela me encontrava, era como se travasse uma luta interna consigo mesma, tentando manter a calma. Eu a deixava nervosa e nem sabia o motivo.

— Você sabe que meu pai é alcoólatra, não é, Alex?

— Sei, mas ele está se tratando...

— Faz tempo que ele está em tratamento, mas não está ajudando quase nada. Na verdade, meu pai não se ajuda. — Ela balançou a cabeça fechando o livro. — Ele tem chegado atrasado na empresa e tem dias que não vai trabalhar, não é?

— Estela, eu compreendo a situação do Alfeo e tento ajudar da melhor maneira possível.

— Eu sei, e agradeço. Mas não quero que meu pai venda as cotas dele e gaste em bebida. Por que é isso que vai acontecer para ele manter o vício. Ele continua bebendo, mesmo indo nos AA.

— Eu sinto muito. Alfeo é uma pessoa boa — lamentei por ela e por ele, pois o homem não era mau caráter. Ele era apenas mau para ele, não cuidava da sua saúde.

— Você sabe que eu tenho um irmão adotivo que é dois anos mais novo do que eu? — Concordei com a cabeça e ela prosseguiu: — Ele ainda é menor de idade, acabou de passar no vestibular para jornalismo e não quer saber dos negócios do papai. Então, eu tenho que tomar as rédeas da situação. A nossa mãe faleceu faz alguns anos e Max era muito apegado a ela.

— E o que você pretende fazer, Estela?

— Assumir o lugar do meu pai assim que me formar. Se você aceitar, claro. Não quero que ele jogue fora o nosso patrimônio.

— Você será muito bem-vinda a empresa. — Sorri e ela sorriu também. Seus olhos brilharam de satisfação.

— Obrigada, Alex. Mas faltam três anos para eu me graduar.

— Seu pai terá que fazer um requerimento por escrito, conforme mandam as leis e o regulamento interno da empresa, mas eu acredito que não será um problema.

— Ficarei muito feliz quando pertencer a companhia do Homem de Aço.
— Ela disse sorridente e eu franzi o cenho. Agora eu tinha um apelido?!

— De onde você tirou esse apelido?

— Ah, o pessoal que comenta por aí. Você não sabia?

— Não... É incrível o que as pessoas inventam para se divertir a custa dos outros — rosnei secando o tórax com a toalha.

Estela voltou a me olhar daquele jeito indecifrável, me contemplando. Ela se levantou apressadamente ajeitando o laço de sua saída de banho e pegando sua mochila. Tive a certeza que minha presença a agitava mais do que o normal. Não era possível que essa garota estivesse interessada em mim. E se estivesse? Por que sempre tentava disfarçar ou fugia, como agora? Era muito estranha!

— Eu tenho que ir. Tenho aula à noite.

— Foi bom conversar com você! — falei me levantando. — Boa aula!

Estela sorriu e deixou o local apressadamente. Ainda a vi olhar para trás antes de sumir escada acima.

Fernanda estava na casa dos pais e eu fui até lá para vê-la. Não iria conversar com ela na presença deles, pois eu não queria que dona Verônica e seu Alberto se metessem no nosso relacionamento. Isso seria um absurdo!

Estacionei o carro e desci. Fernanda me esperava acomodada no banco na varanda. Quando me viu, saiu correndo e se atirou em meus braços, me beijando fervorosamente. Tive que controlar minha libido, pois ela mexia

demais comigo. Senti o pau endurecer dentro da calça e me afastei um pouco, ofegante.

— Quer me matar de tesão, é? — Analisei o vestido curto de malha que ela usava. Algo bem casual, mas muito feminino.

— Quero enlouquecer você! — Ela mordia o lóbulo da minha orelha e se esfregava em mim, me atijando.

— Nanda, pare com isso ou eu te joga em cima daquele banco e te fodo ali mesmo.

Fernanda riu, mordendo os lábios, louca de desejo. Ela me puxou pela mão e me conduziu até o banco onde nos acomodamos. A noite estava estrelada e uma brisa suave soprava, balançando as folhas das árvores. Ficamos ali, sentados namorando sob a luz fraca da varanda.

Beijei sua boca, seu pescoço enquanto apalpava sua bunda por debaixo da roupa. Fernanda estava excitada, abrindo o botão da minha calça jeans e escorregando a mão para dentro. Quando senti o contato dos seus dedos pressionando o meu pau, eu soltei um grunhido e tomei sua boca em desespero. Ela continuou a me masturbar, me enlouquecendo em movimentos rítmicos.

A pegação ganhou força, e esqueci onde estávamos e enfiei minha mão no meio de suas pernas, abrindo-as um pouco. Meus dedos deslizaram para dentro da calcinha que ela usava e encontrei sua boceta molhada. Massageei seu clitóris enquanto Fernanda arfava baixinho e se debatia toda.

— Prontinha para receber o meu pau. Adoro isso na minha putinha! — sussurrei em sua orelha, distribuindo beijos em seu pescoço, enquanto masturbávamos um ao outro.

O tesão era tanto que não aguentei. Enfiei um dedo dentro dela, que reagiu na hora, me puxando ainda mais para perto, se abrindo, se entregando. Estoquei com vontade, fundo e forte, sentindo as extremidades de sua carne úmida e quente. Ela era uma fornalha e eu adorava isso.

— Ahhhh... Alex! Que gostoso! Queria seu pau e não seu dedo — choramingou com o corpo estremecido de tanto prazer. Fernanda logo

gozaria.

A nossa sacanagem foi interrompida por um barulho vindo de dentro da casa. Eu dei um pulo para o lado, me afastando, abotoando a minha calça jeans. Fernanda também puxou o vestido para o lado e ajustou o cabelo que estava em desalinho. Foi quando Naiara surgiu com uma expressão desconfiada. Respirei fundo me sentindo aliviado por ela não ter nos pegado em flagrante mais uma vez. Isso seria a nossa sentença de morte.

— Oi, Alex! Eu não vi você chegar — disse Naiara sentando-se no outro banco do nosso lado.

— Está nos espionando, maninha? — Fernanda foi seca com ela, fulminando-a com o olhar.

— Nanda, pare com isso! Naiara só quer se juntar a nós. — Tentei apaziguar a situação, mas Fernanda bufou e se recostou no banco cruzando os braços sobre o busto. Eu me virei para Naiara e sorri. — Oi, Naiara! Eu cheguei faz pouco tempo.

— Hum... — Ela suspirou e me olhou séria. — Eu vi você hoje no clube. Estava com a Estela.

A declaração feita por ela fez com que Fernanda retesasse o corpo e me olhasse com cara feia. Ela ficou tão irritada que seus olhos eram duas fendas escuras. Eu já imaginava o que estava passando em sua cabeça e me preparei para explicar o que não necessitava ser explicado.

— O que você estava fazendo com a Estela hoje no clube, Alex? — Sua pergunta teve um tom acusatório que me surpreendeu.

— Eu encontrei a sua amiga lá. Ficamos conversando sobre literatura e sobre os negócios da empresa — falei e lancei um olhar sério para Naiara que se encolheu um pouco. A pirralha não nos poupava de uma intriga. E isso me irritava.

— Ela não é minha amiga!

— Bem, não foi isso que ela disse.

— Alex, Estela deu em cima de você?

— Nanda, Estela é filha do Alfeo, que é um dos meus sócios. Ela tem dezenove anos e é uma menina e não. Ela não deu em cima de mim. Inclusive eu acho que ela não gosta muito de mim. Satisfeita? — disse em tom seco, sem paciência para aquele ciúme bobo.

— Sério?! — Fernanda ergueu uma sobrancelha duvidosa.

— Sim! Por que você acha que eu mentiria? Não tenho motivos para isso.

— Não sei... — sussurrou desviando o olhar para focar em sua irmã. — E você, Naiara, o que estava fazendo no clube que não estava no colégio?

— Eu estava passeando, oras! — Naiara deu de ombros enquanto balançava as pernas suspensas do banco.

— Papai vai saber que estava faltando na aula para ficar passeando por aí. Dessa você não escapa! — Fernanda disse em tom intimidante enquanto a irmã mais nova fazia uma careta para ela.

— Ah, Nanda! Vê se pega no pé de outra pessoa e me esquece.

— Vai lá para dentro que eu preciso de privacidade com meu namorado — disse Fernanda e Naiara soltou um risinho provocativo. — Vaza daqui!

— Chata! — Ela mostrou a língua para a irmã e se levantou olhando para mim. — Gostei da cor da sunga de hoje de tarde, Alex. Combina com seus olhos — e dizendo isso, ela saiu em disparada para o interior da casa.

— Ah, se eu pego essa menina! Deus, que vontade de esganar a Naiara! — grunhiu Fernanda com raiva, suspirando fundo.

— Nanda, ela só quer te irritar. Não dê importância para sua irmã! — disse puxando-a de encontro a mim.

— E ela consegue! Naiara vive enfiando minhocas na minha cabeça. Sabe que sou muito ciumenta, que te amo e se aproveita para me deixar irritada.

— Vamos esquecer ela. Vem cá!

Eu a abracei e ficamos ali quietos, mas eu sabia que Fernanda não havia engolido a minha explicação.

Capítulo 13

Alex

Saímos de uma reunião de negócios com uma empresa conceituada da região sul e fomos até a minha sala tomar um cafezinho. A gerente e administradora, Silvana Gouveia, era filha de um grande empresário. Uma loira bonita, alta, olhos azuis e um sorriso fácil. Percebi durante a reunião os olhares cobiçosos que ela me lançava.

Era bonita, inteligente e atraente. Se eu não estivesse namorando, era óbvio que eu pegava. Ela estava dando deliberadamente em cima de mim. Tocava em meu braço enquanto conversávamos e dava todos os sinais de interesse. Eu tentava manter a postura profissional e até mesmo distante, mas Silvana não percebia ou fingia não perceber.

— Que linda visão que você tem aqui, hein Alex. Você é privilegiado!
— Silvana falou contemplando a cidade da enorme janela de vidro do meu escritório.

— A visão é muito bonita.

— Fiquei muito feliz com o fechamento do nosso acordo — disse se sentando no sofá da saleta, ao meu lado.

— Espero que dê lucros para nós dois. — Sorri enquanto ela cruzava as pernas em seu vestido de seda.

— E vai dar! Você é um homem empreendedor, com ótima visão de

mercado. Meu pai me disse que você puxou ao seu pai.

— Todos que conheceram o meu pai dizem isso — respondi melancólico, lembrando tanto do meu pai quanto da minha mãe.

— Dizem que a gente puxa a genética. Eu sei bem o que estou dizendo. Os amigos do meu pai dizem que sou a versão dele, só que de saia. — Ela riu e olhou atentamente para mim. — Vi uma foto sua com a filha do seu Alberto Roth. Não sabia que vocês estavam namorando.

— Estamos. Faz alguns meses.

— Está feliz?

— Sim.

— Você a ama, Alex?

A pergunta da Silvana me surpreendeu. Inquieto, me levantei passando a mão pelo cabelo. Desde que conheci a Fernanda, que eu não tinha parado para pensar sobre o que eu sentia por ela. Eu gostava da Fernanda, era apaixonado por ela, mas não sabia se isso era amor. Na verdade, eu estava redescobrando as emoções, me abrindo para a vida depois da tragédia que aconteceu com meu pai.

— Sou apaixonado pela minha namorada, Silvana — falei com convicção deixando o copo de bebida sobre o barzinho. Silvana se levantou e veio até mim.

— Paixão e amor são sentimentos muito diferentes, Alex.

— Eu acho que os dois se completam. Não existe um sem outro.

— Talvez... — Ela colocou a mão no meu braço. — Mas para mim eles são sentimentos distintos. — Eu encarei e me deparei com seus olhos azuis cravados em mim, flamejantes. — Você merece ser feliz, Alex. Amar e ser amado.

Silvana estava tão próxima que senti seu perfume me deixando zozinho. Ela deslizou os dedos em meu braço, em direção ao meu rosto e acariciou a minha barba. Percebi sua intenção de tentar me seduzir e agarrei seu pulso,

detendo-a. Silvana me olhou com espanto e ofegou pesado.

— Pare, Silvana! Não vamos estragar a nossa parceria de negócios. Eu prezo muito a amizade com seu pai.

Ouvi um barulho na porta e Fernanda entrou. Ela sorria e quando viu a proximidade que Silvana estava, seu semblante mudou. A minha namorada fechou a cara e se aproximou.

— Quem é essa, Alex? O que ela está fazendo agarrada em você? — Fernanda rosnou fulminando Silvana com olhar.

— Nanda, meu amor, essa é a Silvana, minha parceira de negócios — expliquei me distanciando da Silvana, tentando esclarecer a situação. Mas parecia que minha namorada não queria o mesmo. Fernanda se aproximou ainda mais, bufando irritada.

— Oi, Fernanda! Eu me chamo Silvana. Prazer! — ela esticou a mão se apresentando.

— Não me interessa saber quem você. Para mim você se chama sirigaita. Pensa que eu não vi você agarrando o meu namorado!

— Mas o que é isso?! Eu não fiz nada! — Silvana indignou-se se colocando de vítima.

— Fique longe do Alex! Ele é meu!

— Nanda, o que está acontecendo com você? Silvana é parceira de negócios da empresa — falei enquanto Fernanda me olhava com raiva.

— Parceira de negócios... Sei... — resmungou olhando Silvana de cima a baixo. O ciúme e a desconfiança estavam cegando a minha namorada.

— Alex, querido, eu vou indo. Não quero criar mais picuinha entre vocês. — Silvana pegou sua bolsa e colocou no ombro.

— Silvana, desculpe por isso... — Eu estava sem jeito diante daquele circo que Fernanda tinha arrumado.

— Já vai tarde! — Minha namorada provocou com sarcasmo.

— Até mais, Alex! A gente se fala. — Silvana passou por Fernanda de queixo empinado e deixou a sala.

— Fernanda, o que significa isso? Você costuma entrar sem ser anunciada? — rosnei para ela, um pouco irritado.

— E eu preciso ser anunciada?! Alex, eu sou sua namorada!

— Eu sei que você é minha namorada, mas não precisa agir assim. Você entrou e acusou a Silvana de estar me assediando. Isso é um absurdo! — Passei a mão no cabelo, estupefato.

— Alex, nenhuma sirigaita vai tirar você de mim. Nenhuma!

— Mas que papo é esse? Não somos propriedade um do outro!

— Alex, nunca me deixe. Eu te amo! Muito! Muito! — Fernanda se aproximou e se jogou em meus braços. — Diz que nunca vai me deixar!

— Se acalme, Nanda! Tudo vai ficar bem! — falei confuso diante da possessividade dela.

O medo de me perder era tanto que ela tremia. Eu a abracei de volta, imerso em pensamentos. Eu me sentia sufocado. O meu conceito de amor não era esse. Isso era doença, obsessão, mas não era sentimento puro.

Sabia que tinha que fazer alguma coisa. Eu tinha que tomar uma atitude, nem que isso custasse o meu rompimento com a Fernanda.

Capítulo 14

Alex

O meu relacionamento com a Fernanda estava desgastado. Não restava dúvida. Eu me sentia sufocado e já não estava tão apaixonado como no início. Sabia que precisava pensar sobre nós, dar um tempo para ver se as coisas melhoravam, voltavam a ser como era antes. Tinha decidido conversar com ela sobre isso, explicar toda a situação. O ciúme e a desconfiança que ela tinha tornavam as coisas muito difíceis.

Nós tínhamos tudo para dar certo. Eu a achava encantadora, bonita e inteligente. Gostava da companhia dela e o desejo sempre estava presente quando a gente transava. Mas uns dois meses para cá, as coisas mudaram. Fernanda se tornou outra pessoa. Não tinha limites e nem controle de sua possessividade. Nenhuma mulher podia olhar para mim, se aproximar, que ela ficava louca. E depois do ocorrido com a Silvana, eu sabia que Fernanda estava fora de si.

— Pensativo, Alex? — Samuel chegou na sala de reuniões, despertando dos meus pensamentos.

— Sim... Um pouco. — Ergui os olhos da papelada dando atenção para ele.

— Hoje é o último dia da Thereza aqui no Brasil. Amanhã ela embarca para a Espanha e o pessoal está pensando em se reunir para um jantar de despedida. Você vem?

— Eu não poderei ir. Quero passar no apartamento da Fernanda antes de ir para casa.

— Entendi... — Ele se acomodou do outro lado da mesa e me olhou com cautela. — Está tudo bem entre vocês?

— A coisa está cada vez mais desgastante. — Respirei fundo e me recostei na cadeira estofada. Minha cabeça doía e meu pensamento estava em desordem. — Essa semana a Fernanda entrou em minha sala sem bater e sem ser avisada e a Silvana estava lá. Ela nos viu juntos e pensou besteiras. Silvana estava dando em cima de mim, mas eu deixei claro que tinha namorada e que estava apaixonado. Você sabe que se fossem outros tempos, eu não pensava duas vezes e levava a Silvana para a cama.

— E como sei! — Ele riu.

— Eu estava perdido, amigo. Sem saber o que fazer da minha vida. Então conheci você que abriu meus olhos em relação aos negócios e depois conheci a Fernanda que me fez acreditar na vida novamente. Mas agora... Eu não tenho certeza do que sinto de verdade por ela. O ciúme e a desconfiança estão massacrando o nosso namoro. Não dá mais, Samuel!

— É como eu disse outro dia, Alex: essa moça precisa de ajuda especializada. Ela não está bem! Isso é doença e não é amor ou paixão.

— Eu sei, Samuel. Por isso que vou conversar com ela o quanto antes. Nós precisamos de um tempo para organizar as coisas — falei como se fosse para mim mesmo, sabendo que Fernanda não aceitaria fácil o meu pedido.

Ouvimos um barulho de salto alto ecoar no ambiente e Thereza apareceu usando um vestido reto azul.

— Queridos, já estão prontos para a reunião?

— Oi, Thereza. Sim, estamos aguardando o restante do pessoal — respondi enquanto ela se acomodava em uma cadeira e cruzava as pernas.

— Já estou com saudades do Brasil e de vocês, claro. — Ela sorriu e me olhou com interesse. — Mas daqui uns meses eu estou de volta para rever os amigos.

— Que bom, Thereza! — Sorri e olhei para o relógio de pulso. — Vou avisar a minha secretária que chame o restante dos sócios, senão a reunião atrasará muito.

— O único que falta aqui é o Alfeo. Será que ele não vem? — questionou Samuel.

— Eu não o vi hoje na empresa. Vocês o viram?

— Eu não vi, Alex — Samuel disse e Thereza balançou a cabeça em negativa.

Liguei para minha secretária e pedi informações do velho Hoffman. Como eu previa Alfeo não veio trabalhar no dia de hoje. Certamente que bebeu todas na noite passada e estava, ou se recuperando da ressaca, ou se afundando no álcool.

Decidi começar a reunião sem ele. Eu estava com pressa e mesmo que esperasse pelo aval dele, não adiantaria. Alfeo viria apenas no dia seguinte. Eu o conhecia muito bem. Era alcoólatra incorrigível.

Saí da empresa e fui direto para o apartamento da Fernanda. Era quase noite quando ela me recebeu toda sorridente, vestindo um roupão de seda curto. Por um momento me perdi olhando para seu corpo esbelto, seus seios firmes que a roupa transparente deixava aparecer. Até fiquei excitado com aquela visão, mas retomei a consciência e lembrei-me do meu propósito de vir até ali. Eu não poderia ser guiado pelo tesão que eu sentia por ela. Fernanda não iria me ludibriar com joguinhos sexuais.

— Amor, eu estava te esperando! — Ela pulou no meu pescoço, entrelaçando as pernas ao redor da minha cintura.

Acabei entrando daquele jeito com Fernanda agarrada em mim, me beijando loucamente. Eu sabia que seria difícil a nossa conversa, ainda mais

com essa recepção calorosa que ela tinha acabado de me receber. Por isso, interrompi o beijo, coloquei Fernanda de pé e a encarei. Ela me olhou de volta com uma rusga na testa, sem entender o que estava acontecendo.

— O que houve, Alex?

— Nanda, eu tenho algo para conversar com você.

— Ah, meu amor! Eu tenho uma surpresa para você! — Ela sorriu e correu até uma mesinha. Pegou um envelope e voltou saltitante até mim. — Abra!

Olhei para aquele papel e fiquei nervoso. O que seria aquilo? Quando abri e li o que estava escrito, eu paralisei. Fernanda estava grávida! Isso era tudo o que eu temia. Tudo o que não podia acontecer agora, ainda mais com o nosso relacionamento em crise. Santo Deus, como eu enfrentaria essa situação?

Eu não sabia direito o que pensar e senti que o fôlego me faltava. Passei a mão pelo rosto suado, enquanto o pensamento era uma bagunça sem fim. Fernanda queria me segurar com um filho? Eu não podia acreditar naquilo! Ele armou essa gravidez para me prender? Respirei fundo e finalmente a realidade bateu de um jeito forte. Eu precisava tomar uma atitude. Assumiria o filho, mas não me casaria com ela. Eu não estava preparado para um compromisso mais sério. E eu ainda estava em dúvida do que realmente sentia por Fernanda. Não sabia dizer se era uma atração muito forte, ou uma louca paixão.

— Fernanda, isso é verdade?

— É sim, meu amor. Eu estou esperando um filho seu! Não é maravilhoso? — Ela se aproximou para me abraçar e eu me distanciei.

— Meu Deus! O nosso namoro está em crise e você fica grávida?!

— Quem disse que o nosso namoro está em crise, Alex? E eu não fiz o nosso filho sozinha! — bradou de olhos arregalados, parecendo um pouco agitada.

— Eu sei que tenho parte nessa situação, mas o nosso relacionamento

está desgastado. A gente não se entende como antes. A sua desconfiança e ciúme exagerado acabou com o que a gente tinha de bom. Você não percebe isso? — Corri os dedos no cabelo, sem acreditar no que estava acontecendo.

— O que houve, Alex? Você não me quer mais? Tem outra?

— Fernanda, você escutou o que eu disse?

— Sim! Eu ouvi você dizer que não me quer mais! Estou esperando um filho seu! Seu! — gritou nervosa, começando a andar de um lado para outro.

— Eu não tenho ninguém! Você está ficando louca? — Respirei fundo e disse: — Nanda, a gente precisa de um tempo. Nós precisamos pensar sobre tudo que está acontecendo. Ainda mais agora com uma criança a caminho.

— Não! Eu nunca darei tempo para você! — gritou um pouco transtornada. — Estou esperando um filho seu e você anda comendo outras?! — Fernanda gritou desesperada, esfregando o exame de gravidez em minha cara. Ela se jogou contra mim e desferiu socos em meu peito, completamente fora de si.

— Escute, Nanda! — Segurei seus pulsos e encarei seus olhos castanhos. Ela parou de se debater e seus lábios tremeram. — Eu não tenho ninguém. Isso é um absurdo!

Fernanda se distanciou de mim com as mãos na cabeça. Ela caminhava de um lado para outro de seu apartamento, completamente desnorreada. Tudo que disse a ela era a mais pura verdade. Não sabia o porquê estava agindo assim, me acusando de algo que não fiz. Fernanda não via que isso estava prejudicando o nosso filho?

— Você é um egoísta filho da puta!

— Fernanda, se acalme e me ouça. — Tentei me aproximar, mas ela fez um sinal com a mão para eu manter distância.

— Não se aproxime de mim! Você tem outra! Quem é a piranha? Thereza? Uma puta qualquer? Ou você está trepando com minha irmã adolescente? Seu pedófilo! — Ela me acusou fora de si.

— Você está louca, Nanda! Eu não tenho ninguém. Suas acusações são infundadas.

— Não! Não! Não! Eu te amo e você me traiu. — Ela gritou desesperada e movida pelo impulso, jogou um vaso de flores contra o espelho da sala, partindo-o em milhares de pedaços. — Saia daqui! Nunca mais quero ver você! Saia, Alex! — esbravejou se jogando em mim novamente e me expulsando da sala. Fernanda trancou a porta de vidro pelo lado de dentro e se distanciou com os olhos fixos em mim.

Era nítido o seu desespero e seu estado de pouca lucidez. Ela estava completamente perdida. Embora ainda estivesse chorando, seus olhos estavam enlouquecidos, arregalados. Havia tristeza e dor neles e meu peito se apertou. Ela pegou um estilhaço do espelho e segurou tão forte na mão que começou a sangrar. O sangue pingava no chão, manchando seu tapete branco de vermelho.

— Você não quer a mim e nem ao nosso filho, não é? — disse com voz ferida me encarando através do vidro que nos separava.

— Fernanda, abra essa porta! — Eu forcei a maçaneta inutilmente, pois estava trancada pelo lado de dentro. — Não faça nenhuma besteira, Fernanda! Por favor!

— Você não terá nenhum de nós dois! — falou levando o estilhaço até o pescoço.

— NÃO, FERNANDA!

— Eu te amo, Alex. Adeus! — E dizendo isso, ela cortou a sua própria garganta.

— Meu Deus! Fernanda! Fernanda! — gritei desesperado tentando abrir a porta enquanto via uma poça de sangue inundar a sala.

Completamente atônito, sem acreditar no horror que presenciava, eu joguei uma cadeira contra o vidro, que se quebrou em mil pedacinhos. Invadi o ambiente, caí de joelhos no chão e segurei o rosto de Fernanda nas mãos. Os olhos dela estavam abertos, mas sem vida. Ela estava com a pulsação fraca. Fernanda estava morrendo.

— Fernanda, o que você fez? Meu Deus! Meu Deus! — Comecei a chorar abraçado nela, enquanto o sangue manchava a minha roupa, escorria pelas minhas mãos.

Saquei o celular do bolso e liguei para a emergência, mas era tarde demais. Fernanda morreu em meus braços. E levou com ela o nosso filho em seu ventre.

Capítulo 15

Alex

A minha mente estava anestesiada. Eu não sentia o meu corpo. Mal conseguia piscar os olhos. Era como se eu voltasse no tempo e sentisse toda a dor e sofrimento quando perdi minha mãe e depois meu pai. Eu sentia cada terminação nervosa se contrair em aflição, deixando meu corpo dormente. Mas o pior de tudo era a lembrança da Fernanda, ensanguentada em meus braços e eu sem poder fazer nada. Isso tornava as coisas ainda muito piores.

Terminei meu relatório na delegacia e saí acompanhado do meu advogado. Embora eu ainda estivesse em choque, contei como tudo aconteceu.

Quando cheguei na porta da frente, encontrei a família da Fernanda chegando. Eu ainda não havia falado com eles. Olhei para seu Alberto, que estava com a expressão arrasada, cabisbaixo. Vi Naiara com os olhos vermelhos, inchados, chorando desconsolada e tive a vontade de ir até eles. Mas a atitude inesperada de dona Verônica me travou.

— Assassino! — Dona Verônica me olhou com raiva e seus olhos claros faiscaram em minha direção.

— Dona Verônica, foi uma fatalidade... Fernanda tirou a vida... — tentei dizer, mas ela partiu para cima de mim, esmurrando meu peito com os punhos fechados.

— Você matou minha filha! Minha filha adorada! Seu monstro! — bradava descontrolada enquanto me socava. Seu Alberto agarrou os braços da

esposa e a afastou de mim, tentando controlá-la.

— Pare com isso, Verônica! Nada do que você fizer trará a nossa filha de volta. Deixe que a polícia cuide do caso.

— Me solte, Alberto! Esse filho da mãe tem que pagar pelo que fez com a Nanda. Me deixe! — Ela se debatia tentando a todo custo se libertar das mãos do marido.

— Eu tentei salvar a Nanda. Eu juro! Mas eu não pude... Não pude — falei sentindo o coração se comprimir dentro do peito.

— Mentira! Assassino! Assassino! — Dona Verônica continuava com suas acusações, chorando muito.

— Alex, vamos sair daqui — disse o doutor Aécio, um dos advogados da minha empresa. Ele se aproximou e ficou do meu lado, atento a tudo.

— Não adianta se esconder. Você não vai se livrar de um processo, desgraçado! — ela berrou chamando a atenção de algumas pessoas que passavam na rua.

Para o meu tormento uma equipe jornalística chegou naquele momento. Prevendo uma possível enxurrada de perguntas da imprensa, Aécio me conduziu rapidamente até o carro. Entrei às pressas enquanto os repórteres já vinham em minha direção com microfones e máquinas fotográficas. Não consegui escapar de alguns flashes.

Ergui a cabeça e olhei para frente sem me importar que meu rosto saísse nos jornais no dia seguinte. Eu não devia nada e não tinha o que temer. Estava comprovado pela perícia que Fernanda se suicidou. Mas eu sabia que a família dela não iria deixar isso barato. Eles iriam me infernizar.

Cheguei em casa com uma forte dor de cabeça, sem acreditar ainda no que tinha acontecido. Pierre e Raquel já estavam esperando por mim, muito ansiosos.

— Senhor Alexander, nós estávamos muito preocupados. Você está bem? — Pierre se aproximou com olhar atento sobre mim.

— Meu Deus, que tragédia! — disse Raquel chorosa.

Não respondi a nenhum deles e segui para o escritório. Praticamente me arrastei até a sala e deixei o corpo cair em uma poltrona. Minha mente rodopiava e eu não pensava com exatidão. Afundei a cabeça em minhas mãos, fechando os olhos na esperança de que tudo aquilo fosse um pesadelo. Mas infelizmente não era.

— Senhor Alexander, eu sinto muito... — A voz de Raquel ecoou em meus ouvidos.

— Eu também sinto muito, senhor. — Foi a vez de Pierre também se lamentar. — Como está a família Roth?

— Estão me culpando pelo ocorrido — respondi ainda com a cabeça baixa.

— Como assim? Mas você não teve culpa. Foi uma fatalidade! — exclamou Raquel indignada.

— Eu não estou entendendo. Eles estão o culpando pela morte da filha? — Pierre questionou.

— Sim, senhor Pierre. — Aécio, que me acompanhava, respondeu. — Dona Verônica fez um estardalhaço em frente da delegacia. Acusou o senhor Alexander de ter assassinado a filha dela.

— Nossa Senhora Aparecida! Que mulher louca!

— Sim, dona Raquel, um disparate sem fundamento. Vai ficar comprovado na perícia que Fernanda tirou a própria vida — falou Aécio convicto de suas palavras.

— Mas e se eles entrarem com uma representação contra o senhor Alexander no Ministério Público? — Pierre estava nervoso.

— Não acontecerá nada. Nenhum juiz será louco para indiciar o senhor Alexander por assassinato. E além do mais, não há provas contra ele.

— Tem certeza, senhor Aécio?

— Sim, senhor Pierre!

Respirei fundo, sem poder mais ouvir aquela conversa. E então me levantei um pouco zozinho. Tudo que eu precisava agora era de um banho e da minha cama. Embora soubesse que não conseguiria dormir mais como antes. A lembrança da Fernanda banhada em sangue me acompanharia pelo resto da vida.

— Eu vou subir para a suíte. Preciso esquecer esse horror — disse me movendo até a porta. Antes de sair, eu me virei para todos e me despedi: — Aécio, me mantenha informado de tudo. — Ele assentiu com a cabeça. — Pierre e Raquel, não se preocupem comigo. Eu só preciso de um tempo para ficar sozinho.

— Sim, senhor Alexander — Pierre concordou com olhar repleto de compaixão.

— Estamos aqui se precisar. — falou Raquel solícita.

Acenei com a cabeça e deixei o escritório. Quando cheguei ao meu quarto, me dirigi até o banheiro, um pouco cambaleante. Eu tremia e mal conseguia tirar a roupa e os sapatos.

Após me banhar, eu me atirei na cama. Uma sensação de vazio de apoderou de mim, me deixando ainda mais desolado. Eu me lembrei da Fernanda, de tudo que passamos juntos, dos bons e maus momentos e senti uma fisgada no peito. Ela havia se suicidado e levado consigo o nosso filho. Isso me matava aos poucos, por que eu não pude fazer nada para detê-la. Ela estava enlouquecida.

Olhei ao redor e parecia que o quarto girava. Um nó se formou em minha garganta e o coração voltou a disparar em agonia. O pânico veio forte e com ele o sentimento de culpa. Eram mais duas vidas que eram ceifadas por minha causa. E eu não esqueceria isso jamais. Carregaria esse peso pelo resto da minha vida.

No outro dia, eu não tinha cabeça para trabalhar e fiquei em casa. Recebi o doutor Aécio que me trouxe uma notícia desagradável. A família Roth havia entrado com uma ação onde me culpavam pela morte da filha deles. Não fiquei surpreso. Eu estava esperando que isso acontecesse. Mas o meu advogado garantiu que não tinha provas o suficiente para a acusação e que o juiz indeferiria o pedido.

À noite, Samuel veio prestar sua solidariedade. Ele só não veio no dia anterior por que estava viajando a negócios. O meu amigo me trouxe um pouco de conforto nesse momento difícil.

— Alex, eu ainda estou sem acreditar no que houve — falou se acomodando no sofá da sala de estar.

— Parece um pesadelo, Samuel. Nanda tirou a vida diante dos meus olhos e eu não pude fazer nada.

— Sim, eu soube... — Ela balançou a cabeça de um lado para outro. — Eu disse a você que ela precisava de ajuda, mas nunca pensei que Fernanda pudesse se suicidar.

— O ciúme doentio e a desconfiança a deixaram fora de si. Fernanda não era mais a mesma pessoa, Samuel. Estava doente.

— Que tristeza! Uma moça tão jovem, cheia de vida com um futuro promissor. É difícil acreditar nisso!

— Ela estava grávida. Quando Fernanda se matou, ela levou o nosso filho junto. — Enfiei a cabeça em minhas mãos enquanto o coração se dilacerava.

— Meu Deus!

— Ela perdeu o controle e me acusou de ter outra, de manter casos por aí. Eu jurava que não tinha ninguém além dela, mas Fernanda não me escutava. Então, ficou completamente louca e cortou a própria garganta. Parecia um filme de terror! — Ergui a cabeça e encontrei Samuel de olhos arregalados de espanto. Ele estava horrorizado.

— Eu posso imaginar o que você sentiu.

— A culpa foi minha, Samuel. Se eu não tivesse pedido um tempo para ela, se eu tivesse tentado consertar o nosso relacionamento, se eu... — Não consegui terminar de falar, pois o ar me faltava.

— Alex, não se culpe, filho. — Ele se sentou ao meu lado e apertou o meu ombro com afeição. — Fernanda estava doente. Ela precisava de ajuda médica. Você não podia fazer nada.

— Não! Eu vou carregar isso pelo resto da minha vida. Nada e nem ninguém conseguirão apagar isso da minha memória. Nunca!

Samuel balançou a cabeça e prendeu os lábios. Ele não aprovava a minha conduta. Aliás, ninguém aprovava. Pierre e Raquel ficaram indignados quando eu disse isso a eles. Mas respeitaram a minha posição. Eu sabia que a minha vida nunca mais seria a mesma!

Nesse momento eu percebi, que de certa forma, eu também havia morrido para tudo. E que agora um novo homem estava nascendo, mais frio, menos emocional.

Capítulo 16

Verônica

A fúria e a dor me consumiam lentamente. Eu só pensava em me vingar de Alexander, de arruiná-lo. Nem que passasse muitos anos, mas ele pagaria pelo que fez a minha filha e a minha família. Eu não sosseitaria um dia sequer enquanto não o visse na lama. O homem de aço ia se tornar um nada, um ser medíocre. Era um assassino que merecia estar atrás das grades.

Eu não acreditava que Fernanda havia tirado a própria vida. Minha filha nunca faria isso. Ela amava viver, era tão espirituosa, tão entusiasmada. O único erro que ela cometeu foi se apaixonar por Alexander. E o único erro que eu cometi foi deixar que isso acontecesse e incentivá-la em ir adiante com esse namoro. Onde eu estava com a cabeça?

Alexander seduziu a minha filha, a mim e a Naiara também. Eu via os olhares da minha filha mais nova para ele. Ela o idolatrava em silêncio. Esse homem era o demônio transvestido de forma humana, que veio somente para trazer tragédia a minha família.

O meu fascínio por ele se transformou em ódio. Eu estava tão encantada com sua beleza, seu charme, que acabei ficando cega. Alexander cegou a nós todos com um único propósito: enlouquecer a minha filha. Meu Deus! E Fernanda ainda estava grávida. Não vou esquecer quando o médico legista chamou a mim e ao Alberto em sua sala e nos contou sobre a gravidez. Nós ficamos sem chão. Alexander havia assassinado não só a minha filha, mas como do meu neto também. Ele era um assassino frio e cruel e merecia pagar

pelos crimes que cometeu.

Bebi o último gole de uísque e deixei o copo vazio sobre o bar. Ouvi um barulho na porta do escritório e Alberto entrou com o semblante triste. Eu, como sempre guardava minhas emoções só para mim, estava mais fria e menos abatida. Não queria deixar transparecer que eu era uma mulher fraca. Nunca deixei que isso acontecesse. Alberto me conhecia muito bem.

— Já passam das onze horas, Verônica. Você não vem para a cama?

— Eu estava terminando de beber meu uísque, clareando o pensamento.

— Amanhã nós enterramos a nossa filha amada — disse com voz embargada, carregada de emoção. — E daqui uma semana teremos a audiência do processo contra o Alex. Você deve se manter calma e com as ideias em ordem, Verônica — falou agora em tom firme como se eu fosse uma criança. Olhei bem séria para ele.

— Não precisa me lembrar disso, Alberto! Ninguém quer mais a condenação desse monstro do que eu. Alexander vai mofar na cadeia ou eu não me chamo Verônica Almeida Roth!

— Eu não sei o porquê disso tudo. O laudo está quase pronto e a perícia está indicando que a nossa filha se suicidou. Por que levar esse processo contra o Alex adiante?

Alberto e sua ingenuidade me deixavam com náuseas. Ele sempre foi assim: pensava que todas as pessoas eram boas, que não havia maldade no mundo. E isso me irritava muito.

— Você acha mesmo que a Nanda se matou? Ela nunca faria isso! Ainda mais estando grávida! Alex foi o responsável pela morte dela. Você não vê, Alberto? — bradei nervosa, passando a mão pelo cabelo. Como meu marido podia ser tão cego?

— Nem me lembre dessa gravidez... — Ele prendeu os lábios e sacudiu a cabeça, visivelmente abatido. — Mas veja bem, Verônica, se o laudo ficar comprovado o suicídio da Nanda, de que adiantará você culpar o Alex pelo acontecido? Nada vai trazer a nossa filha de volta.

— Alex foi o culpado e eu não descansarei enquanto esse escroto não for pra cadeia — assegurei sentindo uma ira fora do comum por Alexander.

Ouvimos um barulho na porta e Naiara entrou. Ela estava com o semblante triste, mas havia parado de chorar. As minhas filhas tinham as minhas características. Graças a Deus elas não herdaram a fraqueza e sensibilidade exagerada do Alberto.

— Eu vou para o quarto. Espero que você não demore — disse Alberto se retirando.

— O que vocês estavam falando, mãe? — perguntou Naiara.

— Seu pai estava defendendo o Alex. Alberto só enxerga aquilo que quer! — rosnei e me servi de outra dose de uísque. Eu precisava digerir aquela conversa que tive com meu marido.

— Ele acha que Alex é inocente...

— E você pensa a mesma coisa?

— Não! Para mim ele foi o culpado pela morte da Nanda.

— É por isso que eu te admiro, minha filha! — Eu me aproximei e segurei seu rosto em minhas mãos. — Nós não vamos descansar enquanto Alexander não pagar pelo que fez. Você está comigo?

— Sim, mãe. Eu quero ver Alex mofando na cadeia e sem um tostão. Quero ver a destruição completa do homem de aço.

— E nós veremos! — Eu abracei Naiara, sentindo muito orgulho da minha filha. Ela seria a minha aliada perfeita. Eu ensinaria tudo a ela e, juntas, nós acabaríamos com Alexander!

Epílogo

Alex

Eu quase não conseguia dormir a noite e, quando pegava no sono, os pesadelos me atormentavam. O terror vívido no apartamento da Fernanda não saía da minha cabeça. Eu fechava os olhos e a via, transtornada, com o estilhaço do espelho na mão, cortando a garganta. Era como se um filme de terror se passasse em minha memória repetidamente, sem dar tréguas.

O dia amanheceu cinzento e colaborava para o que viria: o sepultamento da Fernanda. Eu pensei muito se deveria ou não me expor indo até o cemitério. Era arriscado diante da situação em que eu estava com a família dela. Mas mesmo assim, eu fui. Vesti uma calça jeans escura, jaqueta preta, óculos de sol e fiquei em um lugar seguro onde ninguém podia me ver.

Observei os atos fúnebres com o coração em pedaço, sentindo que a respiração me faltava. O sentimento de culpa e perda se apoderou de mim, me deixando aflito. Era como se eu estivesse assistindo aos funerais dos meus pais. O sofrimento estava retornando, a solidão estava preenchendo o vazio dentro de mim e a vida não tinha mais sentido.

Durante esses dias, eu pensei muito sobre o acontecido. A culpa ainda me assolava, mas eu não era o único responsável pela morte da Fernanda. A família dela também tinha sua parcela de culpa. Especialmente dona Verônica e Naiara, que sempre que podiam, metiam minhocas na cabeça da minha namorada, colocando-a contra mim.

Depois que todos se retiraram e o local ficou silencioso, eu me aproximei do túmulo. A lápide era tão bonita, de um mármore claro, com anjos dispostos ao redor. Havia algo escrito, uma mensagem, que eu não soube ler, porque meus olhos ficaram embaçados pelas lágrimas. Senti o corpo estremecer e caí de joelhos no chão, com a cabeça em minhas mãos, em uma angústia sem fim.

— Por que, você fez isso, Fernanda? Por que tirou sua vida e levou nosso filho com você? Por quê?

Um barulho estranho me despertou do meu sofrimento. Ouvi algo como se fosse um zunido, talvez um ganido de um pássaro. Congelei. A última vez que ouvi algo semelhante foi no enterro da minha mãe, anos atrás. Eu me recordei de quando era criança e caí em um poço. O pássaro de fogo, que talvez existisse somente em meu pensamento, me fez companhia enquanto estive lá. Eu era muito pequeno e tinha poucas lembranças daquela época, mas o pássaro era inesquecível. Ele era tão real que quase se materializava na minha frente.

Com o objetivo de esquecer o que aconteceu na infância, eu tatuei uma Fênix no meu peito, em uma viagem a China. Mas eu me enganei. Nem a presença constante do pássaro desenhado em minha pele fez com que eu me libertasse do medo. Ele estava presente novamente.

Senti alguém se aproximar as minhas costas e me levantei de pressa. Girei o corpo e vi Pierre e Samuel com os olhos atentos sobre mim. Não em surpresa com a presença deles. Eu sabia que um dos dois poderia vir atrás de mim, mas nunca pensei que eles viessem juntos.

— Como me acharam aqui?

— Não foi muito difícil deduzir onde você estava — respondeu Pierre trocando um olhar significativo com Samuel.

— A família da Fernanda não viu você, né Alex? — questionou Samuel preocupado.

— Não. Eu esperei todos irem embora, só então eu me aproximei. — Eu olhei para a foto da Fernanda que estava na lápide, sem acreditar em tudo que

aconteceu.

— Ela era tão jovem e cheia de vida... — sussurrou Pierre como se estivesse pensando em voz alta.

— O que o ciúme doentio não faz com as pessoas? — disse Samuel balançando a cabeça, consternado.

— Isso tudo parece um pesadelo. — Respirei fundo e passei a mão pelo cabelo tentando controlar os fios que o vento teimava deixar em desalinho.

— Senhor Alexander, vamos embora? — Pierre parecia nervoso.

— Vamos sim, Pierre. Eu não gosto desses lugares e nem sei o que estou fazendo aqui. — Comecei a me mover e eles me seguiram até o carro. — Eu levarei Pierre para casa, Samuel. Obrigado por trazê-lo.

— Não agradeça! Se precisar de alguma coisa, me ligue. — Samuel apertou meu ombro em solidariedade.

Acenei com a cabeça e deixamos o local. Samuel no carro dele e eu e Pierre no meu.

A ação que a família Roth moveu contra mim não deu em nada, como eu e meu advogado prevíamos. Eu fui inocentado por falta de provas e o processo foi arquivado, mas eu sabia que dona Verônica não descansaria enquanto não encontrasse um meio para me destruir. Ela estava obstinada em acabar comigo e sua sede de vingança era o que a alimentava.

Pierre e Raquel ficaram muito preocupados com minha segurança e insistiram para que eu contratasse guarda-costas. Achei um absurdo! Fui contra e disse que somente contrataria segurança pessoal se eu sofresse algum atentando. Eles temiam pela minha vida, pois conheciam dona Verônica. Ela me odiava, mas não era louca a ponto tramar contra mim.

Encerrei o assunto sobre segurança pessoal e me recolhi para o quarto. Da janela eu observei o pôr do sol no horizonte e esperei a noite chegar. Com ela chegariam também os pesadelos, a angústia e a solidão. E eu encararia tudo com coragem, como sempre fiz.

Se o desejo dos meus inimigos era que eu me tornasse um homem subjugado, eles estavam enganados. O meu coração havia se tornado de aço e não havia espaço para emoções dentro de mim. Eu era forte o suficiente para enfrentar a vida e a morte. Eu seria um homem movido apenas pela razão. E ninguém mudaria isso!

FIM

SEDUTORA – ENTRE A DOR E O PRAZER

Um

João Paulo

Aquela tarde estava sendo maçante. Já tinha atendido três pacientes e estava me sentindo entediado. Foi então que *ela* entrou na minha sala. Maria Flor Dantas, uma das mulheres mais sensuais que conheci até hoje e uma verdadeira incógnita para mim. Desvendá-la era o meu objetivo.

Andressa, minha secretária, a anunciou e poucos segundos depois, a bela morena de olhos castanhos esverdeados adentrou. Tinha vinte e nove anos, era alta e exuberante. O cabelo castanho escuro era comprido, brilhante e sedoso. O rosto delicado, nariz bem feito e maçãs do rosto salientes e rosadas. A boca carnuda e sensual estava pintada por um batom vermelho. Estava fascinado e louco para provar aquela carne macia, descobrir seu gosto, me embriagar nele.

Enquanto ela se movia, eu analisei seu corpo curvilíneo. Maria Flor usava um vestido de seda bege com um cintinho na cintura e sandálias vermelhas de salto alto. Ao se aproximar, meus olhos se fixaram em seu busto e meu pau ganhou vida dentro da calça de linho. Os seios pareciam perfeitos, redondos, embora estivessem escondidos no decote comportado da roupa. Pisquei rapidamente, saindo do transe hipnótico que sua beleza me causava. Eu sempre ficava absorto apreciando a sua beleza, sensualidade e feminilidade.

Há dois meses que ela estava fazendo análise comigo. O caso dela era muito intrigante. Maria Flor achava que era viciada em sexo e movida

somente pelos instintos carnis. Ela queria uma vida nova e eu estava disposto a ajudá-la.

Toda vez que tinha sessão com Maria Flor, era uma tortura para mim. Ela era linda e provocante, exalava luxúria e sexo. Tinha que controlar o tesão que sentia por ela. Sempre agi profissionalmente com todos os pacientes, não me importando com sua vida particular, apenas em tentar resolver os problemas que eram apresentados a mim. Mas com Maria Flor era diferente. Eu não conseguia me manter imparcial. Eu ia além e mergulhava em seu mundo, querendo desesperadamente que ela me convidasse a participar dele.

Eu sempre fui um homem correto. Até demais. Segundo meus amigos mais íntimos sou o “cara certinho”, aquele que nunca havia feito uma besteira na vida. Que não se arriscava em aventuras loucas, que não tomava porres em noitadas com amigos, que não transava com mais de uma mulher na mesma noite e que quando se apaixonava, demonstrava o que sentia e fazia de tudo para agradar o ser amado. Resumindo, eu era João Paulo Viana, o profissional renomado e exemplar, que todos estimavam.

— Olá, Maria Flor. Como vai? — disse educadamente estendendo a mão em sua direção.

— Oi, doutor João Paulo. Estou bem e você? — Ela me cumprimentou com um aperto de mãos tão quente que fez meu corpo entrar em chamas.

— É apenas JP, Maria Flor — lembrei-a sorrindo e apontei a cadeira a minha frente. — Por favor, sente-se.

Maria Flor se acomodou e cruzou as pernas. O gesto me causou uma ereção filha da puta e agradei por estar sentado com a planilha no colo. Caso contrário, ela notaria o volume que se formou na parte da frente da minha calça de linho. Toda vez que ela estava presente, eu ficava de pau duro e sem saber como me controlar.

Ela sorriu e me encarou como se estivesse me analisando. Seus olhos esverdeados brilhavam misteriosos para mim. Eu não me gabava de minha masculinidade, embora soubesse que causava frisson nas mulheres. Aos trinta e sete anos, eu me considerava um homem interessante e bonito. Era alto,

tinha cabelo loiro, olhos azuis e um físico atlético. Praticava exercícios todos os dias e alguns esportes, como futebol, nos finais de semana.

Maria Flor piscou e acomodou uma mecha de cabelo atrás da orelha, disfarçando a situação. O modo como me olhava, quase me cobiçando, deixava notório que eu havia despertado interesse nela. E isso me agradava e muito.

— Faz mais de duas semanas que você não vem ao meu consultório — disse observando na planilha a data de sua última sessão.

— Eu tive uns contratempos que precisava resolver.

— Entendo... E como tem passado?

— Bem, embora a minha vida esteja entediada e sem novidade nenhuma — respondeu com a costumeira voz sexy que fazia meus pelos se arrepiarem.
— Eu não gosto da rotina. Ela me deixa um pouco irritada.

— Na última sessão, eu a havia aconselhado a fazer aquilo que gosta, a praticar um esporte ou até mesmo fazer pilates, além de ir à academia. Isso ajuda e muito a combater o estresse.

— Eu até tentei seguir seus conselhos, mas não obtive sucesso. Primeiro por que eu não gosto de malhar sozinha e segundo, por que se eu fizesse aquilo que gosto, voltaria a ser o que eu era. E estou aqui porque quero uma vida nova — explicou seus motivos enquanto eu a imaginava vestindo uma roupa colada de ginástica. Ela deveria ficar mais exuberante do que já era.

— Eu te entendo... A rotina é mesmo maçante — concordei anotando em minha planilha.

— JP, e o que você fez para se divertir nos últimos dias?

Ergui a cabeça e encontrei seus olhos atentos em mim. Essa era a terceira vez que ela me perguntava algo particular. Pigarreei e passei a mão pelo cabelo, sentindo um desconforto fora do normal.

Durante esse curto espaço de tempo em que eu não a vi, eu me masturbei duas vezes pensando nela e tive um sonho erótico no qual ela também se fez

presente. Acordei no meio da noite ejaculando como um louco em meus lençóis. Eu não sabia ao certo o que estava acontecendo comigo. Nunca agi assim antes. Nunca nenhuma mulher me despertou tanto interesse e tesão como ela. Tinha que ser logo uma das minhas pacientes?

— Eu pratiquei atividade física — disse em tom casual, tentando manter a compostura. Maria Flor riu.

— Existem várias maneiras de manter o corpo em atividade. — Senti que suas palavras vieram repletas de ambiguidade. E a primeira coisa que gritou em minha cabeça foi sexo. Era óbvio que ela estava falando sobre isso.

— Sim, eu sei. — Sorri retomando a minha sanidade e voltei ao velho profissionalismo. — Você sentiu alguma evolução nesses últimos dias?

— Esse é o problema... — Ela suspirou pesadamente e passou a mão nos seus longos fios castanhos. — Eu quero mudar. Tentei seguir seu conselho e me controlar, mas não consegui. Eu fiz muito sexo. Sexo sem amor, JP. Apenas transa casual mesmo. — Ela mexeu em seu cabelo e me encarou. — Você acha que eu sou ninfomaníaca por que gosto de sexo?

— Bem, ãhn... — pigarreei buscando o ar que me faltava. Ouvi-la dizer que tinha feito muito sexo me irritou. Ela transou com homens e nenhum deles era eu! Balancei a cabeça afastando esse pensamento maldito pra longe. — Eu já disse isso uma vez para você e vou repetir: você não é viciada em sexo. Você tenta buscar no sexo o que falta no lado emocional. A compulsão que você sente é mais emocional do que puramente carnal. Só você ainda não se deu conta de como externar isso.

— Não sei... Às vezes eu penso que sou compulsiva sexual. Eu não quero mais isso. Não quero ter prazer só por prazer. Quero algo mais! — Ela suspirou pesadamente. — Me sinto tão sozinha...

— Mas você não está sozinha. Eu estou aqui para ajudá-la. — Um sorriso de satisfação iluminou seu rosto.

Ela se inclinou para frente e tocou minha mão com a sua. Um calor absurdo tomou conta do meu corpo e um arrepio atravessou a minha coluna, se alojando em meu pau. Fiquei inerte sem saber como reagir àquilo,

mergulhado em seus olhos que me encaravam com um brilho selvagem. Nem sei quantas vezes eu repeti a mim mesmo para manter o profissionalismo com ela e dissipar os pensamentos devassos que vinham à tona quando ela estava presente. Santo Deus! Eu precisava trepar com uma mulher urgente para esquecer a minha provocante e sedutora paciente.

— É bom saber que posso contar com você, JP.

— Pode contar comigo sempre — disse afastando minha mão da sua. O toque dela me perturbava muito.

— É tão bom ouvir isso — falou com voz melancólica retesando o corpo na cadeira e acomodando as mãos no colo. — Faz tempo que eu não sei o que é contar com a ajuda de alguém. Não tenho irmãos, como você sabe. E minha mãe mora no interior. Eu a vejo quando tenho uma folga no trabalho.

— Sim, eu sei.

— Uma vez uma pessoa tentou me ajudar, assim como você está fazendo agora.

— E o que aconteceu?

— Não deu certo... Deu tudo muito errado para falar a verdade. — Ela baixou os olhos e senti que estava escondendo algo muito particular de sua vida. — Eu parti o coração de uma pessoa. E ela era muito importante para mim na época. Faz tantos anos... Nem sei por que estou falando isso.

— Foi bom você falar — disse muito surpreso por ela estar confessando aquilo. Nunca pensei que Maria Flor tivesse magoado alguém. Ela não parecia uma pessoa que brincasse com sentimentos alheios. — Ele era seu namorado?

— JP, não fique zangado comigo, mas eu não quero falar sobre isso agora.

— Tudo bem. Vai chegar o momento que você se abrirá naturalmente. — Dei um sorriso nervoso.

— Talvez... — falou pensativa e mudou de assunto. — Sabe, por mais

que esteja cercada de pessoas no meu trabalho na agência de publicidade, eu me sinto só. Estou ficando paranoica!

— Essa desconfiança que você sente é porque você não consegue externar as suas emoções, Maria Flor. Tente fazer isso e você verá que as coisas mudarão — aconselhei e ela deu um meio sorriso. Maria Flor podia ser atraente e bela, mas eu sentia que ela trazia uma tristeza dentro de si. E tinha quase certeza de que tinha a ver com a tal pessoa que ela não quis mencionar.

— Você diz isso por experiência própria, doutor?

— Eu consigo externar minhas emoções, na maior parte do tempo. Então acho que sim. É por experiência própria.

— Você faz sexo sem amor. Eu sei que sim! — Ela sorriu maliciosamente e seus olhos flamejaram em minha direção. — E para você, isso basta?

Eu me remexi na cadeira. Parecia que tinha espinhos embaixo da minha bunda. Maria Flor inverteu os papéis e agora era a terapeuta?! Tinha que admitir que ela era muito esperta. Até demais! Eu era um profissional exemplar e queria continuar assim!

— Maria Flor, a paciente aqui é você e não eu!

— Eu sei, mas gostaria de ouvir sua resposta: você faz sexo sem amor, doutor?

— Sim, eu faço! — respondi e ela abriu um sorriso de satisfação.

— Gosto de você! É um profissional exemplar. Até demais! Vamos sair uma noite dessas para conversar e beber alguma coisa?

— Maria Flor, eu sou seu médico e você é minha paciente. Nós não devemos misturar as coisas. — Eu estava receoso com o convite inusitado que ela havia feito, pois sabia que seria uma tentação difícil de resistir.

— Você é meu médico aqui no consultório, mas lá fora, somos pessoas comuns como qualquer outra.

— Em partes, você tem razão.

— Deixe um pouco as regras de lado. Algo me diz que você precisa viver, JP.

Suas palavras soaram profundas em minha mente. Maria Flor tinha razão. Eu precisava viver, sobretudo, novas emoções. E eu queria muito vivê-las com ela, mostrar que o mundo é mais colorido quando nos entregamos. Mas eu não podia fazer isso. Se eu deixasse evidente as minhas intenções, a linha tênue entre o desejo e a razão se romperia.

Olhei rapidamente para meu relógio de pulso e percebi que o tempo de sua sessão estava acabando. Eu não queria que ela fosse embora e, ao mesmo tempo, a presença dela me deixava desorientado. Maria Flor conseguia reverter a situação e me colocava no lugar dela. Era como se ela pressentisse o que eu queria, os meus anseios, desejos e aspirações. Eu nunca falei da minha vida particular para paciente nenhum, com exceção dela, que conseguia extrair de mim o que eu nem sabia que possuía.

— Faltam menos de cinco minutos para acabar a sua sessão.

— Eu só saio daqui depois que você aceitar o meu convite, JP!

Não seria hipócrita em dizer que eu não queria ir. Eu queria demais. Refleti por um momento e cheguei à conclusão de que era apenas um encontro. Nada iria acontecer a menos que eu bancasse o inconsequente, coisa que nunca fui. Talvez eu devesse sair com Maria Flor e observar de perto como ela interagia com as pessoas. Algo me dizia que eu encontraria algumas respostas sobre ela.

— Eu aceito o seu convite.

Maria Flor sorriu na hora, com olhar cintilante. Ficava ainda mais linda quando sorria.

— Você está me fazendo muito feliz! — disse se levantando e eu a segui. Ela se aproximou e, para minha surpresa, me deu um beijo no rosto. Nesse momento Maria Flor não se deu conta, mas estava demonstrando suas emoções. Fiquei realizado e feliz também por ser eu o causador de sua alegria.

Dois

João Paulo

Era fim de tarde de sexta e eu e o Fábio, um dos meus melhores amigos, estávamos na academia. Enquanto ele terminava sua corrida cronometrada na esteira, eu fazia levantamento de pesos.

Por fim Fábio deixou a esteira e se aproximou, limpando o suor do rosto com a toalha. Percebi sua aproximação e me sentei no aparelho, já um pouco cansado.

— JP, eu tenho que te agradecer pelos conselhos que me deu outro dia. Foi fatal! Conquistei a gatinha que eu queria e tive uma noite fantástica com ela. Ela é muito boa de cama.

Fábio era um safado de carteirinha e vivia pegando garotas bem mais novas do que ele. Eu também não era um santo. Estava longe disso. Mas ao contrário dele, que falava de sua vida pessoal aos quatro ventos, eu mantinha a minha no particular.

— Que bom! Mais uma para a sua lista, né Fabinho?! — disse em tom debochado e ele fez uma careta.

— Olha só quem está falando! Até parece que você é monogâmico, JP!

— Eu não tenho motivo para ser monogâmico. Não tenho namorada e nem sou casado — disse, me levantando e pegando minha mochila.

— Eu sei. Você não pensa em se casar. Bem, eu não penso nisso tão

cedo.

— Por enquanto não surgiu ninguém que me fizesse mudar de ideia. — Dei uma risada enquanto me dirigia à porta de saída.

— Hoje é sexta! Que tal uma baladinha logo mais a noite, hein? — instigou entusiasmado ao meu lado.

— Hoje à noite eu tenho um compromisso. Lamento amigo, vai ficar para a próxima. — Dei um tapinha camarada em seu ombro.

— Hum... Que compromisso é esse hein? — perguntou curioso ao chegarmos no estacionamento.

— É um encontro... — respondi sem dar detalhes.

— Cheio de segredinhos, JP! — Fábio zoou de mim enquanto guardava suas coisas em seu carro.

— Eu vou encontrar com uma paciente... Ela me convidou e eu aceitei. — Dei de ombros enquanto fazia o mesmo, deixando a mochila no portamalas da minha Hyundai ix35.

— Você vai sair com uma paciente?! — Ele arregalou os olhos de espanto e eu concordei com a cabeça. — JP, a gente aprendeu na faculdade a não misturar as coisas. Cara, você tem certeza do que está fazendo? — Fábio também era terapeuta assim como eu, só que era especializado na área de família.

— Eu sei o que estou fazendo. Não se preocupe. — Pisquei um olho e em acomodei no banco do motorista.

— Se você diz... — Ele deu de ombros e disse: — Bom encontro, amigo. Vamos marcar alguma coisa para amanhã à tardinha? Que tal um futebol de areia?

— Pode ser. Eu te ligo. Até mais! — disse dando a partida no motor.

— Até! — ele se despediu e eu deixei o estacionamento da academia às pressas.

Após o banho, saí em direção ao meu closet e vesti uma calça social grafite, camisa azul clara e sapatos pretos. Penteei o cabelo, embora soubesse que depois de seco os fios ficassem revoltos e passei um pouco da fragrância de Hugo Boss. Peguei as chaves e saí.

Estava tão ansioso para rever Maria Flor, que me surpreendi. Geralmente, eu era um cara calmo e controlado, mas quando o assunto era aquela linda morena cheia de curvas, eu me tornava outro homem. Perdia a razão e me deixava guiar pelos instintos e emoções que ela me despertava.

Cheguei ao pub que havíamos combinado de nos encontrar às 22horas. O local não estava tão cheio, pois ainda era cedo. As pessoas costumavam chegar mais tarde para se reunir com amigos, beber e conversar. A música pop tocava no ambiente e algumas pessoas dançavam na pista.

Procurei Maria Flor com os olhos e a vi, acomodada a uma mesa. Ela estava sozinha, saboreando a sua bebida e apreciando o movimento. Fiquei observando-a por um momento e percebi que alguns homens lhe lançavam olhares cobiçosos, cheios de malícia. Ela, no entanto, estava com olhar sereno, apenas bebendo seu drinque. Gostei de saber que embora Maria Flor se denominasse uma compulsiva sexual, ela não saía para caçar. Abri um sorriso e me aproximei.

— Olá!

— JP, você veio! — Ela sorriu e se levantou para me cumprimentar com dois beijinhos no rosto.

Não pude desviar meus olhos dela. Estava linda em um vestido reto preto, pouco acima dos joelhos. O modelo marcava as suas formas, deixando cada curva de seu lindo corpo em evidência. O busto marcante, a bunda redonda, as pernas bronzeadas e torneadas. Isso foi o bastante para meu pau enrijecer. Com a finalidade de disfarçar a inquietude que ela me provocava, eu me sentei. Maria Flor fez o mesmo e se sentou de frente para mim.

— É claro que eu vim. Jamais te daria um bolo — disse e ela sorriu. — O que você está bebendo?

— Tônica!

— Isso não é bebida. Você tem que beber algo de verdade. — Pisquei um olho para ela e chamei o garçom. Fiz os nossos pedidos e logo fomos atendidos. — Cerveja! — Ergui minha *long neck* para cima e brindamos.

— Estou feliz que tenha vindo. Eu gosto da sua companhia.

— Eu também gosto de você, Maria Flor. — Encarei seus olhos esverdeados que brilhavam para mim. Muita coisa dizia em seu olhar e ao mesmo tempo nada. E isso me intrigava muito.

— Você é diferente dos outros. Parece que você não me vê como uma mulher sedutora e predadora.

— Você está parcialmente certa. Você é uma mulher sedutora sim. Aliás, muito sedutora.

Ela sorriu charmosamente e ajeitou uma mecha de seu cabelo.

— Quero sentir as emoções, JP. Não quero agir somente com a razão, mas com os sentimentos.

Inclinei meu tronco para frente e me aproximei um pouco mais.

— Maria Flor, os sentimentos e as emoções estão dentro de você. Basta destrancá-los, deixá-los livres.

Sua expressão mudou e aquela melancolia aparente retornou. Maria Flor prendeu os lábios e fechou os olhos balançando a cabeça. Era como se ela travasse uma luta interna com suas emoções. Naquele momento eu não tive dúvida de que ela escondia algo. Durante esses dois meses que ela era minha paciente, eu desconfiava de que o assunto de sua compulsão sexual não era o único responsável por sua tristeza.

— Se os sentimentos estão dentro de mim, eles devem estar bem escondidinhos — brincou com ar melancólico. — JP, você sempre consegue sempre demonstrar o que sente?

— Nem sempre... Algumas vezes a gente esconde o que sente por receio, medo ou para se autopreservar.

— Então você esconde o que sente? — indagou interessada se aproximando mais de mim, encarando meus olhos com intensidade.

— Não estamos em meu consultório. Lembra? Essa noite nós somos duas pessoas normais, e não médico e paciente — relembrei suas palavras e ela voltou a sorrir.

— Sim! Somos duas pessoas comuns. Um homem e uma mulher. — Maria Flor deu um gole na sua bebida e me vi tentado a beijar aqueles lábios carnudos pintados com *gloss* labial. Suas palavras carregadas de interpretações mexeram comigo. Ela me desejava tanto quanto eu.

— Marlon Brandon está aqui — disse lançando um olhar por cima do meu ombro.

Quem diabos era Marlon Brandon? Como uma mãe pode colocar um nome de um ator de filmes americanos em uma criança?

— Quem é Marlon Brandon?

— É meu ex-professor de pós-graduação. Ele está aqui com uma galera que eu não conheço, por isso não fui cumprimentá-lo. — Ela riu e parecia que se lembrava de algo. — Eu acho que ele está a fim de mim, mas não vai rolar!

Aquela revelação me deixou possesso. Bebi um gole da minha cerveja e tentei me controlar. Eu sabia que os homens se sentiam atraídos por ela. E como não se sentir? Até eu, que era um homem vivido, ficava bobo na frente dela. Então por que condenar o tal do Marlon Brando?

— Você nunca falou sobre ele nas suas sessões.

— Deve ser por que ele não tinha importância — disse olhando novamente por cima do meu ombro. — Ele nos viu e está vindo até aqui.

Não me contive e girei a cabeça, olhando na mesma direção que Maria Flor. Meus olhos se arregalaram de imediato ao ver um homem alto, magro,

ruivo, de óculos de grau e com cabelo cheio de gel, todo arrumadinho para o lado. Ele vestia uma camisa xadrez e calça jeans escura. O homem se aproximou e me encarou. Enquanto ele me olhava admirado, eu o analisava com espanto.

Marlon Brandon ajustou os óculos de grau no rosto e se virou para Maria Flor. Sua expressão suavizou na hora e seus olhos cintilaram. Fiquei puto com aquela situação e ainda mais irritado quando eles se cumprimentaram com dois beijinhos no rosto. A vontade que tive foi de gritar para ele tirar as mãos de cima dela. Mas me controlei e dei a ele o olhar mais duro e frio que eu pude.

— Ma-Maria eu n-não sabia qu-que você esta-tava aqui — ele se pronunciou gaguejando e levando a mão aos óculos novamente com a intenção de ajustar o que não precisava ser ajustado. Percebi que isso era uma mania que ele tinha.

— Eu saí um pouco para curtir a noite — falou Maria Flor educadamente.

— Esse é se-seu na-namorado? — perguntou me olhando desconfiado.

— JP é meu... amigo. — Maria Flor me olhou por um momento e sorriu cheia de segredos.

Estava na hora de agir e então me levantei e estiquei a mão na direção do homem, me apresentando.

— Eu me chamo João Paulo. Prazer! — Apertei sua mão forte e tinha certeza de que seus dedos ficaram dormentes. Ele se desvencilhou de mim e ajustou os óculos pela terceira vez.

— Prazer, eu sou Marlon Brandon Nascimento da Silva — se apresentou sem gaguejar para minha surpresa. Será que ele gaguejava somente quando estava nervoso? Que homem esquisito!

— Sente-se conosco — convidou ela.

— Obrigado, mas eu e meus amigos estamos ali naquele cantinho. — Ele apontou para uma mesa onde estavam três pessoas acomodadas. Todos

eram parecidos com o professor e usavam roupas um pouco antiquadas, cabelo bem arrumadinho e óculos. Todos intelectuais. — Já estou um pouco cansado. Não estou acostumado a vir nesses lugares cheios de pessoas e de música alta — reclamou torcendo os lábios.

— Pubs e boates são assim mesmo: cheios de gente e barulhentos — disse sorrindo com uma pitadinha de sarcasmo. Ah, foda-se! Não gostei do modo como o almofadinha olhou para Maria Flor. Era evidente que ele estava interessado nela.

— Nós poderíamos combinar um jantar, Maria Flor? — ele sugeriu e meu sangue ferveu. Mas que porra!

— Claro, Marlon. Vamos combinar sim.

— Bem, eu... Eu vou voltar com meus amigos. A gente se vê. — Ele se despediu dela com um abraço e se distanciou, para o meu alívio. O cara havia ficado poucos minutos na mesa e isso bastou para eu repudiá-lo. Não fui com a cara dele.

— Por que omitiu o Marlon durante as sessões? — questionei enquanto sentia o ciúme me consumir. Estava ficando louco. Só podia!

— Marlon é meu amigo e como eu disse antes: não tinha importância. — Ela deu de ombros e me convidou sorrindo: — Vamos dançar? Eu adoro essa música!

Não pensei duas vezes. Agarrei sua mão e saímos em direção à pista. Puxei Maria Flor para perto e começamos a nos mover ao som de *Magic!*, *Rude*. Enrosquei uma das mãos em seu cabelo castanho sedoso e a outra posicionei em sua cintura, apertando-a. Pude jurar que ouvi um gemido quase inaudível escapar de sua garganta, o que me deixou escaldante.

— Você dança muito bem! — elogiei controlando o tesão.

— Obrigada! Fiz aula de dança quando era adolescente.

— Eu imaginei... — Sorri e indaguei curioso: — Você gosta do seu ex-professor?

Maria Flor ergueu as duas sobrancelhas e piscou os olhos rapidamente. Depois sorriu balançando a cabeça.

— Ele é um amigo querido — respondeu camuflando suas emoções. — Gosto dele...

— Assim como você disse que gostava de mim?

— Não! Com você é diferente, JP. É uma pessoa que me ouve, me dá conselhos, que entende o que eu sinto, o que eu preciso, que sabe a minha história. Você é... É especial para mim. — Meu coração deu um salto com essa nova descoberta.

— Foi muito bom saber disso, Maria Flor.

— JP, você é meu porto seguro. — Ela pousou a cabeça em meu peito enquanto o ritmo da música mudava para um menos agitado.

Inclinei a cabeça para baixo e inspirei seu cheiro gostoso. Era uma mistura de flores com o próprio cheiro que exalava de sua pele macia. Acariciei os fios de seu cabelo e apertei ainda mais a sua cintura, colando nossos corpos. Eu ardia e meu coração batia descompassado. O que mais desejava era beijar seus lábios, sugar sua língua e provar o seu gosto. Como não era homem de passar vontade, ergui seu queixo com uma das mãos e fitei seus olhos esverdeados.

— Maria Flor, eu quero tanto você! — E, dizendo isso, eu a beijei.

Três

João Paulo

Os lábios de Maria Flor eram macios, carnudos e deliciosos. No início o beijo foi mais controlado, suave, mas que aos poucos, se tornou profundo e intenso. Deslizei a língua para dentro e encontrei a dela, que se enroscou a minha. Gemi em sua boca. Ela gemeu na minha. Mergulhei os dedos em seu cabelo, segurando-a pela nuca e me perdi em seu gosto. Era deliciosa demais!

Apertei-a contra meu corpo, esmagando seus seios em meu peito. Maria Flor enroscou seus dedos em meu cabelo me puxando para baixo. Fui atingido por uma onda de luxúria, sedução e paixão que me devastou. Não pude conter meu pau ereto contra sua barriga. Tudo em mim latejava e palpitava de uma forma absurda.

Maria Flor me beijou de volta com a mesma fome, lambendo e sugando minha língua, gemendo baixinho. Esquecemos onde estávamos e nos deixamos guiar pela paixão. Naquele instante nós éramos duas pessoas, um homem e uma mulher, como Maria Flor havia dito antes, que estavam se descobrindo, se doando.

Era loucura eu me envolver com uma paciente. Além de ser completamente antiético. Eu sabia que havia cruzado a linha, ultrapassado todos os limites. Eu não era mais o profissional exemplar que acordava todos os dias para trabalhar como terapeuta. Eu era apenas um homem que estava fascinado por uma mulher linda e charmosa como Maria Flor. O desejo havia vencido qualquer obstáculo e agora eu estava sendo consumido por ele.

Maria Flor deslizou os dedos para dentro da minha camisa e arranhou suavemente a minha pele. Entrei em combustão. Eu precisava interromper o beijo, caso contrário eu não responderia pelos meus atos. E foi o que fiz. Ofegante, separei nossas bocas e apoiei minha testa a sua.

— Eu não devia ter feito isso... — sussurrei confuso acariciando seu rosto.

— Não diga isso! Eu quero você também, JP. Me mostre que existe mais do sexo entre um homem e uma mulher. —Fiquei sem reação, apenas absorvendo suas palavras.

Fechei os olhos lutando contra meu desejo. Sabia que era uma luta vã, que ninguém sairia vitorioso dela. Não adiantava mais erguer uma barreira atrás de outra, se o que eu estava sentindo por essa mulher era muito mais forte do que qualquer regra, conceito, ou ética. Eu teria que arcar com minhas consequências. Estava consciente disso.

— É isso que você quer, Maria Flor?

— É o que eu mais desejo.

— Então venha comigo! — Agarrei sua mão e a conduzi para fora do pub. — Você está de carro? — indaguei enquanto cruzávamos o estacionamento.

— Não. Eu vim de táxi por que sabia que iria beber um pouco. Nunca guio o meu carro quando bebo.

Interrompi os passos ao chegar próximo ao meu carro e me virei para ela. Eu precisava deixar claro que algumas coisas que mudariam a partir dessa noite, mas ainda não sabia direito como dizer isso.

— Maria Flor, as coisas não serão mais as mesmas depois de hoje. Você sabe, não é?

— Sim, mas eu não me importo. Preciso de você! — Ela me abraçou forte e pude sentir seu calor. Eu fervia e não aguentava mais para saber se a boceta dela era tão quente quanto a sua pele.

Abri a porta do carro e fiz sinal para que ela se acomodasse. Maria Flor se sentou ofegante, mordendo o lábio, me deixando ainda mais doido. Dei a volta e me acomodei no banco do motorista. Naquele momento eu não queria pensar em mais nada, só em tê-la inteiramente para mim. Eu queria mostrar a ela o mundo dos prazeres, da entrega e da luxúria. Mas, sobretudo queria que ela sentisse o que eu tinha para lhe dar. E eu sabia como fazer isso.

Chegamos ao meu apartamento agarrados um ao outro. Nem sei como subimos, só tinha noção de que nossas bocas não desgrudaram um segundo sequer. Apertei seus seios por cima do vestido, espalmei as mãos na bunda, deslizando os dedos para suas coxas nuas. Maria Flor estava tão ansiosa tanto quanto eu. Ela acariciava a minha barriga, escorregando a mão para dentro da minha calça. Quase convulsionei quando senti seus dedos em contato com meu pau.

Entramos no quarto e nos despimos com urgência, quase arrancando a roupa um do outro. Quando Maria Flor finalmente ficou nua, eu salivei de tanto tesão. Passei a admirá-la, cada centímetro dela, contemplando-a. Era ainda mais linda do que eu pensava, mais sedutora do que havia imaginado no sonho erótico que tive com ela.

Ao contrário dela que estava nua, eu ainda mantinha a minha cueca *boxer*. Maria Flor se aproximou com olhar safado. Ela escorregou uma das mãos para dentro do tecido e agarrou meu pau com precisão. Enquanto me masturbava fazendo movimentos para cima e para baixo, eu a agarrei pela nuca e a beijei sofregamente.

Maria Flor gemia e ao mesmo tempo aumentava a pressão, quase me levando a loucura. Havia entre nós uma conexão muito forte que fazia meu corpo palpitar, meu coração acelerar. Eu não raciocinava mais, apenas me deixava ir, muito ligado nela.

— Preciso sentir seu gosto de macho, JP — disse por entre meus lábios,

com voz sensual.

— Ah, porra! — rosnei ensandecido enquanto ela deslizava a cueca para baixo e voltava a agarrar firme o meu pau. — Gosto de uma putinha assim! — Sorri entrelaçando meus dedos em seu cabelo.

Com os olhos presos aos meus, ela me abocanhou com fome. Soltei um palavrão e cerrei os dentes ao sentir o contato da sua boca em minha pele. Ela chupava com precisão, contornando a língua ao redor da cabeça, me enlouquecendo. Enquanto uma de suas mãos fazia movimentos na minha extensão, a outra acariciava as minhas bolas.

Sentia um prazer absurdo tomando conta de mim, me deixando dormente. Até hoje não havia sentindo nada igual por mulher alguma e eu estava confuso e, ao mesmo tempo, ainda mais fascinado por Maria Flor.

Ela aumentou a pressão e enterrou meu pau em sua boca. Senti sua garganta quente e úmida e vi que seus olhos se encheram de lágrimas. Estava quase lá, controlando para não explodir em sua boca, quando me recordei de que essa noite pertencia a ela. Era ela que deveria sentir prazer de todas as formas, era ela que necessitava sentir.

Então tirei meu pau de sua boca e a ergui pelos ombros. Ela me encarou de cenho franzido, sem entender nada.

— Não quero gozar na sua boca.

— Mas você não quer que eu te dê prazer, JP? — Passou a língua nos lábios sedutoramente e abriu um meio sorriso.

— Eu quero, Maria Flor. Mas essa noite é sua! Vou te dar muito prazer. Quero que você sinta de todas as formas. — Contornei seu lábio inferior com o polegar e beijei sua boca. Foi um beijo rápido, mas intenso. Peguei-a em meus braços e ela riu, entrelaçando as mãos ao redor do meu pescoço. — Quero fazer muita coisa com você em cima da minha cama. Vou te comer muito essa noite, com minha boca e meu pau.

— Estou doida para sentir você dentro de mim! — Ela mordeu de leve meu queixo enquanto eu a colocava em cima da cama.

— Maravilhosa! — exclamei ao admirar sua beleza, seu corpo lindo curvilíneo de pele bronzeada.

Escorreguei sobre os lençóis e me coloquei no meio das pernas dela. Maria Flor serpenteou arfante, mordendo o lábio, com os olhos presos aos meus. Eu podia sentir sua ansiedade se equiparava a minha.

Pairei em cima dela com o coração descompassado, saqueando sua boca, beijando, sugando, mordendo. Entrelaçamos nossas línguas, ofegantes e nos abraçamos jubilosos. Somente descolei meus lábios dos seus para encarar seus olhos com ternura. Eles diziam muita coisa em silêncio: amor, dor, solidão, medo, tesão. Tudo isso se mesclava dentro dela e me atingia.

— Maria Flor...

— João Paulo — ela repetiu o meu enroscando seus dedos em meu cabelo. — Preciso de você!

— E você terá! — Sorri me ajoelhando no meio de suas coxas. — Abra suas pernas, morena linda. Quero ver sua boceta.

Maria Flor se arreganhou para mim sem pudores. Fitei sua boceta depilada, linda, com lábios rosados, clitóris durinho. Estava encharcada e muito excitada. Lambi os lábios, doido para provar de seu gosto, enfiar minha língua dentro dela, fazê-la gemer e se contorcer de prazer, sentir seu cheiro de feminilidade.

— Que boceta mais linda! — Espalmei uma de minhas mãos em seu ponto sensível e ela arquejou com força.

Comecei a masturbá-la com a palma da minha mão, de cima para baixo, em movimentos constates. Maria Flor fechou os olhos e inclinou o tronco para trás, inebriada ao meu toque. Enfiei o dedo do meio nela, que deu um gritinho de puro deleite ao sentir-me estocando fundo. Era lindo vê-la serpentear em cima da cama, empinando o quadril para cima, forçando a penetração. Mas eu tinha planos muito mais interessantes para pôr em prática. Queria oferecer a ela um mundo de descoberta, de prazeres intensos, mas também de emoções. Puxei o dedo para fora e ela choramingou chorosa:

— Ahhh... Estava tão bom!

— Eu sei! — Pairei em cima dela, beijando seus lábios com carinho. — Isso é apenas o começo — disse saltando de fora da cama e abrindo e abrindo uma gaveta do meu criado mudo. Tirei uma venda de olhos, que usava de vez em quando para dormir e voltei para a cama. — Vou te vendar!

— JP, eu nunca fui vendada. Eu tenho medo! — disse um pouco agitada, começando a externar suas emoções. Mal sabia ela que era isso que eu queria.

— Será muito prazeroso. Confie em mim, Maria Flor! — Sorri e ela concordou com a cabeça. Coloquei a venda em seus olhos e disse: — Não a tire em hipótese alguma e não mova as mãos. Não quero ter que amarrar seus pulsos.

— Você faria isso? — indagou sorrindo, achando graça no que eu disse.

— Se for necessário. Fique com as mãos acima da cabeça. Eu já volto! — dei um beijo em seus lábios e deixei o quarto em direção à cozinha.

Arrumei um pote com alguns cubos de gelo e peguei uma garrafa de espumante. Ao cruzar a sala, vi uma vela aromática acesa e tive uma ideia fascinante. Peguei a vela e voltei para o quarto, muito animado. Essa noite eu faria Maria Flor sentir de todas as maneiras. O meu objetivo era despertar através dessas táticas prazerosas, os sentimentos. E eu obteria resultado positivo. A partir de hoje a vida da minha flor começaria a ter um novo colorido.

Quatro

João Paulo

Maria Flor já desconfiava das minhas intenções. Ela ouviu o barulho dos cubos de gelo e começou a sorrir e se remexer ansiosa. Deixei as coisas em cima do criado mudo e voltei para a cama. Acariciei seus seios, beijando e lambendo. Depois, contornei minha língua em sua barriga e seu ventre. Maria Flor gemia e empinava sua pélvis para cima, se oferecendo.

— Ah... JP, não aguento mais esperar... Me come logo! — choramingou muito excitada.

— Calma, minha Flor. Eu vou te comer bem gostoso, mas antes tenho outros planos para prolongar o seu prazer.

Estiquei a mão e peguei uma pedra de gelo. As gotas geladas pingaram em cima da barriga dela, que serpenteou agitada. Comecei a passar suavemente o gelo em seu pescoço e depois em seus seios. Maria Flor arquejou, mordendo os lábios, vendada, sem poder enxergar o que eu estava fazendo.

— O que está sentindo? — indaguei enquanto passeava a pedrinha gelada agora em sua barriga e costelas.

— Frio! Está congelando a minha pele.

— E você gosta do frio?

— Não! Eu gosto do calor — Sorri.

O quarto estava quente e nossos corpos estavam pegando fogo. Quando finalmente cheguei com a pedra de gelo na boceta de Maria Flor, ela gritou e se debateu, movendo as mãos e agarrando com força as barras de metais da cama, acima de sua cabeça. Esfreguei mais e mais, até o clitóris estava duro e frio. Vi que ela estava sentindo prazer, pois líquidos de excitação escorriam e se misturavam a água gelada.

— Ahhh... O que está fazendo comigo? — perguntou em delírio, ondulando, inclinando a cabeça para trás.

— Estou te preparando para isso! — E abocanhei sua boca, duro e forte. Maria Flor soltou outro gritinho, de puro prazer.

Ela estava gelada e, aos poucos, foi esquentando como uma fomalha. Lambi seu clitóris, enfiei a língua para dentro e bebi sua essência. Era deliciosa demais. Maria Flor rebojava erguendo os quadris, se esfregando no meu rosto. Agarrei sua bunda e a comi como um animal.

Para deixá-la ainda mais doida, inseri um dedo nela, enquanto chupava seu ponto sensível. Maria Flor começou a resmungar e dizer coisas desconexas, imersa na luxúria. Pressenti que ela não aguentaria muito tempo e aumentei a pressão, indo até seu ânus, dando pequenas lambidas no buraquinho, enquanto estocava meu dedo dentro de sua boceta.

O prazer tomou conta do corpo de Maria Flor, que gritou, gozando e gozando, delirando sem parar. Ela moveu os quadris violentamente contra minha boca e desabou arfante, sobre os lençóis. Lambi os lábios sentindo seu gosto narcotizante e beijei seus lábios, perguntando próximo ao seu ouvido:

— O que sentiu, minha Flor?

— Prazer... Frio... Calor... Tensão... — respondeu pausadamente ainda ofegante, entrelaçando os dedos em meu cabelo, me puxando para outro beijo delicioso.

Eu me deixei ir. Com o coração batendo forte eu a abracei apertado, acariciando suas costelas e barriga. Meu pau doía tanto que pensava que pudesse gozar a qualquer momento. Não pensava em outra coisa que não fosse estar dentro dela, mas eu sabia que tinha que me controlar. Ainda

faltava a brincadeira com a vela.

Descolei meus lábios dos de Maria Flor e disse:

— Vire-se de bruços. — Ela deitou-se de bruços, deixando a bunda exposta para mim. Espalmei minhas mãos em sua carne quente e macia e apalpei com vontade. — Você é tão linda! Sua pele é uma pétala perfumada, assim como você, minha Flor.

— Adoro sentir suas mãos em mim... Elas são quentes!

— Você vai sentir algo mais quente do que minhas mãos. — Peguei a vela de cima do criado mudo e avisei: — Vou derramar um pouco de parafina em sua pele. Não se mexa!

— Ah, meu Deus! Isso vai doer? — indagou temerosa, mordendo o lábio.

— Não! Vai te esquentar ainda mais. Quero você escaldante para receber o meu pau.

Dei um chupão em sua costela e me comecei a derramar a parafina. Maria Flor respirou fundo e se remexeu, abraçando o travesseiro. Eu derramei um pouco da parafina em suas costas, fazendo um caminho até sua bunda, deixando gotas em ambas as bandas redondas. A sua pele começava a ficar levemente vermelha e meu desejo aumentava ainda mais.

— *Tá* quente! — choramingou agarrando com mais força o travesseiro e se movimentando muito agitada.

— E o que o calor desperta em sua pele? — indaguei enquanto coloria a bunda dela de amarelo, cor da parafina da vela.

— Calor...

— O que mais? — instiguei deixando a vela sobre o criado mudo e voltando a beijar-lhe suas coxas, apertando-as.

— Ahhhh... Desejo, luxúria... — respondeu e eu sorri. Ela estava entendendo a mensagem. — Por favor, mete esse pau em mim!

— Com prazer! — Me livrei de minha *boxer* rapidamente jogando-a para longe e peguei um preservativo, rasgando-o e deslizando em meu pau. — Quer que eu te coma aqui? — Roci a cabeça em sua boceta molhada e ela gemeu.

— Sim! Sim! Muito!

— Ou aqui? — Lambuzei um dedo com minha saliva e inseri em seu ânus.

— Ohhhh! Quero sentir esse pau me devorando, doutor. Faça tudo que quiser comigo — disse em tom suplicante lambendo os lábios.

Em um movimento rápido eu a virei e retirei a venda que cobria seus olhos. Maria Flor piscou absorvendo a pouca luminosidade que havia no ambiente e me encarou com olhar ardente. Ficamos por alguns segundos apenas nos admirando, mergulhados em nossos pensamentos.

Cravei meus dedos em seu quadril e a penetrei com tudo. Maria Flor gritou e eu rosnei enquanto metia fundo, abrindo-a. Era apertada e, embora eu estivesse de camisinha, pude sentir seu calor. Sua boceta era uma fornalha que tragava meu pau para dentro, sem dó.

— Que boceta gostosa!

Nós nos encaixamos por completo e eu a fodi gostoso, tomando tudo dela, dando tudo de mim. Minha boca encontrou a sua em um beijo apaixonado e voraz. O meu pau pedia por espaço e Maria Flor me dava, se abrindo mais. Eu passei a comê-la com força. Ela gritou em minha boca, arranhou minhas costas e eu quase delirei. A chama da paixão e de outros sentimentos estava lá, viva, quente e pulsante.

— Ahhhh, JP, eu vou gozar... — gemeu enquanto eu sentia sua boceta me apertar.

Sem poder mais me controlar, cerrei o maxilar e gozamos juntos. Nossos corações batendo em uníssono, nossos corpos se tornando um só. Foi delicioso e delirante. Foi quente e selvagem. Foi tudo que eu imaginei e tudo que ela precisava.

— João Paulo... — sussurrou muito abalada, tomada pelas emoções.

— Minha Flor... — disse emocionado.

Maria Flor estremeceu e lágrimas escorreram de seus olhos. Fitei-a apaixonado e encantado, acariciando seu rosto. Nesse momento eu sabia que uma nova mulher estava nascendo ali, e ela seria minha.

Rolei para o lado e puxei-a para meus braços. Maria Flor se aconchegou junto a mim e dormimos sentindo a plenitude que nos envolvia.

Cinco

João Paulo

Nem sabia quanto tempo fazia que eu estava acordado, admirando a bela morena que dormia ao meu lado, com uma das pernas entrelaçadas na minha. Tivemos uma noite regada a muito prazer e fortes emoções. Maria Flor estava se descobrindo aos poucos. Eu sabia de muitas táticas infalíveis que podiam ser colocadas em prática entre quatro paredes e utilizei algumas com ela. Mas o que eu não esperava sentir era esse sentimento que tomava conta de mim, transbordando por todos os lados. Parecia que o feitiço virou contra o feiticeiro e eu me via seduzido por ela, ligado em Maria Flor mais do que podia cogitar.

Depois de ontem, muita coisa mudaria para nós dois. Infelizmente eu não poderia mais ser seu terapeuta e teria que passar o caso dela para o Fábio, mas não estava arrependido. Pelo contrário, eu estava radiante. Maria Flor sempre me fascinou e me atraiu de um jeito absurdo e agora eu me via completamente apaixonado por ela. Qual seria a nossa relação depois de ontem? Amigos? Amantes? Minha cabeça era um torvelinho de sensações que precisavam ser organizadas.

Eu conversaria com ela, mas não hoje. Era domingo e queria curtir o dia ao lado dela, levá-la na praia, passear no calçadão. Eu estava tão feliz que pensava que pudesse estar sonhando.

Levantei-me com cuidado para não acordá-la. Tomei uma ducha rápida, vesti um calção e fui até a cozinha preparar o café.

Arrumei a mesa com biscoitos, suco de laranja e café. Quando estava terminando de preparar as torradas, Maria Flor apareceu na cozinha de banho tomado, cabelo molhado e vestindo uma camiseta minha. Meu coração deu um salto dentro do peito e os sentimentos borbulharam dentro de mim. Desliguei a torradeira e me aproximei com os olhos fixos nela.

— Bom dia! — Beije seus lábios brevemente abraçando-a pela cintura.

— Bom dia! — Ela entrelaçou os braços ao redor do meu pescoço. — Espero que não se incomode de estar usando uma camiseta sua.

— De modo algum. Você fica muito sensual com ela. — Distribui beijos em seu pescoço e ela arfou. — Fiz café para nós dois.

— Eu senti o cheirinho lá do quarto.

— Vamos comer e depois vamos à praia. O que você acha?

— Vamos passar a manhã juntos? — questionou espantada.

— Não! Passaremos o dia juntos na praia. — Maria Flor me fitou e seus olhos brilharam. — Você quer?

— Eu quero tudo com você, JP! — Ela afagou meu rosto com carinho, me deixando ainda mais fascinado.

— E você terá, minha Flor. — Sorri e me acomodei ao seu lado para saborear o café.

Passamos na casa de Maria Flor para pegar um biquíni e também para que ela trocasse de roupa. Depois disso, fomos direto para a praia. O dia estava ensolarado e quente, típico para meados do mês de novembro. A areia estava lotada e o pessoal se divertia praticando esportes ou nadando no mar. Compramos água de coco e nos acomodamos embaixo de um guarda-sol.

Maria Flor usava um biquíni azul turquesa e estava exuberante. Tive que

controlar a todo custo a minha excitação e meu pau furioso, que teimava em endurecer dentro da sunga. Ela me entregou um bronzeador e comecei a espalhar o produto em suas costas.

— Você tem uma pele incrível! — elogiei com ternura e ela sorriu.

Maria Flor estava um pouco calada e desconfiei de que tudo que viveu e sentiu a noite passada tinha mexido com ela. E não me enganei. Ela se virou de frente para mim na cadeira e me fitou.

— Faz tempo que você tem experiência como terapeuta de relacionamentos?

— Faz quase 10 anos.

— Por isso que conseguiu extrair de mim o que eu não imaginei que fosse capaz — confessou enquanto bebia de sua água de coco.

— E eu consegui essa proeza? — Ergui as sobrancelhas para ela em tom divertido. Eu sabia que estava quase atingindo meu objetivo e isso me deixou muito feliz e realizado.

— Eu pude sentir algumas coisas ontem...

— O que sentiu?

— Senti coisas que não pensei serem possíveis... Medo, dor, solidão. Quando fui vendada, eu me senti sozinha, embora soubesse que você estava ali. Era como se eu estivesse realmente sozinha.

— Mas você não estava sozinha. Eu estava com você o tempo todo. — Deslizei meus dedos em sua face e ela suspirou fundo.

— Quando você fez a brincadeira do gelo e da vela, eu senti frio, calor... Tudo junto! — declarou agarrando minha mão com força. Parecia um pouco temerosa e me preocupei.

— Você ficou apavorada, Maria Flor?

— Não! Suas brincadeiras não me deixaram com medo. Eu tive medo de ficar sozinha novamente. Mas isso é besteira!

— Sim, é! — Sorri e ela acariciou meu queixo. — O que mais sentiu?

— É estranho dizer isso, mas eu senti você — respondeu, me fitando com tanto sentimento que meu coração disparou.

— Minha Flor! — Segurei seu rosto em minhas mãos e a beijei com amor.

Nosso beijo não durou muito, pois foi interrompido por uma voz conhecida que ecoou atrás de nós. Descolei meus lábios dos de Maria Flor e me deparei com Marlon Brandon vestindo um calção de banho floral e segurando um sorvete em uma das mãos. O cabelo ruivo estava do mesmo jeito que vi outro dia no pub: repleto de gel e penteado para o lado, só que dessa vez usava um desses chapeuzinhos de praia. Ele sorria como um palhaço e seus olhos estavam fixados na minha acompanhante. Fechei a cara para ele e entrelacei meus dedos aos de Maria Flor.

— O-oi, Ma-Maria — ele gaguejou ficando nervoso na hora e olhando para nossas mãos unidas.

— Oi, Marlon. Tudo bem? — Ela o cumprimentou sorrindo, porém sem separar sua mão da minha.

— Tu-tudo...

— Sente-se conosco. Esse sol está muito forte.

— Obri-obrigado, Ma-Maria Flor, mas... — Ele pigarreou sem jeito e ajeitou os óculos de grau no rosto. Parecia incomodado conosco ali e fiquei imaginando o quão estranho ele era. Por fim, Marlon Brandon respirou fundo e retesou o corpo. — Lembra-se do jantar que ficamos de combinar? — indagou sem gaguejar, me surpreendendo.

— Sim, claro que eu me lembro.

— Então... A gente podia jantar na sexta-feira juntos. O que você acha?

Maria Flor olhou para mim e trocamos um olhar significativo e cheio de cumplicidade. Ela apertou ainda mais a minha mão e se voltou para o amigo que aguardava uma resposta.

— Eu tenho um compromisso com JP.

— Bem... Então, quem sabe na próxima sexta — ele arriscou esperançoso.

— Eu acho que Maria Flor estará muito ocupada na próxima sexta, sábado e domingo, meu amigo! — Ele abriu a boca, incrédulo, enquanto ela me encarava surpresa.

— Vo-vocês estão... na-namorando? — ele indagou retornando com sua crise de gagueira. Pobre Marlon Brandon! Precisava de um terapeuta urgente.

— Estamos curtindo o dia! — Foi Maria Flor que respondeu por mim.

— Ah, sim. Curtindo o dia... — ele repetiu como se entendesse a mensagem subliminar.

— Marlon, você deveria experimentar curtir o dia com alguém! — Ela o incentivou enquanto ele engolia em seco e ajeitava novamente o par de lentes ao rosto.

— Sim... Que-Quem sabe... — ele concordou. — Des-desejo felicidades para vo-vocês.

— Obrigada! — Maria Flor sorriu gentilmente.

— Até... Até mais. — Ele girou o corpo rapidamente e se retirou.

— Então, eu e você — Apontei para mim e depois para ela. — Estamos curtindo o dia? — questionei em tom brincalhão e ela me deu um tapinha divertido no bíceps.

— Se você não quiser, eu chamo o Marlon Brandon de volta — zombou fazendo uma careta.

Eu a puxei para meus braços e a fiz se sentar em meu colo.

— Eu quero mais do que isso, minha Flor. Muito mais! — Entrelacei meus dedos em seu cabelo e a beijei com paixão.

Seis

João Paulo

Fiquei impressionado com a receptividade de Maria Flor aos sentimentos. Não foi só sexo que tivemos. Foi mais! Era o começo de tudo, eu sabia. Ela estava mudando, mas isso era só o início. Eu sabia que levaria um pouco mais de tempo até que ela se mostrasse inteiramente para mim e percebesse que usava o sexo como refúgio para fugir da vida real. Eu estava desvendando Maria Flor com cuidado e muito zelo.

Conversei com ela sobre eu não poder mais seguir como seu terapeuta, pois havia rompido a barreira entre o pessoal e o profissional. Indiquei a doutora Vânia, uma amiga da faculdade, caso Maria Flor quisesse continuar com as sessões de análise. Mas ela ficou um pouco relutante, dizendo que não queria que outra pessoa soubesse de sua vida particular. Ela entendeu a minha posição e aceitou sem questionar. Talvez ela não precisasse mais de análise, e sim de uma terapia do amor. E essa eu poderia lhe dar a vida inteira.

Eu estava viajando, participando de um congresso e fazia três dias que não via Maria Flor. A saudade era grande, embora a gente conversasse todas as noites por telefone e trocássemos mensagens de *WhatsApp*. Contudo, eu sabia que nada substituiria o calor dos nossos corpos.

Após um dia intenso de palestra, tomei uma ducha e me deitei na cama do hotel. Estava imerso em meus pensamentos quando meu celular tocou. Vi na tela que era Maria Flor que me chamava e sorri apaixonado.

— Minha Flor! — exclamei alegre me acomodando no encosto da cama

com um travesseiro.

— Oi, JP! Eu te acordei? — Sua voz meiga e sensual era música para meus ouvidos.

— Não, eu não estava dormindo. Eu estava pensando em você! — confessei com carinho.

— Eu também estava pensando em você. — Ela suspirou pesadamente. — Sinto sua falta. Queria que estivesse aqui comigo.

Sorri. Era isso que eu queria que Maria Flor sentisse e externasse suas emoções. E eu estava conseguindo essa façanha. Aproveitei a brecha que ela me deu e coloquei uma nova ideia em prática.

— Feche os olhos, minha Flor, e imagine que eu estou do seu lado.

— Mas você não está. Estou sozinha nessa cama enorme — protestou com ar choroso.

— Eu não estou do seu lado fisicamente, mas estou sempre com você — disse com sinceridade.

— Queria que estivesse me beijando agora e tocando em mim.

Fiquei excitado com a sua declaração e meu pau se enrijeceu na hora. Vários pensamentos luxuriosos permearam a minha mente e deslizei um pouco na cama, me acomodando melhor.

— Queria te beijar e te tocar também, minha Flor.

— Onde você me beijaria?

Maria Flor queria fazer sexo por telefone? Entrei em combustão e nem mesmo o ar ligado refrescava meu corpo que ardia.

— Eu começaria beijando seus lábios e depois deslizaria minha boca em seu pescoço, na direção de seus seios. — Não aguentei. Enfiei a mão dentro do meu calção de dormir. Agarrei meu pau com força, fechei os olhos e comecei a me masturbar.

— Ahhh... Posso sentir sua boca em meus seios... — gemeu do outro

lado da linha e pude apostar que ela também estava se tocando intimamente.

— Então sinta minha língua contornando os mamilos, lambendo e chupando. Meus dentes mordiscando bem devagar. — Eu podia ver o corpo escultural de Maria Flor perfeitamente em meus devaneios prazerosos.

— Ohh! Que delícia! — sussurrou inebriada de tesão. — O que mais faria comigo?

— Escorregaria minha língua em sua barriga. Cravaria meus dedos em sua bunda e comeria sua boceta com minha boca, até você implorar para ser fodida pelo meu pau. — Me masturbei com vontade, lambendo os lábios enquanto imaginava chupar aquela carne macia e rosada.

— Ahhh... JP! — Maria Flor suspirou. — Eu queria te foder com minha boca.

— Porra! — grunhi enlouquecido, aumentando a pressão em meu pau que inchava e se alongava cada vez mais.

— Eu faria sexo oral em você, bem gostoso. Passaria a língua na cabeça e abocanharia seu pau, enterrando-o em minha boca. Você agarraria meu cabelo e ajudaria nos movimentos.

Aquilo era a coisa mais erótica que tinha feito em toda minha vida. Parecia loucura, mas pude sentir os lábios da minha Flor em torno do meu pau, a língua indo e vindo em toda a extensão, enquanto ela acariciava as minhas bolas inchadas.

— Onde está se tocando?

— Na boceta... Ahhh... Imagino que seja seu pau e não meus dedos que estão me dando prazer — respondeu com voz sexy e um arrepio atravessou a minha coluna, contribuindo para o meu orgasmo que emergia.

— Caralho! Assim você me mata, minha Flor.

— Ahhh... JP... estou quase lá... — avisou com voz arfante enquanto aumentei a pressão em meu pau, com força. — JP... Ohhh.... — E então ela gozou gemendo em meus ouvidos. Eu a segui, explodindo por todos os lados,

rosnando ao telefone.

Depois de alguns segundos apenas ouvindo a respiração um do outro, eu abri os olhos um pouco frustrado, mas muito curioso sobre a reação de Maria Flor. Será que ela sentiu diferença entre o real e o imaginário?

— Minha Flor? — indaguei me sentando na cama, ajeitando a roupa que estava encharcada com o meu gozo. Precisava urgente de um banho.

— JP... O que foi isso? — Ela parecia um pouco perdida e eu sorri.

— Nós fizemos sexo por telefone. Você gostou?

— Sim, mas... Preciso de você, JP. Preciso sentir o seu calor. Não foi a mesma coisa — queixou-se e pude sentir seu desalento.

— Eu sei! Também preciso de você. Amanhã eu estarei chegando e estou louco para te ver.

— Não vejo a hora de estar em seus braços! — disse respirando fundo.

— Beijos e durma bem, minha Flor!

— Beijos, meu querido!

Saí direto para o banheiro e liguei o chuveiro. Enquanto me banhava, eu pensava o quanto Maria Flor estava se abrindo para as emoções, para o prazer, para o amor. Eu não tinha dúvida disso. E acreditava que ela também sentia que estava se tornando uma nova mulher.

Cheguei às oito horas no meu consultório na segunda-feira e estranhei a ausência da minha secretária, pois ela nunca se atrasava. Quem geralmente chegava atrasado era eu. Abri a porta e me deparei com uma cena muito erótica. Maria Flor estava deitada no divã, usando um vestido vermelho rodado de seda. Ela estava com as pernas para cima, apoiadas no braço da poltrona, deixando suas coxas expostas. Fechei a porta, trancando-a com

pressa e me aproximei calado, com o corpo em combustão. Essa mulher era ousada e me surpreendia demais!

— Meu Deus! Você quer me matar do coração? — indaguei enquanto ela me olhava com cara de safada, lambendo os lábios.

— Bom dia, doutor! — Ela sorriu, deixou o divã e se pôs de quatro sobre o tapete. Fixou seus olhos aos meus e veio até mim, engatinhando. — Eu estava morrendo de saudades!

— Minha Flor, como entrou aqui?

— Eu subornei a sua secretária. — Ela riu enquanto seus dedos deslizavam no cinto italiano que eu usava.

— Eu não acredito que você fez isso! — exclamei incrédulo tentando assimilar o que aquela situação poderia me causar.

— Claro que não! Eu apenas pedi para ela se não podia esperar por você aqui. Ela concordou e foi buscar o café da manhã. — Ela deu de ombros. — Você ficou chateado de ver aqui?

— Não... Claro que não. Adorei vê-la! — Sorri e acariciei seu rosto. Ela mordeu os lábios, me provocando.

— Quero transar com você bem ali, em cima daquele divã. — Maria Flor fez sinal com a cabeça em direção ao móvel.

— Aqui? — perguntei enquanto ela começava a abrir a minha calça de linho. Eu nunca havia feito sexo em meu consultório e isso me deixou um pouco receoso. — Minha Flor, aqui é muito arriscado.

— É excitante! Eu gosto de coisas arriscadas e excitantes. — Ela desceu o zíper da minha calça e enfiou a mão para dentro.

— Mas, pode chegar alguém e... Porra! — soltei um palavrão quando senti seus dedos em contato com meu pau. Ah, foda-se! Eu também estava doido de saudades dela. Louco para me enterrar nela.

Ela sorriu e seus olhos brilharam devassos. Permaneci parado enquanto Maria Flor descia a minha calça e cueca. Agarrou meu pau ainda semi-ereto e

beijou a cabeça.

— E o que você pretende fazer para me dar mais prazer, sua safada?

— Eu estava doida para te foder com a minha boca — disse massageando meu pau. — Adoro esse pau grande e grosso. É tão lindo!

— Ele é todo seu! — Agarrei forte o seu cabelo pela nuca e ela lambeu os lábios, ansiosa.

Maria Flor estremeceu excitada enquanto eu permaneci imóvel, apenas admirando-a. Ela ergueu os olhos para me encarar e enfiou meu pau em sua boca quente e úmida. Com o olhar carregado de luxúria, passou a chupar mais forte e rápido, indo e vindo em toda a minha extensão. Foi e voltou e repetiu os movimentos, enterrando-o em sua garganta.

— Caralho! Que boca deliciosa!

Ela deixou meu pau e desceu com a língua em direção às minhas bolas inchadas. Chupou uma e depois a outra, sempre me encarando desejosa, satisfeita por estar me dando prazer. E eu estava mais satisfeito ainda por saber que ela gostava de fazer aquilo. Maria Flor deslizou a língua em minha pele e voltou a inserir meu pau em sua boca. Grunhi e puxei seu cabelo um pouco mais forte.

Fechei os olhos e comecei a mover os quadris impiedosamente, comendo a boquinha dela. Deixei a mente desprovida de qualquer atribulação e me concentrei no sexo oral. Ouvi as sucções de minhas estocadas e quando abri os olhos, eu vi Maria Flor com o rosto vermelho e quase sem respiração. Tirei meu pau de sua boca e ela recuperou o fôlego. Não queria que ela ficasse desconfortável me dando prazer. Queria esperar ela tomar ar, mas Maria não tinha o mesmo pensamento que eu. Gulosa, ela voltou a me abocanhar, chupando com força enquanto massageava as minhas bolas.

Enrijei o corpo e sabia que logo gozaria. Comecei a bombear freneticamente em sua boca, comendo sem piedade, estocando bruto. Senti sua garganta e voltei a meter fundo. Em poucos segundos eu estava ejaculando como um louco em seus lábios.

— Toma tudinho, sua putinha gulosa! — exigi enquanto ela cumpria

obediente engolindo até a última gota de meu sêmen.

Após me esvair em sua boca, eu puxei rapidamente minha calça para cima e Maria Flor se levantou, lambendo os lábios de um jeito sacana. Ela avançou na minha direção, passando as mãos em meu peito e eu a suspendi do chão, depositando-a no divã.

— Agora sou eu que vai te comer bem gostoso!

Comecei a despi-la, tirando seu vestido, escorregando as alças para baixo. O tecido caiu facilmente e os seios dela surgiram. Fechei minhas mãos ao redor deles e abocanhei com vontade. Maria Flor arfou, fechando os olhos e enroscando os dedos no meu cabelo.

Escorreguei uma mão por entre suas pernas e encontrei sua calcinha de renda. Afastei o tecido e senti a umidade de sua boceta. Ela estava encharcada. Meu pau começou a latejar dentro da cueca, louco para me enterrar nela. Não me contive e meti um dedo para dentro. Maria Flor começou a rebolar e se debater alucinada enquanto eu estocava fundo e rápido.

— Ahhhh, que delícia! Mas eu quero o seu pau e não o seu dedo — implorou em tom choroso.

— Ah, porra! Não aguento mais esperar pra te comer!

Já ia me livrando da minha calça quando ouvi uma leve batidinha na porta. Entrei em alerta e meu corpo enrijeceu. Certamente era minha secretária Suzana que havia voltado.

— Doutor João Paulo? — Suzana me chamou do lado de fora.

— Si-Sim! — disse tentando parecer casual, contendo a respiração pesada. Fiz sinal para que Maria Flor ficasse quieta e ela piscou frustrada. Fez uma careta e começou a se vestir. — O que foi, Suzana?

— Tenho alguns documentos para o senhor.

— Espere que eu ainda não terminei a sessão com a senhorita Maria Flor, ok?

— Sim, senhor!

— Assim que eu terminar, eu te chamo pelo telefone.

Ouvi os passos de Suzana se afastar da porta e me virei para Maria Flor, que já estava quase totalmente vestida. Ela me encarou e pude sentir seu desapontamento. Mas ela não estava mais frustrada do que eu, que não sabia o que fazer para acalmar o tesão reprimido.

— Será que ela percebeu algo? — indagou se levantando e ajeitando a roupa no corpo.

— Acho que não. Suzana é um pouco lerda pra isso! — Fechei o cinto e me aproximei. — Vamos jantar hoje à noite?

— Hoje eu não posso, mas podemos fazer algo amanhã. O que você acha?

— Amanhã então! — Sorri e beijei seus lábios com paixão.

Sete

João Paulo

— E então JP, como está seu relacionamento com a paciente? — perguntou Fábio, bebendo mais um gole de sua bebida. Era sexta-feira e havíamos combinado de fazer um *happy hour* depois do expediente. Nós nos encontramos em um pub e estávamos conversando.

— Estamos nos conhecendo e ela não é mais minha paciente — respondi sem dar maiores detalhes.

— Quem sabe um dia desses não saímos todos juntos. O que você acha?

— E você levaria quem como sua companhia, Fabinho?

— Uma das minhas gatinhas. Tenho tantas que é só escolher. — Ele deu uma gargalhada presunçosa.

— Você não pensa em se amarrar, ter uma namorada fixa, um relacionamento sadio?

— Ah, que papo é esse, JP? — resmungou fazendo uma careta e eu ri. — O cara certinho aqui é você! Eu gosto de viver na farra!

— Não tem nada de mais em ser correto, Fábio — retruquei terminando de beber a minha cerveja. — Eu gosto de ser quem sou!

— E a Maria Flor é certinha que nem você? — indagou curioso abrindo um sorrisinho malicioso.

— Ela é normal...

— Normal não é resposta que se dê para denominar uma gata. Pelo amor de Deus!

— Você acha a Maria Flor bonita, Fábio? Está de olho nela também? — Senti um ciúme absurdo do que o meu amigo tinha falado que nem medi as palavras.

— O que é isso, JP?! Até parece que você não me conhece! Eu hein, cara. Cuidado por que a paixão deixa as pessoas cegas — alertou erguendo o dedo indicador em minha direção. — É por isso que eu só pego e não me apego. Prefiro ser dominado pela razão e não pelos sentimentos.

— Você está enganado. Eu não estou apaixonado pela Maria Flor!

— Eu acho que só você ainda não viu isso. — Ele suspirou pesadamente.

— Bem, eu tenho que ir. Fiquei de passar na casa da Maria Flor as 8 horas — disse me levantando e lançando um olhar rápido para o relógio de pulso.

— Bom encontro! Leve o coração junto, só não esqueça de levar o cérebro também!

— Valeu a dica, Fabinho. E você vê se pare de enrolar as garotas. As pessoas têm sentimentos, sabia? — Fabinho torceu os lábios com o meu aviso.

— Eu nunca brinco com os sentimentos alheios. Quando vejo que elas estão começando a ficar gamadinhas, eu caio fora. — Fábio também se levantou e me acompanhou até o caixa.

Pagamos a conta e saímos do pub. Eu não via a hora de me encontrar com Maria Flor e passar a noite com ela.

— Minha Flor! — exclamei quando ela abriu a porta de sua casa para me receber. Maria Flor me puxou para dentro me beijando com sofreguidão. — Eu estava com saudades!

— Eu também, JP!

— Vamos jantar?

— Pensei que viria mais tarde. Eu nem me arrumei ainda.

— Não tem problema, eu espero você! — Sorri beijando seus lábios novamente.

— Eu não demoro! — Ela deu uma piscadinha e saiu em direção ao seu quarto.

Eu me acomodei no sofá da sala de estar e olhei ao redor. A casa era bonita por fora e aconchegante por dentro. Era uma construção relativamente nova e ficava em um bairro sossegado da cidade. A ideia pareceu interessante: ter uma casa com jardim e até mesmo adotar um cão.

Na minha frente tinha uma tevê plasma e mais adiante uma estante com alguns porta-retratos. Maria Flor estava sozinha na maioria deles, em passeios na praia ou sítio, mas um me chamou atenção. Não era recente, pois ela parecia bem mais jovem na fotografia. E não estava sozinha. Havia um rapaz abraçado a ela. Eu me levantei e peguei o retrato para observar melhor. Na cena ele beijava o rosto de Maria Flor e ela sorria. Era um sorriso de pura felicidade. O rapaz tinha em torno de vinte anos, cabelo e olhos castanhos e pele muito clara. Ela por sua vez, parecia estar na adolescência. Fiquei muito curioso e inquieto para saber quem era aquele rapaz que a abraçava com tanto carinho. Um amigo? Um parente? Ou um antigo namorado?

Ouvi um barulho e deixei o porta-retratos em cima da móvel. Girei o corpo e vi Maria Flor usando um vestido lindo azul de seda, acima dos joelhos e solto da cintura para baixo. Para acompanhar o visual, uma sandália branca enfeitava seus pés.

— Você está linda! — Eu abracei-a pela cintura e ela sorriu. — Quais são seus planos para essa noite?

— Eu preciso ir a um lugar e quero eu você vá comigo.

— E que lugar é esse?

— É surpresa! Eu acho que você vai gostar. Eu te dou as coordenadas no caminho. — Ela me puxou pela mão em direção à saída.

— Estou com a impressão que esse lugar vai ser excitante.

— E muito! — Maria Flor deu um sorriso enigmático e saímos até o meu carro.

Minutos depois Maria Flor e eu estávamos entrando em um clube privado. Era um local de praticantes de BDSM. Fiquei observando as pessoas que ali estavam, todas bem vestidas acomodadas em mesas, sendo que a maioria era do sexo masculino. Algumas mulheres andavam por ali, usando minúsculas roupas de couro e botas de cano alto. Era um ambiente totalmente novo para mim.

Eu me virei para Maria Flor, que me olhava ansiosa, esperando minha reação. Suas palavras vieram com força total em minha memória. Ela disse que precisava vir até aqui. Mas por que ela precisava de um local como esse? Eu já havia lido algumas coisas sobre a prática BDSM e não entendia como as pessoas gostavam de sentir dor ou proporcionar dor no ato sexual. Maria Flor era adepta a isso? Eu não podia acreditar!

— Maria, o que estamos fazendo aqui?

— Eu disse que eu precisava vir aqui e queria que você viesse comigo.

— Mas esse lugar é para praticantes de sadomasoquismo e sadismo. Ou estou enganado?

— Não é bem assim! Não são todas as pessoas que vem aqui que são praticantes. Alguns vêm por curiosidade, em busca de algo diferente. Em busca de mais prazer.

— Você já veio aqui? — rosnei tomado pelo ciúme e outros sentimentos que não sabia denominar. Ela riu e balançou a cabeça em negativa.

— Poucas vezes. Contando com essa, é a terceira vez.

— Você disse que precisava de algo... Do que precisa?

Maria Flor respirou profundamente e me encarou. Seus olhos esverdeados estavam tristes, ilegíveis. Alguma coisa estava acontecendo com ela. E era algo que ela não queria me dizer e sim me mostrar. Enrijeci o corpo e fiquei em alerta.

— Vem comigo, JP. Tem salas privadas e públicas. — Ela pegou em minha mão e começou a me guiar para o interior do clube. — A gente pode escolher o que quiser. Ficar só olhando, participar ou pegar um quarto privado.

— Eu nunca estive em um lugar assim.

— Relaxa! Você vai gostar.

Chegamos a uma sala onde algumas pessoas se aglomeravam para olhar uma cena de sado. Uma mulher seminua estava presa em um objeto em forma de uma cruz, enquanto um homem vestindo terno e gravata usava um chicote para golpeá-la. Os dois estavam usando máscaras para não serem reconhecidos. Cada chicoteada que ele desferia no corpo dela, ela arfava e sorria regozijada. Fiquei abismado como as pessoas podiam sentir prazer daquela maneira, sendo surradas e humilhadas por outras. Aquilo era muito estranho. Até para mim, um psicanalista que estudava o comportamento humano e que já havia visto quase de tudo, aquele jogo erótico me assustava um pouco.

Depois de levar alguns golpes de chicote e ficar com a pele vermelha, o homem afastou o fio dental que a mulher usava para o lado, desceu o zíper da calça e a penetrou. Os dois começaram a fazer sexo na frente de todos, sem vergonha alguma. Apenas imersos naquela atmosfera luxuriosa que os envolvia.

Engoli em seco e comecei a transpirar. A excitação veio com tudo e meu pau ficou duro na hora. Maria Flor pressentiu que eu estava excitado e discretamente enfiou a mão dentro da minha calça de linho, agarrando meu pau. Girei o rosto de lado e encontrei seus olhos que pareciam duas bolas de fogo que me incendiavam. Ela estava me seduzindo para dentro daquele mundo permeado de prazeres carnavais que eu desconhecia. E eu não podia

negar que estava gostando de apreciar a cena do casal que transava enlouquecido na frente de todos.

— JP, gosta do que está vendo? — sussurrou ao meu ouvido, sugando o lóbulo da minha orelha.

— Sim... Eu gosto! — confessei em tom baixo, alternando o olhar entre o casal e ela, que me encarava com cara de safada.

— Eu quero você! E quero agora! — Ela aumentou a pressão no meu pau e achei que fosse gozar dentro da calça.

— Porra, Maria! Eu também te quero!

— Venha comigo! Vamos para um lugar onde possamos ficar sozinhos.

Saímos dali às pressas, loucos para ficar a sós. Maria Flor me conduziu para um quarto privado. Entramos e vi vários apetrechos da prática de BDSM: chicotes, cruz de madeira, algemas, mordanças, plugues anais, vendas. Em cima de um móvel havia várias velas aromatizantes acesas e a nossa frente, uma cama de casal. Agarrei Maria Flor pela cintura, saqueando sua boca em desespero, já a levando para a cama quando ela separou seus lábios dos meus e interrompeu os passos.

— Espera, JP! Vamos brincar um pouco? — Sua voz era convidativa, sensual e provocante.

— Do que você quer brincar, hein minha Flor? — perguntei enquanto distribuía beijos em seu pescoço.

— Você podia fazer comigo a mesma cena que vimos.

— O quê?! — Arregalei os olhos e a encarei bem sério. — Você quer que eu te espanque?

— Aquilo não é espancamento. É uma preliminar diferente. Você ficou excitado lá fora. Eu sei que gostou!

Maria Flor se distanciou um pouco e começou a se despir. Entrei em combustão ao vê-la parcialmente nua, com os seios expostos e usando apenas uma minúscula calcinha rendada branca. Era exuberante! Tinha o corpo

perfeito, curvilíneo e a pele bronzeada. Não tinha como negar que estava apaixonado por ela, por tudo que ela me fazia sentir.

— Vem! Amarra meus pulsos aqui. — Ela se virou de costas deixando a bunda exposta naquele fio dental maldito. Maria Flor abriu os braços e ficou lá me esperando para prendê-la àquela grade de ferro presa no teto, que tinha algemas de couro que pendiam de cima. — Vem, JP! Amarre meus pulsos, me chicoteia como se eu fosse uma puta.

— É assim que quer ser tratada? Como uma vagabunda? — Minha indignação se mesclava ao meu desejo de cumprir as vontades dela.

— Me trate como a sua putinha. Bata em mim e depois me come do jeito que quiser. Eu preciso de você. Por favor!

— Maria, eu não sei se posso.

— Eu sei que pode! Faça isso por mim! Você verá que será muito prazeroso.

— Eu não conseguiria bater em você. Nunca! — Acariciei a pele dela suavemente, passeando meus dedos em suas costas indo em direção a sua bunda de gomos salientes. Apertei uma nádega e ela gemeu fechando os olhos.

— Por favor! Por favor! Faz o que eu te peço e depois me fode. Não aguento mais! Eu quero você! Preciso tanto de você, JP! — Ela suplicou ardendo de desejo tanto quanto eu.

Fiz o que não devia. Acabei cedendo. Tirei minhas roupas e fiquei apenas com a cueca boxer. Prendi os pulsos dela com as algemas, mas não apertei. Elas tinham regulagem de tamanho e por isso, deixei um pouco de folga. Depois que ela estava amarrada, com os braços abertos e totalmente a minha mercê, fui tomado por um instinto selvagem. Eu iria chicoteá-la suavemente, dar o que ela queria e depois a foderia bem gostoso em cima daquela cama ou em qualquer lugar daquele quarto. Eu não estava mais me reconhecendo.

— É assim que você quer? — Peguei o chicote e me aproximei.

— Sim! Bata em mim e me castigue. Castigue a sua putinha — ela me instigou mordendo os lábios e me encarando com olhar penetrante.

— Não vou te machucar! Nunca faria isso!

— Eu sei que não, mas eu preciso disso, JP. Não me faça esperar mais. Estou ardendo por você. Me castiga, vai!

Tomei fôlego. Eu precisava de ar e de coragem para fazer aquilo. Embora meus pensamentos estivessem a maior confusão entre o que era certo e errado, meu corpo reagia àquela situação nova e excitante.

Eu me coloquei atrás de Maria Flor e comecei a passear com o chicote no corpo dela. Ela fechou os olhos, arquejando e esperando o primeiro golpe. Não pensei muito, pois se pensasse mais, eu voltaria atrás e acabaria com o joguinho erótico. Desferi uma chicotada de leve na bunda e ela protestou:

— Mais forte, JP. Me castigue de verdade! Me marque!

Eu não entendia o porquê ela queria sentir dor, mas mesmo assim, dei outro golpe com mais força, na outra banda da bunda, deixando sua pele um pouco vermelha. Ela sorriu e parecia estar gostando de levar aquela surra. Meu coração começou a bater acelerado e minha cabeça rodopiava. Eu sabia que aquilo não era certo, mas continuei. Dei mais uma, duas, três chicotadas e vi que a vermelhidão aumentou. Maria Flor não reclamou um instante sequer.

— Assim! Eu precisava desse castigo. Agora eu preciso do seu pau. Me come, por favor! — implorou empinando a bunda e se esfregando em mim, me deixando desatinado.

Joguei o chicote para longe, desamarrei os pulsos dela de qualquer jeito e a coloquei deitada no tapete. Não tinha tempo para levá-la até a cama. O tesão me consumia e me comia vivo. Nem de usar preservativo eu me lembrei. Arranquei o fio dental que ela usava e fiz o mesmo com minha cueca. Afastei as pernas dela e com um golpe só eu a penetrei. Maria Flor soltou um grito com a minha brusca entrada e arranhou as minhas costas, rebolando ao redor do meu pau.

Meti bruto, estocando fundo, comendo-a como um animal irracional. Dei umas palmadas em sua bunda, cravei os dentes em seu pescoço enquanto

batia e retrocedia endoidecido. Quanto mais selvageria, mais ela gostava e se dava, gemendo como uma gatinha no cio.

— É assim que você queria ser tratada? Como uma putinha? Uma vagabunda?

— Sim... Sim... Maltrate a sua putinha. Eu mereço cada castigo, cada bofetada — disse cravando os calcanhares em minha bunda e forçando ainda mais a penetração.

Não aguentei e passei a devorá-la, metendo até o talo, sentindo seu útero. Ela estava encharcada e nossos corpos começavam a transpirar muito, se chocando intensamente sobre aquele tapete felpudo. Maria Flor começou a gemer em lamúrias e quando encarei seus olhos ela chorava descontroladamente. Seu corpo tremia em um orgasmo violento e sua boceta apertava meu pau.

Eu estava no meu limite, queria muito gozar, mas não conseguia. E não era pelo modo como a transa se deu, era por causa do jeito que Maria Flor se encontrava. Ela estava perdida. Alguma coisa havia acontecido para deixá-la fora de controle.

— Goze, JP. Me coma! Me bata de novo se precisar — falou em meio as lágrimas que molhavam seu rosto e pescoço.

O medo se apoderou de mim e então sai de dentro dela, me distanciando um pouco, olhando-a em busca de respostas. Dessa vez era eu que tremia sem poder me conter.

— Vem! Por favor! Me fode! Faz o que quiser comigo. Eu mereço ser castigada!

Ela arreganhava as pernas e se oferecia para mim sem pudor, com o rosto transtornado, os olhos opacos e distantes. Eu não a estava reconhecendo. Essa mulher que estava diante de mim, perdida e perturbada. Não era a mesma Maria Flor meiga e cheia de vida que eu conhecia. Era outra pessoa!

— Maria Flor, o que há com você?

— Vem, JP! Acabe comigo! Me come bruto. Mete na minha bunda e na minha boceta. Por favor!

Eu me sentei na cama e afundei a cabeça em minhas mãos. Meu coração batia aos solavancos e minha cabeça era um torvelinho de pensamentos. O que estava acontecendo com ela? Por que queria ser punida daquele jeito? Por que queria ser tratada como uma puta? Eu não entendia!

— Maria Flor, o que está acontecendo? Você não é assim!

— Sou sim! Sou uma vagabunda que merece ser castigada, chicoteada e depois ser desprezada. Eu sou uma puta! Uma ninfomaníaca! Um nada! — gritou se levantando e se vestindo rapidamente enquanto tentava enxugar o pranto.

— Minha Flor, deixe-me ajudá-la. — Eu me aproximei e ela deu dois passos para trás, mantendo distância.

— Você não consegue, não é JP? Não consegue obter sucesso com sua paciente. Eu não tenho conserto! Nunca terei!

— Que disparate é esse? — Passei a mãos pelo cabelo, nervoso. — Maria eu te conheço. Você não é assim! Deixe eu te ajudar, minha Flor. — Eu tentei me mover, mas ela ergueu as mãos para cima, me detendo.

— Fique longe de mim! Você nunca vai entender. Nunca!

Ela passou por mim como um furacão e deixou o quarto. Eu me vesti o mais rápido possível e tentei alcançá-la do lado de fora, mas foi em vão. Maria Flor tinha acabado de entrar em um táxi.

Oito

João Paulo

Passaram-se três dias desde o incidente no clube de BDSM e eu não tive mais notícias da Maria Flor. Tentei falar com ela pelo celular, mas ou ele estava fora de área ou desligado. Fui até a casa dela e não a encontrei. A casa estava fechada e silenciosa. A agonia era tanta que eu nem conseguia trabalhar direito. Cancelei várias consultas e por fim, atendi somente meio período. Eu não tinha condições psicológicas para ficar ouvindo meus pacientes relatar seus problemas, sendo que a minha vida estava um caos completo.

Saí do banho e olhei pela janela do meu quarto. O crepúsculo pintava as nuvens em tons de vermelho e laranja. Sacudi a água do cabelo, apertei a toalha na cintura e me sentei na beirada da cama. Tive uma vontade absurda de ligar para Maria Flor para saber como ela estava, mas fiquei relutante. Talvez ela estivesse fugindo de mim e não quisesse falar comigo. Essa ideia espezinhava meu coração.

Resolvi sair. Fazia tempo que eu não visitava a minha mãe e estava com saudades dela. Nada melhor que conselhos maternos numa hora dessas. Dona Clotilde era uma pessoa compreensiva e vivida. Ela certamente teria as palavras certas para me dizer.

Eu me vesti, peguei as chaves do carro e saí. Minutos depois eu estava na casa da minha mãe, recebendo seu abraço afetuoso e por que não dizer, uma “puxadinha de orelha” também.

— Filho, que saudades! Estava mais do que na hora de vir visitar a sua mãe, não é?

— Eu também estava com saudades, mãe. Não vim antes por que não tive tempo. A minha vida anda muito corrida — respondi enquanto ela me conduzia para o interior da casa.

Minha mãe era viúva e morava sozinha desde que meu pai faleceu, há mais de doze anos. Tinha seus sessenta e poucos anos, estatura mediana, cabelo curto loiro que ela mantinha impecável com o auxílio de tintura e um par de olhos azuis ternos que resplandeciam paz.

— Que bom que você veio, filho. Vou fazer aquele espaguete que você adora, com molho branco, champignon e queijo. — Ela sorriu animada. — Ah, e uma boa garrafa de vinho tinto para acompanhar.

— Eu vou adorar!

— Esse vinho é um dos melhores. — Ela pegou a garrafa e me entregou. — Seu tio Inácio me deu de presente no meu aniversário. Abra! Vamos degustando enquanto eu faço o jantar.

— É um dos melhores mesmo. — Sorri pegando o saca-rolhas. — Mãe, eu quero ajudar a fazer o jantar.

— Nada disso! Homem na cozinha é mau-agouro. — Ela riu.

— Ah, mãe! Pelo menos me deixe cortar a cebola e alguns legumes. Isso não é mau agouro. — Servi duas taças de vinho e lhe entreguei uma. Ela bebeu um gole, me olhando com astúcia.

— Filho, seus olhinhos azuis estão tristonhos. Sua aparência está abatida. Aconteceu alguma coisa?

— Não aconteceu nada, mãe. É só cansaço mesmo. — Disfarcei o máximo que pude, abrindo um sorriso. Dona Clotilde não se convenceu da minha resposta e balançou a cabeça em negativa.

— Ah, JP! Quem você quer enganar dizendo isso? Eu? Sua mãe que te conhece desde que estava em meu ventre? — Ela deixou a taça em cima da

mesa e começou a preparar o jantar. — Senta aí e me conte o que está havendo!

— Você está certa, mãe. Mas vamos deixar esse papo para depois do jantar.

— Está bem! Mas não pense que vai fugir desse assunto, hein! — Ela ergueu o dedo indicador me minha direção e eu ri.

— Não fugirei. Pode deixar! — Beijeí sua testa com carinho.

— Bem, vai me ajudar a cortar a cebola e os tomates ou vai ficar aí me olhando? — indagou em tom de brincadeira enquanto colocava a panela com água no fogo para cozinhar o espaguete.

Rimos e tomamos vinho enquanto jantávamos. Falamos de todos os assuntos possíveis, com exceção do meu assunto. Esse eu tentaria fazer com que ela esquecesse, embora acreditasse que isso não fosse possível. Minha mãe era muito esperta e sacava tudo que estava acontecendo. Ela me conhecia tão bem, que raras foram as vezes que eu consegui esconder algo dela.

Depois que jantamos e de eu lavar a louça, mamãe e eu fomos para a sala de estar. Nós nos acomodamos no sofá e terminamos de tomar o vinho.

— Não pensa que esqueci aquele nosso assunto, meu filho. Me conte o que está deixando você assim preocupado?

— Eu conheci uma mulher — comecei meu relato e dona Clotilde me olhou atenta. — Ela era minha paciente quando eu me envolvi com ela.

— JP, você se envolveu com uma paciente?! Filho, mas isso não é antiético?

— Sim, é! — suspirei fundo e deixei minha taça de vinho em cima da mesinha de centro. — Mas assim que nós nos envolvemos, eu disse a ela que não poderia mais ser seu analista. Ela entendeu e continuamos nos conhecendo melhor. A senhora entende?

— Sim, eu entendo. Mas e depois o que aconteceu?

— Eu achei que poderia ajudá-la a superar seus traumas, seus medos... Mas eu não pude. Eu falhei com ela, mãe. E agora ela não quer me ver mais.

— Filho, você é um profissional exemplar. É um homem correto, amoroso e dedicado. Eu tenho tanto orgulho de você! — Ela segurou minha mão com amor. — Eu não sei o que aconteceu com essa moça, mas acredito que uma boa conversa resolva tudo.

— Esse é o problema, mãe. Ela não quer falar comigo. Quando eu ligo, ou o telefone está desligado ou fora de área. Já fui até a casa dela e não a encontrei. Ela quer distância de mim. Foi isso que ela disse no último dia que nos encontramos. Que era para eu ficar longe dela — desabafei com minha mãe e me senti um adolescente e não um homem com 37 anos. Eu estava quebrado por dentro. A ausência e a rejeição de Maria Flor estavam acabando comigo.

— Meu amor, dê o tempo que ela precisa e depois a procure. Converse com ela. Essa moça deve estar com algum problema mais grave e não quis te dizer. Muitas vezes guardamos as coisas mais dolorosas somente para nós mesmos. Pense nisso!

— Talvez a senhora esteja certa, dona Clô! Vou seguir seu conselho e esperar uns dias. Só espero que ela não fuja de mim para sempre.

— Claro que não vai fugir. — Minha mãe me abraçou. — Como ela se chama?

— Maria Flor!

— Bonito nome!

— Ela também é bonita. Assim como o nome, é uma flor personificada. — Dei um sorriso triste me recordando de Maria Flor e sua beleza sem medidas.

— Tudo vai se resolver. Eu quero muito a sua felicidade, meu filho!

— Obrigado, mãe! — Beije o topo de sua cabeça.

— Não agradeça, meu amor!

Fiquei mais um pouco na casa de minha mãe, conversando outros assuntos. Mas na minha cabeça só existia espaço para a minha flor.

Depois de quase uma semana, eu tive coragem de ir até a casa de Maria Flor. Comprei um ramallete de rosas e não avisei que iria. Tinha acabado de escurecer e as luzes das ruas estavam acesas. Estacionei o carro e observei o lugar. Eu estava um pouco nervoso, pois não sabia qual seria a reação de Maria Flor quando me visse ali, mas mesmo assim não recuei. Tomei fôlego e saí. Abri o portão de ferro e caminhei em direção à porta de entrada. Havia algumas luzes acesas no interior da casa, dando sinal de que ela estava lá.

Não havia campainha para que eu fosse anunciado e então dei uma leve batidinha suave na porta. Esperei alguns instantes e bati de novo. Ninguém veio atender. Sem esperar mais, eu girei a maçaneta e vi que a porta não estava trancada. Entrei cautelosamente, sem fazer barulho. A casa estava silenciosa e não havia sinal de Maria Flor. Ela estaria em casa?

Olhei na sala de estar e na cozinha e não a vi. Caminhei em direção ao pequeno corredor que levava aos quartos e foi então que ouvi vozes. Na hora reconheci a de Maria Flor que falava baixinho com alguém. Eu me aproximei da porta do quarto que estava parcialmente fechada e vi um homem jovem sentado na cama, abraçado a Maria Flor. Ele acariciava o cabelo dela com zelo enquanto ela repousava a cabeça em seu ombro. O rapaz tinha o cabelo castanho e a pele branca. Não levei nem um segundo para reconhecê-lo. Ele era o mesmo homem que estava com ela no porta-retratos. As feições eram iguais, só que mais maduras.

Fiquei atrás da porta sem fazer barulho, apenas observando a cena íntima que desenrolava. Meu coração começou a bater angustiado e ideias malditas permeavam a minha cabeça.

— Flor, eu estava com saudades. Não sabe a falta que você faz! — ele disse beijando o topo da cabeça dela.

— Eu também sinto sua falta, Pedro.

— Tudo é mais colorido quando estou ao seu lado. — Ele ergueu o queixo dela e a encarou. Vi a maneira como ele olhava para ela, com amor, sentimento. Era do mesmo modo que eu a olhava. Não tive dúvidas de que o tal do Pedro a amava.

— Ah, Pedro... Queria que as coisas fossem diferentes entre a gente. — Ela afagou o rosto dele com carinho e senti como se tivessem socado o meu estômago.

— Flor, nós não podemos mais ficar nos vendo as escondidas. Nós não devemos nada para ninguém!

— Não é bem assim, Pedro. — Maria Flor se levantou e parecia nervosa. — Você sabe que as coisas nunca vão voltar ao que era... Ninguém esqueceu o que aconteceu. Todos continuam apontando o dedo para mim!

— Esqueça essa gente, Flor. Você precisa de uma chance. — Ele disse se levantando e a abraçando apertado. — Eu te amo! Nada mudou...

Minha visão ficou turva e eu respirava com dificuldade. Não conseguia raciocinar e apenas senti o gosto amargo da traição. Era evidente que Maria Flor e esse rapaz estavam mantendo um relacionamento em segredo. Então por que ela se envolveu comigo? Como ela teve a coragem de me enganar esse tempo todo?

Não esperei para ouvir mais declarações e ver trocas de afeto entre os dois. Deixei cair o ramalhete de flores ao chão e saí silenciosamente. Eu estava me sentindo um derrotado, impotente diante da vida. Meu coração estava quebrado. Eu estava partido ao meio. A mulher que eu amava me traiu com um antigo namoradinho de infância e desdenhou dos meus sentimentos. Maria Flor me usou para curar suas feridas.

Como encarar a vida depois dessa desilusão? Como eu poderia esquecer essa mulher que estava impregnada em mim, tomando conta do meu coração? Como?

Nove

João Paulo

Fiz de tudo para seguir em frente e esquecer Maria Flor. Deletei o número dela do celular, avisei minha secretária que se ela viesse até o meu consultório eu não iria recebê-la. Tentei apagá-la da minha memória e do meu coração. Mas ainda não obtive sucesso.

Maria Flor tentou me ligar algumas vezes, mas não atendi a nenhuma ligação. Estava muito magoado com ela e não queria ouvi-la confessar que amava outro homem. O que ela queria de mim? Explicar que esse tempo todo que passamos juntos eu a dividia com o amor de sua vida? Que eu fui apenas uma válvula de escape para seu sofrimento? Ainda me restava um pouco de amor próprio para me sujeitar a ouvir isso dela.

Os dias que se passaram foram excruciantes. Durante o expediente de trabalho eu atendia meus pacientes, me esforçando ao máximo para agir com profissionalismo, ajudando as pessoas que me procuravam para ouvir um conselho ou tentar solucionar um problema. Mas à noite, quando eu chegava em casa e ficava sozinho, a solidão vinha com força total. E com ela o desamor. Eu me afundava no sofá com uma garrafa de uísque ou de vinho e ficava por horas olhando para o nada, apenas bebendo, mergulhado na dor de amar alguém que me traiu de maneira tão sorrateira.

O meu sono não era mais tranquilo. A insônia me fazia companhia madrugadas a fio. Li muitos livros durante esse tempo que não conseguia dormir. Mas mesmo assim, muitas vezes o pensamento vagueava para fora da

leitura. Era indescritível a falta que Maria Flor fazia em minha vida. O nosso relacionamento foi tão curto, mas tão intenso, que parecia que eu a conhecia há muito tempo.

Uma noite eu estava me sentindo tão perdido que fui até ao clube de BDSM. Precisava sentir prazer além da dor que eu carregava comigo. Escolhi uma moça bonita, alta, cabelo loiro e olhos castanhos, corpo escultural. Era muito fácil escolher uma mulher que se submetesse a ser castigada ou a castigar o seu parceiro. Ali o dinheiro mandava.

Abracei-a pela cintura e fomos até um dos quartos privados muito parecido com aquele que estive com Maria Flor. Ao entrar me deparei com os apetrechos de BDSM e foi inevitável não me lembrar da última vez que estive ali, na companhia dela. Aquele lugar foi o início e o fim de tudo. O início da minha dor e o fim do nosso relacionamento.

— O que o senhor deseja? — A voz da moça me despertou para a realidade. Encarei-a, analisando seu corpo coberto por minúsculas roupas de couro. Era muito bonita e sensual. Tinha os olhos castanhos devassos fixos em mim e também me olhava com fome. Ela estava atraída por mim e isso era bom.

— Como se chama?

— Lua!

— Nome diferente... — disse me aproximando. — Lua, você gosta de ser submissa?

— Sim, eu adoro! Farei o que me pedir, senhor.

— Então eu posso espancá-la com um chicote, dar umas bofetadas na sua bunda e depois te comer com selvageria?

Ela lambeu os lábios, excitada e apenas concordou com a cabeça. Seus olhos estavam brilhantes e suas bochechas ficaram ainda mais coradas. Sorri. Um sorriso controlado, camuflando todos os meus motivos por estar ali, me sujeitando a ser um carrasco de uma moça que eu mal conhecia. Mas eu precisava punir alguém, descarregar a minha frustração e sofrimento em outra pessoa. Eu estava cansado de dominar as minhas emoções. Eu queria era

extravasá-las.

— Tire sua roupa e fique apenas de calcinha.

Lua obedeceu na hora, se despindo com urgência. O corpo era ainda mais tentador sem aquelas roupas que ela usava. Os seios eram pequenos, mas redondos e firmes, as pernas longas bem torneadas e a bunda com gomos avantajados. A pele era branca e imaginei o quanto ela não poderia ficar vermelha pelo golpe do chicote. Aquilo pareceu uma loucura, mas senti um tesão filho da puta ao imaginá-la levando chicoteadas no corpo. Eu estava enlouquecendo!

— Deite-se de bruços em cima daquela mesa que eu amarrarei seus pulsos.

Sem nada dizer, ela fez o que recomendei e se colocou debruçada na mesa, com os braços abertos e a bunda empinada em minha direção. Amarrei seus pulsos com as algemas de couro e peguei o chicote. Eu estava com pressa e então comecei a golpear a sua pele, deixando marcas vermelhas onde batia. Lua arfava, mordida os lábios e se contorcia um pouco.

Enquanto a chicoteava, a minha visão ficava embaçada e eu via Maria Flor no lugar da Lua. O corpo moreno da minha ex-paciente se misturava ao branco da garota. Pisquei tentando afastar aquele devaneio para longe. Praguejando meu subconsciente por não parar de pensar um segundo sequer naquela que me traiu e arrancou o meu coração sem piedade.

Atirei o chicote para longe e parti para cima da garota, arrancando sua calcinha, baixando o zíper da minha calça jeans. Deslizei um preservativo em meu pau e agarrei com força os quadris da Lua, puxando-os de encontro a mim. Fechei os olhos e entrei nela com tudo, bombeando como um louco. A garota soltou um gritinho prazeroso e começou a rebolar em meu pau, mostrando que estava gostando do meu jeito nada carinhoso.

— Gosta de ser castigada, sua putinha ordinária? — Dei uma palmada com força na sua bunda e ela gemeu.

— Ahhh sim, senhor! Isso! Sou uma puta que merece ser muito castigada!

— É uma puta traidora! E meninas assim merecem muito castigo! — disse obstinado, desferindo palmadas em sua pele.

Eu a comi como um animal, estocando fundo e rápido. Fechei os olhos e passei a meter com tudo, tentando me concentrar no sexo. Eu estava espancando a Lua, mas a verdade era que o castigo não era para ela e sim para mim. Eu precisava daquilo. Precisava esquecer Maria Flor e de tudo que ela fez comigo, transformando a minha vida em um deserto sem fim. Ela era a minha vida e agora estava sendo a minha morte. Eu não era mais eu. Era apenas um homem sem coração, sem sentimentos, perdido em meu sofrimento sem fim.

Algo estranho aconteceu. Comecei a me sentir sufocado, com o coração batendo como um louco, a mente girando, o corpo suado. Tentei dissipar esse pensamento incômodo para longe e retornei com os movimentos punitivos, comendo a boceta da Lua sem dó. Quando dei por mim, gozei forte, de maxilar cerrado, olhos semicerrados. A minha cabeça ainda girava e meu corpo tremia. O que eu nunca imaginei sentir veio: a culpa. Eu estava descontando os meus problemas em uma pessoa que desconhecia.

Saí de dentro da Lua, mais desnortado do que estive um dia. Mal deu tempo de eu desprender as algemas de couro e me distanciar dela. A garota me olhou com espanto, sem entender o que estava acontecendo. Eu não a encarei enquanto guardava o preservativo no bolso da calça jeans e fechava o zíper.

— Esse é o dinheiro que eu devo a você! — Tirei umas notas de dentro da carteira e joguei em cima da mesa. — Desculpe por tudo! — e dizendo isso, eu deixei o local em disparada. Com o coração esmigalhado, a mente na maior confusão e o peito explodindo.

Eu havia me tornado um monstro e não um homem. Eu não era digno nem de piedade.

Atendi a uma paciente e estava me preparando para atender outra, quando Suzana me telefonou dizendo que Maria Flor estava ali e queria falar comigo. Fiquei mudo ao telefone, sentindo uma irritação fora do normal tomar conta de mim. Era muito raro acontecer de eu ficar incomodado com algo, mas depois de tudo que eu descobri sobre Maria Flor, eu havia mudado muito. Andava sempre inquieto e qualquer coisa me tirava do sério.

— Diga para a senhorita Maria Flor que ela não é mais minha paciente e que eu não vou recebê-la em meu consultório — rosnei ao telefone.

— Pode deixar, doutor.

— Pode dizer para o próximo paciente entrar. — Respirei profundamente. Não era nada fácil saber que Maria Flor estava do lado de fora a minha espera. — Suzana, se a senhorita Maria Flor insistir muito, você chame o segurança do prédio. Entendeu?

— Sim. Eu entendi, doutor João Paulo.

Desliguei o telefone muito incomodado. Busquei o fôlego e tentei manter a razão presente. O meu próximo paciente, um rapaz de vinte e poucos anos, estava entrando e se sentando na poltrona a minha frente para mais um dia de sessão.

Após atender mais uma senhora, eu finalizei o meu expediente. Guardei alguns papéis em minha valise e saí. Levei um choque ao ver que Maria Flor ainda estava ali a minha espera. E o pior de tudo é que ela não estava sozinha. O tal do Pedro estava com ela. Trinquei o maxilar sem acreditar no que estava vendo.

— JP, nós precisamos conversar — ela sussurrou enquanto se levantava da poltrona e me encarava com olhar angustiado.

Mantive a minha postura séria e até mesmo fria. Não iria enxotá-la para fora dali, mas também não a trataria como um velho amigo. Suzana nos olhava com expectativa para saber o que iria acontecer.

— Suzana, você já pode ir.

— Sim, doutor — ela respondeu pegando suas coisas e se retirando.

— O que vocês estão fazendo aqui no meu consultório? — indaguei em um rosnado sentindo a raiva me dominar. Eu não estava suportando ver Maria Flor ao lado do Pedro.

— Eu sei que você esteve na minha casa outro dia, JP. Eu vi as flores...

— Sim, eu fui até lá! Peguei você e seu... “namoradinho” na maior cena romântica — bradei enfurecido dando um passo à frente. — Quanto tempo você me enganou, hein Maria? Quanto tempo você e esse cara curtiram com a minha cara?

— Ei, calma aí, doutor. Não é o que você está pensando — Pedro se pronunciou tomando partido da situação. Aquilo me deixou ainda mais possesso.

— Quero que vocês deem o fora daqui! Senão eu vou chamar os seguranças!

— O que você está pensando, JP? Que eu te enganei? O que você viu lá está longe de ser uma cena romântica. — Maria Flor falou um pouco nervosa.

— Você não me enganou, Maria Flor. Você me usou. É muito diferente! Vocês dois se divertiram a minha custa. — Me aproximei um pouco mais de Pedro e ele arregalou os olhos, espantado. — Quero que saiam daqui! Porra!

— Doutor, para tudo tem uma explicação. Por favor, se acalme, eu vou...

Não dei tempo para que Pedro terminasse a frase e o acertei com um soco no nariz. Ele cambaleou com o golpe e se apoiou no encosto da poltrona de espera. Eu me surpreendi comigo mesmo, pois nunca tinha agido por impulso na minha vida. Mas naquele momento a raiva e o ciúme estavam me deixando desnortado. Eu não respondia por mim.

— Meu Deus! — Maria exclamou apavorada acudindo o namoradinho. — Você está louco, PJ?

— Flor, eu acho que ele quebrou o meu nariz! — gemeu Pedro tentando conter um pouco do sangue que começava a escorrer. — Você é doente, cara! Não sabe merda nenhuma!

— Sei que vocês dois são amantes! Que fui enganado, traído. Isso é merda nenhuma para você? — rosnei avançando sobre Pedro para socá-lo outra vez. Eu não via nada a minha frente e estava obstinado em acabar com o meu rival. Com aquele que roubou o meu amor de mim.

— JP, pare! Pare! Pedro é meu irmão! — gritou Maria Flor.

Fiquei petrificado. Interrompi os golpes e me distanciei do Pedro ainda em choque, olhando para o rapaz que estava com o rosto inchado e o nariz sangrando. Santo Deus! Maria Flor nunca me disse que tinha irmãos. Ela vivia falando que era sozinha. A única pessoa da família que ela falou durante as sessões foi da sua mãe.

— Irmão?! — sussurrei passando a mão pelo rosto, nervoso. — Você nunca me disse nada. Por quê?

— Precisamos conversar... Tem muita coisa sobre mim que você não sabe — disse Maria ao lado do Pedro, que me olhava com raiva. Também pudera, eu quase quebrei o nariz dele. — Mas antes eu preciso cuidar do meu irmão. Preciso levá-lo a um pronto socorro.

— Não precisa, Flor. Eu me viro sozinho.

— Como não?! Você precisa fazer curativo. Seu rosto está ficando inchado!

— Eu sou o culpado por tudo isso. Eu levo o Pedro até um hospital — disse me sentindo um merda por ter socado o rapaz.

— Não precisa, cara. — Pedro ergueu a mão para mim. — Estou com raiva de você, mas entendo os seus motivos. No seu lugar eu agiria da mesma maneira.

— Eu faço questão, por favor!

— Doutor, eu me viro sozinho. Não se preocupe. Eu não vou dizer a ninguém que foi você que fez essa merda no meu nariz. E nem vou dar queixa, fique sossegado! Eu só quero que ouça a minha irmã. Ela tem muita coisa para te falar. Espero que seja homem o bastante para suportar o que ela tem para dizer. A dor que a Flor traz no coração ninguém vai curar tão cedo.

Gelei com a declaração dele. Maria Flor me encarou com os olhos marejados e tive vontade de socar a mim mesmo. Fui estúpido e inconsequente. Não a deixei se explicar e acabei ferindo um inocente. Como cheguei a esse ponto? Sempre fui um homem pacato, avesso a brigas e desavenças.

— Mas, Pedro...

— Flor, não se preocupe comigo. Isso aqui não foi muito grave. Vai ficar um pouco inchado, mas logo passa. Vocês precisam conversar e se entender. Eu vou passar numa farmácia e comprar gaze, mertiolate e água — ele falou tentando tranquilizá-la e me olhando de canto de olho. — Eu te espero no estacionamento. É só me ligar quando tiver acabado a conversa com o doutor “nervosinho”.

— Tem certeza, Pedro? — Maria indagou com olhar preocupado.

— Tenho sim! Eu vou ficar bem. A gente se vê daqui a pouco. — Ele a abraçou e se retirou.

Maria Flor se virou para mim e me encarou. Ela estava nervosa e eu também. Corri os dedos em meu cabelo, buscando o controle que tinha perdido. Então respirei fundo e apontei para a minha sala.

— Por favor, entre.

Um pouco receosa, ela passou por mim e se acomodou no sofá. Fechei a porta e me sentei ao seu lado. Maria Flor corria os dedos trêmulos na barra da saia de seu vestido enquanto eu tomava fôlego para ouvi-la.

— Vai ser muito doloroso para mim, JP. Eu nunca falei sobre isso com ninguém.

— Eu estou aqui para ouvi-la.

— Eu sei, mas nada que eu faça vai mudar o meu passado. Nada que eu faça vai fazer diminuir a minha culpa. — Ela respirou fundo, como se tivesse tomando coragem para continuar. — Não existe perdão para o que eu fiz.

Precisava ouvi-la, mas, sobretudo, precisava compreendê-la. E era isso

que eu faria.

Dez

Maria Flor

Eu nunca imaginei que me abrir com JP pudesse ser tão difícil. Não era uma sessão de terapia. Eu não estava ali para relatar coisas superficiais da minha vida, como fiz até hoje em todas as sessões, sempre escondendo o verdadeiro motivo da minha angústia. Eu estava ali para contar a verdade para ele e me expor como nunca havia feito na vida. Por um momento me senti mais vulnerável ainda, sem saber por onde começar ou o que dizer. JP precisava de uma explicação e eu precisava desabafar.

— Eu não sou filha única. Tenho dois irmãos. Um deles é o Pedro que você conheceu de maneira equivocada e que quase quebrou o nariz — bradei ainda um pouco indignada com a brutalidade com que JP agiu contra o meu irmão. — E o outro... Bem, o outro é o Gustavo, que você viu no porta-retratos da minha casa.

JP ergueu as duas sobrancelhas em espanto e me encarou sem entender. Ele não sabia que eu vi quando ele colocou a fotografia em cima do móvel. Eu não quis explicar nada aquele dia, pois achava que isso nunca fosse acontecer. Eu pensava que nunca teria que dar explicações sobre o Gustavo para outra pessoa que não fosse a minha família.

— Então aquele rapaz que estava na foto com você não era o Pedro?

— Não, o Gustavo e Pedro são gêmeos idênticos, JP.

— Eu nunca cogitei essa ideia... — Ele passou a mão pelo rosto e parecia um pouco agitado. — Maria Flor, eu sei que agi errado com o Pedro,

mas eu não sabia quem ele era e imaginei coisas...

— Você não devia de ter socado o meu irmão. Se tivesse escutado o que ele tinha para te dizer, isso não teria acontecido.

— Eu sinto muito! Agi por impulso e acabei me descontrolando. Me perdoa! — Ele segurou minha mão e senti seu calor me atingindo. Meu coração disparou e os sentimentos me inundaram. Eu estava apaixonada por JP, mas antes de me declarar, precisava contar para ele a minha história, os meus pecados.

— JP, eu não sou uma pessoa boa. — Puxei a minha mão da sua e o encarei.

— Do que você está falando? Você é uma pessoa do bem, Maria Flor.

— Não! Eu não sou! — Me levantei sentindo uma agitação fora do normal tomar conta de mim. — Têm coisas que eu não te contei. O meu passado é muito sujo, manchado por pecados, pela perda e pela dor.

— Então me conte! Eu estou aqui para ouvi-la. — Ele apontou para o espaço vazio ao seu lado. — Sente-se aqui!

Eu voltei a me acomodar no sofá me preparando para começar o relato sobre minha vida. Era tão difícil falar sobre o Gustavo, que fechei os olhos em agonia, sentindo o coração martelar. Eu precisava perdoar a mim mesma se isso fosse possível e tentar levar uma vida normal. Embora eu pensasse que talvez isso nunca acontecesse.

— Meu pai era viúvo quando minha mãe se casou com ele. Do antigo casamento, ele tinha dois filhos gêmeos: Pedro e Gustavo. Na época os dois tinham quatro anos e eram muito pequenos ainda. Minha mãe os criou como se fossem filhos dela. Logo depois que ela se casou, engravidou de mim. Eu nasci cercada de amor e proteção por todos os lados. Além de meus pais, eu tinha dois irmãos que me amavam muito e faziam tudo por mim. Você se lembra de que eu te falei que eu parti o coração de uma pessoa uma vez? — JP assentiu com a cabeça. — Era o Gustavo, o meu irmão.

— Você está me dizendo que partiu o coração do seu meio irmão, Maria? — JP me olhava como se procurasse compreender o que eu havia

acabado de dizer.

— Sim. — Respirei fundo tomando mais coragem para continuar. — Quando eu fiz quinze anos, meus pais deram uma festa para comemorar. Gustavo foi o meu par na valsa. Ele não saía do meu lado e estava sempre atento a tudo. Não deixava que os outros garotos da festa se aproximassem muito de mim. No início eu achava que era normal a superproteção que recebia dele, esse amor fraterno... Mas com o tempo, eu percebi que ele me amava de outro jeito. O que ele nutria por mim era amor de homem e mulher. — Fechei os olhos por um momento enquanto as lembranças invadiam minha cabeça.

— Gustavo se apaixonou por você?

— Foi um amor louco...

— Meu Deus! — JP passou os dedos em seu cabelo loiro, nervosamente. — Mas você sabia que o sentimento dele era outro?

— Eu não fazia ideia. Como eu disse, eu era muito nova para compreender isso.

— Isso é muito grave!

— Têm coisas bem piores. — JP arregalou os olhos e me olhou atentamente. — Logo depois que fiz quinze anos, Gustavo declarou seu amor por mim. Eu fiquei assustada e sem saber o que fazer. Falei para ele que nós éramos irmãos de sangue, que éramos filhos do mesmo pai. Mas ele não me ouvia. Para ele eu não era sua irmã, e sim a garota por quem ele havia se apaixonado. Não contei para meus pais, apenas comentei com o Pedro. Ele ficou tão apavorado quanto eu. Na época, Pedro estava começando a namorar a sua atual esposa. Então ele me deu uma ideia, uma louca ideia. Disse que era para eu arranjar um namorado. Só assim o Gustavo iria entender que o que eu sentia por ele era amor fraternal.

— E você seguiu o conselho do Pedro?

— Segui. Eu comecei a namorar um colega de colegial, o Renato. Isso foi o início e o fim de tudo. — Balancei a cabeça sentindo uma fisgada no peito, uma agonia imensa tomando conta de mim. — Gustavo não aceitou

o meu namoro e implorou para que eu terminasse com meu namoradinho, mas continuei com o Renato. Então, meu irmão ficou louco! Ele começou a me vigiar direto, quando eu ia e voltava da escola. Ele me seguia. Faltava em muitas aulas na faculdade e até mesmo no emprego, onde trabalhava como aprendiz em uma empresa de informática. — Prendi os lábios enquanto JP segurava minha mão, me dando alento. — Uma noite, depois que eu havia saído para ir ao cinema com o Renato, eu cheguei em casa e estava tudo silencioso. Meus pais já estavam dormindo e não havia sinal do Gustavo e nem do Pedro, que havia saído com a namorada. Era noite de sábado, véspera de Páscoa. Fui para o meu quarto e quando entrei encontrei um bilhete em cima da cama. Era uma carta de despedida. — Não suportei o sofrimento comecei a chorar. — Fiquei transtornada com o que eu li e saí correndo em direção à garagem, onde ele disse que estaria. Quando eu cheguei lá... Eu o vi... Ele est-tava... Gustavo havia se enforcado. Meu irmão tirou a vida por minha causa.

Desabei mergulhada no peso da culpa. JP me envolveu em seus braços, beijando o topo da minha cabeça, afagando meu cabelo. A dor era tanta que rasgava o meu peito. Era como se eu estivesse vivenciando tudo aquilo de novo. Foi inevitável não me lembrar de quando encontrei meu irmão sem vida, pendurado no teto da garagem. Aquilo me atormentava em meus pesadelos diários. Era raro o dia em que eu dormia e não sonhava com aquela cena horrenda.

— Eu fui a culpada, JP. Gustavo tirou a vida por minha causa...

— Maria, você não foi a culpada por isso. Seu irmão precisava de ajuda especializada. Ele estava fora de si.

— Você não entende... Meus pais descobriram tudo e a família desmoronou. Eles me culparam pelo que aconteceu com o Gustavo. O único que ficou do meu lado foi o Pedro. Meu pai ficou tão triste que entrou em depressão. Dois anos depois ele faleceu de tristeza. Foi então que decidi sair de casa e cair no mundo. Eu me achava uma puta que havia seduzido o próprio irmão e acabado com a vida dele. — Bradei entre soluços, me sentindo a pessoa mais abominável do mundo.

— Minha Flor! — JP me abraçou apertado me consolando enquanto eu

me afogava em meu pranto. — Você não teve culpa de nada. Seu irmão era doente e precisava de ajuda.

— Não! Eu sou a única culpada! Eu sou um monstro, JP!

— Maria, não se culpe mais pela morte do Gustavo. — Ele ergueu meu queixo e secou minhas lágrimas. — Depois de tudo que você me contou, agora eu entendo o porquê você agia da maneira como agia.

— Você entende?!

— Sim! Você estava tão perdida no seu sofrimento e na sua culpa, que a maneira que você usava para extravasar tudo isso era através da dor e do prazer. Você se castigava em busca de alívio, Maria Flor.

— Em busca de paz. Coisa que nunca tive!

— Mas agora tudo ficará bem! Nós iremos trabalhar o seu lado emocional. Eu vou cuidar de você, minha Flor! Nunca a deixarei sozinha — disse carinhosamente beijando o topo da minha cabeça.

— Você não me odeia?

— Odiar você?! — exclamou indignado, me encarando com emoção. — Ah, minha linda Flor, eu te amo!

— Eu te feri tanto... Nem sei se mereço o seu amor.

— Merece isso e muito mais. Você merece tudo que há de melhor nesse mundo. — JP acariciou meu rosto e perguntou: — Mas eu preciso saber o que sente por mim, Maria.

Olhei para seus olhos azuis e tremi. JP era o homem mais sentimental e forte que conheci em minha vida. Ele era o responsável por ter me libertado de meus medos, por ter mostrado que existia esperança para mim quando nem eu mais acreditava que fosse possível. Acariciei seu cabelo loiro, seu rosto, sentindo sua pele, seu calor. JP suspirou e agarrou firme a minha mão.

— Você é um ser humano ímpar, João Paulo. Você me fez acreditar no amor e senti-lo novamente. Você me resgatou das profundezas do meu sofrimento e me trouxe de volta a vida. E é por isso que eu te amo! — falei

emocionada com o peito explodindo de tanto sentimento

— Minha Flor... — JP sussurrou e então me beijou apaixonadamente.

A partir desse momento eu sabia que ali havia nascido uma nova mulher. Uma mulher apaixonada pela vida e determinada a viver ao lado do homem que eu amava e que me amava também. E era somente isso que importava.

Onze

João Paulo

Saímos do meu consultório e encontramos o Pedro do lado de fora. Maria Flor conversou com ele e explicou tudo, que nós havíamos nos acertado. O rapaz me olhou receoso, ainda com o rosto um pouco inchado. Dei um passo a frente e apertei sua mão, pedindo desculpas de novo pelo acontecido e dizendo a ele que eu e Maria nos amávamos. Maria também se pronunciou dizendo que iria comigo para sua casa. Pedro fez uma careta, mas não se opôs. Ele se despediu de nós e deixou o local.

Entramos em meu carro fomos direto para a casa de Maria Flor. Eu não via a hora de tê-la em meus braços. Entramos abraçados e colamos nossos lábios com urgência, nos beijando apaixonadamente. Ela com as mãos em meu cabelo, eu com as minhas em seu corpo.

Fechei a porta com um pontapé e cruzei o corredor em direção ao seu quarto. Deitei-a na cama e me uni a ela. O desejo estava me matando e a saudade me consumia. Esses dias sem vê-la foi uma tortura pra mim. Parecia que eu tinha padecido em um purgatório. Maria Flor era a luz da minha vida. Eu não sabia mais viver sem ela.

Deslizei uma das mãos em direção a sua boceta e ela gemeu. Mas não foi um gemido de prazer e sim um lamento desconfortável. Descolei meus lábios dos dela, um pouco preocupado e encarei seus olhos esverdeados.

— O que foi, meu anjo?

— Estou com cólicas... — Ela torceu os lábios em desgosto e eu sorri afagando seu rosto.

— Está nos seus dias?

— Não... É TPM somente.

— Você tomou algo para dor? — Rolei para o lado e ela se aninhou em meus braços.

— Sim! Antes de ir até o seu consultório, eu tomei um chá de camomila. Mas ainda estou com um pouco de cólica.

— Então logo ficará boa. — Beije o topo de sua cabeça e ela suspirou.

— Senti muita saudade de você, JP. Demais! A falta foi tanta que chegou a doer. Eu estou doente? — Ela ergueu os olhos para me fitar.

— Nesse caso eu também estou doente, porque a sua ausência quase me matou. Não posso mais ficar longe de você, minha Flor. Nunca mais! — confessei com o coração explodindo de tanto amor.

— Nem eu...

Maria Flor se ajeitou melhor na cama, se apoiando em um dos cotovelos. Eu fiz o mesmo e ficamos de frente um para o outro. Olhos nos olhos. Podia sentir os sentimentos transbordarem dentro dela e chegarem até mim. O que eu mais queria estava acontecendo: Maria Flor estava aberta para a vida e para tudo de bom que ela oferecia.

— Senti falta do seu toque, de suas mãos em mim, de seu gosto e seu cheiro — falou com olhar brilhante, apaixonado. — Pensei tanto em você que mal consegui trabalhar direito.

— Eu sei... Para mim também foi difícil — falei me recordando da falta que ela me fez esse tempo todo que estivemos separados.

— JP, eu estava imersa no meu sofrimento, sem saber o que era amor. Eu não tinha dimensão disso até que conheci você. Você usou táticas para me mostrar o que eu realmente *precisava*. E depois de tudo, eu concluí que a única coisa que preciso é do seu amor — disse em um sussurro enquanto

lágrimas começavam a molhar o seu rosto.

Meu coração disparou. Era como um sonho que se tornava realidade. Apaixonado, eu a puxei para meus braços e coleí minha boca na sua. Foi um beijo repleto de amor, sentimento, saudade, mas, sobretudo, foi um beijo de entrega, sublime e indescritível.

Maria Flor me beijava com a mesma ânsia, me apertando forte contra seu corpo. Senti seu coração batendo acelerado, no mesmo ritmo do meu, tornando tudo realidade. Acaricieí seu rosto, com a ponta dos dedos e sequeí suas lágrimas, que teimavam em cair. Ela abriu os olhos cheios de sentimentos e me fitou. Beijei seus lábios com ardor, enquanto nos abraçávamos e nos esfregávamos sobre os lençóis. Maria Flor me beijava, movendo seus lábios macios contra os meus, apalpando meus bíceps, arranhando minha pele. O tesão me invadiu e tive uma vontade absurda de senti-la, de fazer amor com ela.

Para minha surpresa, ela começou a me despir com ansiedade, arrancando minhas roupas e sapatos. Fiz o mesmo com suas vestes, que se uniram as minhas no chão. Estávamos nus em cima da cama, nos olhando com paixão.

— A dor passou?

— Sim! Quero você... Quero sentir você dentro de mim. — Maria Flor beijava e lambia meu pescoço, muito ansiosa.

— Ah, eu também quero você, minha Flor. Quero me fartar com você todos os dias.

Ela inclinou um pouco a cabeça para trás e sorriu, vindo para cima de mim. Contornou meu peito com a língua, mordiscou meus mamilos eletrizando a minha pele. Grunhi ensandecido, fechando os olhos e entrelaçando os dedos em seu cabelo. Mas a minha amada tinha planos mais perversos para me matar de prazer. Ela continuou seu caminho, beijando e lambendo o meu corpo até dar uma mordida em minha coxa. Eu me surpreendi com sua ousadia e iniciativa. Maria Flor estava se mostrando uma amante controladora, feminina e determinada.

Abri os olhos e encontrei os dela faiscantes, me encarando com ar malicioso. Escorregou um pouco mais a língua e agarrou meu pau com firmeza. Lambeu os lábios me provocando, enquanto me masturbava com sua mão delicada de dedos pintados de esmalte escuro. Ela não se fez de rogada, abaixou a cabeça e roçou seus lábios na ponta. Minhas entranhas se contorceram de imediato quando ouvi um gemido escapar de sua garganta na hora que abocanhou meu pau metendo-o para dentro de sua boca.

— Ah, porra!

Maria Flor aumentou a pressão e passou a me chupar com força, se deliciando comigo. Enterrou até o fundo e senti sua garganta úmida e quente. Comecei a mover os quadris para cima, comendo a sua boca que estava me deixando doido. Ela não me deu tréguas e beijou, lambeu toda a extensão, agarrando minhas bolas, acariciando-as.

Sabia que não aguentaria muito tempo e não queria gozar em sua boca. Então, agarrei seu cabelo, puxei-a e joguei de barriga para cima na cama. Inverti as posições e vim com tudo para cima dela, rosnando em seu pescoço. Maria Flor arquejou, mordendo os lábios se esfregando em mim. Ela queria me deixar doido e estava conseguindo.

— Abra as pernas para mim, minha Flor safada — ordenei em seu ouvido, chupando o lóbulo de sua orelha.

Ela obedeceu na hora. Eu me aconcheguei em seu ventre com o pau tão duro e inchado que doía. Estava doido para amá-la de todas as formas.

— Vem, JP! — Maria Flor entrelaçou suas pernas ao redor da minha cintura e me puxou para cima dela com fúria.

Rocei a cabeça do meu pau em sua boceta molhada e a penetrei. Ela gemeu alto e me beijou com urgência, lambendo e sugando a minha língua. Movi os quadris e a comi violento. Ela era quente e estrangulava o meu pau. Meti fundo, abrindo mais espaço, deixando o prazer intenso tomar conta de tudo.

— Como você é quente e gostosa. — Cravei os dentes em seu ombro e dei um chupão com força ali, fazendo-a delirar e arranhar as minhas costas.

Escorreguei a mão em direção ao seu clitóris e comecei a manipulá-lo, preparando-a para o orgasmo. Enquanto a fodia gostoso, inclinei sua cabeça para trás e distribui beijos em seu pescoço, subindo até o seu ouvido, metendo a língua para dentro.

— Essa boceta gostosa é minha. *Você é minha.* Minha Flor para sempre!

— E você é meu, meu amor para sempre!

Encarei seus olhos que traduziam todo o sentimento que ela sentia naquele momento, e não tive dúvidas que Maria Flor era minha antes mesmo de tudo acontecer entre nós. Ela era minha antes de me conhecer e eu era dela. Queria passar o resto de minha vida ao seu lado, compartilhando os bons e maus momentos, descobrindo mais e mais dessa mulher que roubou o meu coração, que aprendeu o que era amar e que me ensinou também o que era o amor em sua plenitude.

— Move essa bunda enquanto eu te como até gozar.

E Maria Flor obedeceu. Ela inclinou o quadril para cima e ajudou na penetração, rebolando sem parar. Senti que sua boceta começava a se contrair ao redor do meu pau, me devorando. Quando dei por mim, ela estava convulsionando de prazer, gemendo alto, mergulhada em um gozo intenso e delirante. Rosnei ensandecido e a segui, me esvaindo dentro dela.

— Flor... Minha Flor! — sussurrei enquanto derramava jatos de sêmen dentro dela.

Suamos e arquejamos juntos, com o corpo colado um ao outro, com os corações acelerados. Por fim desabamos na cama, exaustos de prazer e inundados pela paixão. Maria Flor apoiou sua cabeça em meu peito e dormimos agarradinhos.

Epílogo

Maria Flor

Dois meses depois...

Eu estava mergulhada em minha dor, fechada para o mundo e para tudo de bom que ele podia oferecer, mas um homem salvou minha vida de todas as maneiras. Abriu não somente os meus olhos, mas também o meu coração. João Paulo me resgatou da escuridão e me mostrou a luz.

Eu nunca imaginei que quando eu entrei pela primeira vez em seu consultório, eu teria uma das experiências mais profundas que mudaria a minha vida. Eu me redescobri como pessoa, como mulher, como ser humano. Voltei a acreditar no amor e em tudo que ele era capaz de fazer. Ao lado de João Paulo eu me sentia feliz, segura realizada. Sabia que nada no mundo podia ser mais grandioso do que sentíamos um pelo outro.

Conheci a mãe de João Paulo, dona Clotilde, que me tratou como uma filha. Ela ficou muito feliz por saber que nós estávamos namorando. Infelizmente, eu não voltei para casa. Pensei melhor e decidi que ainda não era tempo de encarar a minha mãe. Recomendei ao Pedro que a avisasse que eu estava bem e feliz. Eu pedia a Deus para que ela me perdoasse pelo que aconteceu com Gustavo e com meu pai. Talvez um dia a minha mãe me perdoasse. Talvez um dia eu mesma me perdoasse.

Iniciei as análises com a doutora Vânia e não perdia uma sessão. A

terapia estava me fazendo bem. Eu já não me culpava tanto pelo acontecido e tentava aprender a lidar com isso. Eu sabia que não seria fácil, mas eu estava tentando. Em nome do amor que sentia pelo JP eu tentaria.

Eu estava muito feliz ao lado de JP, na areia, esperando pela chegada do ano novo. Decidimos receber o ano que se inicia na praia, junto com os demais. Ambos vestíamos roupas claras. Eu optei por um vestido branco de seda, solto da cintura para baixo e sandálias brancas. JP estava vestindo camisa e bermuda cargo branca e um sapatênis. O cabelo loiro estava em desalinho por causa da brisa suave que soprava do mar e os olhos azuis estavam brilhantes, fixos em mim.

— Você é tão linda, minha Flor! — Ele entrelaçou seus dedos aos meus e beijou rapidamente os meus lábios. Flutuei como sempre, com o contato de sua boca na minha. Era sempre assim quando ele me tocava ou me beijava, eu me sentia em outra dimensão, apaixonada.

— Hum... Você está um gato, meu amor. — Sorri e afaguei seu cabelo.

Estávamos nos acariciando com amor, quando Fábio, amigo de JP, se aproximou acompanhado de uma garota loira e alta.

— Desculpe pelo atraso, gente, mas tivemos alguns imprevistos — Fábio disse se explicando e trocando um olhar significativo e malicioso com a moça que estava ao seu lado.

— Quase que chega no ano que vem, Fabinho. — JP debochou do amigo que fez uma careta para ele. — Faltam cinco minutos para a meia-noite.

— Gente, essa é Pâmela, minha namorada.

Após as devidas apresentações, eu olhei para o lado e vi Marlon Brandon acompanhado de uma moça. Ela era bonita, morena, cabelos e olhos castanhos. Sorridente, acenei para ele que sorriu de volta, muito animado com a garota. Eu me recordei das cantadas desajeitadas que Marlon me deu durante um tempo e não pude deixar de achar graça. Sempre o tratei como amigo e nunca dei a entender que o nosso relacionamento seria mais do que amizade. Eu notava que ele queria algo além, mas ficava na minha. Agora, eu estava feliz por saber que Marlon havia encontrado alguém.

Desejava que ele fosse tão feliz quanto eu era com JP.

Meu namorado pegou o espumante que estava dentro de uma pequena caixa de isopor e duas taças. Fábio fez o mesmo e aguardamos a contagem regressiva. Ao som de fogos de artifícios recebemos o ano que se iniciava. Aquele que seria o primeiro dos melhores anos de minha vida. Eu estava radiante ao lado do homem que eu amava, que foi meu salvador, meu cavaleiro de armadura brilhante, meu tudo.

Feliz e realizada, eu abracei meu namorado e trocamos um beijo apaixonado, enquanto sobre nossas cabeças, os fogos faziam a sua graça, iluminando a praia e o mar. Pedi em silêncio por muita coisa, mas, sobretudo, que esse amor que eu e JP sentíamos um pelo outro nunca tivesse fim. E eu sabia que não teria.

JP abriu o espumante, preencheu as taças e brindamos a alegria, ao renascimento e a uma nova vida juntos. Tomamos um gole da bebida e voltamos a nos abraçar, sentindo-nos plenos, realizados.

— Feliz ano novo, meu amor!

— Não! Feliz vida nova, que é isso que desejo para a gente. — Sorri e ele me seguiu.

— Ah, como eu te amo, minha Flor! — JP sorriu com os lábios próximos aos meus.

— Eu também te amo muito, amor! — E nos beijamos apaixonadamente.

Nesse momento eu não tive dúvidas que havia sido desvendada, desnuda de corpo e alma por esse homem, que agora, era dono não somente do meu corpo, mas do meu coração.

FIM

DEPOIS DAQUELA NOITE

Capítulo 1

Alice

O dia dos namorados está se aproximando e como sempre acontece nessa época, me sinto um pouco deprimida. Ser bombardeada ano após ano com propagandas de casais felizes e apaixonados enquanto passo o dia no sofá comendo chocolate não ajuda em nada o meu humor. Normalmente, o fato de estar sozinha não me afeta e passo os meus dias de forma tranquila. Porém, essa época do ano em especial, consegue me afetar.

Cansada de ficar pensando sobre o assunto, suspiro e retorno aos meus afazeres. A minha mesa está repleta de papéis e minha cabeça está nas nuvens. Combinação perfeita para levar uma bronca do meu chefe exigente e mal humorado. Concentro-me em redigir as últimas linhas de um relatório, quando Valéria, minha amiga e colega de trabalho, se aproxima da minha mesa, com um enorme sorriso nos lábios.

— Alice, você vai à festa de logo mais a noite, não é?

— Para ver o nosso arrogante, exigente e egocêntrico chefe Hamilton Albuquerque ganhar o prêmio de empresário destaque do ano? Não mesmo! — respondo com uma careta.

— Ele pode ser tudo isso, mas é um homem bonito e isso você não pode negar! — Eu reviro os olhos e volto a olhar para a tela do notebook.

— Talvez... — Dou de ombros, pois sei que o assunto favorito da Valéria é homem. Val come pensando em homem, trabalha pensando em

homem e dorme pensando em homem. Enfim, ela só pensa no sexo oposto 24h por dia.

— Você vai a essa festa, né Alice? — Ela volta a insistir.

— Não sei...

— Como não? — sussurra enquanto imprimo os relatórios que acabei de redigir.

— Val, eu não combino com essas festas de gente chique. E além do mais, eu acho que vou ao cinema assistir Vingadores 2. — Ela arregala os olhos, atônita. — Prefiro estar na companhia do Tony Stark, Capitão América e Thor do que assistir um grupo de gente metida a besta desfilando em seus modelos de grife e mostrando a nós, trabalhadores, que um de seus vestidos de gala custa mais do que um ano dos nossos salários.

— Você está dizendo que não vai?

— Não! — Eu me levanto e saio em direção ao arquivo para guardar as pastas e Val me segue.

— Eu acho que você vai mudar de ideia. — Ela sorri como quem guarda um segredo.

— E por que eu mudaria? — pergunto guardando as pastas em ordem alfabética no arquivo.

— Porque o senhor Hamilton informou que a presença dos funcionários na festa é obrigatória.

— Oh, claro! Para todos o verem ganhar o prêmio. Coisa mais esnobe, não acha?

— Ele disse que quem faltar a esse evento, pode passar na segunda-feira no RH para assinar a demissão.

Eu quase derrubo os documentos que tenho em mãos devido ao choque que essa informação me causa. O meu chefe está ameaçando demitir quem não comparecer a uma festa onde ele será o homenageado? Mas que filho da mãe! Sempre soube que ele era um egocêntrico, mas isso é um absurdo até

mesmo para ele.

— Isso é sério?

— Muito! — Val sorri. — Acho bom você correr para se arrumar. Ah, e coloque seu melhor vestido de festa. Eu te vejo a noite, no clube. — Ela dá uma piscadinha e deixa o arquivo.

Estou sem saída! Encurralada pelo meu chefe e sua petulância sem limites. Que raiva!

Capítulo 2

Alice

E por causa do meu chefe estou escorada no balcão do bar, usando o meu melhor vestido, um par de sandálias de salto alto que está simplesmente acabando com os meus pés e uma bolsa de mão que só uso em ocasiões especiais. Só Deus sabe o malabarismo que conduzi para me arrumar em um curto prazo de tempo. Depois que cheguei em casa e me banhei, sequei o meu cabelo castanho com o uso do secador e o deixei solto. Fiz uma maquiagem um pouco mais carregada para a noite, caprichando no *look* para realçar meus olhos cor de mel. Por último, Val me deu uma carona e saímos rumo ao clube. Tudo isso para salvar o meu emprego e assistir o senhor Hamilton tagarelar em cima do palco, agradecendo a todos pelo prêmio recebido.

Minha taça fica vazia pela quarta vez e quando eu me viro para o garçom para pedir mais champanhe, meus olhos se arregalam. CARAMBA! De onde saiu esse homem lindo que está no mesmo balcão que eu e me encarando de

volta? Uau! Um milhão de vezes uau! Até hoje, em meus 27 anos, eu não tinha visto um homem tão bonito e sedutor. Ele é alto, aparenta ter uns trinta e poucos anos, com cabelos e olhos castanhos escuros. Os olhos são tão escuros e penetrantes, que parecem chocolate derretido. Os lábios são bem desenhados e sensuais. Adicione a isso o fato de que ele está sorrindo e temos uma combinação letal. O terno parece ter sido feito sob medida, pois deixa claro que o desconhecido tem um corpo atlético. O sorriso dele se alarga e só então eu me dou conta que estou babando como se estivesse diante da sobremesa favorita. Que fiasco!

— Deixe-me pagar por essa taça. — Sua voz é rouca e atinge o meu corpo de forma intensa, me fazendo estremecer.

Ele quer pagar me pagar um drinque em um evento onde temos open bar? Eu abro um sorriso e não acredito que estou sendo cantada pelo bonitão. Juro! Até dou uma olhada ao redor para ver se ele está falando comigo mesmo ou se estou imaginando coisas após algumas taças de champanhe.

— Obrigada! — Sorrio sem jeito diante de seu olhar intenso. — Mas as bebidas são gratuitas nesse evento.

Ele volta a sorrir e meu corpo reage com esse sorriso. O estranho se aproxima e me entrega a taça de champanhe enquanto eu tento me controlar.

— Era apenas um pretexto para chamar a sua atenção — confessa, analisando todo o meu corpo. — Você é muito bonita e esse vestido lhe cai muito bem — elogia o modelo reto, *nude*, até a altura dos joelhos que uso.

— Obrigada! — agradeço pela segunda vez sem saber exatamente o que dizer diante dele.

— Eu estava me perguntando o que uma garota bonita como você faz sozinha neste lugar, em plena sexta à noite?

— E quem disse que estou sozinha? — respondo em um tom brincalhão. Ele dá uma risada gostosa e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Eu vi você chegar com aquela moça loira que está dançando com um cara, no meio da pista. — Ele aponta com a cabeça em direção a Val que dança alegremente com um amigo. — Vocês chegaram juntas, conversaram

com algumas pessoas e então ela saiu para dançar e você ficou aqui, sozinha. Se você estivesse acompanhada de um homem, ele estaria aqui com você agora.

Ele estava me observando todo esse tempo? Mas com que propósito? Bebo o restante de meu champanhe e o garçom me serve mais uma taça. Preciso de álcool para absorver o que está acontecendo aqui.

— Você é um ótimo observador, *estranho!*

— Eu só observo o que me interessa. — Ele sorri sedutoramente. — A propósito, eu me chamo Miguel — diz estendendo a mão em minha direção.

— Prazer, meu nome é Alice!

— Com prazer as coisas se tornam bem mais interessantes, não acha? — Ele aperta a minha mão e uma eletricidade atravessa o meu corpo.

Eu apenas abro um sorriso enquanto Miguel puxa um novo assunto. Conversamos alguns assuntos banais, mas em momento algum fornecemos informações pessoais. Ele não questiona a minha vida pessoal e nem eu a dele. É melhor assim.

— Quer dançar, Alice? — indaga deixando a taça vazia de champanhe em cima do balcão.

Por um momento deixo as minhas inseguranças ganharem espaço. Como um homem desses pode estar interessado em alguém como eu? Afinal, eu não sou a garota mais linda e sensual que está presente na festa hoje. Então, por que Miguel se interessou justamente por mim?

— E então? Dança comigo? — Sua voz grave e rouca me tira de meus devaneios.

— Claro. — Sorrio e aceito seu convite.

Miguel me conduz até a pista, com a mão em minha cintura. Nós nos misturamos ao pessoal que dança ao som de *Blame*, de Calvin Harris e Miguel me abraça, aproximando seu corpo forte e másculo do meu. Ergo meus olhos e encontro os dele me encarando com um brilho intenso. A fome

presente em sua expressão faz com que eu me sinta desejada e eu gosto disso. Faz algum tempo que ninguém olhava para mim dessa maneira, tão quente.

Avisto Val do outro lado da pista e ela está me observando com Miguel. Seu queixo está literalmente no chão ao ver o gostosão que está dançando comigo. Val pisca os olhos rapidamente e sorri, gesticulando para eu abraçar Miguel. Eu faço o que ela recomenda e envolvo meus braços ao redor do pescoço dele. Sou levada pelo embalo da música e me esqueço de tudo, apenas me concentrando no moreno deus grego que me segura forte pela cintura, dançando e sorrindo para mim.

Não sei se é o efeito do álcool ou se é a atmosfera do lugar que está me deixando mais leve e mais ousada. Eu não sou mais a Alice comportada que trabalha mais de 40h semanais, cumprindo ordens de um chefe carrasco e chato. Eu sou uma nova e sensual Alice. Farei como todas as garotas fazem: aproveitarei o momento.

— *Carpe diem!* — digo ao ouvido de Miguel as palavras em latim que traduzem o que eu me referi acima.

— *Carpe noctem!* — Miguel sorri e me puxa ainda mais perto de si, me surpreendendo com um beijo.

MEU.DEUS.DO.CÉU! Que beijo é esse? Miguel está praticamente me devorando com seus lábios macios. E para esquentar ainda mais a coisa toda, a sua língua invade a minha boca, se enroscando com a minha. Uma de suas mãos está agarrando firme a minha nuca, enquanto a outra está descendo, descendo, descendo as minhas costas, até se posicionar um pouco abaixo da minha cintura.

O beijo se aprofunda e eu me derreto em seus braços. Em resposta, Miguel geme em minha boca, me deixando louca de tesão. Sinto sua ereção contra meu ventre e minha calcinha fica molhada. Não vou negar que estou perdidamente atraída por esse estranho e que ele mexe comigo de uma forma que estou jogando os bons costumes para o alto. A única coisa que sei é que quero que ele faça comigo as coisas mais devassas que estou fantasiando neste momento. E sei que ele quer o mesmo, pois sua respiração está ofegante e ele se esfrega em mim, me atijando.

— Alice, eu quero você! — Miguel sussurra, descendo a mão que estava em minha cintura um pouco mais para baixo, quase segurando a minha bunda.

— Oh Miguel, eu também te quero!

— Vamos dar o fora daqui! — Miguel sorri segurando firme a minha mão e me conduzindo para fora do clube. — Hoje você vai conhecer o que é prazer de verdade.

Depois dessa declaração, o bom senso vai para o espaço e a luxúria toma conta de mim. Ah, quer saber! Nunca fiz nada de ousado na minha vida e hoje não perderei a oportunidade. Ainda mais com esse gato gostoso que tem a voz mais sexy que já ouvi na vida. Hoje eu irei aproveitar! E como!

Capítulo 3

Alice

Chegamos ao apartamento de Miguel, que fica em um bairro de classe média alta da cidade. O lugar é muito bonito e requintado. Pela decoração do lugar percebe-se que além de dinheiro, ele tem bom gosto.

Miguel fecha a porta e se vira para mim, me abraçando pela cintura e distribuindo beijos em meu pescoço. Envolvida pela presença desse homem sedutor, que está despertando um enorme tesão em mim, eu apenas aproveito para curtir o momento.

Uma de suas mãos acaricia o meu seio por cima do vestido, enquanto a outra está apertando a minha bunda. Seus lábios deslizam em direção a minha mandíbula e logo a sua língua está em minha boca, movendo-se esfomeada. Miguel me suspende do chão e me conduz até o sofá da sala de estar. Todo o percurso é feito sem desgrudar seus lábios dos meus. Ele tira o casaco e a gravata e joga em cima de uma poltrona.

— Gostosa! — Ele se detém próximo ao sofá, ainda abraçado a mim. Seus dedos são ágeis e vão em direção ao zíper do meu vestido, que se encontra no chão em questão de segundos. O mesmo acontece com o meu sutiã que se une ao seu casaco. — Caralho! Como você é linda!

Miguel está sorrindo e analisando cada curva de meu corpo, fazendo meu sangue bombear com rapidez. Não sei se é a timidez ou até mesmo o receio de estar nua diante dele que me faz cobrir os seios com os braços e abaixar a cabeça, desviando meus olhos dos seus.

— Não cubra seu corpo, Alice. Você é linda e eu quero olhar para você!
— Ele ergue meu queixo com uma mão enquanto com a outra afasta meus braços, expondo meus seios para si.

E, sem desviar seus olhos dos meus, Miguel começa a se despir, ficando somente de cueca *boxer* preta. Engulo em seco ao notar seu membro semiereto pronto para mim. Ele é lindo, corpo másculo, abdome definido. Um deus grego de verdade! Estremeço excitada e ele abre um sorriso sacana nos lábios, se aproximando. Sem se fazer de rogado, suas mãos se fecham em meus seios e logo a sua boca está me dando prazer, lambendo, mordiscando e chupando meus mamilos. Começo a gemer e agarro seu cabelo enquanto ele trabalha com sua boca, alternando as carícias entre um seio e outro.

— Estou doido para te comer, Alice. Vou te foder muito esta noite! — Sua afirmação saiu em forma de um rosnado, enquanto Miguel começa a alternar entre mordiscar e lamber o meu pescoço, indo até o lóbulo da minha orelha.

Aparentemente Miguel é do tipo de homem que fala obscenidades durante o ato sexual. Nunca tinha ficado com ninguém que fosse tão verbal durante o sexo. Estou literalmente ferrada, porque sua linguagem descarada está me excitando muito! Mais do que eu supunha!

Arfo e me debato quando sinto sua boca chupar forte o meu mamilo, enquanto a outra mão desliza para dentro da minha calcinha.

— Ahhhh, Miguel! — choramingo endoidecida quando sinto seu dedo pressionar forte o meu clitóris, estimulando-o para cima e para baixo.

— Essa boceta está molhadinha esperando pelo meu pau? — sussurra inserindo o dedo médio em mim. Misericórdia divina! Seu dedo trabalha tão bem dentro de mim que sem perceber eu começo a me contorcer e a gemer alto como uma louca.

Miguel faz movimentos exigentes, penetrando seu indicador bem no fundo, pressionando para cima em algum ponto específico que não qual é. Só sei que me deixa faminta, querendo mais. Sou estimulada pela sua língua que chupa os bicos dos meus seios, e pelo seu dedo que faz círculos dentro de mim.

— Porra! Que delícia! — Ele puxa os dedos para fora e leva-os a boca, sugando-os como quem saboreia um pirulito.

Observá-lo fazendo isso tem um efeito avassalador em mim e eu não sei exatamente o que é. Só sei que o tesão aumenta, me deixando em brasas.

— Tire a sua calcinha e sente-se na beirada do sofá. Fique de pernas abertas que eu quero ver a sua bocetinha.

Suas palavras sujas me enlouquecem. Um pouco trêmula, eu tiro a peça íntima e sento-me na beirada do estofado, abrindo as pernas e me expondo para ele. Seus olhos se fixam em minha vagina e um sorriso muito safado e sensual surge em seus lábios.

Miguel não faz rodeios, e ajoelha-se no meio das minhas coxas, segurando-as firme. Ele aproxima seu rosto de minha entrada e inala profundamente, soltando um gemido tão *sexy* que me faz trepidar de tesão. E, com os olhos presos aos meus, sua língua me invade. DELÍCIA! Suas lambidas são exigentes e profundas, quase se alimentando de mim. Ele alterna os movimentos entre lentos e rápidos, prendendo meu clitóris entre os dentes. E para esquentar ainda mais a coisa toda, seu dedo indicador volta a me penetrar, indo e vindo.

E que imaginava que sua língua não pudesse ser mais ágil, sou surpreendida novamente. Miguel está me matando no sexo oral. Enquanto ele mantém sua boca me devorando, uma de suas mãos sobe em direção ao meu seio, apertando-o e torcendo o bico entre o indicador e o polegar. Um movimento estratégico de seu dedo dentro de mim me faz soltar um grito desesperado de prazer. É o suficiente para eu me contorcer, arfando e dizendo coisas incompreensíveis. O orgasmo me inunda e deixa meu corpo mole, a mente girando e o coração batendo acelerado dentro do peito.

— Goza, gostosa! — Ele dá as últimas estocadas e puxa o dedo para fora. — O primeiro *round* foi perfeito. Agora vamos para o segundo! — Sorri me pegando no colo e caminhando em direção ao quarto.

Nossa Senhora das Pererecas Mal Acostumadas! E quantos *rounds* serão?

Capítulo 4

Alice

Miguel me coloca deitada sobre os lençóis e avança sobre mim, beijando meu pescoço, deslizando a língua em minha barriga. Não contente somente em distribuir beijos e lambidas, ele dá um chupão em minha barriga, fazendo-me arfar alto e serpentear sobre a cama. Suas mãos estão por todo o lugar, apertando a parte interna de minhas coxas, agarrando a minha bunda.

— Você é tão linda! Tão incrível! — elogia passeando as mãos em meus seios, encarando-me com luxúria e algo mais que não sei identificar neste momento. Seus olhos negros estão ainda mais escuros devido ao tesão. E enquanto ele me fita com intensidade, uma descarga elétrica atravessa o meu corpo e se aloja em minha vagina encharcada.

Sua cueca é jogada ao chão e seu pênis salta livre e duro diante dos meus olhos. Não tem como não admirar uma ereção como essa. Seu membro é grosso, grande, mas nada exagerado, com a cabeça robusta e rosada. Minha boca se enche de água e ergo meus olhos para encontrar os dele, ardentes e faiscantes. Parece que Miguel adivinha que estou louca para experimentá-lo e se ajoelha na cama, sorrindo daquele jeito sensual que me faz estalar de desejo.

Não me faço de rogada, se estou aqui e estou me dando ao luxo de ter um homem desses dando-me prazer, por que eu não fazer o mesmo para ele? Sento-me na cama e seguro firme o seu membro, beijando a cabeça levemente molhada pela sua excitação. O sorriso de Miguel desaparece do

rosto e sua expressão muda para algo muito quente e selvagem. Ele agarra meu cabelo pela raiz enquanto eu abocanho seu pênis em minha boca.

Chupo toda a extensão, indo e vindo, rodopiando a ponta com a língua, massageando suas bolas com uma das mãos. Isso tudo é feito sem desviar seus olhos dos meus. Repito o gesto e ouço um gemido gutural escapar de sua garganta e seus dedos se entrelaçarem ainda mais em meu cabelo. Aumento o ritmo e de repente, ele me segura firme pelos ombros, impedindo-me de continuar.

— O meu pau não quer gozar em sua boca. Não hoje! — E segurando firme, ele me joga de barriga sobre o colchão e abre minhas pernas. — Quero foder muito essa boceta gostosa.

Miguel abre rapidamente a gaveta do criado-mudo de onde tira um pacote de preservativo. Rasga a embalagem e desliza a camisinha sobre sua ereção. Eu assisto a tudo embevecida e meu corpo treme de tanto desejo. Ele se aconchega no meio de meu ventre, suspende uma de minhas coxas em seu braço e me penetra lento de início. Seu membro vem implorando por espaço, me abrindo, preenchendo, estocando fundo. Enrosco meus dedos em seu cabelo e nossas bocas se unem em um beijo intenso, quase pornográfico.

Miguel começa a ofegar em minha boca, aumentando o ritmo, batendo e retrocedendo. Ele me penetra, apertando meu útero, deixando-me sem ar enquanto sua boca se alimenta da minha. Não está me machucando, ao contrário, a sensação é gostosa e muito, muito prazerosa.

Seus lábios deixam os meus e ele solta um gemido que faz meu coração começar a bater como um louco dentro do peito. Miguel solta a minha perna, que antes estava suspensa em seu braço, e agarra a minha bunda suspendendo um pouco do colchão. E o ritmo aumenta, comendo-me como voracidade. É delicioso o jeito como ele transa, se entregando ao momento, dando e recebendo prazer. A maioria dos homens não se importa em satisfazer a parceira e só pensam em si mesmos. Mas pelo jeito, esse deus grego que está me encarando com olhar cintilante é diferente. Muito diferente dos homens que conheci, embora tenha conhecido poucos.

— Ah, meu pau já está viciado nessa boceta gostosa — rosna tirando seu

pênis de dentro de mim e voltando a me penetrar de novo, e de novo, e de novo. Isso é DELIRANTE! — Fode bem gostoso, Alice! Assim!

— Ohhh, Miguel não vou aguentar... — grito sentindo o gozo se aproximar.

— Então goza, menina gulosa! Goza muito no meu pau!

Miguel passa a meter rápido e fundo, enquanto uma de suas mãos está cravada em minha bunda e a outra segura firme a minha cabeça, mantendo nossos olhos conectados. Não sei quanto tempo se passa, mas parece uma eternidade, quando o meu corpo é inundado por um orgasmo avassalador, capaz de mexer com a órbita da Terra. Miguel me segue arfando, entrando e saindo de mim com urgência.

— Alice! Alice! Ahhh... Caralho! — Miguel cai com a cabeça enterrada em meu pescoço, me abraçando forte, unindo ainda mais nossos corpos suados. Permanecemos juntinhos por alguns minutos. Miguel ergue a cabeça e sorri, acariciando o meu rosto. Dá um beijo rápido em meus lábios e sai de mim, me deixando vazia. Não sei por que, mas a sensação é estranha e me incomoda. Não posso estar sentindo isso se o que acabamos de ter foi sexo casual.

Ele tira o preservativo e me puxa para seus braços. Eu aninho a cabeça em seu peito e, enquanto Miguel tenta recuperar o fôlego, a minha mente começa a clarear. O que será depois dessa noite?

Exaustos e saciados, ambos adormecemos abraçados, como se já nos conhecêssemos há muito tempo.

Capítulo 5

Alice

Sei que o que estou fazendo agora é um ato de covardia, mas é o melhor a ser feito. Sair de fininho, sem despedidas nunca foi o meu forte, ainda mais depois de uma noite intensa de prazer. Seguro as minhas sandálias nas mãos e dou mais uma olhada em Miguel, que dorme um sono profundo agarrado ao travesseiro. Aproveito para analisar pela última vez o seu corpo perfeito e só então eu deixo o apartamento.

Enquanto vou para casa em um táxi, minha mente vagueia outra vez para Miguel. O que sei desse homem além do primeiro nome? Nada! Suspiro e a sensação de ter perdido algo que não tenho se apodera de mim. Preciso esquecer essa noite maluca de sexo sem compromisso e voltar a minha vida monótona e sem novidades. É assim que eu vivo e isso não vai mudar. Vai?

Duas semanas depois...

— Alice? — Val quase grita, enquanto está pendurada na minha mesa, de braços cruzados sobre o busto e me dando um olhar inquisidor.

Pisco ligeiramente e pigarreio sem jeito. Desde a noite que transei com o misterioso Miguel que estou assim: com a cabeça nas nuvens. Nunca mais o vi e nem soube nada dele. Claro que eu não estou com esperanças de vê-lo novamente, mas bem que ele podia esbarrar de novo comigo por aí.

— Ähn? — balbucio para ela, que estreita os olhos para mim.

— Você anda muito estranha, Maria Alice Novaes! — Ela descruza os braços gesticulando as mãos para o alto. — Bem, de nada adianta eu tagarelar com você se está em outra dimensão.

— Eu estava pensando em meus afazeres. Só isso! — Dou uma desculpa esfarrapada e volto à atenção para os papéis.

— Eu percebi! — Val debocha da minha cara, mostrando a língua. — Eu também estou cheia de coisas por fazer. Não se esqueça de que combinamos de almoçar juntas.

— Não esquecerei!

— Até daqui a pouco! — Ela gira o corpo e sai em direção a sua mesa de trabalho.

Sinto minha garganta seca e me levanto rumo à copa. Preciso refrescar o meu corpo, bem como a minha cabeça que anda fervendo. Sirvo-me de um copo d'água e me apoio no balcão. Falta uma semana para o dia dos namorados e eu estou sentindo a solidão tomar conta de mim, preenchendo o vazio que é a minha vida. Nem sei do que estou reclamando. Todo o ano é assim!

Bebo toda a água e saio da copa imersa em meus pensamentos. Quando chego a minha mesa, Val vem correndo me dar um recado do senhor Hamilton. Parece que meu chefe hoje está irritado.

— O chefe chamou por você duas vezes! Onde você se meteu, Alice? — indaga preocupada.

— Eu fui arejar um pouco a cabeça. Por quê?

— Ele quer que você leve os documentos da parceria com a empresa dos

Cortês. Agora! Na sala dele!

— Ah, merda! — praguejo pegando a pasta com a papelada e saindo o mais depressa possível em direção à sala do meu chefe.

Antes de entrar eu ajusto a saia lápis e ajeito a blusa de seda, e só então dou uma leve batidinha na porta e entro. A primeira coisa que vejo é Miguel parado de frente para mim com alguns papéis nas mãos. O choque em vê-lo é tão grande que minhas pernas amolecem, meus pés se enroscam um no outro e eu caio de joelhos no assoalho, com o cabelo esparramado em meu rosto.

A pasta que antes estava em minhas mãos, cai, espalhando a papelada pelo chão. Retomo o fôlego e ergo um pouco os olhos e me deparo com um par de sapatos reluzentes diante de mim. Ergo completamente a cabeça e vejo Miguel com a mão estendida na minha direção e com seus olhos negros cravados em mim. Estremeço.

— Se machucou? — Eu estou sendo praticamente erguida por ele, que segura firme a minha mão. Um calor absurdo toma conta de meu corpo e sinto minhas bochechas pegarem fogo.

— Obrigada! — sussurro enquanto ele está se abaixando e juntando a pasta com os documentos para mim.

— Alice, o que deu em você? — brada meu chefe em tom de desagrado com uma carranca enorme no rosto. — Isso é jeito de se portar diante do senhor Cortês?

Meus olhos ficam estáticos e prendo a respiração. Aquele Miguel que me deu a noite mais maravilhosa de toda a minha vida, fazendo-me gozar e gozar, gemer e gemer em seus braços é... Miguel Cortês, o parceiro de meu chefe? Isso só pode ser brincadeira. Eu me recuso a acreditar nessa hipótese!

— Hamilton, não precisa falar assim com a moça. Ela apenas se desequilibrou e acabou caindo. Isso acontece! — Miguel diz em tom polido para meu chefe e se vira para mim. — Prazer, Miguel Cortês. — Ele volta a estender a mão na minha direção.

— Maria Alice Novaes. — Eu aperto a sua mão e ele sorri, quase me fazendo desfalecer aqui mesmo. Será que ele se lembra de mim? Pelo modo

como me olha, tudo indica que sim!

Santo Deus! Eu havia me esquecido de como ele é lindo e atraente. Ok! Estou mentindo. Eu não me esqueci. Mas vê-lo vestido em um terno grafite, camisa branca e sem gravata está me despertando mil e uma ideias. E o cheiro? O que é o perfume desse homem? Miguel devia de ser proibido de ser tão bonito e sedutor. É serio! Mulher alguma resiste a ele. Eu duvido!

— Maria Alice — Ouvir meu nome sair de seus lábios mexe profundamente com a minha libido.

— Alice, venha aqui e traga a pasta de documentos. — O senhor Hamilton gesticula com a mão, impaciente como de praxe.

— Si-Sim, senhor. — Eu caminho ainda com as pernas estremecidas, tentando manter o equilíbrio em cima dos sapatos de salto alto e não tropeçar em meus próprios pés outra vez. — Aqui estão! — Eu deixo a papelada em cima da mesa e pelo canto do olho vejo Miguel se posicionar ao meu lado, com os olhos grudados em mim.

— Miguel, você gostaria de olhar os papéis? — Meu chefe pergunta erguendo os olhos para encará-lo com ar especulativo.

— Oh! Claro que sim! — Miguel parece sair de um transe hipnótico, desviando o olhar de mim para focar na pasta que agora está em suas mãos.

— Alice foi a responsável pelo projeto de parceria. Espero que goste. — O senhor Hamilton se recosta na cadeira lançando um rápido olhar para mim que estou parada feito uma estátua diante dele.

— Interessante! — diz Miguel me fitando enquanto um sorriso se forma em seus lábios lentamente. — Eu tenho certeza de que aprovarei o projeto.

Suspiro fundo e só então percebo que estava segurando novamente a minha respiração. Miguel está me encarando na presença do meu chefe rabugento e parece estar pouco se importando com isso. Aliás, acho que ele está gostando da situação, pois seu sorriso continua iluminando seu rosto másculo, que hoje ostenta uma barba cerrada, deixando-o ainda mais sensual.

— Você pode sair, Alice. Se eu precisar de seus serviços, eu chamo —

fala meu chefe me despachando da sala.

— Sim, senhor. Com licença. — Eu giro o corpo e meus olhos se cruzam brevemente com os de Miguel, que me acompanha com o olhar até eu desaparecer do ambiente.

Caio sentada em minha cadeira. O coração está batendo tão rápido que parece que vou enfartar a qualquer momento. Balanço a cabeça ainda sem acreditar no que acaba de acontecer. Eu sabia que Miguel era um homem fino, porém desconhecia a sua origem e sobrenome. Não sei muita coisa da família Cortês, mas sei que são pessoas de posses, do ramo da engenharia e construção civil.

Respiro fundo e tento em concentrar no trabalho. A minha mesa está cheia e não quero ouvir mais uma bronca do senhor Hamilton. Ainda mais com a presença do deus grego aqui na empresa.

Depois de mais ou menos duas horas a porta da sala do senhor Hamilton se abre e Miguel surge. De imediato nossos olhos se cruzam e ele abre um sorriso enquanto se move até mim. Congelo ao sentir a sua proximidade. Interrompo o que estou fazendo e ele para ao lado da minha mesa, inclinando o tronco um pouco para baixo.

— Até que enfim eu encontrei a minha Alice do País das Maravilhas — sussurra perto do meu ouvido. Engulo em seco. — Almoça comigo?

A sua pergunta me pega tão desprevenida, que se não estivesse sentada, eu cairia de novo aos pés dele. Ergo a cabeça e ficamos muito próximos um do outro, nos encarando com intensidade e desejo. Em seus olhos cor de petróleo eu vejo aquele mesmo brilho que vi na noite que passamos juntos. Aquele algo mais que faz meu coração dar um salto mortal dentro do peito.

— Miguel, eu acho que...

— Eu não aceito não como resposta.

E eu vou!

Capítulo 6

Alice

— Eu achei que não iria te ver de novo. Afinal, você saiu sem ao menos deixar um bilhete — Miguel confessa em tom de frustração enquanto dá uma garfada em sua comida. Estamos sentados em uma mesa de um restaurante que fica próximo a empresa e almoçando juntos.

— Me desculpe por isso, Miguel. Eu achei que era a melhor maneira de...

— De fugir de mim? — Ele me interrompe completando a frase e me encarando nos olhos.

— Nós deveríamos esquecer aquela noite... — Miguel respira fundo e larga os talheres. Ele balança a cabeça de um lado para o outro, de olhos fechados e lábios presos em uma linha fina e dura. Engulo em seco e bebo um pouco de água para tentar me acalmar. Estar novamente na presença dele me perturba e mexe comigo, com meus sentimentos e sonhos.

— Você quer isso? — questiona sério voltando a me fitar.

— Acho que é o melhor a ser feito. Aquela noite foi uma loucura. Eu... Eu agi por impulso e me deixei levar. — Na verdade estou dando uma desculpa esfarrapada, pois sei que um homem na posição social dele jamais iria ter algo sério com uma garota como eu. Poxa vida! Eu sou secretária de seu novo parceiro de negócios. Isso nunca iria dar certo. Eu sei que não! Essas histórias de príncipe com gata borralheira só têm finais felizes em

conto de fadas e não na vida real.

— Você está dando uma desculpa para o que aconteceu entre nós. E isso não vai me convencer! Quero saber a verdade, Alice!

— Miguel, eu estou atrasada para o trabalho. — Eu me levanto abruptamente, agitada, sem poder mais suportar mentir para ele. — Foi bom revê-lo. — Pego minha bolsa e começo a caminhar em direção a saída. Pelo canto dos olhos eu vejo Miguel deixando uma quantia em dinheiro em cima da mesa e vindo atrás de mim.

Alcanço a calçada a passos rápidos, com o coração batendo angustiado dentro do peito. Eu não tenho preconceito de classes sociais. Apenas tive no passado um relacionamento com um homem que tinha muito dinheiro e também muitas mulheres a disposição. Ele não só feriu o meu coração, como marcou a minha vida de uma forma muito negativa. E desde então eu tenho me policiado para não cometer o mesmo erro novamente. E olha só o que o que o destino me pregou! Uma peça muita sacana!

— Alice, espere! — Miguel me alcança e segura meu braço, me arrastando para um beco, entre os prédios residenciais. — Não deixarei você fugir de novo!

— Miguel, por favor, me deixe. Isso não dará certo! — Eu balanço a cabeça de um lado para o outro, enquanto ele segura firme os meus braços. — Foi apenas uma noite! Uma transa casual...

— Para mim não! Depois daquela noite, eu só pensei em encontrá-la de novo. — Eu encaro seus olhos, atônita.

— Não! Você está confundindo as coisas... Não é isso que você quer... Não...

— Alice, cala a boca e me beije!

Miguel segura firme a minha cabeça e seus lábios se unem aos meus em um beijo desesperado. Eu paro de lutar e enrosco os dedos em seu cabelo, puxando para mais perto. Sua língua invade a minha boca, serpenteando com a minha, movendo, sugando. Correspondo ao beijo delicioso sem se importar se estamos ou não sendo vistos por alguém. Na verdade eu ansiei por esse

beijo desde que o vi na sala do senhor Hamilton. Não posso negar!

Depois do longo beijo, Miguel se separa o mínimo possível, apoiando sua testa na minha. Ainda ofegantes, permanecemos por alguns segundos somente nos acariciando mutuamente. Enquanto ele afaga meu cabelo, eu passeio meus dedos em seu rosto, deslizando em sua barba cerrada.

— Alice! — Ouço sua voz rouca e estremeço. — Nós precisamos conversar com calma.

— Sim...

— Mas agora acho melhor você voltar ao trabalho, eu não quero que você leve outra bronca do Hamilton por minha causa. — Sorri me deixando ainda mais maravilhada. Miguel segura a minha mão e retornamos para a calçada.

— Você já terminou o seu assunto com meu chefe? — indago interessada em saber se ele voltará para a empresa no dia de hoje.

— Sim. Discutimos os primeiros passos da parceria, mas ainda faltam alguns pontos.

— Então você não retornará a empresa tão cedo? — Minha voz soa um pouco desesperada demais para o meu gosto.

— Não para discutir sobre negócios. — Ele volta a sorrir. — Mas se você quiser, estarei te esperando todos os dias depois do trabalho para te levar para casa.

Eu interrompo os passos e o encaro incrédula. Isso só pode ser um sonho! Miguel me fita com intensidade enquanto ele acaricia meu rosto com carinho.

— Sêrio?

— Muito! Eu quero te ver de novo, Alice. E espero que você também queira — declara e eu volto a me mover, muito pensativa.

— Não sei...

— Eu temia ouvir isso. — Ele suspira, apertando minha mão contra a sua. — Jante comigo hoje à noite. — Eu volto a fitá-lo, atônita. — Vamos conversar e saber um pouco mais um do outro. Eu quero saber tudo sobre você, Alice!

Ah, droga! Por que estou sendo tão boba? Não custa conhecê-lo um pouco mais, custa? Não! Sorrio e aceito seu convite. Trocamos número de telefone e Miguel avisa que passará para me pegar em casa às 8h da noite.

Chegamos à porta de entrada no prédio da empresa e ele se despede de mim com um beijo gostoso nos lábios. A intensidade é tanta que pareço estar flutuando nas nuvens. Que homem é esse?

Capítulo 7

Miguel

Ainda estou me perguntando se o universo está conspirando a meu favor, pois passei duas semanas tentando descobrir algo concreto que me levasse até Alice e nada. Também pudera, eu sabia apenas o seu primeiro nome e nada mais. Mas agora tenho algumas informações, e isso me dá certa vantagem.

Desde aquela noite em que passamos juntos, algo está diferente rebuliu dentro de mim. Não sei se fui atraído pelo brilho de seus olhos, pelo cheiro de flores que exala em sua pele, ou se foi o seu jeito meigo e até mesmo enigmático. Mas de uma coisa tenho certeza: estou muito interessado nela.

Embora Alice se esforce para não deixar transparecer, algo a impede de ir adiante, de mergulhar de cabeça. E eu descobrirei o que é! Notei seu desconforto enquanto almoçávamos, quando toquei no assunto de vê-la novamente. Ela ficou agitada e quase a perdi de novo. Se eu não fosse bom em persuadir, quem sabe eu nunca mais a veria e isso não está em meus planos.

Após o banho, visto uma camiseta branca, calça jeans e sapatênis. Seco o cabelo com a toalha, passo um pouco de meu perfume predileto e saio ansioso em direção ao apartamento de Alice. Não vejo a hora de vê-la de novo, beijá-la e tê-la em meus braços. Eu a conheço tão pouco, mas é como se a conhecesse há muito tempo. E isso é estranho e ao mesmo tempo excitante.

Ela mora em um bairro de classe média, em um apartamento modesto

pelo que percebo. Quando chego, Alice fica um pouco nervosa, dizendo que é para eu esperar por ela no saguão de entrada. Não contesto e fico aguardando. Saco logo de cara que ela está um pouco constrangida com a minha presença em seu prédio. E enquanto fazemos o trajeto até o restaurante, eu penso que talvez ela tenha algum preconceito sobre relacionamentos de classes sociais diferentes. Tenho que entender o que se passa em sua cabeça.

Momentos depois, nós estamos acomodados a uma mesa em um restaurante que serve frutos do mar. Alice está tão linda em um vestido de seda floral, de alcinha, levemente rodado da cintura até os joelhos. Para acompanhar o visual ela usa um par de sandálias de saltinho que a deixa ainda mais feminina. Observei desde que coloquei os olhos nela que está um pouco mais maquiada do que a encontrei hoje de manhã no escritório. Seus cílios espessos estão pintados de rímel e um blush rosado dá uma cor em sua face, realçando as suas bochechas. Nos lábios ela usa um batom rosa o qual estou louco para tirar com um beijo desde que a vi, quando passei em sua casa para pegá-la. Mas me contive apenas em lhe dar um selinho comportado.

— Você está exuberante! Aliás, flores combinam com você! — Estou fazendo referência ao tecido de seu vestido e também ao perfume que ela usa.

— Obrigada! Você também está muito charmoso. — Alice retribui meu elogio, enquanto dá uma garfada em sua comida.

— Faz tempo que você trabalha para o Hamilton?

— Têm uns quatro anos.

— Você fez faculdade?

— Sim, eu me formei em Administração há dois anos.

— E por que trabalha como secretária? Você poderia escolher algo na sua área — sugiro bebendo um gole de vinho.

— Eu não sou secretária. — Ela me corrige sorrindo. — Sou assistente executiva do senhor Hamilton. Tem uma pequena diferença.

— Oh, claro que tem! — Sorrio encantado por ela ser tão simples e espontânea. Muito diferente das garotas que eu conheço. E eu conheço

muitas!

— E você é formado em quê?

— Faz dez anos que me graduei em Engenharia Civil e cinco em Administração.

— Uau! — Ela abre a boca espantada. — Quantos anos você tem? — Eu começo a rir e ela fica um pouco constrangida. — Desculpa pela minha pergunta, eu... eu só...

— Tudo bem! Tenho 34 e você?

— Tenho 27! — Ela dá um gole em sua bebida e me encara com semblante especulativo. — Por que ainda está solteiro?

— Eu estava esperando para encontrar alguém como você, Alice — respondo com sinceridade e ela volta a ficar sem jeito, se remexendo na cadeira.

— Você está flertando comigo. Miguel?

— Não! Eu estou sendo sincero com você! — Eu seguro sua mão sobre a mesa e Alice engole em seco.

— Miguel, isso parece loucura... — Ela puxa levemente a sua mão da minha e não entendo o porquê de seu gesto inusitado.

— Por que você diz isso?

— Nós somos tão diferentes... — Os olhos de Alice vagueiam e ela abaixa a cabeça.

— Sim, somos! Eu sou um homem e você é uma mulher — declaro, tentando deixar a atmosfera mais leve entre nós. Alice ergue a cabeça e abre um meio sorriso. — Alice, você não tem namorado, pois se tivesse não teria ficado comigo aquela noite e tampouco teria aceitado meu convite. Ou estou enganado?

— Não, eu não tenho. Mas eu não quero atrapalhar a sua vida. Você pode ter alguém...

— Se eu tivesse alguém especial eu não estaria aqui com você agora. Você não acha?

— Não sei! — Alice está repleta de dúvidas e isso me deixa tenso. Não sou homem de mentir. Aliás, odeio mentiras! Preciso que ela acredite em mim.

— Bem, não vamos falar sobre isso aqui. Vamos terminar o jantar e falaremos sobre isso em um lugar mais privado. — Ela concorda com a cabeça.

Jantamos e estamos fazendo o trajeto até o seu apartamento. Alice está calada e só conversa quando eu pergunto algo. Não sei o que se passa na cabeça dela e confesso que estou um pouco nervoso. Nenhuma mulher agiu assim comigo antes, me tratando de maneira tão distante. Ela nem parece aquela garota que correspondeu ao meu beijo, gemendo em meus lábios e me puxando para si. Alice está diferente e isso me deixa grilado.

Estaciono o carro em frente ao seu prédio e ela prontamente solta o cinto de segurança, me dando a nítida impressão que quer fugir de mim. Sou mais rápido que ela e seguro seu braço, detendo-a.

— Alice, o que está acontecendo? Eu fiz algo que a desagradou?

— Não! Pelo contrário! Você é tudo o que uma garota pode desejar. É gentil, educado... bom de cama. — Eu sorrio. — Só acho que não é para mim! — O sorriso desaparece dos meus lábios. Eu solto meu cinto e me aproximo, erguendo seu queixo para encarar seus olhos.

— Alice, eu não sei o porquê você está dizendo isso. Só sei que você está enganada. Eu te conheço há pouco tempo, mas quero te conhecer mais e mais. Acredite! — Acaricio seu rosto e roço o polegar em seu lábio inferior. Alice ofega e fecha os olhos para sentir o meu toque em sua pele. O tesão me consome e enroscando meus dedos em seu cabelo, eu a puxo para colar sua boca na minha.

No mesmo instante em que a beijo, tenho a mesma sensação de quando nossos lábios se tocaram pela primeira vez na pista de dança. Uma mistura de desejo e algo mais. Algo que faz meu coração bater acelerado dentro do

peito. É como se eu estivesse esperando por ela e ela por mim.

Alice geme em minha boca enquanto nos beijamos e o desejo de estar dentro dela se manifesta em mim. Meu pau fica duro e o que mais quero é arrancar a roupa que ela veste e tê-la aqui mesmo, dentro do carro.

Estou prestes a colocar o meu plano em prática, quando, inesperadamente, Alice me empurra para longe e sai em disparada, deixando-me a ver navios. Ela desaparece às pressas sem olhar para trás. Quanto a mim, estou frustrado, sentindo que algo muito precioso acaba de escapar por entre meus dedos.

Percebi que Alice não é garota de fazer charminho, transar com um homem e depois correr dele somente para vê-lo correr atrás dela. Isso é atitude de menininha e não de uma mulher feita como ela. Preciso montar um plano para vê-la novamente e esclarecer seja lá o que for que estiver impedindo-a de se entregar a mim. E eu farei isso o quanto antes!

Capítulo 8

Alice

Que merda eu fiz?! Como pude ser tão idiota? Eu acabei de sair correndo do carro do Miguel como uma ensandecida, sem ao menos dar uma desculpa. Por que agi desse jeito? Fugi do cara mais gostoso, lindo, educado e bom de cama que conheci até hoje. E fiz tudo isso por medo. Medo de não me encaixar no mundo dele e ele no meu, medo de estar vivendo um sonho e não uma realidade, medo de me sentir usada novamente.

Chego ao meu quarto e me despo do vestido para colocar minha camisola. Caio na cama e meu coração começa a martelar angustiado. Por que tenho esse preconceito ou trauma, seja lá como essa merda se denomine? Por que deixo que isso bloqueie a minha vida? Enquanto meu pensamento vagueia em busca de respostas, as lágrimas molham o meu rosto.

As probabilidades de não ver mais Miguel são grandes. Certamente que depois do que eu fiz essa noite, ele está encarando isso como uma rejeição e não voltará a me procurar. Lembro-me de suas palavras gentis, de seu toque quente, de seu olhar intenso sobre mim e meu peito de aperta. Tenho que admitir que fiz a maior burrada da minha vida. Eu dispensei o homem pelo qual estou me apaixonando. Tem burrice maior que essa?

Os dias que se seguem são angustiantes. Miguel não entrou em contato comigo nem por telefone, nem veio à empresa tratar de assuntos profissionais com o senhor Hamilton. O meu trabalho quase não rende. Para completar a dose de desânimo, amanhã é Dia dos Namorados. E eu, por minha própria e

exclusiva culpa, estou sozinha. De novo!

— Como você e o moreno gostoso estão? — pergunta Val caminhando ao meu lado, depois do fim do expediente, em direção ao estacionamento.

— Não estamos! — respondo prostrada com a cabeça baixa e os olhos fixos no nada.

— Como não? Outro dia vocês até foram almoçar juntos!

— É... Mas não deu certo. — Eu me aproximo de meu Volkswagen Gol e pego as chaves do carro.

— Alice, eu sinto muito! — Ela me fita com compaixão.

— Eu também...

— Mas o que aconteceu? Vocês pareciam tão entretidos um com outro na festa. E quando saíram outro dia para almoçar, eu vi Miguel sorridente e animado. Ele parecia muito entusiasmado.

Suspiro fundo e encaro os olhos verdes de minha amiga. Não adianta esconder a veracidade dos fatos. Então eu decido desabafar com ela. Val sempre foi boa em conselhos, por mais que alguns sejam muito loucos, mas não aguento mais guardar essa história somente para mim.

— Eu fiz merda, Val. — Balanço a cabeça de um lado para outro. — Miguel é perfeito! O homem que toda mulher desejaria ter ao seu lado e eu o deixei escapar por entre meus dedos. — A essa altura nem preciso comentar que estou chorosa e que Val está com os olhos arregalados de espanto.

— Eu não acredito! Mas por que você fez isso, Alice?

— Porque eu sou uma idiota. Porque acho que Miguel é demais para mim. Porque tenho medo de que ele não se acostume com a minha vida simples e eu com a vida luxuosa que ele vive. Enfim, sou uma imbecil de carteirinha.

— Quanta abobrinha eu acabo de ouvir. — Val está balançando a cabeça, indignada. Ela me segura pelos ombros e me encara. — Ei, sua bobinha, você está sendo preconceituosa consigo mesma. E tem mais! Não

enxerga um palmo na frente do nariz. Olhe para você! É bonita, inteligente, querida, trabalhadora e esforçada. Acha mesmo que todos os homens são safados, ou que se interessam somente por socialites? Caia na real! As pessoas não são todas iguais. Existem homens íntegros e de boas intenções no mercado, embora sejam poucos. — Ela suspira e me solta cautelosamente enquanto estou tentando absorver as suas palavras. — Alice, você precisa consertar essa cagada!

— Como, Val?

— Ligue para ele, envie um sms, uma mensagem de *WhatsApp*, um sinal de fumaça. Faça qualquer coisa, mas entre em contato com Miguel. Não deixe escapar um homem desses, Alice!

— Eu vou pensar sobre o que você disse. — Eu abro a porta do carro e me acomodo no banco do motorista.

— Eu acho bom! — Ela sorri.

Nós nos despedimos e vou direto para casa. O conselho dado pela minha amiga está martelando minha cabeça. Nunca pensei que as palavras ditas por ela fossem me afetar tanto. Mas será que se eu entrar em contato com Miguel ele me atenderá? E a dúvida permeia a minha mente, me deixando perdida.

E o Dia dos Namorados chega. Enquanto algumas colegas recebem flores enviadas de seus namorados, outras, como eu, apenas assistem. Não posso estar mais desanimada. Eu poderia estar recebendo um buque de flores, ou até mesmo indo jantar mais tarde com Miguel, se eu não tivesse agido impulsivamente outro dia, estragando com algo tão bonito que estava começando entre a gente.

Após o banho, troco o conjunto de saia reta e blusa de seda que usava no trabalho por uma camiseta e calça jeans. Pego um pote de pipoca e me jogo no sofá. Na tevê passa um seriado qualquer em um canal qualquer que eu não faço a mínima ideia qual seja, pois minha mente está focada em Miguel e em seus olhos negros e brilhantes. Não quero admitir, mas estou sentindo uma falta absurda dele que chega a doer.

Olho para meu celular que está ao meu lado e uma coragem repentina

toma conta de mim. Vou ligar para ele. Seja o que Deus quiser. Com os dedos levemente trêmulos e o coração acelerado, eu encontro seu número na agenda e ligo. O telefone chama uma, duas, três vezes e ele atende.

— Alice! — Sua voz rouca ecoa em meus ouvidos e meu corpo estremece. Não sei se é impressão minha, mas seu tom de voz está surpreso e alegre.

— Oi, Miguel. Tudo bem? — Inicio uma conversa informal.

— Sim, e você?

— Também... — Se segue um silêncio e ouço sua respiração ofegante em meu ouvido. — Eu preciso conversar com você e desfazer o mal entendido.

— Bem, então eu te aconselho a abrir a porta da frente. — Ouço um barulho que parece ser um clique de portas de elevador se fechando ou se abrindo e meu coração vem parar em minha boca.

— Vo-Você está aqui? — Eu me levanto abruptamente de olhos arregalados.

— Mais precisamente cruzando o corredor de seu andar e se aproximando de sua porta.

— Oh, meu Deus!

Eu saio apressadamente em direção à porta de entrada e quando a abro... Miguel está diante de mim lindo, com um sorriso nos lábios e um ramalhete de rosas vermelhas nas mãos. Não é qualquer ramalhete, mas sim um enorme buque de flores, envolto em um laço vermelho.

— Miguel... — sussurro, sentindo as pernas virarem gelatinas.

— Feliz dia dos namorados! — Ele me entrega o buque e sou invadida por um tsunami de felicidade.

— Obrigada! Mas... Mas eu nem sei se você vai me perdoar depois do que eu fiz. Eu saí correndo e... e... Não me expliquei com você — declaro sem jeito.

— Alice, eu te perdooi quando recebi sua chamada. — Miguel se aproxima enquanto seus olhos se tornam flamejantes. — Eu estava louco de saudade de você!

Depois de sua declaração, eu deixo o buque de flores em cima da mesinha de canto e me atiro em seus braços, entrelaçando minhas pernas ao redor de sua cintura. Nossos lábios se unem apaixonados e sôfregos em um beijo intenso e delicioso. Com um pontapé, Miguel fecha a porta e me conduz até o sofá da sala, onde me coloca deitada. Ainda sem separar as nossas bocas uma da outra, suas mãos viajam em meu corpo, apertando meus seios, minha barriga, minha bunda, minhas coxas.

— Eu senti tanto a sua falta — digo e ele sorri.

— Não mais do que eu!

— Miguel, eu fui uma idiota. Eu devo uma explicação a você.

— Sim, eu acho que você deve. — Ele acaricia meu rosto com carinho.

— Depois daquela noite que te conheci, minha vida mudou. — Eu começo o relato e Miguel se ajeita melhor no sofá. Eu aproveito e me acomodo melhor também, sentando-me de frente para ele. — Você é um homem maravilhoso, tem todas as qualidades que uma mulher procura. Mas eu pensava que você não iria querer uma garota suburbana como eu.

— Eu imaginei que fosse isso! — Eu arregalo os olhos. — Alice, você não me conhece. Eu não dou importância para status, dinheiro ou classe social. A única coisa que tem significado para mim é o que sinto por você. — Minha boca forma um O. — Eu estou apaixonado por você, *Carpe Diem*!

— E eu também estou apaixonada por você, *Carpe Noctem*! — devolvo o apelido e ele me puxa para seu colo.

— A partir de hoje aproveitaremos tanto o dia quanto a noite. Mas você precisa me prometer uma coisa! — Ele passeia o polegar em meu lábio inferior.

— O que você quiser! — Eu o abraço pelo pescoço.

— Nunca mais fugirá de mim. Eu ficarei louco se você fizer isso de novo, Alice! — Miguel encara meus olhos e vejo aflição em seu olhar.

— Eu prometo! — afirmo e ele volta a sorrir.

— Minha linda e doce Alice! — E dizendo isso, ele captura meus lábios em um beijo apaixonado.

Sem dúvidas a vida prega peças na gente. Nunca imaginei que minha atitude tão inusitada daquela noite na festa, fosse render algo tão lindo e puro. Às vezes precisamos arriscar e mudar um pouco de atitude, deixar os preconceitos e medos de lado e apenas viver. Afinal, quem não arrisca, não petisca.

FIM

Gostou dos contos? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

Obras na Amazon

Ardente cativo da Fênix – duologia Fênix- Vol.1, Sublime renascer da Fênix – duologia Fênix – Vol. 2, Box duologia Fênix, Amor em julgamento – série sentença – livro 1, Desejo em julgamento – série sentença- livro 2, O Enigma da Borboleta Azul.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [FanPage](#) | [Twitter](#) | <https://www.instagram.com/ninamulleroficial>